UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ISABELLE CHRISTINE SOMMA DE CASTRO

**DO ISLÃ À POLÍTICA:
A EXPANSÃO DA SOCIEDADE DOS
IRMÃOS MUÇULMANOS NO EGITO
(1936-1949)**

Versão Corrigida

São Paulo

2014

ISABELLE CHRISTINE SOMMA DE CASTRO

**DO ISLÃ À POLÍTICA:
A EXPANSÃO DA SOCIEDADE DOS
IRMÃOS MUÇULMANOS NO EGITO
(1936-1949)**

Tese apresentada ao Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção de título de
Doutor em História Social

Área de concentração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Leila Maria Gonçalves Leite
Hernandez

Versão Corrigida

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: CASTRO, Isabelle Christine Somma de

TÍTULO: Do Islã à política: a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (1936-1949)

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutor em História Social
Área de concentração: História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A minha filha Chiara.

A minha avó Sylvia (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À professora Leila Maria Leite Gonçalves Hernandez, que deu início a essa jornada ao aceitar me orientar. Leila é uma pessoa corajosa, tanto academicamente como politicamente, características que a tornam uma pessoa admirável. Por tudo que fez por mim durante todos esses anos, um especial muito obrigado.

À professora Arlene Clemesha (DLO-USP), por toda a paciência com minhas solicitações e por todos os incentivos, seja pessoal ou acadêmico, durante os últimos anos. Sua generosidade, brilho intelectual e pessoal são marcantes.

Ao professor Wilson do Nascimento Barbosa (DH-USP) pelos comentários acerca do exame de qualificação.

À professora Sara Albieri (DH-USP), que no início de minha caminhada no Departamento de História me incentivou a entrar no programa de doutorado.

Ao professor Mamede Jarouche (DLO-USP), meu mentor intelectual, amigo querido, orientador de mestrado, que fez as transliterações das palavras árabes. Por ele tenho imensa gratidão por todo o carinho e aconchego emocional e acadêmico com os quais sempre me presenteou.

Ao Departamento de História, em especial ao Programa de Pós-Graduação em História Social, que deferiu minhas solicitações, sendo as principais as indicações para o recebimento das bolsas do CNPq e a PDSE da Capes.

À/ao(s) parecerista(s) não identificado(s) que julgou(aram) meu projeto merecedor de bolsa de doutorado.

Ao professor Reginaldo Nasser (PUC-SP) por ter dado parecer favorável e com extrema celeridade à solicitação da bolsa PDSE da Capes, o que permitiu que eu frequentasse a Universidade de Cambridge e realizasse pesquisa nos

National Archives, no Reino Unido.

Às agências de fomento CNPq e Capes pelas bolsas concedidas, além de licença-maternidade, auxílios sem os quais não seria possível desenvolver este trabalho, em especial a coleta de fontes documentais e bibliográficas no Reino Unido. O agradecimento se estende aos contribuintes brasileiros, que apoiam esses órgãos de excelência.

À Faculty of Asian and Middle Eastern Studies da Universidade de Cambridge, onde desenvolvi estágio sob o status de Academic Visitor. À professora Amira K. Bennison, minha supervisora em Cambridge, que aceitou receber-me e foi bastante calorosa. Suas aulas e sua simpatia foram extremamente inspiradoras e trouxeram valiosas ferramentas para o desenvolvimento desta tese. Ao professor Paul Anderson, que me recebeu em suas instigantes aulas e incluiu-me em seleto grupo de estudos que coordena. Ao professor Geoffrey Khan que, como Chairman do Faculty Board, coordenou os procedimentos para a aprovação de meu nome como Academic Visitor e foi bastante solícito no atendimento às demandas burocráticas. A Molly O'Reilly por todo o auxílio acadêmico antes e depois de minha chegada a Cambridge.

À professora Maha Abdelrahman, do Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge, que me deu conselhos valiosos e ministrou aulas interessantíssimas sobre a chamada “Primavera Árabe” no Egito.

Ao professor George Joffé, do Polis, de Cambridge, por ter me recebido em suas aulas e seminários e me desafiado a pensar fora do senso comum.

Ao professor Eugene Rogan do Middle East Center, St. Anthony's College, da Universidade de Oxford, que foi extremamente atencioso quando entrei em contato solicitando a oportunidade de assistir suas aulas no Oriental Institute. Tive a sorte de contar com sua generosidade e de ouvir, em primeira mão, junto com os demais colegas de classe, o manuscrito de seu livro “The Arabs: A History”, que já se transformou em um clássico.

Aos amigos Renata Bichir, Leonardo Carvalho, Rosi Rosendo, Rene Alves, Bianca Garcia, Carlos Cabral, João Francisco Resende, Kelly Zerbinatti, Encá Moya, Valter Cavalcanti e Ester Jacopetti por toda a torcida e amizade que sempre me dedicaram.

Aos colegas que conheci no Departamento de História Regiane Augusto de Mattos, Washington Santos do Nascimento, Raquel Gryszczenko Alves Gomes Helena Wakim e Gabriela Aparecida dos Santos. E, em especial, a Marly Spacachieri, sempre pronta a me ajudar com o que quer que seja.

A todos os colegas do grupo Edward Said e Crítica ao Orientalismo, em especial Thais Rocha, Carol Cruxen, Marina Soares, Lygia Rocco, Ximena Contrera, Nathália Alves e Rodrigo Prates. Nosso encontro foi um momento especialmente feliz.

A Elza Medeiros da Silva, que há mais de quatro anos vem me ensinando a confiar mais em mim mesma.

A Silvio Anaz e Patricia Gaiao, que há muitos anos acompanham minha trajetória e me esquentam com seu calor humano e intelectual.

A Luciana Lancellotti, minha “irmã” por afinidade, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos difíceis.

Ao Instituto da Cultura Árabe, em especial a Heloísa Dib, Soraya Misleh e Soraya Smaili, mulheres corajosas e inspiradoras que me deram a oportunidade de ministrar cursos.

A minha mãe Walderez e ao meu pai Welton (*in memoriam*) por tudo o que fizeram por mim, em especial o apoio às minhas escolhas.

A Rogerio Schlegel, meu companheiro querido, pelo aconchego emocional, auxílio nos momentos difíceis e pelos conselhos sempre pertinentes, principalmente em relação a este trabalho.

Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.

George Orwell

A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não é talvez coisa menos vã consumirmo-nos a compreender o passado, se nada sabemos do presente.

Marc Bloch

RESUMO

CASTRO, I. C. S. de. **Do Islã à política: a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito (1936-1949)**. 2014. 284 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

A tese aborda a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (SIM) no Egito de 1936 a 1949, investigando as dinâmicas externas –entendidas como fatores exógenos à organização– que contribuíram para seu crescimento. A partir da análise de documentos secretos de autoridades diplomáticas britânicas, cujo acesso foi aberto recentemente no National Archives, em Londres, foram reunidas informações sobre o contexto político e social do período. Detalhes da estratégia de alianças com atores poderosos, das cisões e aproximações entre forças dominantes na política egípcia e da ingerência britânica em assuntos locais são explorados para elucidar a trajetória da SIM.

Palavras-chave: Irmandade Muçulmana. Egito. Islã. Império Britânico. Movimentos sociais.

ABSTRACT

CASTRO, I. C. S. de. **From Islam to Politics: the expansion of the Society of the Muslim Brothers in Egypt (1936-1949)**. 2014. 284 p. Thesis (Doctoral Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This thesis discusses the expansion of the Society of the Muslim Brothers (SMB) of Egypt from 1936 to 1949, investigating factors external to the organization that contributed to its diffusion. Information about the social and political context of the period was gathered from documents of British diplomatic authorities whose access to the public was recently opened at the National Archives in London. Details of strategic alliances with powerful actors, cleavages among dominant forces in Egyptian politics and British involvement in local issues are explored to elucidate SMB' trajectory.

Keywords: Muslim Brotherhood. Egypt. Islam. British Empire. Social Movements.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
-----------------	----

CAPÍTULO I – O CONTEXTO HISTÓRICO E A SOCIEDADE EGÍPCIA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX.....	45
---	-----------

1.1 As principais rupturas no século XIX.....	47
1.2 A revolução nacionalista de 1919 e a independência parcial.....	51
1.3 O cenário político interno na década de 1930.....	57
1.4 As divisões na elite política.....	65
1.5 O cenário político externo (1935-39).....	67
1.6 A II Guerra Mundial (1939-45).....	70
1.7 A sociedade colonizada: <i>fellahin</i> e <i>efendiyya</i>	74
1.8 A sociedade colonial: os <i>mutamassirun</i>	84

CAPÍTULO II – A FUNDAÇÃO DA SIM E SEU ENGAJAMENTO POLÍTICO (1928-1941).....	88
--	-----------

2.1 A fundação da SIM.....	89
2.2 A SIM e o pensamento islâmico.....	96
2.3 A revolta palestina (1936-39) e o engajamento político.....	107
2.4 Divisões na elite e reordenamentos políticos (1935-1940).....	110
2.5 Aliados influentes e aliados clandestinos (1939-1941).....	115
2.6 O início da repressão contra a SIM (1940-41).....	125

CAPÍTULO III – O SILENCIAMENTO DA SIM (1942-1945).....	136
---	------------

3.1 A inferioridade britânica na guerra (1941-1942).....	137
--	-----

3.2 A configuração política no Egito (1941-1942).....	140
3.3 A ascensão do Wafd e o silenciamento da SIM (1942).....	143
3.4 A consolidação da SIM (1945).....	167

CAPÍTULO IV – O AUGE DO PODER E A DISSOLUÇÃO DA SIM (1946-1949).....175

4.1. As alianças com o rei Faruq e Sidqi Paxá.....	178
4.2 A escalada da violência no cenário político egípcio.....	189
4.3. O envolvimento da SIM com a I Guerra Israelo-Palestina (1948).....	202
4.4 A supressão da SIM e o assassinato de Nuqrashi Paxá.....	205
4.5 A morte de Hasan al-Banna e a desagregação da SIM.....	212

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....216

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....224

ANEXO A – MAPAS.....244

ANEXO B – DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS.....252

ANEXO C – FONTES DOCUMENTAIS.....271

LISTA DE IMAGENS

ANEXO A – MAPAS.....244

Mapa 1 – África.....	245
Mapa 2 – Egito, Sudão e Líbia.....	247
Mapa 3 – Egito.....	248
Mapa 4 – Cairo.....	251

ANEXO B – DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS.....252

Imagem 1 – Vista aérea do Cairo, a partir de um voo da Imperial Airways, 1936.....	244
Imagem 2 – Vista aérea do Cairo, a partir de um voo da Imperial Airways, com destaque ao rio Nilo, 1936.....	253
Imagem 3 – Pedestres em rua do Cairo, ao sul da mesquita al-Azhar.....	254
Imagem 4 – Pedestres em rua do Cairo, 1942.....	255
Imagem 5 – Engraxates no Cairo (entre 1934-1939).....	256
Imagem 6 – Barbeiro trabalhando em rua do Cairo (entre 1934-1939).....	257
Imagem 7 – Charge “Conhecimento é luz”, 1933.....	258
Imagem 8 – Principal salão de refeições do Shepherd’s Hotel, entre 1920-1933.....	261
Imagem 9 – Principal entrada da mesquita al-Azhar, 1934.....	262
Imagem 10 – Entrada sul da mesquita al-Azhar, 1934.....	263
Imagem 11 – Hasan al-Banna (s.d.).....	264
Imagem 12 – Lorde Killearn (Sir Miles Lampson), 1944.....	265
Imagem 13 – Rei Faruq I do Egito, 1938.....	266

Imagem 14 – Ali Mahir Paxá (s.d.).....	267
Imagem 15 – Muhammad al-Nahas Paxá (s.d.).....	268
Imagem 16 – Ataque a posto do Exército britânico em Alexandria, 4 de março de 1946.....	269
Imagem 17 – Protesto em fábrica de Mahalla al-Kubra, 1947.....	270

ANEXO C – FONTES DOCUMENTAIS.....271

Documento 1 – FO 141/838, 305/37/42. <i>The Ikhwan al Muslimin reconsidered</i>	272
Documento 2 – FO 407/227, J 7886/68/16. <i>Activities of the Moslem Brotherhood. Outrages in Cairo</i>	280
Documento 3 – FO 407/227, J 7874/68/16. <i>Supression of the Moslem Brotherhood</i>	280
Documento 4 – FO 407/227, J 58/1015/16. <i>Supression of the Moslem Brotherhood in Egypt</i>	282

INTRODUÇÃO

A *Jama'at al-Ikhwan al-Muslimin*, ou Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (SIM), organização islâmica fundada em 1928 na cidade de Isma'iliyya, região do Canal de Suez, tem sido uma força de grande influência na sociedade e no cenário político do Egito desde a segunda metade dos anos 1930. A atuação da SIM permite defini-la como o primeiro movimento social de massa moderno islâmico¹, ou como matriz da influência islâmica em grupos ativistas² da atualidade. A SIM desempenhou papel na resistência contra a presença britânica no Egito, participou da guerra contra Israel de 1948 através do recrutamento de voluntários, apoiou o golpe militar de 1952, se colocou mais tarde como foco de oposição contra governos como os de Gamal 'Abd al-Nassir e Husni Mubarak³ e, durante a maior parte de sua existência, foi obrigada a se manter na clandestinidade. Mais recentemente, a SIM participou, ainda que tardiamente, da chamada Primavera Árabe⁴, que acabou por eleger um membro do grupo à presidência do país em 2012, pela primeira vez desde a sua fundação, através de seu próprio partido, o Liberdade e Justiça (*Hurreyah we Adala*), fundado um ano antes.

Para compreender a atuação político-religiosa da SIM, faz-se necessário retroceder os marcos cronológicos, observando como suas diretrizes ativistas se formaram e se solidificaram após 1936, ano em que o então movimento social⁵ empenhou-se na campanha para a arrecadação de fundos em prol da Revolta Palestina (1936-1939) contra o Mandato britânico. Desde então, a vocação para a mobilização política da SIM se mostrou flagrante, com especial ênfase durante a década de 1940, obtendo um desenlace abrupto, porém contingente e transitório, com a morte de seu fundador, Hasan Al-Banna, em 1949.

¹ LIA, Brynjar. **The Society of Muslim Brothers in Egypt**. The Rise of an Islamic Mass Movement 1928-1942. Reading, Ithaca Press, 2006 [1998], p. 1.

² ROY, Olivier. **The failure of political Islam**. London: I. B. Tauris, 1999, p. 1-3.

³ WICKHAM, Carrie Rosefsky. Mobilizing Islam. **Religion, activism and political change in Egypt**. New York: Columbia University Press, 2002.

⁴ FILIU, Jean-Pierre. **The Arab Revolution: Ten Lessons from the Democratic Uprisings**. London: C. Hust and Co., 2011, p. 98.

⁵ Uso o termo movimento social tendo em vista a noção de que se trata sobretudo “de um comportamento coletivo que envolve normalmente grande número de indivíduos e que intencionalmente se destina a modificar ou a transformar de maneira radical a ordem social vigente ou algumas das suas principais instituições a partir de uma determinada ideologia e com o emprego de algum tipo de organização”. E o meio escolhido para isso é a política (GALLINO, Luciano. **Dicionário de Sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 423).

Esta tese abrange o período histórico de 1936 a 1949, tendo como objeto de análise a trajetória da SIM no cenário político egípcio, observando as rupturas e seus desdobramentos, e dando ênfase aos aspectos condicionantes das mudanças vivenciadas pelo grupo que ainda operava sem o obstáculo da clandestinidade, mas sob outras ameaças. Para tal análise, foram utilizados como fontes documentos diplomáticos produzidos pelo Foreign Office (FO), um departamento do governo da Grã-Bretanha voltado a tratar de assuntos relativos às relações externas com outros países. Apesar de ter obtido a independência em 1922 do país europeu, o Egito ainda permanecia sob a esfera de influência britânica, que se fazia presente através de pressões política, econômica, policial e militar, muitas vezes tratadas através do FO.

O cerne da análise destes documentos se insere, com especial ênfase, numa crítica ao modelo orientalista, na perspectiva dos Estudos Pós-Coloniais, em particular de Edward W. Said, nas obras *Orientalismo* (1990) e *Cultura e Imperialismo* (1995). Nelas, o autor analisa os problemas advindos do paradigma ocidental na área dos Estudos Literários, analisando a gênese, o desenvolvimento e as implicações teóricas e metodológicas do Oriente enquanto invenção do Ocidente. Nesta chave, desnuda-se um conjunto de preconceitos fundados em binômios reducionistas que analisam os temas e as questões relativos aos não-europeus –do Oriente e de África– naturalizando-os e os banalizando, como ocorre com a SIM⁶, problematizando a crença de que a atuação do grupo se reduziu ao exercício da violência. Desta forma, a qualificação de sua mobilização é limitada a meros episódios de confronto, ao mesmo tempo em que sua atuação como força política em período turbulento da história contemporânea egípcia é obliterada.

A abordagem proposta por Said parte de uma consistente crítica em relação ao orientalismo, definindo-o como sendo um campo de pensamento, uma ideologia, uma representação cultural e formas de ação política que condicionam a imaginação, a natureza das instituições e o conhecimento sobre o Oriente, impossibilitando-o de ser estudado como objeto de análise teórica e

⁶ CASTRO, Isabelle C. Somma de. **Orientalismo na Imprensa Brasileira. A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S Paulo e O Estado de S Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001.** Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

histórica⁷. Neste campo, a distinção epistemológica e ontológica entre o que é considerado Oriente e Ocidente tem maior ênfase⁸, na medida em que separa, classifica e hierarquiza as duas partes, de maneira que afasta o compartilhamento de influências e experiências históricas.

A crítica de Said envolve a categorização feita por escritores e intelectuais, mas também por políticos, do ser oriental. A forma como eles são, o modo como eles se comportam são fruto da determinação imposta por especialistas europeus, ignorando-se a experiência humana e a possibilidade de uma auto-representação. É uma visão política da realidade, cuja estrutura central divide o familiar (a Europa, o Ocidente, “nós”) e o estranho (o Oriente, o Leste, “eles”)⁹, assumindo uma suposta superioridade racial, etnocêntrica e civilizacional dos primeiros.

Um dos melhores exemplos fornecidos pelo próprio Edward Said é o discurso de Arthur Balfour em relação à ocupação britânica do Egito, que teve início em 1882 e perdurou oficialmente até 1922, apesar de suas tropas terem se mantido pelo menos até 1956. O então primeiro-ministro da Grã-Bretanha justifica-a afirmando que o conhecimento acumulado pelos britânicos sobre o próprio Egito os faz capazes de lhes dar o que eles precisam, “um governo melhor do que jamais tiveram em toda a história do mundo”¹⁰. Essa justificação ideológica foi um dos pilares de tal ocupação, que carecia de razões nobres ou que não fossem econômicas. Afinal, a promessa era que a ocupação seria breve e tinha o objetivo principal de defender a comunidade estrangeira da Revolta Urabi.

O Egito em particular era um excelente exemplo, e Balfour estava perfeitamente seguro, como membro do parlamento, de seu direito de falar sobre o Egito em nome da Inglaterra, do Ocidente, da civilização ocidental. Pois o Egito não era apenas outra colônia: era a justificação do imperialismo ocidental; era, até a sua anexação pela Inglaterra, um exemplo quase acadêmico do atraso oriental; devia tornar-se o triunfo do conhecimento e do poder ingleses¹¹.

⁷ SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28-29.

⁸ Ibid., p. 29.

⁹ Ibid., p. 78.

¹⁰ BALFOUR *apud* SAID, op. cit., p. 64.

¹¹ SAID, op. cit., p. 66.

Tal raciocínio se mostra um discurso de poder, cuja finalidade é manter o domínio de um território que é relevante não apenas do ponto de vista econômico, mas também a partir de uma perspectiva geopolítica. Este discurso se encontra na difusão da crença de que a ocupação britânica no Egito trazia benefícios, que também permeia os relatórios, cartas, telegramas e demais documentos produzidos pelos funcionários a serviço do aparato de domínio, o Foreign Office, que fazem parte das principais fontes deste trabalho.

Por outro lado, Said argumenta que não é possível ignorar ou mesmo minimizar a experiência sobreposta tanto dos chamados ocidentais como dos ditos orientais¹² no encontro colonial e, de outro lado, a interdependência dos campos culturais em que colonizador e colonizado se encontraram e se chocaram por meio de projeções, geografias e narrativas como histórias rivais¹³. Desta história compartilhada, cada um teve “um leque de interpretações com suas perspectivas, sentidos históricos, emoções e tradições próprias”¹⁴. Os impactos desta experiência são vários e diferentes, tendo de ser igualmente considerados, o que rompe uma visão unívoca da História. Ao mesmo tempo, é necessário avaliar a nostalgia que o imperialismo provoca em um dos lados, e o ressentimento que desperta no outro¹⁵, assim é necessário indicar a existência de uma cultura, uma lógica e uma imaginação que também se encontram por trás do imperialismo¹⁶.

Contudo, ao interpretar tal experiência, há o perigo de trazer à tona a ideia de que existem essências imutáveis e as consequências mais flagrantes são dissimular uma situação consolidada de poder e ocultar o fato de que uma parte mais forte se sobrepõe à mais fraca e, paradoxalmente, depende dela¹⁷. Se de um lado um sistema é imposto, de outro, surge a resistência a ele. Não raro, o movimento de resistência destaca em seu discurso uma primazia cultural, econômica, política ou religiosa, conferindo coerência e legitimidade e indicando a certeza do êxito contra o domínio imperialista. Afinal, esta retórica é uma arma poderosa e nenhum dos lados se exime de utilizá-la.

¹² Assim como Said, considero equivocado traçar uma linha divisória entre “orientais” e “ocidentais” na medida em que está calcada em uma linha mais imaginária do que geográfica.

¹³ SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 22.

¹⁴ Ibid., p. 40.

¹⁵ Entendo, assim como Said (1995, p. 43), que imperialismo é a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante.

¹⁶ Ibid., p. 43.

¹⁷ Ibid., p. 246.

Uma das frentes dessa essencialização sobre o Oriente se situa nas proposições em relação às causas da estagnação do mundo árabe-islâmico, utilizada para dissimular a “situação de poder”, como na ideia de que existe uma suposta incapacidade entre árabes e muçulmanos de se adequar ao capitalismo. Max Weber, que como se sabe estabeleceu uma relação entre “o protestantismo e o espírito do capitalismo”, enquadra-se na crítica ao orientalismo formulada por Said. De acordo com o sociólogo alemão, a estagnação econômica entre os muçulmanos se deveu a problemas internos, como uma suposta tradição “guerreira”, fundamentada na violência, e uma ética feudal, que teria comprometido a adaptação e o desenvolvimento do capitalismo naqueles territórios. Cito: “no Islã, religião torna obrigatória a propagação violenta da profecia verdadeira, que conscientemente renega a conversão universal e decreta a subjugação de infiéis”.¹⁸

Tal visão descarta outras como uma influência de um caráter igualitário que tal sociedade possa defender¹⁹. Mas, acima disso, esta perspectiva ignora o fato de que a comunidade de fieis é variada demais para constituir uma essência unitária e homogênea. Por isso, argumento que a sociedade islâmica é muito mais do que um corpo unidimensional, sendo melhor definida como uma “totalidade complexa, não redutoramente unificada”²⁰.

Ao mesmo tempo, há intelectuais que desafiam os dogmas dos orientalistas tradicionais, observando que as comunidades muçulmanas, assim como outras, têm se alternado nos últimos séculos entre influências conservadoras e inovadoras²¹, ou seja, desmistificam a essencialização do caráter islâmico ao admitir que há uma pluralidade de influências que incidem e transformam qualquer sociedade. Para Maxime Rodinson, por exemplo, as

¹⁸ WEBER, Max. **Economy and Society**. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 624. Tradução livre para: “In Islam, religion makes obligatory the violent propagation of the true Profecy, which consciously eschews universal conversion and enjoins the subjugation of unbelievers”.

¹⁹ TURNER, Bryan S. Islam, Capitalism and the Weber Theses. **The British Journal of Sociology**, Londres, v. 25, no. 2, p. 230-243, jun. 1974. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/589314>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

²⁰ SAID, 1995, p. 27.

²¹ AYUB, Nazih. **Political Islam: religion and politics in the Arab world**. London: Routledge, 1994, p. 55.

sociedades islâmicas do período conhecido como Idade Média²² possuíam muitos dos pré-requisitos para o desenvolvimento do capitalismo. Se isso não ocorreu, afirma o historiador francês, se deveu a fatores externos, como o colonialismo, que provocou o domínio político e a exploração econômica europeia, levando à humilhação cultural e à perda da “autoconfiança” entre os fiéis²³.

A ideia de que somente aspectos exógenos ou, por outro lado, somente endógenos seriam suficientes para explicar um fato ou um conjunto de problemas é extremamente simplista, na medida em que as sociedades são permeáveis a influências diversas, que de uma maneira ou de outra as transformam. Por esse motivo, é necessário observar ambos os ângulos, de forma a contemplá-los e identificar o amálgama que se formou destes influxos. As sociedades são, como as identidades, ambivalentes, e por isso sua essencialização é um equívoco, pois tal linha de raciocínio também ignora a complexidade das relações e associações humanas.

O tema da estagnação da sociedade islâmica tem sido discutido tanto entre secularistas²⁴ como entre defensores da supremacia do papel da religião no mundo islâmico, em especial ao longo dos últimos três séculos. No âmbito dos intelectuais reformadores muçulmanos, a questão sobre a relevância de influências endógenas e exógenas é objeto de amplo debate, sobretudo entre as diversas correntes religiosas.

De um lado, defende-se que a saída para a suposta estagnação do mundo muçulmano seria manter a tradição dos primeiros tempos da história islâmica através do *taqlid* (imitação) dos primeiros califas. Por outro, invoca-se a necessidade de uma renovação através de *ijtihād* (interpretação e julgamento independentes) em relação às fontes da jurisprudência islâmica, agregando-se à tradição um olhar adaptado aos tempos atuais. De outro, estão movimentos como o wahabismo, uma corrente surgida no século XVIII na Península Arábica²⁵. Tal movimento foi uma reação intransigente –ou puritana–

²² Uso o termo “Idade Média” como se dá na convenção historiográfica ocidental, deixando de lado a discussão sobre se houve ou não Idade Média no mundo islâmico e se o uso de “Idade de Ouro” é mais adequado para o período ao se referir às sociedades árabe-islâmicas.

²³ RODINSON, Maxime. **Islam and Capitalism**. Austin: University of Texas Press, 1978.

²⁴ Sobre o debate secularista, ver HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal 1798-1939**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²⁵ AYUB, 1994, p. 56.

para questões internas, como a alegada abertura excessiva dos fiéis a “superstições idólatras”²⁶, um ataque direto às ordens sufi.

Os reformadores formam uma corrente que teve maior destaque a partir de meados do século XIX com a emergência de Jamal al Din Al Afghani (1838-1897). Este intelectual de origem persa apontou uma fraqueza interna da sociedade islâmica, mas também identificou a ameaça política e cultural externa do imperialismo europeu. Por isso, pregou tanto um retorno dos fiéis ao Islã dos primeiros tempos, não tão rigoroso como o dos wahabitas, por ser um estilo de vida compreensivo e coeso a fim de unir a comunidade, assim como o envolvimento ativo na política local para obtenção da autonomia perdida. Deste ponto de vista, a SIM é herdeira do reformismo islâmico que, se desenvolveu a partir de intelectuais como Afghani e teve continuidade com Muhammad ‘Abduh e Rashid Rida, entre o final do século XIX e o início do século XX²⁷.

O movimento social de Al-Banna encontrou na esfera política um meio para a reforma e a transformação da sociedade egípcia. Não se tornou conhecido apenas por episódios de violência, mas pela pregação de valores morais e religiosos e pela proposta de luta por justiça social, efetivada principalmente pela fundação de escolas e de clínicas de saúde. Na visão de seu fundador, o Islã não seria apenas uma filosofia, uma religião ou uma inclinação cultural, mas um movimento social que buscava o aperfeiçoamento de todas as esferas da vida. Ou seja, Al-Banna não admitia que o Islã fosse visto somente como um sistema de crença religiosa, mas como “um chamado para a ação social”²⁸. Ao inserir preceitos islâmicos em sua atuação política, a SIM se mostrou precursora de um ativismo pragmático de cunho religioso, indo além do debate intelectual sobre causas e soluções para a suposta estagnação das sociedades islâmicas. Nas palavras do próprio Hasan Al-Banna:

Se você examinar os ensinamentos do Islã, você irá observar que ele expõe os princípios mais sensatos, os regulamentos mais convenientes, as leis mais precisas para a vida do indivíduo, homem

²⁶ ESPOSITO, John L. **Islam and Politics**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1998 [1984], p. 39.

²⁷ WENDELL, Charles. Introduction. In: _____. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the *‘Majmu’at Rasa’il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna’*. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 1-11, p. 6.

²⁸ ESPOSITO, John L. **What everyone needs to know about Islam**. New York: Oxford University Press, 2002, p. 164. Tradução livre para: “a call to social action”.

ou mulher, para a vida da família tanto durante sua formação como sua dissolução, e para a vida das nações durante seu crescimento, seu fortalecimento e seu enfraquecimento e sanciona ideias com as quais, mesmo reformadores e líderes de nações hesitaram. Internacionalismo, nacionalismo, socialismo, capitalismo, bolchevismo, guerra, distribuição de riqueza, a ligação entre produtos e consumidor, ou seja, o que conectou intimamente ou remotamente as discussões que importunam o chefe de Estado das nações e os filósofos sociais – nós acreditamos que tudo isso tem sido tratado com minúcia pelo Islã, e o Islã revelou ao mundo as regulações que irão garantir o usufruto de tudo o que é bom, assim como evitar tudo que possa implicar perigo ou adversidade.²⁹

Apesar da importância do grupo, a historiografia sobre a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, em especial sobre as décadas de 1930 e 1940, ainda permanece incipiente. A grande maioria dos estudos não árabes que abrange estes vinte anos foi alvo de análises feitas por sociólogos e cientistas políticos que, boa parte das vezes, deixaram de considerar a complexidade de processos históricos fundamentais que possibilitariam a identificação de importantes aspectos da conjuntura em que a SIM se formou, apresentando sua ação social e política de forma bastante difusa. Além disso, o ponto de convergência entre os estudos realizados tanto por historiadores como por cientistas sociais especializados em movimentos sociais do Oriente Médio e, em particular, do Egito, apresentam-se marcadamente eurocêntricos, configurando a SIM como força conservadora, quando não mesmo retrógrada. Cito como típica da referida abordagem uma obra considerada clássica sobre a SIM, *The Society of the Muslim Brothers*, do sociólogo Richard P. Mitchell³⁰.

²⁹ AL-BANNA, Hasan. To what do we summon mankind? In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the '*Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*'. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 87-8. Tradução livre do inglês para: "If you examine the teachings of Islam, you will find that it promulgates the soundest principles, the most suitable regulations, and the most precise laws for the life of the individual, man or woman, for the life of the Family both during its formation and its dissolution, and for the life of nations during their growth, their strength, and their weakness, and sanctions ideas before which even reformers and leaders of nations have stood hesitant. Internationalism, nationalism, socialism, capitalism, Bolshevism, war, the distribution of wealth, the link between producer and consumer, and whatever is intimately or distantly tied up with the discussions which preoccupy the statesman of the nations and the social philosophers – we believe that all of these have been dealt with thoroughly by Islam, and that Islam has promulgated for the world the regulations which will guarantee it the usufruct of all that is good, as well as the avoidance of whatever may entail danger or adversities".

³⁰ MITCHELL, Richard P. **The Society of the Muslim Brothers**. Oxford: Oxford University Press, 1993 [1969].

Mitchell faz parte de um grupo de especialistas que produziram seus estudos nas décadas de 1950 e 1960.

Em sua obra, o sociólogo norte-americano concluiu que os irmãos muçulmanos “dividiam com seus compatriotas egípcios um desdém comum pela lei e a ordem” e que tinham “uma lógica para a violência que precipitou o fim do período constitucional egípcio”. Apesar de ter realizado um estudo de fôlego sobre a estrutura interna do grupo, Mitchell não consultou importantes arquivos, como os usados nesta tese, para buscar fontes documentais que sustentassem suas afirmações, deixando de considerar o cenário de intensa luta política no Egito durante a primeira metade do século XX. De acordo com o autor, as ondas de protestos que ocorreram, em especial após a guerra, foram resultado de um inexplicável impulso violento que seria característica da SIM como movimento, que se basearia em uma ideologia voltada à manutenção de valores tradicionais³¹. Contudo, é possível observar os acontecimentos do período de outra perspectiva, como sendo uma ação de resistência juntamente com uma busca por uma identidade unificadora. Tais inferências deixam de lado a análise das causas para basear-se no julgamento dos meios usados pelo ativismo político-religioso da SIM.

A obra da historiadora e funcionária do Departamento de Estado dos EUA Christina Phelps Harris³² se enquadra, em alguns aspectos, na mesma chave de análise da obra de Mitchell. Está na primeira leva de trabalhos sobre a SIM – foi publicada em 1964– e ignorou, em grande medida, o contexto histórico do período, concedendo extrema importância a uma característica que mais pode ser considerada sintoma, do que uma causa em si, a violência. Durante a década de 1960, quando os trabalhos de Mitchell e de Harris foram escritos, Gamal ‘Abd al-Nassir investia o aparato estatal de repressão contra o grupo a fim de eliminar este foco de oposição ao seu governo. Os campos de trabalhos forçados do regime levaram a uma radicalização do discurso da SIM, por meio da ideologia proposta por Sayyid Qutb. Há fortes indícios de que os escritos de Qutb e o discurso de al-Nassir sobre a SIM tenham influenciado o viés encontrado em ambos autores.

³¹ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 324.

³² HARRIS, Christina Phelps. **Nationalism and Revoltution in Egypt. The role of the Muslim Brotherhood**. Stanford, California: The Hoover Institution on War, Revolution and Peace, 1964.

De acordo com Harris, a SIM tinha como principal objetivo se opor ao liberalismo ocidental e ao racionalismo. “Quanto mais o Egito era profundamente permeado pelo ocidentalismo e pelo secularismo, mais firmemente os reacionários se opunham à ocidentalização”.³³ Esta afirmação ignora o fato de que havia uma ocupação estrangeira no país, que provocava inúmeras desigualdades na sociedade egípcia, provocando ressentimentos entre os nativos. A própria ideia de ocidentalização, da forma como é apresentada por Harris, também é mostrada como necessidade vital, e não como meio que trazia mais vantagens ao colonizador do que ao colonizado. A ideia de resistência a uma imposição não se faz presente na obra da autora.

Assim como Mitchell, James Heyworth-Dunne, britânico convertido ao Islã que trabalhou para o serviço secreto britânico na década de 1940 –o que talvez possa explicar seu eurocentrismo–, teve contatos pessoais com Al-Banna. Por esse motivo, Heyworth-Dunne concedeu maior ênfase ao discurso e à organização interna da SIM como aspectos explicativos de sua expansão e condenou sua atuação por uma suposta rejeição ao “pensamento ocidental”, negando, a priori, qualquer hipótese alternativa³⁴. Este ponto é suscetível de discordâncias das mais diversas ordens, na medida em que advogar pela causa nacionalista egípcia não é negar qualquer influência intelectual europeia, mas repudiar seu domínio político e econômico.

Por sua vez, estudos mais recentes sobre a SIM ignoram os anos de formação e expansão do grupo, sinalizando uma preferência por recortes cronológicos, como os anos de governo de Gamal ‘Abd al-Nassir (1954-1971), em que a SIM sofreu dura repressão e nos quais Sayyid Qutb, um de seus mais conhecidos membros, foi condenado à morte. Nas décadas mais recentes, que abrangem os governos de Anwar El-Sadat (1971-1981) e Husni Mubarak (1981-2011), houve ciclos de repressão que se alternaram com outros de distensão, como ocorreu nas eleições de 2005, em que membros da SIM tiveram pela primeira vez após a morte de Al-Banna a permissão para candidatar-se ao Parlamento –como independentes. Foram eleitos 88 membros

³³ HARRIS, 1964, p. 131. Tradução livre para: “The more deeply Egypt was penetrated by westernism and by secularism, the more firmly did Muslim reactionaries oppose westernization”.

³⁴ HEYWORTH-DUNNE, James. **Religious and Political Trends in Modern Egypt**. Washington (monografia publicada pelo autor), 1950, p. 28-9.

da SIM, o que significou que a organização islâmica pode ocupar 20% dos assentos disponíveis da Câmara Baixa³⁵.

Abrangendo cronologia após a morte de Hasan Al-Banna, Barbara Zollner³⁶ realizou um extenso trabalho sobre Hasan al Hudaybi, um juiz associado à SIM que assumiu a liderança da organização islâmica em 1951 e se manteve no posto até a sua morte em 1973 –período que abrangeu essencialmente o governo de al-Nassir, morto em 1970, e o início do regime de Anwar El-Sadat. Por meio de uma análise da obra mais importante de Hudaybi – *Du'at la Qudat*, Pregadores, não Juízes– a autora defende que o substituto de Al-Banna moldou, assim como o fundador do grupo e Sayyid Qutb fizeram em seu tempo, a ideologia da SIM. O novo líder teria dado ênfase à pregação de mais liberdade para uma autodeterminação individual, ainda que sob a supremacia divina³⁷.

Carry Rosefsky Wickham, por sua vez, argumenta em sua excelente análise da trajetória da SIM entre as décadas de 1950 e 1990 que os ciclos de repressão contra o grupo se deram por seu caráter intimidador –a SIM foi vista pelos sucessivos governos egípcios como sendo uma poderosa força de oposição e, por isso, deveria ser reprimida e mantida fora da legalidade. Mas, ao contrário do senso comum, a autora argumenta que a repressão se deu não por que o governo acreditasse que a organização defendesse meios violentos para chegar ao poder, mas o contrário³⁸. A organização islâmica tem buscado as vias tradicionais de acesso ao poder, em especial através do engajamento em entidades de classe, obtendo êxitos eleitorais e uma crescente credibilidade entre a população³⁹. Esta estratégia sedimentou apoio popular em favor da SIM, tornando-a uma ameaça ao status quo⁴⁰, especialmente durante os trinta anos de governo de Husni Mubarak.

A obra acadêmica mais recente que abrange as décadas de 1930 e 1940 foi escrita no final dos anos de 1990 pelo historiador norueguês Brynjar

³⁵ NAGUIB, Sameh. Islamism(s) old and new. In: EL MAHDI, Rabab e MARFLEET, Philip. **Egypt: the moment of change**. London: Zed Books, 2009, p. 103-119, p. 103

³⁶ ZOLLNER, Barbara. **The Muslim Brotherhood: Hasan al-Hudaybi and Ideology**. Routledge Series in Political Islam. Abingdon: Routledge, 2009, p. 151

³⁷ Ibid., p. 151.

³⁸ WICKHAM, 2002, p. 204.

³⁹ Deve-se ressaltar que tal credibilidade foi bastante arranhada após a passagem do presidente Muhammad Morsi pela presidência do Egito.

⁴⁰ Ibid.

Lia, cujas pesquisas lhe permitiram destacar a relevância dos estudos que identificam a natureza e o sentido da atuação social e política da SIM. O autor apontou a importância da estrutura organizativa e dos padrões de recrutamento dos quadros como condicionantes dos aspectos que permitiram identificar a expansão do movimento⁴¹. Mas, por outro lado, Lia depositou excessiva ênfase em questões internas do grupo, deixando de lado as influências do entorno político, econômico e social que alavancaram a expansão da SIM e moldaram seu discurso. Além disso, seu estudo não foi além do outono de 1941, meses antes da ascensão do partido nacionalista Wafd por meio da ingerência britânica, unindo duas forças contrárias em esforço conjunto. Tal fato provocou mudanças significativas na organização, que teve de se reposicionar.

Mais recentemente, a SIM passou a ser considerada por especialistas e pela imprensa precursora de grupos que promovem o ativismo islâmico na esfera política⁴², em especial após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, em mais um esforço para conferir uma essência violenta a esta organização islâmica. Para tanto, confere-se ao grupo de forma preconceituosa a alcunha de “movimento fundamentalista” (ou “neofundamentalista”), para rotular um espectro plural e heterogêneo de atores e movimentos⁴³. O filósofo britânico John Gray afirma que islamitas radicais veem a história como “o prelúdio de um mundo novo”. Ao acreditar que podem refazer a condição humana, afirma, eles levantam um mito que é exclusivamente “moderno”, no sentido de atual⁴⁴. Ou seja, esta ideia se mostra equivocada em relação ao objeto desta tese de doutorado, na medida em que esvazia as possibilidades de identificar a SIM como movimento social com fortes características contemporâneas.

Para evitar uma interpretação ambígua, dei preferência à tradução do termo usado no mundo árabe que melhor designa a SIM, *jammāt islamiyya*⁴⁵ que significa “organização islâmica”. Desta forma, foi possível alargar o escopo

⁴¹ LIA, 2006, p. 5.

⁴² Há autores, contudo, que apontam a profunda distância ideológica entre grupos como a SIM e a Al Qaeda (BURKE, Jason. **Al Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007, p. 65).

⁴³ ESPOSITO, 2002, p. 59 e 44.

⁴⁴ GRAY, John N. **Al-Qaeda e o que significa ser moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 14.

⁴⁵ MARSOT, Afaf Lufti al-Sayyid. Religion or opposition? Urban protest movements in Egypt. In: **International Journal of Middle East Studies**. Cambridge, n. 16, p. 541-552, 1984.

de análise incluindo motivações e métodos historicamente apresentados pela SIM.

Propus como hipótese central a ideia de que o próprio surgimento e a expansão do movimento decorreram não apenas como consequência do sucesso de sua estrutura organizacional ou de sua ideologia –isto é, relativas apenas às características internas atribuídas à própria SIM. Mas, também e não somente, foram alavancados a partir do contexto histórico específico do período, cujos principais desdobramentos provocaram impactos na sociedade egípcia e na esfera política⁴⁶.

Para mensurar a extensão do crescimento da SIM é necessário observar que a estimativa do número de diretórios que a organização contava até 1932 era de 34; em 1938, eles saltaram para 300 diretórios, em várias partes do Egito; em 1940, cresceram para 500 e, em 1949, o grupo contabilizava 2 mil diretórios e 500 mil membros ativos⁴⁷, em uma população de 19 milhões de habitantes, segundo censo realizado em 1947⁴⁸. Ou seja, a consolidação do grupo se deu em especial a partir da metade da década de 1930 e durante o decorrer de toda a década de 1940.

Na década de 1930, o país encontrava-se em transição de um regime colonial para neocolonial, ocasião em que foi promulgada uma nova Constituição que ampliou o acesso de eleitores ao voto, aumentando a participação de novos atores, o que acirrou as disputas entre setores da elite local, provocando divisões e realinhamentos. Neste contexto, abriram-se novas oportunidades políticas que pavimentaram o caminho para que um movimento social de cunho islâmico como a SIM pudesse se consolidar e obter abrangência em termos de adesão, relevância no jogo político e representatividade.

Ao mesmo tempo, outro objetivo foi identificar com mais acuidade como a trajetória da SIM desenvolveu-se no campo político, analisando reações e comportamentos diante de períodos de repressão e distensão pelos quais a

⁴⁶ Apreendo o conceito de Max Weber ao me referir a política: “o conjunto de esforços feitos com vistas a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder, seja entre Estados, seja no interior de um único Estado” (WEBER, Marx. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 2011, p. 56).

⁴⁷ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 328. O autor ressalva que se os números não forem exatos são pelo menos indicativos.

⁴⁸ ISSAWI, Charles **Egypt at Mid-Century**. An Economic Survey. London: Oxford University Press, 1954, p. 54.

organização passou entre 1936 e 1949. Nesta perspectiva, também procurei compreender os interesses que moveram a SIM e as ações daí decorrentes e que moldariam sua atuação neste período histórico marcado por transições e eventos impactantes. Entre eles estão, além da promulgação da nova Constituição, a invasão da Etiópia, as derrotas britânicas no início da II Guerra Mundial e os realinhamentos políticos internos que resultaram em mobilização política de parte da sociedade.

Busquei, assim, apreender a diversidade de aspectos do papel da SIM em uma nova chave de análise, a partir de fontes documentais coletadas nos National Archives entre os anos de 2008 e 2009 e os de 2012 e 2013. A maior parte destas fontes não se encontrava disponível no período em que as principais obras sobre a SIM, relativas ao recorte cronológico de 1936 a 1949, foram produzidas. A liberação destes documentos para consulta pública ocorreu somente no final dos anos 1990, enquanto os estudos considerados clássicos foram publicados até 1998. A biografia de Hasan Al-Banna escrita por Gudrun Krämer⁴⁹, apesar de ter sido lançada em 2010, não contempla as referidas fontes documentais e está limitada às fontes bibliográficas reconhecidas como clássicas. Em outras palavras, procurei identificar o surgimento e, sobretudo, a expansão da SIM de 1936 a 1949, a partir de uma nova perspectiva possível devido às fontes coletadas, sem descurar de trabalhos como os de Richard P. Mitchell e de Brynjar Lia, já mencionados. Proponho uma perspectiva que deixe de lado os conceitos da prática da “violência pela violência” e os que se baseiam em uma visão do grupo sob os aspectos endógenos a ele.

Toda a pesquisa e esta tese de doutorado na qual se desdobrou tiveram como proposta dialogar com os trabalhos de cientistas sociais e historiadores que se debruçaram sobre o período estudado e as questões aqui abordadas preenchendo algumas lacunas, em grande parte alimentadas por preconceitos e estereótipos acerca da SIM. Neste sentido, a pesquisa tratou de um período conturbado da história egípcia, marcado, no âmbito da política, pelo embate entre forças religiosas e seculares —o que tem sido praticamente ignorado pela historiografia.

⁴⁹ KRÄMER, Gudrun. **Hasan Al-Banna**. Oxford: Oneworld, 2010.

Da sua fundação, em 1928, até a morte de Hasan Al-Banna, em 1949, o Egito passou por períodos de abertura política como de estreitamento dos espaços institucionalizados de acesso ao poder, nos quais houve embates políticos e ideológicos com o partido nacionalista Wafd e com outros atores, como os britânicos. Do ponto de vista da história do país no século XX, a Revolução dos Oficiais Livres de 1952 e seus desdobramentos ganharam mais atenção da historiografia do que o período anterior, provavelmente por se tratar de um episódio que provocou uma forte ruptura institucional, enquanto o período aqui analisado apresentou-se mais fragmentado, predominando as sequências sobre os esgarçamentos e as poucas rupturas.

Sobre a baliza cronológica

A baliza cronológica inicial é marcada pelo envolvimento da SIM com a revolta palestina, a partir de 1936, fato que tornou o grupo politicamente ativo e atuante, não apenas no Egito, mas também na esfera internacional, em particular no mundo árabe. A organização realizou campanha nacional de solidariedade por meio de arrecadação de fundos para financiar a rebelião, que se estenderia até 1939⁵⁰. De um lado, o engajamento trouxe benefícios políticos e maior reconhecimento para o grupo. De outro, também resultou em objeções a sua atuação, em especial por parte dos britânicos.

A campanha chamou a atenção do corpo diplomático do Reino Unido lotado no Egito para a atuação do grupo –a insurgência palestina se dava contra o mandato britânico e contra a imigração judaica em massa para o território⁵¹. Prova disso é o primeiro registro sobre o grupo, com data de 1936, entre os documentos pertencentes ao FO, forte indicativo de que sua participação política se tornava mais efetiva⁵². Neste primeiro documento

⁵⁰ GERSHONI, Israel. The Muslim Brothers and the Arab Revolt in Palestine, 1936-39. In: **Middle Eastern Studies**, Londres, v. 22, no. 3, July, 1986, p. 367-397. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/4283128>>. Acessado em: 27 jul. 2011.

⁵¹ CLEVELAND, W. e BUNTON, M. **A History of the Modern Middle East**. 5ª edição, Boulder, Colorado: Westview Press, 2013, p. 239-241.

⁵² FO 371/19980, E 3153. De Sir Miles Lampson para Foreign Office. Cairo, 28 de maio de 1936. No capítulo 2, o assunto é explorado com maior propriedade.

encontrado que faz menção à SIM, há um relato sobre o número de integrantes do grupo e características, como o fato de muitos deles pertencerem à Universidade de Al-Azhar. Na perspectiva britânica, o envolvimento da SIM poderia se revelar ao mesmo tempo uma perigosa fonte de resistência contra seu controle na Palestina e como uma nova frente de insubordinação no Egito. O momento era de inflexão para os colonizadores do país, fazendo com que a preocupação com o controle social aumentasse. Isso reverteu, pela primeira vez, na formação de uma Frente de União Nacional, que tinha como principal objetivo tratar da revisão dos termos da independência. Após longas negociações, um acordo foi assinado em agosto de 1936, sob a denominação de Tratado Anglo-Egípcio.

Nas circunstâncias históricas dos anos de 1940, a SIM já havia se tornado uma importante força política, uma das razões pela qual sofreu repressão de seguidos governos. Líderes do movimento foram presos e reuniões da organização proibidas, o que os manteve na defensiva. O crescimento da atuação da SIM após a II Guerra Mundial no campo político e, em especial, os protestos contra a atuação desastrosa do Egito na Primeira Guerra Israelo-Palestina em 1948, reverteram-se em um novo ciclo de repressão. A SIM foi considerada ilegal pelo primeiro-ministro Mahmud Fahmy al Nuqrashi, motivo pelo qual seria assassinato em dezembro daquele mesmo ano por um estudante ligado à organização islâmica. O assassinato foi seguido por outro ato de vingança dos membros do partido Saadista⁵³, ao qual o primeiro-ministro era filiado, atingindo em cheio o calcanhar de aquiles da: Hasan Al-Banna.

Trabalho, portanto, como baliza final desta pesquisa a data de 12 de fevereiro de 1949, quando o fundador e Guia-Geral (*al-murshid al-'amm*) da organização, Hasan Al-Banna, sob as ordens dos líderes saadistas e com o conhecimento do rei Faruq, foi assassinado⁵⁴. Sua morte encerrou uma era em que o grupo foi conduzido pelo líder carismático e por sua forma centralizadora e muito particular de liderança. A SIM sofreu um duro golpe, não superado até 1951, quando um novo nome de consenso seria alçado à liderança do grupo, o

⁵³ FO 141/1342, 108/8/499. De G.J. Jenkins para E. A. Chapman-Andrews. *Arab Societies – Ikhwan el Muslimeen*. Cairo, 17 de fevereiro de 1949.

⁵⁴ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 71.

de Hasan al Hudaybi, embora este não tivesse o carisma e a ascendência de Al-Banna.

O novo líder da SIM forneceu apoio aos Oficiais Livres, que promoveram o golpe de Estado de 1952, mas a organização acabou por ser alijada do poder pelo governo interino do general Muhammad Naguib⁵⁵. Dois anos depois do golpe, o líder incontestado do país, Gamal 'Abd al-Nassir, sofreu uma tentativa de assassinato por um simpatizante da SIM. O episódio ocorreu durante um discurso de al-Nassir transmitido ao vivo pela rádio estatal, o que gerou imediato repúdio popular contra a SIM. Ao mesmo tempo, provocou o mais violento ciclo de repressão sofrido até então pela organização islâmica, incluindo a prisão e posterior execução de alguns de seus líderes, como Qutb⁵⁶. Os duros atos impostos aos opositores de al-Nassir não tiveram apenas o propósito de demonstrar sua força em um momento em que estava afastando Naguib do cargo de presidente e tomando seu lugar. Também tinham o objetivo claro de exterminar a organização que se mostrava, naquele momento de instabilidade, como a mais forte ameaça ao regime.

Sobre as fontes documentais

O principal conjunto documental analisado é composto por 15 volumes e dezenas de pastas do Foreign Office. Ao contrário de outros territórios coloniais britânicos na África, que ficavam sob a responsabilidade do Colonial Office, o Egito, quando passou a ser protetorado em 1914 e mesmo quando ganhou independência em 1922, foi submetido ao Foreign Office. O Sudão também estava sob a mesma jurisdição, pois fazia parte do Condomínio Anglo-Egípcio, “apesar de, na realidade, estar sob controle local pelos oficiais britânicos do governo do Sudão”.⁵⁷

⁵⁵ GINAT, Rami. **The Soviet Union and Egypt, 1945-1955**. London: Frank Cass Co. Ltda, 1993. p. 174.

⁵⁶ VOLL, John O. Foreword. In: MITCHELL, Richard P. **The Society of the Muslim Brothers**. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. vii-xxii, p. ix.

⁵⁷ WOODWARD, Peter. Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul e PARTRIDGE, Michael. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and**

Os documentos foram pesquisados na sede dos National Archives, em Kew Gardens, em Londres. Os mais importantes fazem parte da coleção de despachos, cartas, telegramas privados, memorandos e relatórios, versando sobre acontecimentos cotidianos e episódios relevantes no Egito. Este conjunto é composto de documentos considerados secretos, disponíveis no período em que foram elaborados somente para a leitura de membros do alto escalão do governo britânico.

Parte deste conjunto documental se manteve em sigilo para o público em geral por três décadas, sendo que outra parte, os volumes que compõem FO 403 e FO 407⁵⁸, que abrangem todo o recorte cronológico desta tese, permaneceu secreta por 50 anos. Esse fato demonstra quão “delicados e importantes” são estas fontes documentais⁵⁹. Elas se referem aos anos que abrangem a II Guerra Mundial, sendo que muitos deles foram abertos somente no final da década de 1990⁶⁰. Portanto, permaneceram mais tempo inacessíveis ao público com o objetivo de manter informações relevantes e que poderiam causar algum ruído nas relações bilaterais entre os países ocultas por mais tempo.

Os documentos analisados das séries FO 141 e FO 341 se encontram em pastas cujo conteúdo pode ser identificado por seus títulos –que nem sempre resumem o que nelas se encontra. Como estas pastas estão dispostas sem sequência numérica e com títulos genéricos bastante vagos, levam o pesquisador a um trabalho semelhante ao de um garimpeiro.

Já as séries FO 403⁶¹ e 407⁶², que trazem a principal correspondência trocada entre os anos de 1936 e 1949, encontram-se organizadas em volumes

Papers from the Foreign Office Confidential Print. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Volume 5. Africa, 1945. University Publications of America, 1998, p. xiii.

⁵⁸ Os números acompanhados de FO (Foreign Office) referem-se ao chamado Public Record Office Number e correspondem à principal referência utilizada por pesquisadores.

⁵⁹ PRESTON, Paul e PARTRIDGE, Michael. General Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul and PARTRIDGE, Michael. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print**. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Vol. 1. Bethesda: University Publications of America, 1998, pp. vii-x, pp. vii.

⁶⁰ Mais informações sobre as fontes documentais que foram utilizadas nesta tese podem ser encontradas no site dos National Archives, disponíveis nos endereços: <<http://discovery.nationalarchives.gov.uk/SearchUI/Details?uri=C7685>> e <<http://discovery.nationalarchives.gov.uk/SearchUI/Details?uri=C7721>>. Acesso em: 7 fev 2013.

⁶¹ A pesquisa não contemplou as séries FO 403/465, que abrange os anos de 1939 a 1941, FO 403/470, relativo a 1947 e posterior, pois não possuem documentos sobre o Egito. Os

encadernados. Os relatórios e correspondências ali reunidos foram redigidos por funcionários da Embaixada Britânica no Cairo e do consulado-geral em Alexandria e remetidos à sede do FO, em Londres. Até o Tratado da Aliança Anglo-Egípcio, o Reino Unido manteve um Alto Comissariado no Egito. A partir da vigência do tratado, em 1936, o Alto Comissariado passou a ter status de uma embaixada. Nos documentos, a sede do poder britânico local deixa de ser mencionada como The Residency e passa a ser chamada de embaixada. O FO produzia várias cópias, que em seguida eram repassadas para um número seletivo de membros do governo, como o primeiro-ministro e os principais integrantes de seu gabinete. Para formular suas análises, os diplomatas lotados no Egito contavam com informantes locais, em especial membros da polícia, que era controlada pelos próprios britânicos.

A estes documentos se somam despachos dos ocupantes do cargo de Secretário do Foreign Office –posto que corresponde ao de um ministro das Relações Exteriores–, um órgão ao qual a embaixada britânica no Cairo e o consulado-geral em Alexandria estavam submetidos. Atualmente, todos os documentos do período analisado se encontram nos National Archives, um arquivo público que recebe e mantém os documentos liberados pelo FO após o período de sigilo exigido. Contudo, alguns foram retirados das pastas e permanecem retidas sob requisição do próprio órgão governamental por tempo indeterminado.

Todas as fontes documentais foram consultadas nos National Archives em dois períodos distintos. A primeira apuração ocorreu entre 2008 e 2009 e a segunda entre 2012 e 2013. Da mesma forma, só foi possível ter acesso à maior parte das fontes bibliográficas durante esses períodos por meio de consultas realizadas nos acervos de três universidades do Reino Unido: a Bodleian Library, centenária biblioteca e um dos maiores repositórios de livros e documentos do mundo, localizada em Oxford e pertencente à universidade de mesmo nome, a principal biblioteca da Universidade de Edimburgo, e a

documentos relativos a estes anos foram encontrados na série FO 407. Para mais clareza nas referências de datas dos documentos, consultar o item a) Fontes Documentais em Referências Bibliográficas.

⁶² A pesquisa não contemplou a série FO 407/220 de 1936, pois ela versa somente sobre as negociações entre os governos egípcio e britânico que resultaram no Tratado da Aliança Anglo-Egípcio firmado no mesmo ano.

biblioteca central e a da Faculty of Asian and Middle Eastern Studies (FAMES), ambas ligadas à Universidade de Cambridge⁶³.

Faz-se necessário mencionar que autores de obras clássicas sobre Al-Banna e a SIM foram total ou parcialmente privados do acesso à maior parte das fontes documentais utilizadas neste trabalho são, portanto, inéditas, possibilitando que esta pesquisa contenha informações que trazem novos dados para análise. De inequívoca relevância, preenchem uma importante lacuna nos estudos sobre o Egito e a SIM, permitindo compreender, entre outros aspectos, o crescimento da SIM e seu impacto social e político, que levaram os britânicos a promover ações contra a organização e a pressionar o governo egípcio a controlá-la.

A coletânea FO 407, que abrange em especial a II Guerra Mundial, contém diversas informações sobre temas e questões desta pesquisa, como a natureza das relações entre os líderes do partido Wafd e dos britânicos com a SIM. A FO 403, por sua vez, apresenta importantes evidências sobre pagamentos de suborno a alguns integrantes da SIM, em um momento no qual o grupo vinha de embates com o partido, contrariando a aura de incorruptível⁶⁴ atribuída a Al-Banna.

A análise dessas fontes documentais exige uma postura crítica, uma vez que os funcionários do governo britânico que os redigiram influenciaram o desencadeamento dos acontecimentos locais por mais de meio século. Os autores que elaboraram os relatos contidos nesses documentos tinham interesses alinhados aos de Londres e, ao mesmo tempo, consideravam necessário manter a ocupação do Egito. Além disso, também tinham seus próprios interesses e modos de lidar com seus interlocutores e com os acontecimentos.

Enfatizo que os referidos textos são “representações como matrizes de discursos e de práticas diferenciadas[...] que têm como objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a

⁶³ O acesso a todas as fontes documentais e à maior parte das fontes bibliográficas foi possível somente por meio de três viagens ao Reino Unido nos anos de 2008, 2010 e 2012, sendo a última delas financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por meio de bolsa conferida por meio do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

⁶⁴ GOLDSCHMIDT, Arthur. **Biographical History of Modern Egypt**. Cairo: American University Press, 2000, p. 34.

dos outros como a sua”⁶⁵. Isso implica observar qual tipo de construção e quais identidades foram construídas nesse conjunto documental. Ao mesmo tempo, há de se tentar extrair e identificar os que foram calados e aquilo que estava “marginalmente presente ou ideologicamente representado” em tais documentos⁶⁶. Vale lembrar as palavras do historiador francês François Dosse:

[O]s próprios textos políticos ou administrativos fornecem uma representação, por vezes explícita, na maioria dos casos implícita. Todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário relê-los, sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas dos seus destinatários imaginados.⁶⁷

Da mesma forma, os relatos pessoais de Hasan Al-Banna e de Anwar El-Sadat incluídos nesta pesquisa merecem particular atenção, impondo uma leitura hermenêutica que busca identificar as intenções dos autores ao produzir documentos. Neste sentido vale lembrar as palavras de Certeau: “descobrir o heterogêneo” e evidenciar “os desvios relativos quanto aos modelos”⁶⁸. Esta abordagem possibilita captar evidências sobre quais foram os impactos mais próximos da realidade que as ações observadas por tais participantes dos acontecimentos narrados tiveram.

Como “monumentos”, estes documentos ao serem desvelados mostraram que é possível desmistificar os discursos hegemônicos. “Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade”⁶⁹. Os arquivos não confessam por si mesmos, mas necessitam da mediação do historiador, que formula as questões a serem respondidas⁷⁰.

⁶⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002, p.18.

⁶⁶ SAID, 1995, p.104.

⁶⁷ Ibid., p. 223-4.

⁶⁸ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 84.

⁶⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996, p. 110.

⁷⁰ DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003, p. 299-300.

Sobre teoria e metodologia

Na observação e interpretação da atuação da SIM, parti do entendimento de que as dinâmicas propriamente políticas são decisivas para as trajetórias dos movimentos sociais. Abordagens de autores como Brynjar Lia, em relação à SIM, e a do norte-americano Charles Tilly, em relação a outros movimentos sociais, permitiram conferir centralidade às questões ideológicas e de organização sócio-política, o que significa também privilegiar as dinâmicas que afetaram de maneira direta o cenário político egípcio.

Na perspectiva dos autores que relacionam movimentos e dinâmicas sociais com a esfera política, Tilly ressalta que a análise histórica contribuiu para responder suas principais questões acerca das origens e transformações dos principais aspectos dos movimentos sociais; dos processos sociais que encorajam ou inibem a proliferação deles; de como os elementos desses grupos interagem com a política; dos aspectos que causam mudanças ou variações nos movimentos sociais. De acordo com o autor, essa escolha teórica e metodológica permite identificar uma história “surpreendente” que os próprios participantes dos movimentos sociais raramente conhecem.⁷¹

A busca por esta “história surpreendente”, na expressão de Tilly, pressupõe o desvelamento de camadas sobrepostas com a ajuda de ferramentas de outras ciências, como já apontaram os seguidores da *École des Annales*. A importância da interdisciplinaridade no campo histórico é reiterada por Koselleck. Cito: “A história como ciência não tem um objeto de estudo que seja exclusivamente seu; ela tem que dividi-lo com todas as ciências sociais e humanas”. Ainda segundo Koselleck, a história tem como particularidade métodos e estruturas próprias que permitem ao pesquisador chegar a resultados comprováveis. Entre os elementos considerados imprescindíveis no ofício de um historiador destacam-se:

[...] as estruturas temporais, pelas possibilidades de tornar viável tratar o espaço da experiência histórica como um campo de pesquisa

⁷¹ TILLY, Charles. **Social Movements, 1768-2004**. Boulder, Colorado: Paradigm Publishers, 2004, p. 2, 3 e 5.

próprio, a partir de uma perspectiva imanente à materialidade dos eventos.⁷²

A imbricação da História e da Sociologia é, portanto, uma tendência. De acordo com o historiador britânico Peter Burke, no último quarto de século houve uma maior convergência entre a teoria social e a subdisciplina História Social, o que chama de “virada teórica”, na perspectiva historiográfica, e “virada histórica”, do ponto de vista sociológico. O interesse pela teoria vem enriquecendo a prática da História como instrumento para que se alcance com mais clareza o conhecimento dos problemas, contribuindo para melhor formular as questões, assim como ter elementos mais eficazes para respondê-las⁷³.

Seguindo a proposta de Burke, as categorias analíticas propostas pelos sociólogos Sydney Tarrow e Charles Tilly auxiliam na interpretação de fatores fundamentais encontrados no período a ser analisado, de 1936 a 1949. Entre estes fatores estão a observação de desdobramentos relacionados à repressão da oposição; do grau de coesão das elites governantes; e da menor ou maior participação por meios eleitorais e não eleitorais. Este instrumental teórico oferece uma abordagem relevante para a compreensão do papel da SIM e da influência da Grã-Bretanha, por seu impacto direto na política e na sociedade egípcia do período.

Tilly, definido por Peter Burke como sociólogo histórico⁷⁴, inspirado no trabalho de historiadores como Eric Hobsbawm e E. P. Thompson, considera duas formas de tratar os conflitos e transições ocorridos em um dado momento: a partir do seu início, com ênfase nos efeitos, ou com foco no período anterior, quando são avaliadas as mudanças que os provocaram. Tilly argumenta que é essencial incluir ambas as abordagens⁷⁵, razão pela qual pretendi abrangê-las, recuando diante do período cronológico destacado, realçando tanto os condicionantes como os desdobramentos.

Outra ferramenta especialmente útil na análise do cenário egípcio é a teoria da oportunidade política. Proponentes de um novo modelo de “processo

⁷² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro-Passado: Contribuição da Semântica dos Tempos Históricos**. Rio de Janeiro: Editoria da PUC-Rio, 2006, p. 120-121.

⁷³ BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, segunda edição revisada [2005], p. 13, 38-39.

⁷⁴ Ibid., p. 231.

⁷⁵ TILLY, 2004, p. 150.

político”, Tarrow, Tilly e Doug McAdam, entre outros, concluíram que a época e a trajetória dos movimentos sociais são altamente dependentes de oportunidades obtidas pelos insurgentes diante da estrutura institucional mutável e da porosidade ideológica daqueles que estão no poder. A emergência e o desenvolvimento de instâncias da ação coletiva têm sido atribuídos à expansão e contração das oportunidades políticas, ou seja, às variações na estrutura da oportunidade política⁷⁶.

Estudiosos dos movimentos sociais apontam a necessidade de expandir este campo de estudo para além do eixo Europa Ocidental-Estados Unidos, por períodos históricos mais amplos e incluir contextos não democráticos. Também denunciam que o papel da história como responsável pela configuração do contexto em que a ação coletiva se desenvolve tem sido subdimensionado em pesquisas sobre movimentos sociais, em especial pelos sociólogos⁷⁷.

Observa-se, portanto, uma carência de estudos na área de movimentos sociais da chamada “periferia”, espaço em que podemos incluir as pesquisas sobre a SIM, em especial relativos a períodos anteriores à década de 1960. O próprio Tilly ignora a primeira metade do século XX em sua obra reconhecida como clássica, dando maior ênfase aos anos pós-1968, data indicada como propulsora do surgimento do maior número de movimentos sociais⁷⁸.

Parece importante destacar que a teoria da oportunidade política elaborada por Tarrow tem como proposta central explicar o processo de criação e as dinâmicas dos movimentos sociais que encorajam as pessoas a engajar-se em disputas políticas. No caso específico desta pesquisa de doutorado, significa abranger as características específicas do cenário político egípcio entre as décadas de 1920 e 1940. Ao seguir esta perspectiva, é possível considerar que o surgimento de movimentos sociais ocorre quando o contexto político possibilita a emergência de incentivos para a ação, isto é,

⁷⁶ MCADAM, Doug. Conceptual origins, current problems, future directions. In MCADAM, Doug, MCCARTHY, John D. e ZALD, Mayer N. (edit) **Comparative Perspectives on Social Movements. Political Opportunities, Mobilizing Structures, and Cultural Framings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 23-40, p. 23-24.

⁷⁷ MCADAM, Doug, MCCARTHY, John D. e ZALD, Mayer N. Preface. In: _____. (edit) **Comparative Perspectives on Social Movements. Political Opportunities, Mobilizing Structures, and Cultural Framings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 [1996], p. xii-xiii.

⁷⁸ TILLY, 2004, p. 65-68.

quando se abrem espaços de oportunidades políticas, em especial para atores sociais até então alijados do processo de participação política⁷⁹. A abertura de oportunidades favoráveis, em contextos históricos específicos, aumenta a probabilidade do surgimento de movimentos sociais.

Significa dizer que os atores encontram mais incentivos à ação coletiva em um contexto político mais aberto e favorável, como ocorreu no Egito com o acesso ao poder a partir da Constituição de 1923, que garantiu direito ao voto a uma fatia maior da população.

A partir da ideia de oportunidade política, proponho questionar o porquê do surgimento da SIM ter ocorrido somente após a independência do Egito, em 1922, no ano de 1928, e os motivos pelos quais sua expansão se deu nas décadas de 1930 e 1940, quando atingiu seu ápice. Há claras evidências de que a privação e a desorganização da sociedade egípcia não são motivos suficientes para explicar a ação política. O que varia em diferentes períodos e lugares são outros elementos, como níveis e tipos de oportunidades experimentadas para se opor aos constrangimentos de liberdade de ação e às ameaças contra as suas necessidades, interesses e valores. Este conjunto de aspectos esteve presente nesta tese de doutorado ao considerar o poder de veto do monarca garantido pela Constituição de 1923; as eleições fraudadas de 1938 e de 1945; e a imposição do governo wafdisto pelos britânicos em 1942.

Nesta abordagem, o confronto encontra-se mais relacionado às oportunidades para a ação coletiva do que aos fatores socioeconômicos, ocorrendo nos momentos em que as pessoas obtêm recursos externos e encontram uma abertura para utilizá-los⁸⁰. A influência destes fatores para a busca das motivações que levaram à formação e à expansão da SIM se mostrou importante ferramenta para analisar o contexto histórico proposto. Além da mudança nos comportamentos dos atores no processo, na própria organização política, na estrutura de poder e do Estado, também é necessário considerar o desenvolvimento do ator social como ponto influente na ação

⁷⁹ TARROW, Sidney. **Power in Movement. Social Movements and Contentious Politics**. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1998], p. 19-20.

⁸⁰ Ibid., passim.

coletiva⁸¹, potencializado em uma conjuntura marcada pela crescente concentração do capital.

As mudanças nas oportunidades políticas impactam a emergência de novas ondas de movimentos sociais, além de serem responsáveis por parte de seus desdobramentos. Por isso esta abordagem confere maior ênfase a externalidades do movimento social, não descartando, contudo, a importância de elementos endógenos ao grupo. De acordo com Tarrow, os primeiros estudiosos de movimentos sociais viam a política de confronto somente como uma expressão da mentalidade das massas, de anomia e privação. Essas condições são mais duradouras do que o movimento. O que realmente varia entre lugares e tempos diferentes são “os níveis e os tipos de oportunidades que as pessoas experimentam, as restrições em sua liberdade de ação e as ameaças que eles detectam aos seus interesses e valores”⁸². E isso pode ser observado analisando-se os novos elementos que se apresentam quando surgem os movimentos sociais.

Para melhor compreender as estruturas das oportunidades políticas, considerando além das formas, as próprias dinâmicas em que se dão os conflitos e alianças, há quatro pontos fundamentais que propus analisar: a abertura do acesso a demais desafiantes ao poder; as mudanças de alinhamentos políticos; as clivagens que possam surgir dentro das próprias elites; e a viabilidade de associação a aliados influentes⁸³. O objetivo de utilizar tais elementos para análise é observar, dentro do vasto panorama político, elementos que ajudem a desvelar os fatores que colaboraram para a ascensão da SIM no recorte proposto.

Ao seguir esta perspectiva, foi possível observar que o contexto histórico egípcio apresenta, em maior ou menor grau, alguns destes elementos, na medida em que colaboraram, juntamente com outras características econômicas e sociais, para a formação e a expansão da atuação da SIM. Tais elementos, como o maior acesso a participação política, a clara divisão de interesses dentro da elite egípcia, que pode ser observada nos vários conflitos entre o monarca e os membros do maior partido político do país, o Wafd, e a

⁸¹ GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [1997], p. 67.

⁸² TARROW, 2007, p. 71.

⁸³ Ibid.

mudança de alinhamento do próprio partido nacionalista, que se uniu aos britânicos durante a II Guerra Mundial, colaboraram para que a SIM obtivesse dividendos políticos que alavancaram sua popularidade e proporcionaram oportunidades de associação com detentores do poder.

Síntese dos capítulos

O Capítulo I traz um panorama da história política, econômica e social do Egito a partir do governo de Muhammad 'Ali, em 1805, mas com especial ênfase nas décadas de 1930 e 1940. O objetivo é apresentar as principais demandas da sociedade egípcia do período e as questões que se colocaram no campo político como sendo desdobramentos de rupturas e da inserção de novos elementos a partir da declaração de independência em 1922.

No Capítulo II, procurei explorar a relação da fundação da SIM com as demandas da sociedade egípcia. Ao mesmo tempo, relacionei as diretrizes da organização com o pensamento de reformadores islâmicos que a influenciaram, como Jamal al Din al Afghani, Muhammad 'Abduh e Rashid Rida. No mesmo capítulo, exploro o engajamento da SIM em causas políticas através da campanha nacional em favor da Revolta Palestina (1936-1939). Esta atuação trouxe aliados importantes e chamou a atenção dos britânicos, provocando repressão contra sua atuação política.

A repressão contra a SIM se seguiu no contexto da tensão resultante da expectativa de uma eventual derrota britânica na II Guerra Mundial, que provocou desdobramentos fundamentais no cenário político egípcio, assuntos que se encontram no Capítulo III. O principal deles foi a ascensão do Wafd ao poder com o auxílio britânico. O novo governo promoveu um silenciamento da SIM, por meio de coação, por temer o movimento como um forte opositor.

O Capítulo IV aborda questões que levaram a uma radicalização dos protestos pela evacuação total dos britânicos, em especial por parte da SIM, no contexto dos governos egípcios do pós-guerra. A consolidação da organização islâmica como forte antagonista ao governo e o envolvimento de um de seus membros na morte do primeiro-ministro levaram à supressão da SIM e ao

assassinato, por membros do partido do governo, do fundador do grupo e Guia-Geral, Hasan Al-Banna.

O Anexo A traz mapas que abordam, respectivamente, a situação colonial do Egito mesmo depois da independência, as cidades citadas na tese, a fronteira ameaçada pelas tropas do Eixo durante a II Guerra Mundial.

No Anexo B, encontram-se imagens das décadas de 1930 e 1940 que ilustram a situação de colonizados e colonizadores, os principais personagens citados nesta tese e dois episódios de confrontos protagonizados pela população egípcia: o ataque ao posto policial britânico em Alexandria, em março de 1946, e a greve dos trabalhadores do setor têxtil em Mahalla al Kubra, em 1947.

O Anexo C abrange quatro importantes documentos citados nesta tese, que foram coletados nos National Archives, em Londres: FO 141/838, 305/37/42, “Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered”, de 1942; FO 407/227, J 7886/68/16, “Activities of the Moslem Brotherhood. Outrages in Cairo” e FO 407/227, J 7874/68/16, “Supression of the Moslem Brotherhood”, ambos datados de 1948; e FO 407/227, J 58/1015/16, “Supression of the Moslem Brotherhood in Egypt”, produzido em 1949.

Por último, gostaria de observar que todas as Fontes Bibliográficas foram mantidas em um único item com a finalidade de facilitar a busca do leitor pelas referências, e também evitar a necessidade da duplicidade de entradas ou da opção por uma delas em casos como o de Era dos Extremos de Eric Hobsbawm, que poderia ser inserido tanto no subitem Fontes Historiográficas como no de Fontes Metodológicas.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO HISTÓRICO E A SOCIEDADE EGÍPCIA NOS SÉCULOS XIX E XX

Esta tese de doutoramento versa sobre a atuação da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, em especial durante os períodos de repressão e distensão pelos quais passou entre as décadas de 1930 e 1940, explorando sua relação com importantes atores políticos no Egito, entre eles o rei, os ocupantes britânicos e o partido nacionalista Wafd. O principal objetivo é, em outras palavras, analisar as dinâmicas do campo político que impulsionaram a expansão da organização islâmica como movimento de massas. Tal abordagem tem como objetivo esclarecer pontos obscuros no debate sobre os desdobramentos que impactaram significativamente a SIM observando-se sua relação com a esfera política local.

Uma das lacunas centrais na historiografia sobre a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos diz respeito em especial ao recorte cronológico entre as décadas de 1930 e 1940. As duas primeiras décadas de atuação da SIM, de 1928 a 1949, têm sido negligenciadas pelos estudos sobre a organização islâmica⁸⁴, concentrados em explorar os desdobramentos após 1954, ano em que o grupo entrou na ilegalidade e nela permaneceu pelas cinco décadas seguintes. Por outro lado, os estudos que focalizaram o período cronológico tratado neste trabalho deslocaram para segundo plano a complexidade dos processos históricos mais amplos, que se mostram fundamentais para a consolidação do grupo. O foco prioritário residiu em sua estrutura interna ou em sua ideologia –aqui entendida em sentido amplo, como conjunto organizado de ideias e representações.

Estas observações valem para Richard P. Mitchell (1969), que deixou de considerar o acirramento dos conflitos políticos no Egito durante a primeira metade do século XX, além de carecer de embasamento documental para muitas de suas afirmações, acrescentado de claro viés orientalista, no sentido conferido ao termo por Edward W. Said. Por sua vez, James Heyworth-Dunne (1950) concentrou-se em fornecer suas opiniões sobre Hasan Al-Banna, fundador da SIM, que conheceu pessoalmente, e sobre a organização islâmica propriamente dita, em uma obra considerada mais um testemunho e uma análise pessoal.

⁸⁴ Entre os referidos, encontram-se os de Carrie Rosefsky Wickam (2002), Ziad Munson (2008), Barbara Zollner (2009) e Gudrun Krämer (2010).

Já o estudo de Brynjar Lia, apesar de abranger parte do período abordado por esta tese, apontou a relevância da organização interna e dos padrões de recrutamento da SIM, deixou de lado as influências do entorno político, econômico e social que alavancaram a expansão do grupo e que tiveram papel incontestado na moldagem do seu discurso. Entretanto, a importância dos elementos organizacionais da SIM para sua consolidação como um dos principais movimentos de massa do mundo árabe e islâmico também é levada em consideração nesta tese.

Ignorar ou dar pouca ênfase aos aspectos exógenos têm prejudicado o entendimento de questões importantes sobre as primeiras décadas da organização islâmica egípcia, como seu silêncio entre os anos de 1942 e 1944, durante o governo do partido nacionalista Wafd, e na fase de forte mobilização no pós-II Guerra Mundial. Por esta razão, considero essencial o entendimento das principais rupturas sofridas pela sociedade egípcia desde meados do século XIX até os primeiros anos do século XX, que torna possível compreender questões relativas à expansão da SIM como movimento de massas nas décadas de 1930 e 1940.

1.1. As principais rupturas no século XIX

O século XIX e o início do século XX foram palco de mudanças estruturais que provocaram rupturas e desdobramentos, os quais atingiram a sociedade e refletiram no cenário político do Egito. Essas transformações foram provocadas pelo entrelaçamento de forças endógenas, motivadas em grande medida por mudanças políticas, sociais e econômicas, e exógenas, em especial advindas de ocupações estrangeiras, como a francesa, a partir de 1798, e a britânica, que exerceria ingerência prolongada em assuntos internos do Egito, mesmo antes do desembarque de suas tropas ao país, em 1882.

As forças endógenas tiveram papel primordial ao motivar uma completa reforma na estrutura política, econômica e social egípcia, tendo como catalizador no período moderno a ascensão de Muhammad 'Ali em 1805. Sua influência se desenrolou para além dos seus mais de quarenta anos de

governo, que prolongou-se até 1848. O albanês Ali foi enviado ao Egito como oficial do Exército otomano em missão militar de defesa contra a invasão liderada por Napoleão Bonaparte, pois o território egípcio era uma província pertencente à Grande Porta. As vitórias conquistadas no campo de batalha e os avanços militares para além das fronteiras egípcias pelas tropas de Muhammad 'Ali trouxeram maior autonomia ao Egito dentro do Império Otomano. Ao mesmo tempo, este governante que vinha do exterior eliminou as forças de oposição interna ligadas ao antigo regime mameluco, sedimentando o caminho para que as mudanças promovidas por ele não encontrassem barreiras ou forças de resistência⁸⁵.

Sob o governo de Muhammad 'Ali, apesar da permanência da forte ascendência turco-circassiana, a administração sofreu inovações como a arabização da administração⁸⁶, a grande centralização do governo, a expansão econômica e militar e o investimento em educação pública secular⁸⁷. Um dos resultados de tais medidas foi o surgimento de uma nova e fortalecida elite nativa, que adquiriu novos conceitos de autoridade e poder, que se distanciavam dos ideais islâmicos dos tempos do domínio mameluco, aproximando-se, cada vez mais, de uma visão secular próxima da europeia⁸⁸.

A estabilidade que caracterizou o período de Muhammad 'Ali foi perdida durante o governo de seu neto, o quediwa Isma'il, que obteve o título em troca de pagamentos anuais aos otomanos –o que também implicava menos ingerência do poder central. Sob seu regime, iniciado em 1863, o país entrou em colapso financeiro devido aos gastos provocados por uma série de obras de grande envergadura, como a reurbanização do Cairo, a abertura de canais de irrigação, pontes, pavimentação de ruas, iluminação pública, novos palácios, casa de ópera na capital –aberta para a inauguração do Canal– e até o pagamento de débitos para a Companhia do Canal de Suez⁸⁹. O governante endividou o país ao ponto de não possuir meios para quitar sequer os juros da

⁸⁵ MARSOT, 1977, p. 63.

⁸⁶ Marsot usa a expressão arabização para inferir que a elite nativa egípcia foi incluída por Muhammad 'Ali, mesmo que ele não estivesse consciente disso –ele mesmo não se comunicava em árabe.

⁸⁷ Ibid., p. 65.

⁸⁸ MARSOT, Afaf Lufti Al Sayyid. Religion or opposition? Urban protest movements in Egypt. In: **International Journal of Middle East Studies**. Cambridge, n. 16, 1984, p. 541-552, p. 544.

⁸⁹ MARSOT, 1977, p. 80-81.

dívida. Ao tentar encontrar uma forma para resolver o problema financeiro, Isma'il instalou, pela primeira vez no Egito, um Parlamento.

A casa era integrada somente por grandes proprietários de terras, convocados para compartilhar a resolução dos principais problemas do país. Contudo, a empreitada se mostrou pouco útil para os propósitos do falido governante, sendo o principal deles arrecadar dinheiro para o pagamento das dívidas através da cobrança de impostos⁹⁰. A ideia era ter a elite local como principal contribuinte para o pagamento dos débitos egípcios. Como ela era maioria no Parlamento, a questão foi deixada de lado.

Isma'il apelou para as grandes potências europeias, entre elas o Reino Unido, que propuseram o envio de um interventor para administrar as finanças do país. Porém, como o governante se recusou a colocar em prática o plano elaborado por sua equipe para obter solvência, viu-se obrigado em 1879 a se afastar do cargo pelo próprio Parlamento que havia criado e, que, por sua vez, estava sofrendo pressão do controlador da dívida, Sir Evelyn Baring –mais tarde conhecido como Lorde Cromer–, que também era um dos maiores credores da dívida egípcia⁹¹. Mesmo com a ascensão de seu filho, Tawfiq, a pressão não diminuiria.

As transformações de origem exógena foram marcadas pela expansão da influência econômica e política britânica no país, provocadas pela invasão do Egito, em 1882. A ocupação foi justificada em nome de uma colaboração com Tawfiq a fim de conter a Revolta 'Urabi⁹² e defender os interesses dos cidadãos estrangeiros, diante de uma suposta ameaça apresentada pelo movimento nacionalista. Todavia, na realidade, os interesses econômicos e estratégicos britânicos se mostraram os verdadeiros propulsores da chegada e da prolongada permanência estrangeira, o que se explicitou ao longo de todo o século XIX e meados do século XX.

Uma das principais razões do interesse britânico estava ligada à indústria têxtil, um importante pilar econômico do Reino Unido na conjuntura da

⁹⁰ MARSOT, 1977, p. 82.

⁹¹ VATIKIOTIS, P.J. **The History of Egypt**. From Muhammad Ali to Mubarak. Third Edition. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1985, p. 129.

⁹² A Revolta 'Urabi (1879-1882) foi um movimento organizado por oficiais do exército egípcio que de início tinha características nacionalistas, mas que passou a se preocupar com a melhora nas relações com a Grande Porta e com os controladores da dívida do país (Ibid., p. 141-142).

Guerra de Secessão Americana (1861-1865), que interrompeu o cultivo intensivo do algodão no sul dos Estados Unidos, provocando a escassez do insumo básico para as fábricas têxteis de Lancashire e a consequente crise no setor. O Delta egípcio, que produzia algodão de boa qualidade vendido a preços baixos, passou a ser o novo fornecedor, o que fez aumentar ainda mais a disposição britânica de estender seu domínio em território egípcio.

Atento a esta oportunidade, o quediwa Isma'il havia intensificado a produção de algodão, transformando o país em uma espécie de "*plantation*" do Reino Unido, redistribuindo parte das terras aráveis entre seus oficiais e familiares. Com investimentos em construção de barragens, os britânicos criaram condições para a implantação de um sistema intensivo de irrigação em cerca de 15% da área de cultivo, com um significativo aumento do consumo de fertilizantes, interferindo no sistema tradicional de irrigação, além de provocar surtos de malária⁹³. Não é demais ressaltar que os investimentos realizados com o objetivo de aumentar a produção agrícola tornaram a vida do trabalhador rural ainda mais árdua, aumentando o incentivo para a migração para os centros urbanos, em especial para o Cairo. Além disso, esta operação aumentou a concentração de riqueza nas mãos dos poucos que detinham a propriedade da terra.

Outro fator que indica o interesse estratégico do Reino Unido no Egito é o Canal de Suez, que se tornou mais crucial para o projeto imperial do país, aumentando ainda mais sua importância nas décadas subsequentes, sobretudo durante a II Guerra Mundial. A passagem entre os mares Mediterrâneo e Vermelho encurtava e tornava mais segura a viagem para a Índia, a "joia da Coroa"; facilitava o acesso aos mercados consumidores de seus produtos; encurtava a comunicação com a Malásia, importante colônia extrativista durante o ciclo da borracha; permitia maior controle da passagem de navios no estreito para conter inimigos atuais e futuros. Além disso, a descoberta e exploração do petróleo na Península Arábica, nas cinco primeiras décadas do século XX, transformou o canal na principal porta de acesso de petroleiros para a Europa. Ou seja, o interesse no controle do canal aumentou ainda mais no período e, em particular, durante a II Guerra Mundial.

⁹³ MITCHELL, Timothy. **Rule of Experts**. Egypt: Techno-Politics, Modernity. Berkeley: University of California Press, 2002, p. 62 e 188.

1.2. A revolução nacionalista de 1919 e a independência parcial

Até 1950, as mudanças viriam essencialmente do seio da sociedade egípcia, em especial da elite nativa que recebeu incentivos para participar do cenário político e administrativo, sobretudo por meio do processo de arabização, do investimento no setor educacional secular promovido por Muhammad 'Ali e pela implantação do Parlamento sob Isma'il. A maior dessas forças foi o movimento nacionalista instituído por profissionais liberais e membros do Parlamento –muitos deles grandes proprietários de terras–, que culminaria com a Revolução de 1919.

Antes da I Guerra Mundial, o Egito se encontrava sob uma situação particular: era uma província autônoma sob o Império Otomano ao mesmo tempo em que era ocupada por tropas britânicas. No início do conflito, o Reino Unido declarou o país como seu protetorado, estabelecendo um regime colonial. Com o fim do conflito, além do descontentamento com a ocupação britânica, havia uma expectativa local de autodeterminação em função das possibilidades abertas pelas discussões instituídas pela Conferência de Paz de Paris e pelos ideais propalados através dos *Fourteen Points*⁹⁴, com o objetivo de encerrar séculos de domínio estrangeiro no Egito⁹⁵.

Essa expectativa se formalizou em um encontro, no dia 13 de novembro de 1918, dois dias após o armistício, entre um grupo de políticos egípcios, liderados pelo advogado, parlamentar e ex-ministro da Educação Sa'd Zaghlul (1858-1927) e o Alto-Comissário, Sir Reginald Wingate, a maior autoridade britânica no país. O grupo expressou o desejo “em nome de todo o povo egípcio” de participar da Conferência de Paz, realizada após o encerramento de I Guerra Mundial em Paris para, assim como sírios, cipriotas (entre outros) defender sua autodeterminação. Diante da resistência britânica, os líderes insistiram em pelo menos viajar a Londres a fim de discutir uma solução. Zaghlul envolveu a população egípcia, promovendo uma campanha pública

⁹⁴ O presidente norte-americano Woodrow Wilson em seus “catorze pontos” defendia, entre outros, a autodeterminação dos povos e a democracia.

⁹⁵ DALY, M. W. The British Occupation, 1882-1922. In: _____. (edited) **The Cambridge History of Egypt**. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2, 1998, p. 239-251, p. 247.

nacional para pressionar as autoridades britânicas. Londres endureceu e deportou três líderes nacionalistas para a ilha de Malta, além de Zaghlul, Isma'il Sidqi Paxá e Mohammed Mahmud⁹⁶. O resultado foi a ira de milhares de egípcios que saíram às ruas do Cairo, Alexandria e outras das principais cidades do país para protestar contra o exílio dos líderes. Depois de liberado, o grupo formou uma delegação (*Wafd*, em árabe) a fim de defender os interesses dos egípcios na Conferência de Paz⁹⁷.

Profissionais liberais, trabalhadores urbanos e rurais, além de mulheres de todos os setores sociais, membros de minoridades étnicas e religiosas⁹⁸, ou seja, diferentes seguimentos da sociedade egípcia participaram da revolta que sucedeu-se, sustentada por grandes manifestações, greves e boicotes a partir de março de 1919. Os protestos também incluíram ataques a instalações de telégrafos e a linhas ferroviárias, propriedades de estrangeiros e de residentes pertencentes a minorias. Oito soldados britânicos, integrantes da força de segurança que sustentava a ocupação no Egito, foram mortos em confronto com a multidão no dia 18 de março de 1919. A revolta trouxe a perspectiva de perder o Egito, algo que estava à “beira de provocar pânico” entre membros do governo de Londres⁹⁹. Sir Milne Cheetham, Alto-Comissário interino, afirmou em telegrama enviado ao Foreign Office que aquela era a maior agitação já vista por ambos os lados, causando surpresa a todos.

Observadores egípcios e britânicos da mesma forma observam que a atual fase de agitação, se configurando nos bairros com atos de sabotagem e destruição, é diferente de qualquer distúrbio anterior, e Gaafar Paxá [*subsecretário de Estado do Ministério do Interior egípcio*], que se encontrou com líderes extremistas hoje, me informou que eles mesmos estão temerosos com o espírito com que as coisas chegaram. Em relação ao fanatismo, fui informado de que não existe nenhum perigo imediato.¹⁰⁰

⁹⁶ KIRK, George. **A short history of the Middle East**. From the rise of Islam to Modern Times. Northampton: John Dickens & Co, 1963, p. 132.

⁹⁷ MACMILLAN, Margaret **Paz em Paris, 1919**. A conferência de Paris e seu Mister de Encerrar a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 448-9.

⁹⁸ SHARAAWI, Huda. **Harem Years**. The memoirs of an Egyptian Feminist (1879-1924). London: Virago Press, 1986, p. 113, 118.

⁹⁹ MACMILLAN, op. cit., p. 449.

¹⁰⁰ FO 333, J 11524/86. Telegrama de Sir Milne Cheetham para o Foreign Office. Cairo, 16 de março de 1919. Tradução livre para: “British and Egyptian observers alike state that present phase of agitation, taking the form in districts of sabotage and destruction, is unlike any previous outbreak, and Gaafar Pasha [under-secretary of State, Ministry of Interior], who has seen extremist leaders to-day, informs me that they are themselves frightened at spirit which has been aroused. On point of fanaticism I am informed that no immediate danger exists”.

Apesar de reprimir duramente a Revolução de 1919, a tensão com o Egito se manteve nos anos seguintes, não permitindo que a revolta cessasse por completo. A violenta repressão contra manifestantes e líderes nacionalistas, por meio de grande número de prisões, foi completada por outras demonstrações de força, como a lei marcial. Vale lembrar que no início da I Guerra Mundial, usando-se o conflito como justificativa, o Egito passou a ser considerado um protetorado britânico. Mas sua implantação foi ainda mais rígida durante os distúrbios de 1919. A líder feminista Huda Shaarawi descreveu em suas memórias a violenta prisão de seu marido, um dos líderes do Wafd, e as crueldades da repressão britânica, além de destacar a participação das mulheres durante a revolta, apresentando um alargamento de sua participação, pouco observada naquela sociedade patriarcal local.

Nos bairros da classe trabalhadora, mulheres se dirigiam às suas janelas e varandas para aplaudir seus homens em demonstrações de solidariedade nacional. Algumas vezes, os soldados atiravam nas casas, matando e ferindo mulheres. Algumas eram atingidas pelas balas que atravessavam suas casas. A morte de Shafiqah bint Muhammad¹⁰¹, a primeira mulher morta por uma bala britânica, causou pesar em todos. Egípcios de todas as classes seguiram a procissão de seu funeral. Tornou-se foco de intenso luto nacional. Episódios como este, ao ocorrer um após o outro, não agradaram os britânicos. Eles desprezaram a solenidade das procissões funerárias, frequentemente dispersando os participantes e precipitando confrontos sangrentos.¹⁰²

Ao perceber a ineficácia da retaliação contra a insurgência, que resistia por meio de manifestações públicas e ações de sabotagem, o governo de Londres mudou de tática, emitindo uma declaração unilateral de independência do Egito, em 1922. Ao mesmo tempo fixou quatro pontos que ainda permaneceriam sob seu arbítrio: a defesa territorial do Egito; o controle das telecomunicações; a manutenção dos interesses da comunidade internacional

¹⁰¹ Uma viúva de 28 anos que foi enterrada com a bandeira do Egito e se tornou uma espécie de mártir do movimento nacionalista.

¹⁰² SHARAAWI, 1986, p. 118. Tradução livre para: "In the working class quarters, women went to their windows and balconies to applaud their men in displays of national solidarity. Sometimes soldiers fired at the houses, killing and wounding women. Some were hit by the bullets that pierced the walls of their houses. The death of Shafiqah bint Muhammad, the first woman killed by a British bullet, caused widespread grief. Egyptians of all classes followed her funeral procession. It became the focus of intense national mourning. Events like this, coming one after another, did not please the British. They disregarded the solemnity of funeral processions, often scattering the mourners and precipitating bloody confrontations."

no país por meio da continuação das impopulares Cortes Mistas¹⁰³; e o modo como o Sudão seria governado, isto é, por um consórcio anglo-egípcio. O cenário pouco mudou: a independência foi decretada, mas não se concretizaria por completo, pois os britânicos ainda mantiveram o controle de seus principais interesses.

Dessa mesma forma, a situação colonial se manteve, produzindo, como definiu Georges Balandier, efeitos por meio do jogo de três forças “(...) associadas historicamente e vividas como sendo conectadas por parte daqueles que as sofrem –a ação econômica, a administrativa e a missionária”¹⁰⁴. Esta chave de análise permite identificar que, em última instância, o comércio e as atividades missionárias cristãs, condicionando a dimensão social e política, além de alimentar a ação ideológica, justificaram o uso da força física na contenção da Revolução de 1919 e nos protestos que se seguiram nos anos seguintes. Além disso, o Reino Unido manteve um forte aparato militar durante e após a I Guerra –o mesmo vale para a II Guerra Mundial. Essas mesmas circunstâncias não mudaram após a independência. Os britânicos mantiveram o uso da força, assim como o monopólio da nomeação dos altos cargos do aparato de segurança policial, defesa das fronteiras e demais interesses estratégicos.

No que concerne à formação e à difusão de movimentos sociais, o surgimento de oportunidades políticas como desdobramentos nesses novos contextos políticos acabaram por se constituir em incentivos à ação coletiva. O principal resultado direto da independência foi o estabelecimento da Constituição de 1923. Sua promulgação proporcionou uma abertura política, dando maior acesso ao poder a um mais abrangente e diverso número de atores no sistema eleitoral egípcio. Antes, apenas uma elite essencialmente agrária tinha direito ao voto, que foi estendido a todos os homens acima de 21 anos.

Ao ter em vista este contexto histórico, é possível identificar que o surgimento de novas oportunidades políticas, como o alargamento da

¹⁰³ O sistema de Cortes Mistas foi implantado em 1875 pelo quediva Isma'il com o objetivo de julgar contendas entre egípcios e estrangeiros. Os conflitos entre os últimos se resolviam por meio das Capitulações, pois os estrangeiros não estavam sujeitos nem às leis nem ao sistema de impostos locais.

¹⁰⁴ BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 3, 1993, p 110.

participação política a novos atores, foi um dos elementos responsáveis pelo surgimento e, em especial, pela expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos. O movimento, fundado em 1928, teve seu auge entre o final dos anos 1930 e meados da década de 1940, período de abertura política caracterizado, em especial, pela realização de mais de uma dezena de eleições, com participação popular e disputa efetiva entre partidos políticos.

A promulgação da Constituição de 1923 –primeira consequência concreta da independência no campo político– ativou o confronto, abrindo mais oportunidades políticas para a ação coletiva. Segundo Tarrow, quando essas oportunidades encontram-se fechadas, com frequência atores racionais não atacam seus oponentes de maneira organizada. Mas, quando estes mesmos atores conquistam acesso parcial à participação política, encontram um incentivo para o confronto. Ou seja, como tem ocorrido –em geral– com sistemas não-democráticos, ao abrir espaços de acesso ao poder, os atores ficam mais suscetíveis a ativar o embate. A maior expressão do alargamento do acesso ao poder eram as eleições, “um guarda-chuva sob o qual novos competidores frequentemente são formados”¹⁰⁵.

Entretanto, a abertura era parcial. Enquanto o período do protetorado envolveu controle direto, a declaração de 1922 marcou um retorno aos métodos imperiais de controle informal¹⁰⁶. Os chamados *Reserved Points*¹⁰⁷ nas três décadas seguintes expuseram claramente as limitações à independência recém-declarada e se tornaram parte fundamental das relações, não raro, amargas entre britânicos e egípcios.¹⁰⁸ Houve, portanto, a transição de um sistema colonial iniciado com a declaração de que o Egito passaria a ser um protetorado inglês, em 1914, para um novo sistema, marcado pela independência parcial concedida em 1922. Este novo sistema instaurado, por vezes chamado de neocolonial, manteve algumas características anteriores, ao mesmo tempo em que trouxe novos elementos como maior liberdade administrativa e política, em virtude do afastamento de alguns funcionários

¹⁰⁵ TARROW, 2007, p. 77-8. Tradução livre para: “Elections are an umbrella under which new challengers are often formed”.

¹⁰⁶ DALY, 1998, p. 251.

¹⁰⁷ Itens sob reserva.

¹⁰⁸ Ibid., p. 250.

britânicos do governo. Em poucas palavras: era uma independência meramente nominal.¹⁰⁹

Por isso, os episódios de violência, tendo como alvo os estrangeiros e egípcios vistos como antinacionalistas, continuaram a ocorrer. Entre 1922 e 1924, foram assassinados pelo menos quatro cidadãos britânicos e dois egípcios, sendo que as vítimas tinham alguma relação com a contínua dominação estrangeira no país, apesar da declaração de independência. Em 1924, após uma esmagadora vitória do Wafd nas urnas, o partido nacionalista conseguiu abrir negociações com o recém-empossado Partido Trabalhista na Grã-Bretanha para obter mais concessões. As negociações não prosperaram e a relação entre ambos tornou-se mais tensa com o assassinato do comandante militar britânico no Sudão (Sirdar), sir Lee Stack. Ao ser associado pelos britânicos ao assassinato, o governo wafdisto foi dissolvido¹¹⁰.

À queda do Wafd seguiu-se um período de participação mais ativa do rei Fu'ad na política do país, com a dissolução do Parlamento. Desde o estabelecimento do novo sistema político, em 1922, o Egito passou a contar com um rei –Fu'ad que faleceu em abril de 1936 e foi sucedido por seu filho Faruq– e duas câmaras legislativas: uma câmara baixa, eleita indiretamente pelo sufrágio masculino universal e uma câmara alta, mista, em que dois quintos de seus membros, incluindo o presidente, eram indicados pela Coroa¹¹¹.

A Constituição de 1923 concedeu ao monarca amplas prerrogativas, como o poder de escolher o primeiro-ministro; dissolver gabinetes; prorrogar ou sustar legislaturas; e decidir a prorrogação (ou não) das leis¹¹². Esses amplos poderes provocaram inúmeros conflitos entre Faruq e o Parlamento, o que abriu espaço para uma divisão na elite. Entretanto, se o rei era capaz de alijar quem quisesse do poder, ele mesmo não obteria legitimidade para manter seus

¹⁰⁹ O historiador britânico M. E. Yapp usa o eufemismo “neoindependência” para caracterizar a situação criada pelos pontos sob reserva. (YAPP, M.E. **The Near East since the First World War**. London: Longman, 1991, p. 52 e BOTMAN, Selma. *The Liberal Age, 1923-1952*. In: DALY M. W. (edited), **The Cambridge History of Egypt**. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. vol. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 285-308, p. 286)

¹¹⁰ KIRK, 1963, p. 166-7.

¹¹¹ BOTMAN, op. cit., p. 286.

¹¹² BAAKLINI, Abdo; DENOEU, Guilain; SPRINGBORG, Robert. **Legislative politics in the Arab World**. The resurgence of democratic Institutions. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1999, p. 223.

aliados por muito tempo, pois as eleições geralmente eram ganhas por seu maior oponente –o Wafd. Deste modo, com frequência, o Egito foi governado sem consulta ou intervenção do Parlamento¹¹³.

A transição no sistema político egípcio ainda não havia se consolidado, pois ainda havia uma disputa em torno de uma revisão acerca da extensão do direito ao voto. Membros do partido Constitucionalista Liberal, mais ligado à elite agrária, e do Wafd –até então um partido liderado pela elite urbana– entraram em desacordo em torno do assunto em 1925, com vitória dos últimos, que conseguiram manter de fora restrições de idade e de bens aos aptos a votar. Se tais restrições se mantivessem, haveria uma diminuição estimada em até 15% no número de eleitores¹¹⁴, o que prejudicaria diretamente o popular Wafd. E não foi somente em torno da lei eleitoral que houve discórdia. Outras questões, como a da identidade nacional, das fronteiras territoriais, dos direitos civis e políticos e da supremacia da lei civil sobre a religiosa, foram debatidas¹¹⁵. Sobre os pontos de fricção, a explicação de Tarrow é pertinente: com o maior acesso à participação, o sistema político se tornou mais suscetível para que as disputas fossem ativadas, isto é, cada novo espaço produziu novas oportunidades, possibilitado o embate de diversas forças políticas¹¹⁶.

1.3. O cenário político interno na década de 1930

Há controvérsias sobre o que se passou no cenário político egípcio entre os anos de 1923, que marca a promulgação da nova Constituição, e 1952, ano em que ocorreu o golpe de Estado promovido pelos Oficiais Livres. Segundo a célebre expressão da historiadora egípcia Afaf Lufti Marsot, houve um “experimento liberal”, uma tentativa de estabelecer um governo constitucional, instituir representação e partidos políticos, inclusive os que apresentassem

¹¹³ YAPP, 1991, p. 53.

¹¹⁴ WHIDDEN, James. The Generation of 1919. In: GOLDSCHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) **Re-Envisioning Egypt**. 1919-1952. Cairo: The American University of Cairo, 2005, p. 19-45, p. 28. AZAB, Khaled; EZZAT, Mamoud; TAHER, Ahmed (comp. e edit.) **Egyptian People's Assembly**. Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2009, p. 34-5.

¹¹⁵ Ibid., p. 42.

¹¹⁶ TARROW, 2007, passim.

algum dissenso ao status quo, e liberdade de expressão¹¹⁷. Entretanto, devido ao excesso de restrições a que o “experimento liberal” estava submetido, a experiência foi “abortada”. Nessa perspectiva, Marsot considera surpreendente como o regime constitucional se sustentou durante essas três décadas. Cito: “Os nacionalistas obtiveram êxito, não em forjar independência total e completa, mas em implantar na juventude egípcia a visão de uma sociedade que a obtivesse e que desejasse obtê-la”¹¹⁸.

Se para a imensa maioria dos estudiosos, 1923 é um marco inicial, o mesmo não ocorre em relação ao marco final. Entre os que defendem que a II Guerra Mundial seja inserida como marco do fim do período, está P. J. Vatikiodis. O historiador britânico usa um termo parecido com o de Marsot, “experiência constitucional”, para o período entre 1923 e 1939. Ou seja, ele não inclui o conflito mundial como o faz a historiadora egípcia. Os chamados *Reserved Points* teriam provocado uma fase de crises na política doméstica egípcia, impedindo tanto o governo parlamentar como suas instituições de se “enraizarem”, prejudicando uma extensão dessa experiência. A guerra, por sua vez, teria interrompido a tentativa de se consolidar tal experiência. Já Marsot atribui maior importância à Revolução dos Oficiais Livres¹¹⁹ como baliza cronológica de encerramento, conferindo maior foco às questões endógenas do Egito.

No que se refere ao termo “experiência”, Vatikiodis a qualifica como própria das conjunturas em que sete eleições foram realizadas, sendo que todos os Paramentos eleitos foram dissolvidos antes do fim de mandato original de quatro anos. O contínuo conflito entre o rei e o Wafd, além das novas demandas britânicas em relação aos seus interesses estratégicos de guerra, trouxeram ainda mais pressão ao governo constitucional egípcio¹²⁰.

Albert Hourani também atribuiu importância ao início da II Guerra Mundial como uma baliza divisória na história do Egito, indicando o ano de 1939 como o final do que chamou de “período liberal”, que, para o autor, teve

¹¹⁷ MARSOT, Afaf Lufti Al Sayyid. **A History of Egypt**. From the Arab Conquest to the Present. Cambridge, Cambridge University Press, 2007 [1985], p. 97.

¹¹⁸ MARSOT, 1977, p. 249. Tradução livre para: “The nationalists succeeded, not in forging complete and total Independence, but in implanting in Egyptian youth the vision of such a future society and the desire to reach it”.

¹¹⁹ A revolução ocorreu em data que ultrapassa a baliza cronológica deste trabalho, portanto não será abordada com mais profundidade.

¹²⁰ VATIKIODIS, 1985, p. 271, 294-5.

início em 1798 com a invasão francesa. Referindo-se ao mundo árabe em geral e não somente ao Egito –apesar da ênfase dada ao país–, Hourani discorre sobre o encerramento do período fixando o ano de 1939. Para ele, a agitação provocada pela iminência da II Guerra Mundial foi um fator determinante para o fim do período, que também sofreu as consequências da urbanização acelerada, da industrialização, da difusão do uso dos meios de comunicação de massas e da ampliação da rede educacional¹²¹.

Mesmo sem consenso sobre a baliza cronológica do período e a própria denominação dada ao mesmo, há de se observar que o termo liberal e a inclusão da década de 1930 são comumente incluídos. Tal fato demonstra que há fortes indicações de que este período, particularmente entre 1935 e 1939, foi marcado pela ampliação de liberdades, como as de expressão e manifestação, abrindo oportunidades para a mobilização política de novos atores, tanto através de movimentos sociais como de partidos políticos. Também indicou menores constrangimentos para a ação de novos desafiantes.

As análises expostas ignoram as contrações ocorridas no cenário político interno egípcio, em particular, o período autoritário da primeira metade da década de 1930, o que conferiu outros contornos à dita “experiência liberal”. Em 1930, Isma’il Sidqi Paxá assumiu o governo como primeiro-ministro e logo dissolveu o Parlamento, postergou as eleições legislativas e aboliu a Constituição de 1923. Em seu lugar, promulgou uma nova Carta com o objetivo de neutralizar a ascensão do Wafd, que havia sido vencedor das últimas eleições com uma boa margem, dando ainda mais poderes ao seu novo gabinete e ao rei Fu’ad, de quem era aliado.

O regime de Sidqi, o mais longo período de governo regido por decreto desde 1922, colocou em prática um padrão de coerção governamental replicado pela oposição em forma de violência, se entrincheirando na vida política egípcia¹²². Foi como uma válvula de escape em um sistema sob pressão de vários lados e com pouca margem para distensão. Entre as pressões estava a recusa do Wafd em ser colocado na oposição, apesar de ter

¹²¹ HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal 1798-1939**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 355 e 13.

¹²² MARSOT, 2007, p. 109. Tradução livre para: “Violence became entrenched as part of political life. A greater element of unscrupulousness entered political life and any means were justified for the end of seizing and retaining control of government”.

sido vitorioso no pleito, a animosidade entre a população e o rei, responsável pela designação de um autocrata impopular como primeiro-ministro. Imperava a luta do poder pelo poder entre os principais atores políticos.

*O fosso entre os governantes e os governados se ampliou. Enquanto as classes dominantes viram o governo como um prêmio pelo qual os vários partidos disputavam, as pessoas passaram a ver os partidos como representantes de nada mais do que os interesses adquiridos de sua própria classe social.*¹²³

A insatisfação não vinha somente de uma crise política, mas, sobretudo, da crise econômica decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929, que também atingiu o Egito e provocou turbulência social na década seguinte. A renda per capita anual, entre 1930 e 1933, caiu para 8 libras, quatro a menos do que a média registrada em 1913¹²⁴. O fluxo de caixa das empresas estrangeiras no Egito, segundo relatório britânico sobre o Orçamento Egípcio para 1936-37¹²⁵, tinha sido afetado pela Grande Depressão, provocando desemprego e diminuindo a perspectiva de mudança no cenário econômico. Ao mesmo tempo, o maior acesso à educação, outra consequência da Constituição de 1923, trouxe mais demanda – não acompanhada pela oferta – por empregos mais qualificados aumentando a insatisfação, particularmente entre os estudantes¹²⁶. A falta de apoio e a aquiescência do rei Fu'ad acabaram por levar o governo Isma'il Sidqi Paxá ao colapso.

De acordo com o historiador egípcio Ahmed Abdalla, o novo gabinete de Muhammad Tawfiq Nassim Paxá (1933-1935) abriu o caminho para uma renovada onda de inquietação política. As agitações que se seguiriam tinham

¹²³ MARSOT, 2007, p. 109. Tradução livre para: “The gap between the rulers and the ruled widened. While the ruling classes came to see government as a prize for which the various parties struggled among themselves, the people came to see the parties as representing nothing more than vested interests and their own social class.”

¹²⁴ Ibid, p. 108.

¹²⁵ FO 407/219, J 6791/380/16: relatório sobre o Orçamento Egípcio para 1936-7 de Lorde Lieutenant A. Hugh Jones (então conselheiro para assuntos financeiros) para o Anthony Eden. Cairo, 16 de julho de 1936.

¹²⁶ Ibid. O autor do relatório acrescenta: “Egyptians do not appear to have realized that at least one cause of the present blackcoat unemployment has been acceleration of the educational output at a time when the flow of foreign capital towards Egypt has slowed up. When this flow is reversed and foreign enterprise is muzzled, it is not difficult to foresee the moment when the unemployed ex-student will be a social menace infinitely more grave than he is to-day [sic].”

os estudantes como fomentadores mais organizados – a própria força numérica dos alunos de escolas secundárias e universitários estimulou o fortalecimento do ativismo estudantil. Suas principais demandas eram a flexibilização da permissão para manifestações, providências efetivas contra a crise econômica e a melhora das perspectivas de emprego¹²⁷.

A questão que seria o pivô dos grandes protestos de 1935 protagonizados pelos estudantes seria a discussão em torno de uma nova Constituição. O novo primeiro-ministro aboliu a carta de 1930, instituída por Sidqi Paxá, vista como ditatorial, e começou a trabalhar, sob a pressão britânica, em sua reformulação. Os estudantes e o Wafd defendiam a volta da Carta de 1923 –apesar de o partido nacionalista ter sido contra sua promulgação por discordar, especialmente, de itens como o excesso de poder conferido ao rei.

O debate a respeito desta questão se inflamou com uma declaração de sir Samuel Hoare, ministro de Relações Exteriores britânico. Hoare admitiu, em 9 de novembro de 1935, que a Constituição de 1930 era “impopular”, mas a de 1923 era “impraticável”¹²⁸. A declaração, de acordo com Abdalla, transformou a atmosfera política no Egito em palco de uma série de protestos. “Veio à tona como uma demonstração adicional da hegemonia britânica e enfureceu os estudantes do país; dessa forma, fez mais para incitar as reações estudantis do que seria pressuposto por suas implicações constitucionais”¹²⁹. A partir do episódio, grupos de estudantes secundaristas e universitários passaram a realizar manifestações que se estenderam entre novembro e dezembro no Cairo e resultaram na morte de pelo menos dois deles, atingidos por tiros da polícia. Os protestos surtiram o efeito desejado por aqueles que se mobilizaram: em 12 de dezembro de 1935, um decreto real restabeleceu a Constituição de 1923¹³⁰. A mobilização estudantil também teve como consequência a formação de uma Frente de União Nacional –que, presidida

¹²⁷ ABDALLA, Ahmed. **The Student movement and National Politics in Egypt, 1923-1973**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008, p. 37.

¹²⁸ Ibid., p. 40-41.

¹²⁹ Ibid., p. 41. Tradução livre para: “It came as an additional demonstration of British hegemony and infuriated the country’s students; as such, it did more prompt student reactions than was warranted by its purely constitutional implications”.

¹³⁰ BOTMAN, 1998, p. 294.

por Mustafa el Nahas Paxá, líder do Wafd, negociaria e firmaria o Tratado Anglo-Egípcio em 1936.

Em maio de 1936, após vitória nas urnas, o Wafd voltaria a formar um novo gabinete, com Nahas Paxá como primeiro-ministro. Em novembro do mesmo ano, os estudantes que se opunham ao governo do Wafd marcharam em diversas ocasiões, demandando mais oportunidades de emprego e meios para tanto, como a obrigação do uso do árabe como língua oficial em bancos e em empresas estrangeiras lotadas no Egito¹³¹. O descontentamento também passou a ser canalizado pela oposição contra o partido nacionalista no poder, em especial pelo *Misr al-Fatat* (Jovem Egito), formado em 1933 essencialmente por secundaristas e universitários¹³², mas que se sustentou durante muitos anos em torno da figura de seu líder, Ahmad Hussein. Segundo informe de Miles Lampson ao Foreign Office, o Wafd, então popular entre estudantes, estava perdendo seu apoio – provavelmente para o *Misr al-Fatat*.

Essas frequentes manifestações de desaprovação entre os estudantes podem refletir uma preocupação genuína da juventude egípcia em relação às escassas perspectivas de emprego. Contudo, há poucas dúvidas de que elementos da oposição estão sendo rápidos em explorar quaisquer fatores de descontentamento estudantil com vistas a virar os estudantes contra o Wafd.¹³³

A descrença com o sistema partidário e a liberalização pós-governo Sidqi abriram nichos para a mobilização política de novas forças, como os movimentos sociais, caso da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos; grupos de estudantes; e também para militantes dos partidos. Este gabinete foi marcado pela atuação ditatorial e repressiva, pois governava por meio de decretos.

¹³¹ FO 407-219, J 8885/2/16: telegrama de Sir Miles Lampson para Anthony Eden; Cairo, 26 de novembro de 1936.

¹³² ABDALLA, op. cit, p. 52.

¹³³ FO 407-219, J 8885/2/16: telegrama de sir Miles Lampson para Anthony Eden; Cairo, 26 de novembro de 1936. Tradução livre para: “These renewed manifestations of unrest among the students may reflect a genuine concern of Egypt’s educated youth regarding their poor prospects of employment. However, there can be little doubt that Opposition elements are quick to exploit any factors of student discontent with a view to turning the students against the Wafd. It may be mentioned in this connexion that a recent police report describes the formation by the National Student’s group (anti-Wafd) of the “League of the Patriot”, under the presidency of Mohammed Ali Allouba Pasha”.

Como lembra Eric Hobsbawm¹³⁴, no período entreguerras houve uma onda autoritária, em especial na Europa. Em muitas colônias, não liberais por definição, em que já havia ocorrido uma experiência constitucional, houve um afastamento dela, como foi o caso egípcio. Mas o governo de Sidqi foi desafiado sobretudo através de manifestações públicas organizadas por partidos ou movimentos sociais, como o *Misr al-Fatat*, que criou um grupo paramilitar, os Camisas Verdes (al-Qumsan al-Khadra') –que contraditoriamente também tinha inspiração facista. O grupo tornou-se uma grande preocupação para o novo governo. De acordo com informe produzido pela embaixada britânica enviado ao FO em maio de 1936:

... o grupo de camisas verdes, que tornou-se muito ativo entre os estudantes, estava se tornando mais e mais influente, e falava-se que eles eram supridos de pistolas e poderiam começar a praticar assassinatos políticos¹³⁵.

Com o objetivo de barrar a oposição aberta do movimento, o primeiro-ministro Nahas Paxá tentou declarar a ilegalidade dos Camisas Verdes através de um projeto de lei formulado pelo Ministério do Interior, que acabou sendo vetado pelo Departamento Jurídico. A solução encontrada pelo líder do Wafd foi apelar para o mesmo artifício, ou seja, criar o seu próprio grupo paramilitar, os Camisas Azuis (al-Qumsan al-Zarqa'). Segundo o relato do Alto-Comissário Miles Lampson, o novo grupo cresceu rapidamente, o que pode denotar que houve um investimento maciço do governo.

Esse movimento cresceu rapidamente e em poucas semanas; somente o grupo do Cairo já tinha número maior de integrantes do que os Camisas Verdes. O grupo então se espalhou por outras cidades e as províncias¹³⁶.

¹³⁴ HOBBSBAWM, 1995, p. 115. Dentre os países que tinham instituições democráticas em pleno funcionamento estavam Grã-Bretanha, Irlanda, Suécia, Suíça, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Estados Unidos, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia. No Brasil, uma oligarquia agrária foi substituída a partir de 1930 por um governo provisório, que daria início à chamada Era Vargas.

¹³⁵ FO 407/219, J 4415/2/16, Inclosure: de sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 16 de maio de 1936. Tradução livre parcial de: [...] the greenshirt group, which had grown very active amongst the students, were becoming more and more influential and it was said that they were being supplied with pistols and might start political murders [...].

¹³⁶ Ibid. Tradução livre para: "This movement grew very rapidly and within a few weeks the Cairo group alone had outnumbered the greenshirts. The movement then spread to the other cities and to the provinces".

Com maior liberdade de expressão e ação, o Wafd e o *Misr al-Fatat* – que não possuía representantes no Parlamento –, passaram a travar batalhas nas ruas, por meio de seus grupos paramilitares. Tal fato se coaduna com a observação de que em períodos de abertura política, quando há menos repressão, existe um impulso à disputa¹³⁷. Cada um dos partidos formou uma agremiação, claramente inspiradas nos Camisas Negras fascistas, tanto pelo uso de uniformes, como pela forma truculenta de abordar seus rivais políticos.

Os movimentos também causaram preocupação entre os britânicos, que temiam que os paramilitares se voltassem para uma resistência violenta contra suas tropas ou que até fomentassem uma revolta popular generalizada –é necessário ressaltar que aqui não há nenhuma indicação da participação da SIM nos conflitos. O embaixador Lampson acusou os Camisas Azuis de serem uma espécie de “Frankenstein”, por escaparem a qualquer tipo de controle, segundo relato enviado por telegrama a Anthony Eden, chefe do FO¹³⁸. Eden respondeu a Lampson em carta:

Acho que você deveria instigá-lo [o líder do Wafd] com insistência sob sua ordem a tomar medidas urgentes a fim de controlar este movimento para limitar suas atividades e, se possível, guiá-los para meios menos perigosos.¹³⁹

Ambos os movimentos foram extintos em 1938, um indicativo de que a pressão feita por Eden e Lampson pela extinção dos paramilitares deu certo. Afinal, não havia atores mais poderosos que tivessem interesse em encerrar as atividades dos dois grupos. Ao mesmo tempo, a própria cúpula dos dois partidos decidiu encerrar a atividade de seus paramilitares, com o provável temor de se tornarem grupos autônomos e/ou incontroláveis.

¹³⁷ TARROW, 2007, p. 72.

¹³⁸ FO 407/219, J 6289/2/16. Telegrama de sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 9 de julho de 1936.

¹³⁹ FO 407/219, J 8299/2/16. Carta de Anthony Eden para sir Miles Lampson. Londres, 10 de novembro de 1936. Tradução livre para: “I consider you should urge him with all the emphasis at your command to undertake early measures to control this movement, to limit its activities and, if possible, guide them into harmless channels”.

1.4. As divisões na elite política

Os desdobramentos ocorridos nas décadas de 1930 e 1940 deram aos atores políticos incentivos para o embate. Um desses desdobramentos ocorreu dentro da elite local, que havia se unido pragmaticamente na Revolta de 1919. Mas a abertura de novas oportunidades políticas trouxe suas divisões à tona. A promulgação da Constituição de 1923 possibilitou um acirramento da disputa dentro da elite, com três forças em conflito: os parlamentares, que eram essencialmente proprietários de terras, os britânicos, que ocupavam cargos como conselheiros nos ministérios da Justiça e das Finanças¹⁴⁰, e o rei¹⁴¹.

A historiadora Sandra Botman acrescenta nesta disputa a participação do Wafd¹⁴², partido secular criado em 1924 pelo principal líder da Revolução de 1919, Sa'd Zaghlul. O partido ganhou a primeira eleição e as demais nas quais participou nas duas décadas seguintes, mas não conseguiu concluir um único mandato. A interferência britânica por meio de controle indireto somada aos interesses particulares do rei foram decisivos para que nenhum gabinete liderado pelo Wafd conseguisse apoio político para governar. O Wafd foi beneficiado pela efetivação do direito ao voto universal masculino por meio da Constituição de 1923, pois contava com largo apoio popular, herdado em grande medida do carisma do líder nacionalista Sa'd Zaghlul. Sob o comando de Mustafa al Nahas Paxá, o partido passou a distanciar-se das demandas populares, passando a defender predominantemente interesses da elite, tanto rural como urbana. Eram nítidas as diferenças políticas entre o Wafd, demais parlamentares e o rei no Parlamento, mas todos eles compartilhavam interesses econômicos comuns, sobretudo em relação a questões como a reforma agrária.

Também é necessário enfatizar que o Wafd era o único partido que contava com uma ampla base popular de apoio. Tinha uma capilaridade extensa que fazia com que fosse o único com representantes em quase todo o território egípcio. Os outros partidos eram pouco mais do que “pequenos

¹⁴⁰ YAPP, 1991, p. 52.

¹⁴¹ Cargo ocupado por Fu'ad (1868-1936) até sua morte, em 1936, e por Faruq até sua abdicação em favor de seu filho, em 1952.

¹⁴² BOTMAN, 1998, p. 286.

grupos centrados ao redor de certas personalidades, sem qualquer princípio positivo aparente que não fosse a hostilidade ao líderes do Wafd”¹⁴³. Tal fato fazia com que tivesse mais meios de mobilização para pressionar os britânicos e o próprio monarca.

Para o Alto-Comissário sir Miles Lampson, o país tinha três eixos de estabilidade que ditavam “a direção dos destinos egípcios”: os britânicos, o rei e o Wafd, segundo relata a Anthony Eden¹⁴⁴ em informe sobre a morte do rei Fu’ad, em 28 de abril de 1936. Para ele, desaparecia um dos eixos dessa estabilidade.

A morte de Sua Majestade Rei Fu’ad I removeu um dos três fatores estabilizantes da imatura [sic] vida política no Egito. De seu sucessor [...] não se pode esperar que figure como um elemento direto de estabilidade, em nenhum sentido comparável, por pelo menos alguns anos, e uma responsabilidade mais pesada recai sobre as outras duas instituições que têm até agora dividido com o rei a estima popular e, de fato, a direção dos destinos egípcios.¹⁴⁵

Na verdade, as três forças citadas por Lampson eram as que disputavam as rédeas do poder no país e não conferiam estabilidade a ele. E, após a morte do rei Fu’ad, seu sucessor, seu filho Faruq, de apenas 15 anos, seria um elemento provocador de instabilidade e de divisão na elite. Faruq passou por período de regência entre maio de 1936 e julho de 1937, quando foi coroado. O novo monarca gozaria de um intervalo de popularidade conferida por sua juventude. Contudo, isso se perderia após seguidas ingerências na composição e gabinetes, e, em especial, pelo fracasso do Egito na guerra contra Israel em 1948.

O argumento de Botman¹⁴⁶ para justificar a importância do Wafd na disputa de poder é que ele era a única das principais forças do jogo político tradicional a contar com apoio popular massivo e, como Lampson demonstra

¹⁴³ KIRK, 1963, p. 168. Tradução livre para: “small groups centered round certain personalities without any apparent positive principles other than personal hostility to the Wafdist leaders”.

¹⁴⁴ FO 407/219, J 4127/2/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden, Cairo, 1 de maio de 1936.

¹⁴⁵ Ibid. Tradução livre para: “The death of His late Majesty King Fu’ad I removed one of the three stabilizing factors in the immature [sic] political life in Egypt. His successor [...] cannot be expected to count as a direct element of stability in any comparable sense for some years at least, and a heavier responsibility falls upon the other two institutions which have hitherto shared with the King, in popular estimation and, in fact, the direction of Egyptian destinies.”

¹⁴⁶ BOTMAN, 1998, p. 286.

em seu relato, era uma ameaça aos britânicos. Mas o poder do partido era mais limitado do que a autora sugere. Mesmo sendo o partido político mais popular do país e tendo vencido a maioria das eleições, o Wafd se manteve no poder por somente sete anos entre 1923 e 1952¹⁴⁷. Nestes 29 anos, apenas entre 1942 e 1944 governou com estabilidade, graças a uma aliança estratégica com os britânicos, uma verdadeira fonte de apoio do governo. A própria ascensão do gabinete wafdistas ocorreu somente após o embaixador britânico ameaçar o rei Faruq de deposição, caso não aceitasse o líder do Wafd, Mustafa al-Nahas Pashá, como primeiro-ministro. Este foi mais um episódio em que o Reino Unido utilizou o exercício da força física para defender seus interesses que estavam em jogo.

1.5 O cenário político externo (1935-9)

Se o cenário interno foi marcado por importantes mudanças na primeira metade dos anos 1930, na segunda metade o cenário externo trouxe impactos com consequências duradouras e marcantes para a conjuntura política egípcia. É possível considerar que a II Guerra Mundial provocaria desdobramentos profundos¹⁴⁸, mas, ao que tudo indica, para os africanos a guerra começou quatro anos antes, catalisando as principais transformações do período¹⁴⁹.

O avanço italiano na Etiópia e a dominação da vizinha Líbia precipitaram um acordo que vinha sendo almejado tanto por britânicos como por egípcios desde a negociação bilateral para a independência –que se encerrou com a declaração unilateral britânica. A operação militar na vizinhança chegou a provocar um importante fato político no Egito: a união de todos os partidos e movimento estudantil em torno de uma Frente Nacional para a discussão de um tratado, pacto que vinha sendo ensaiado desde a independência¹⁵⁰, e que seria firmado em 1936 sob a denominação de Tratado Anglo-Egípcio.

¹⁴⁷ BAAKALINI, DENOEU e SPRINGBORG, 1999, p. 223.

¹⁴⁸ HOURANI, 2005, *passim*, e VATIKIODIS, 1985, p. 342.

¹⁴⁹ REID, Richard J. **A History of Modern Africa: 1800 to the present**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 235.

¹⁵⁰ BOTMAN, 1998, p. 294.

As pretensões territoriais italianas foram vistas como uma ameaça às fronteiras do país e a segurança do território passou a ser um assunto da maior importância para o governo local, sobretudo pelo fato de o país não contar com um contingente militar razoável desde a Revolta 'Urabi, quando as tropas foram parcialmente desmanteladas, escolas militares foram fechadas e o alistamento para o serviço militar foi reduzido a um nível muito baixo. Além disso, tanto as armas como o treinamento eram de responsabilidade única de britânicos, que também ocupavam os postos de oficiais¹⁵¹. Este fato demonstrava a fragilidade egípcia na eventualidade de ter de se defender diante de uma invasão estrangeira e, ao mesmo tempo, a necessidade de garantir a segurança do território por meio de um acordo com Londres.

Do ponto de vista britânico, a Itália era uma ameaça a sua hegemonia no Egito. Ao mesmo tempo, a Revolta Árabe na Palestina, em 1936, trouxe a necessidade de uma base forte e bem estabelecida no Egito, no caso de uma intervenção armada na região. A grande expectativa e a grave preocupação na Europa protagonizada pela Alemanha¹⁵² também ameaçavam seus interesses e faziam com que o domínio do Canal de Suez¹⁵³, passagem de navios-tanque em direção à Europa, fosse ainda mais imperativo. Um acordo formal que garantisse o controle de fronteiras egípcias – algo que era apenas citado na declaração unilateral de independência – também se tornou uma importante demanda em caso de guerra.

O temor de uma eventual invasão italiana uniu vários atores da cena política egípcia após anos de desavenças sobre como seria seu formato e, inclusive, sobre a própria questão relativa a negociar um novo acordo. No dia 12 de dezembro de 1935, todos os partidos, inclusive o Wafd, se reuniram em uma Frente Unida. Liderados por Nahas Pashá, a frente informou ao então Alto-Comissário sir Miles Lampson estar disposta a retomar as negociações encerradas em 1930¹⁵⁴, a fim de buscar um acordo que garantisse, além da integridade territorial, termos mais favoráveis do que os apresentados na

¹⁵¹ VATIKIODIS, 1985, p. 372.

¹⁵² EVANS, Trefor E. Introduction. In: KILLEARN, Lord. **The Killearn Diaries (1934-1946)**. The Diplomatic and Personal Record of Lord Killearn (sir Miles Lampson) High Commissioner and Ambassador. London: Sidgwick and Jackson, 1972, p. 5.

¹⁵³ KILLEARN, Lord. **The Killearn Diaries (1934-1946)**. The Diplomatic and Personal Record of Lord Killearn (sir Miles Lampson) High Commissioner and Ambassador. London: Sidgwick and Jackson, 1972, p. 71-2.

¹⁵⁴ EVANS, op. cit., p. 61.

declaração de independência unilateral formalizada em 1922. A própria criação da Frente Unida e a volta das negociações do tratado demonstram que a movimentação de tropas italianas em terras africanas impulsionou importantes composições e processos no Egito, muito antes do início oficial da II Guerra Mundial.

O Tratado da Aliança Anglo-Egípcio foi por fim firmado em agosto de 1936. Com ele, o Egito passou a contar com seu próprio exército, que ao lado das tropas da Coroa Britânica deveriam defender conjuntamente as fronteiras do país por 20 anos, período renovável após o seu término. Porém, o tratado não significou mudanças reais para os egípcios. O número de soldados enviados por Londres foi limitado pelo tratado a 10 mil. Contudo, o número do contingente sempre excedeu o especificado e a polícia permaneceu sob o controle britânico¹⁵⁵.

Em carta confidencial de 16 de novembro de 1936 endereçada a Anthony Eden portanto, depois do acordo o embaixador Miles Lampson¹⁵⁶ salientou que a natureza da relação entre egípcios e britânicos era hierárquica. Entretanto, considerava que não tardaria a ser revestida de um caráter de amizade, sendo que os britânicos trocariam o papel de “mestres” pelo de “conselheiros”. Diz Lampson: “É verdade, [*agora a relação*] vai ser diferente, pois não haverá mais um fator de *prescrição*, mas será como um *conselho* amigo e útil”¹⁵⁷. O embaixador, contudo, se contradisse mais adiante, deixando claro ao seu interlocutor que o acordo pouco mudaria a interferência britânica no cenário político egípcio. “[...] Não posso ver nenhum governo egípcio que reiteradamente despreze nossos conselhos e perca nossa confiança poder almejar manter-se por muito tempo no poder”¹⁵⁸. Ou seja, além da pressão, a força continuaria a ser usada, como se veria com o cerco ao palácio do monarca em 1942.

¹⁵⁵ FO 407-219, J 8540/2/16. Telegrama de sir Miles Lampson para Anthony Eden; Cairo, 6 de novembro de 1936

¹⁵⁶ Com o tratado, Lampson deixou de ser Alto-Comissário e passou a ser embaixador da Grã-Bretanha no Egito.

¹⁵⁷ Os grifos são encontrados no próprio documento.

¹⁵⁸ Ibid. Tradução livre para: “True, it would be of a different kind, for there would no longer be an element of *dictation*, but rather of friendly and helpful *advice*”, e “I could not see any Egyptian Government which consistently disregard our advice and forfeited our confidence could ever hope to remain for long in office”.

Em relação aos *Reserved Points*, o Tratado Anglo-Egípcio tocou em apenas um dos quatro pontos –as Capitulações, que seriam gradualmente abolidas. Os demais pontos, quais sejam, os referentes às telecomunicações, o controle territorial e a forma de governar o Sudão, reconhecidos pelos egípcios como parte integrante do seu território, chamado de Vale do Nilo, continuariam sustentados pelos britânicos, agora com a anuência do governo do Egito. Portanto, por meio de um acordo firmado entre ambas as partes¹⁵⁹, a presença britânica no Egito foi legalizada pela primeira vez desde a ocupação de 1882. Se por um lado a proteção contra uma suposta invasão estava contemplada pelo Tratado Anglo-Egípcio, por outro provocou insatisfação¹⁶⁰, uma vez que o país não obteve a independência almejada nem o comprometimento britânico de que dentro de alguns anos a questão da desocupação total seria pelo menos levada à mesa de negociações.

Nesta nova fase, portanto, a preocupação com as tensões externas marcaram o cenário político egípcio, caracterizado pela preparação da logística militar britânica no país, visando o conflito mundial e, mais tarde, as batalhas na região localizada entre a Cirenaica, na Líbia, e o Delta egípcio. A tensão externa também justificou uma pressão interna dos setores mais conservadores da sociedade egípcia e tanto o monarca como outros partidos políticos se uniram para alijar o Wafd do poder. Esta manobra política se traduziu em eleições fraudulentas em 1938 e no afastamento do partido nacionalista Wafd do governo.

1.6 A II Guerra Mundial (1939-45)

Com a chegada da II Guerra Mundial, os interesses britânicos ficaram ainda mais claros e, como já ocorria, se impuseram frente aos egípcios. A influência de simpatizantes do Eixo na corte do rei Faruq como o conselheiro real Ali Mahir Paxá, e de italianos, como Antonio Pulli, funcionário e amigo do

¹⁵⁹ MARSOT, 1977, p. 188. Tradução livre para: “For the first time, since the occupation of 1882, Britain’s presence in Egypt had been rendered legal, and by virtue of an agreement with the Egyptian government.”

¹⁶⁰ BOTMAN, 1998, p. 296.

rei, era alvo de preocupação entre os britânicos, segundo revela telegrama enviado pelo embaixador sir Miles Lampson ao Foreign Office. Ainda de acordo com este telegrama, houve comoção entre a população egípcia causada pelo recuo das tropas aliadas na Cirenaica e pelos bombardeios alemães com vítimas civis fatais em Alexandria, duas outras frentes de instabilidade¹⁶¹.

Dessa forma, Londres concluiu que ao garantir um governo genuinamente contrário ao Eixo no Egito estaria se protegendo contra uma eventual rebelião interna patrocinada por simpatizantes da Itália e da Alemanha. Ambos os países mantinham contatos secretos com políticos importantes como Ali Mahir e com oficiais do Exército egípcio, como o coronel Anwar El-Sadat e o general Aziz Ali al Masri¹⁶². Ao mesmo tempo, o golpe infringido pelo general Rashid Ali al Gaylani, no Iraque, contra o governo apoiado por Londres, trouxe ainda mais insegurança para o domínio britânico no Egito¹⁶³. Com a vitória pendendo para o lado alemão, em 1941, muitos nacionalistas egípcios viram uma possível derrota britânica como uma possibilidade real de obtenção da independência total.

Sentindo-se fragilizado, o governo britânico precisava de um aliado que se empenhasse em conter os partidários do Eixo e fosse fiel à causa aliada. O Wafd, que até então era visto por Londres com desconfiança, passou a ser considerado a melhor opção de governo. O embaixador britânico, sir Miles Lampson, pressionou o jovem rei Faruq a aceitar um gabinete liderado pelo Wafd com uma demonstração pública de força usando tanques de guerra em cerco ao palácio real de Abdin, no Cairo, em 4 de fevereiro de 1942. Sem alternativas, Faruq aceitou a demanda de Lampson e Nahas Paxá se manteve na liderança do governo até a vitória aliada na II Guerra Mundial estar muito próxima.

A aliança entre britânicos e o popular partido nacionalista, em fevereiro de 1942, significou uma mudança radical de alinhamento político após décadas de embates. Este realinhamento é um dos quatro pontos essenciais para se entender a oportunidade política criada para que novos grupos como a SIM se

¹⁶¹ FO 371-31569, J 1049. Telegrama de Lampson para o Foreign Office. Cairo, 5 de março de 1942.

¹⁶² EL-SADAT, Anwar. **Revolt on the Nile**. London: Allan Wingate Ltd., Translated by Thomas Graham, 1957.

¹⁶³ Ibid., p. 34.

inserir na disputa política, além da abertura de acesso ao poder proporcionada pela Constituição de 1923, as clivagens entre as elites, ocorridas em especial na década de 1930, e o surgimento de aliados influentes.

O Wafd possuía popularidade e poderia conferir legitimidade a futuros entendimentos entre egípcios e britânicos. A fidelidade realmente se manteve mesmo após Nahas Paxá assumir o cargo. O embaixador escreveu em seu diário particular que manter o partido nacionalista no poder era “a melhor garantia de uma base militar estável”, referindo-se ao esforço de guerra britânico e às tropas estacionadas em território egípcio. E acrescentou: “... se houver a opção entre deixar o Wafd sair e usar a força, não deve haver dúvidas de que eles [os *comandantes-em-chefe britânicos Casey e Moyne*] devem escolher a última”¹⁶⁴. O partido se manteve no poder até outubro de 1944, quando não havia mais a ameaça de uma vitória alemã. Por isso, o rei Faruq obteve a autorização britânica para dissolver o gabinete wafdistas e formar um novo governo – o rei Faruq e o líder do Wafd, Nahas Paxá, mantinham uma contenda permanente.

A queda do governo liderado pelo Wafd foi seguida por uma crescente insatisfação popular por três razões. A primeira foi a forma como o Wafd ascendeu ao poder. Apesar de estar legalmente apto a formar um governo após a vitória nas urnas, o partido foi uma escolha imposta pelos britânicos. O ultimato feito pelo embaixador britânico Lampson ao rei Faruq, em 1942, se fez acompanhar por um humilhante cerco de tanques ao palácio real. Já a segunda razão foi a revelação, ainda em 1942, de esquemas de corrupção ligados a Nahas Paxá, líder do partido. Ele e sua família também foram acusados de ter um padrão de vida acima de seus rendimentos, denúncia feita por seu braço direito, Makram Ubayd Paxá, secretário-geral do Wafd e ministro das Finanças até ser demitido do governo. Por sua vez, a terceira razão dizia respeito às demandas populares não atendidas, como o estabelecimento de um salário mínimo, passando a provocar descontentamentos, em especial entre os setores que compunham a base social de apoio dos wafdistas, como

¹⁶⁴ KILLEARN, 1972, p. 252. Tradução livre para: “But if it came to a choice between letting the Wafd go and using force there could be no question that they [comandantes-em-chefe Casey e Moyne] must choose the former”.

trabalhadores rurais, funcionários públicos e universitários, muito embora tenha sido a SIM o movimento que se mostrava mais atraente para a ação coletiva¹⁶⁵.

Com o fim da II Guerra Mundial, os egípcios viram seus anseios de independência total e irrestrita se frustrarem uma vez mais. Ao mesmo tempo, a política interna, manipulada pelo rei Faruq, mostrou um claro retrocesso. O rei utilizou seu direito constitucional, que lhe facultava desconsiderar o resultado das urnas e demitir governos que lhe desagradassem, resultando em gabinetes compostos por quadros de partidos ou de coalizões sem maioria no Parlamento e extremamente impopulares. Isso significava, em outras palavras, que o rei excluía o Wafd, partido que em todas as eleições realizadas nas décadas de 1930 e 1940 obteve maioria no Parlamento, exceto quando houve boicote nos pleitos ou fraude, como em 1938. O Wafd, por sua vez, recusava-se a formar coalizões. Não admitia dividir o poder por um capricho do rei, pois mantinha maioria absoluta no Parlamento.

Além do impasse político durante o conflito mundial, a situação econômica do país se agravou, fato que pode ser exemplificado pelos altos índices de inflação registrados e a frequente escassez de alimentos no mercado interno. O fechamento de 250 mil postos de trabalho relacionados ao esforço de guerra das tropas aliadas no país aprofundou a crise, ocasionando um aumento de mais de duas vezes no custo de vida e altos índices de inflação¹⁶⁶. Estatisticamente, a economia egípcia ficou paralisada nas quatro décadas anteriores a 1950: o impulso registrado durante este período foi de apenas 1,5% ao ano, quase a mesma taxa de crescimento da população¹⁶⁷. Este panorama na primeira metade do século XX colaborou para o recrudescimento da violência, com assassinatos de políticos e de dois primeiros-ministros até 1948.

1.7 A sociedade colonizada: *fellahin* e *efendiyya*

¹⁶⁵ LIA, 2006, p. 37-38.

¹⁶⁶ BEININ, Joel. Egypt: Society and Economy 1924-1952. In: DALY, M. W. **The Cambridge History of Egypt**. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 309-333, p. 321.

¹⁶⁷ YAPP, 1991, p. 62.

Os primeiros estudiosos da SIM indicaram que a maior parte dos adeptos da organização islâmica era proveniente dos grupos mais desprovidos da sociedade egípcia. Pesquisas mais recentes e documentos britânicos apontam que, nas primeiras duas décadas após a criação da SIM, houve a adesão de grupos intermediários, em especial de profissionais liberais e funcionários públicos urbanos de nível médio, especialmente professores. Relatório produzido pela embaixada britânica em 1942, apesar de trazer forte grau de preconceito, traz importante informação a respeito:

A Ikhwan parece atrair seus membros majoritariamente dos mais educados da classe média baixa, especialmente entre professores de escolas, para quem seus ideais genuínos, fanáticos e incertos, assim como suas realizações mais sólidas em trabalho social e educacional, trazem mais apelo¹⁶⁸.

De acordo com o sociólogo americano Eric Davis, que pesquisou o perfil dos integrantes da SIM entre a década de 1930 e o início da década de 1950, há outra característica comum entre eles: a maior parte era formada por migrantes recentes das áreas rurais¹⁶⁹. O autor, apesar de indicar que os grupos intermediários da sociedade egípcia foram participantes ativos da SIM, não explorou quais eram esses grupos nem como era composta a sociedade egípcia na primeira metade do século XX, o que será apreciado a seguir.

Neste período, a sociedade egípcia era constituída por uma população essencialmente rural, sendo os *fellahin*¹⁷⁰ o grupo mais numeroso da população. Constituíam 59% de seu total e se caracterizavam por um processo de contínua pauperização¹⁷¹ que, mesmo após a independência parcial do país, continuou a atingi-los. Esses trabalhadores rurais tinham dificuldades derivadas do analfabetismo, desnutrição e viviam em condições sanitárias

¹⁶⁸ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Tradução livre para: "The Ikhwan seem to draw their members largely from the more educated o the lower-middle class, especially from school-teachers, to whom their genuine, if fanatical and impractical ideals as well as their more solid achievements in social and educational work make an appeal".

¹⁶⁹ DAVIS, Eric. **Ideology, Social Class and Islamic Radicalism in Modern Egypt**. In ARJOMAND, Said Amr. *From Nationalism to Revolutionay Islam*. Albany, NY: State University of New York Press, 1985, p. 134-157, p. 141.

¹⁷⁰ Camponês, agricultor. *Fellah* é a forma singular e *fellahin* é o plural (CLEVELAND e BUNTON, *op. cit.*, p. 541).

¹⁷¹ BEININ, 1998, p. 322.

precárias. O quadro se agravou com a transformação do modo tradicional de agricultura para uma atividade totalmente voltada para a exportação, estimulada pela ocupação britânica, o que provocou a ruína do cultivo de alimentos e da cultura de subsistência que era essencial para a subsistência dessa grande fatia população. Novas leis foram impostas, que se mantiveram desconhecidas por eles devido ao analfabetismo. Houve ainda maior necessidade de dispor de crédito para levar adiante as plantações, o que os pequenos e médios agricultores também não dispunham¹⁷².

O cenário estimulou o surgimento do banditismo e episódios de revolta, como o da vila de Dinshway, em 1906, em que um grupo de agricultores atacou soldados britânicos que praticavam tiro em pombos, comumente usados como alimento pelos locais. Um dos soldados morreu acometido por insolação, que foi agravada por uma concussão provocada por um dos moradores. Uma corte marcial foi instaurada pelos ocupantes e 54 aldeões foram para o banco dos réus. O julgamento durou apenas 30 minutos e a sentença proferida condenou quatro deles à morte e outros dois à prisão perpétua¹⁷³.

Esta situação de miséria e injustiça social se mantinha há muito tempo, mas o impacto da ocupação britânica estava trazendo novos ônus. A I Guerra Mundial acrescentou mais encargos aos trabalhadores rurais egípcios –em 1914, o Reino Unido tornou o Egito seu protetorado– fazendo com que suas dificuldades na lida do campo aumentassem de forma desmedida, sobretudo sujeitando-os à conscrição compulsória. Além disso, muitos agricultores tiveram seu gado confiscado e repassado aos Hashemitas, como manobra política compensatória em troca da lealdade aos britânicos na guerra contra os otomanos na Península Arábica¹⁷⁴. E a tudo isso se soma o fato de que, durante o conflito, grandes contingentes de agricultores foram convocados para trabalhar nas cidades, em atividades como carregadores, como parte das atividades civis nos esforços de guerra¹⁷⁵.

Com menos mão-de-obra na lavoura, a produção de alimentos caiu, os preços aumentaram e a fome no país se agravou. Com o fim do conflito, o valor

¹⁷² MARSOT, 1977, p. 93-94.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ MUHASSAB apud KHOLOUSSI, Samia. Fallahin: The 'Mud Bearers' of Egypt's 'Liberal Age'. In: GOLDSHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) **Re-Envisioning Egypt**. 1919-1952. Cairo: The American University of Cairo, 2005, pp. 277-314, p. 281.

¹⁷⁵ KHOLOUSSI, op. cit., p. 281.

do arrendamento de terras subiu, mas o pagamento oferecido aos trabalhadores rurais continuou miserável. Aumentou, portanto, a pressão que já era bastante forte sobre um grupo exaurido ao qual parecia que só restava migrar ou permanecer nas grandes cidades egípcias durante toda a primeira metade do século XX.

O condicionamento da situação de extrema pobreza dos *fellahin* estava diretamente relacionado à propriedade de terra. Estima-se que em 1939 cerca de 90% das famílias de trabalhadores rurais não dispunham de propriedades próprias ou detinham menos de três *faddans*¹⁷⁶, superfície mínima para a subsistência de uma família composta por quatro pessoas. Alguns sobreviviam como trabalhadores ocasionais durante as temporadas de plantio e colheita, outros, como meeiros, cultivando algodão ou grãos para o proprietário em troca do direito de plantar alimentos para seu próprio sustento. Neste sistema de exploração, muitos moravam em uma vila privada, *izbas*, em que o proprietário era “mestre absoluto”. À precariedade somava-se a insegurança, uma vez que as casas eram propriedade privada dos grandes proprietários. “Os fellahs [*sic*] que empregam estão ali sob seu convite; a qualquer momento podem ser expulsos se ele [*o proprietário*] quiser, sem que seja incomodado por alguém”¹⁷⁷.

Os *fallahin* eram, em sua maioria, fruto da segregação egípcia: analfabetos e marginalizados econômica, social e politicamente, não tinham sequer representantes no Parlamento, apesar do direito ao voto. Durante as décadas de 1930 e 1940, eram tidos, principalmente pela elite caiota, como um “problema social”¹⁷⁸. Impregnados de preconceitos e representações ideológicas que justificavam a dominação, a violência e o racismo, os proprietários de terras e oficiais do governo viam estes trabalhadores como “imutáveis, ignorantes e criminosos”¹⁷⁹.

¹⁷⁶ Um faddan é equivalente a 1,04 acre ou 0,416 hectare (CLEVELAND e BUNTON, op. cit., p. 541).

¹⁷⁷ MIKHAIL apud MITCHELL, Timothy. **Rule of Experts**. Egypt: Techno-Politics, Modernity. Berkeley: University of California Press, 2002, p. 70. Tradução livre para: “a private village where the proprietor is the absolute master. The houses are his private property. The fellahs whom he employs are there at his invitation; at any moment he can send them away if he pleases, without being accountable to anyone”.

¹⁷⁸ MITCHELL, Timothy, op. cit, p. 132.

¹⁷⁹ MITCHELL, Timothy, 2002, p. 132.

Sob um forte controle e coerção, não há registros de movimentos sociais e ou políticos dos *fallahin*¹⁸⁰, constando que eles teriam realizado somente insurgências pontuais, como no caso de Dinshaway. Neste sentido, dois pontos merecem destaque: o primeiro é que tem havido pouco empenho em pesquisar movimentos de resistência de homens comuns no Egito; em segundo lugar, cabe refletir sobre a natureza e o sentido deles –daí a importância de uma reflexão acerca da existência “somente” de insurgências pontuais. No que se refere à participação política dos *fellahin*, após as dificuldades sofridas durante a I Guerra, muitos apoiaram o partido nacionalista Wafd graças ao carisma de seu líder, Sa’d Zaghlul, cuja forma de falar e linguagem utilizada eram familiares aos trabalhadores rurais, o que facilitou sua aproximação, criando condições para que formassem a maior base de apoio ao nacionalismo wafdistas¹⁸¹.

Nestas circunstâncias, os maiores beneficiários da exploração do trabalho dos *fellahin* foram os grandes detentores de terras locais, que perfaziam somente 6% do total de proprietários, mas dispunham de 65% do total de terras aráveis¹⁸². Esses proprietários viam os britânicos como grandes parceiros: eram compradores estáveis e capazes de garantir crescentes benefícios¹⁸³. A parceria demonstra que os políticos ligados ao setor agrário – que ocuparam 43% dos assentos na Câmara Baixa do Parlamento e 58% dos cargos de ministro entre 1923 e 1952¹⁸⁴ – não possuíam nenhum interesse em fazer alguma oposição à presença estrangeira no país.

Este conjunto de aspectos que dá corpo às contradições evidencia que o setor agrário, principal fonte de riqueza do país, se mantinha à custa da extrema miséria da mão-de-obra à mercê do trabalho compulsório, em suas diferentes formas. Uma das suas particularidades era a alta produtividade¹⁸⁵, ou seja, “a agricultura egípcia, com as maiores taxas de produção e colheita do

¹⁸⁰ BEININ, 1998, p. 317.

¹⁸¹ KHOLOUSSI, 2005, p. 280.

¹⁸² WARRINER, Doreen Land Reform in Egypt and Its Repercussions. In: **International Affairs**. London: Chatham House, v. 29, no. 1, jan., 1953, p. 1-10. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2606553>>. Acesso em: 24 abr. 2013, p. 1.

¹⁸³ ABDEL-MALEK, Anouar. **Egipto Sociedad Militar**. Sociedad y Ejército 1952-1967. Madrid: Editorial Tecnos, 1967, p. 28-9.

¹⁸⁴ BEININ, op. cit., p. 318.

¹⁸⁵ A produtividade por acre egípcia era cinco ou seis vezes maior do que no Reino Unido (WARRINER, 1953, p. 4).

mundo, é uma máquina muito bem engrenada, sendo de um lado tecnicamente excelente e de outro socialmente monstruosa”¹⁸⁶. Também era caracterizada por seu sistema de irrigação extremamente desenvolvido e milenar ¹⁸⁷, acompanhado de técnicas de plantio com trabalho humano intensivo e uso abusivo de fertilizantes¹⁸⁸.

Os grandes proprietários de terras passaram a dominar a cúpula do partido Wafd nas décadas de 1930 e 1940, fazendo com que o nacionalismo radical dos anos 20, que perdurou até a morte de Zaghlul em 1928, fosse trocado por um nacionalismo mais pragmático, que defendia acordos de compensação em relação às quedas de preços de commodities no mercado internacional. Portanto, apesar de ter grande apoio popular, o partido não refletia os interesses de sua base, que, muitas vezes, também era levada a votar nos candidatos do partido por seus patrões e mandatários locais¹⁸⁹.

A obrigatoriedade e gratuidade da educação para todas as crianças na faixa etária dos 7 aos 12 anos, preconizados pela Constituição de 1923, fez com que as estruturas da sociedade egípcia comesçassem a se modificar. O número total de matriculados em escolas saltou de 324 mil em 1913 para 942 mil em 1933¹⁹⁰. Mesmo que o crescimento quantitativo de alfabetizados ficasse aquém das necessidades da população, assim como a qualidade do setor educacional, o impacto da educação formal se deu em vários sentidos. Houve um aumento do fluxo migratório para as cidades e um crescimento na busca por ocupações de nível médio, ou seja, inflou o número de trabalhadores urbanos que tinham origem rural e alguma escolaridade, grupo ao qual Eric Davis menciona como parte expressiva dos adeptos da SIM nas décadas de 1930 e 1940.

O impacto da educação formal foi ainda maior entre a chamada

¹⁸⁶ Ibid., p. 5. Tradução livre para: “[e]gyptian agriculture, with the highest yields and cropping rates in the world, is a highly geared machine, as technically brilliant as it is socially monstrous”.

¹⁸⁷ Como explica Timothy Mitchell (2002, p. 133), parte do sistema tradicional foi substituído durante o período do alto-comissariado de Lorde Cromer, por barragens, o que trouxe a necessidade do uso de mais fertilizantes e provocou surtos de doenças devido ao empocamento de água.

¹⁸⁸ ISSAWI, Charles. **Egypt at Mid-Century. An Economic Survey**. London: Oxford University Press, 1954, p. 99.

¹⁸⁹ O tema será melhor explorado no Capítulo III, em que a relação entre os ocupantes britânicos e o governo Wafd será analisada.

¹⁹⁰ Ibid., p. 66-7.

effendyyia, especialmente em meados dos anos 1930 e 1940. A palavra *afandi* era usada entre os egípcios no início do século XX para designar uma “classe média nativa”, urbana e educada em escolas com currículo inspirado no europeu. O termo podia abranger vários grupos que passaram por escolas secundárias e universidades ocidentalizadas, funcionários da burocracia governamental e professores do sistema público, além de comerciantes atuantes no setor terciário. Poderiam ainda ser incluídos trabalhadores como comerciários, escriturários, auxiliares administrativos e da indústria que também passaram por escolas com o novo currículo¹⁹¹. O grupo pode ser considerado o mais ativo politicamente, pois tinha mais acesso aos vários meios de socialização, através de escolas, mesquitas e diretórios de partidos e movimentos sociais, além de acesso à informação política, por meio da imprensa escrita e radiofônica.

Os dados do censo populacional comprovam o aumento da chamada *efendiyya*. Em dez anos, entre 1937 e 1947, houve um grande crescimento quantitativo de profissionais liberais. O número de médicos e dentistas passou dos 3.700 contabilizados dez anos antes para 6.300. O de jornalistas de 1.200 para 8.200 –como não é uma carreira que depende de curso superior, supõe-se que a demanda por estes profissionais cresceu graças à abertura de jornais, em particular, os ligados a partidos, como ao Wafd e ao Misr al-Fatat, e a movimentos sociais e políticos, como a SIM, e os movimentos de comunistas, estudantes e trabalhadores. O número de professores também sofreu um incremento significativo: eles somavam 35.300 em 1937 e passaram para 52.100 uma década depois¹⁹².

A expansão mais significativa ocorreu entre profissionais liberais e funcionários públicos egressos da base da pirâmide social, que encontraram na escolaridade formal um meio de ascensão social. São chamados de “nova *efendiyya*”, e, em geral, seus integrantes eram provenientes do campo, mas haviam estudado em escolas de cidades maiores, como as capitais das províncias¹⁹³. Demonstravam maior apego à religião e eram mais conservadores, menos adeptos de valores vistos como estrangeiros. O

¹⁹¹ GERSHONI, Israel e JANKOWSKI, James P. **Redefining the Egyptian Nation, 1930-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 11.

¹⁹² ISSAWI, 1954, p. 62.

¹⁹³ BEININ, 1998, p. 317.

historiador americano Joel Beinin, especializado em temas ligados a trabalhadores egípcios da primeira metade do século XX, os descreve como um grupo “econômica e culturalmente alienado do projeto de uma sociedade secular, liberal e de estilo europeu”¹⁹⁴. Politicamente, representavam uma parcela fortemente não-wafdistas e que passou a disputar as rédeas do movimento nacionalista criando organizações políticas autônomas, mas não parlamentares. Grupos como *Misr al-Fatat* e, com mais fôlego, a SIM passaram a representar as demandas desta parte ascendente da *efendiyya*.

Além da educação formal de currículo ocidentalizado, a forma de vestir também era uma particularidade da *efendiyya*. Se entre os *fellahin* a *gallabbiyya* (ver imagens 3, 5 e 6 do Anexo B) era a vestimenta tradicional, para a *efendiyya* o terno ocidental e o *tarbuche*¹⁹⁵ na cabeça se tornaram sua marca (ver imagem 4, Anexo B). As caricaturas dos jornais da época representam o último grupo através de Misri Efendi, um personagem de baixa estatura, obeso, que trajava a indumentária mencionada, usava óculos, tinha cabelo desgrenhado e segurava um colar de contas típico para orar¹⁹⁶ (ver imagem 7, Anexo B). É uma personagem composta de elementos tradicionais, como o chapéu de clássicas características otomanas e as contas islâmicas, e um mais recente, o terno usado pelos europeus. Era, portanto, representado como um sujeito apegado às raízes locais, mas também com abertura para outras influências.

Os *fellahin* e a *efendiyya* que aderiram maciçamente à mobilização de 1919 e, mais tarde, aos protestos e manifestações nacionalistas das décadas de 1930 e 1940, uniram-se por uma identidade comum que transcendia interesses econômicos, na medida em que os articulava a outras esferas da vida social¹⁹⁷. Além das atividades propriamente econômicas, mostraram forte apego a valores religiosos e outras características comuns que uniam ambos enquanto grupos de status.

¹⁹⁴ Ibid., p. 318. Tradução livre para: “economically and culturally alienated from the project of a secular, liberal, European-style society”.

¹⁹⁵ Tarbuche é um tipo de chapéu barrete inventado por austríacos, que espalhou-se entre os turcos e virou costume na Síria, Líbano e Egito; vem da palavra árabe *tarbush* (ZAIDAN, Assaad. *Letras e História. Mil Palavras árabes na língua portuguesa*: São Paulo: Escrituras Editora/Edusp, 2010, p.264).

¹⁹⁶ GERSHONI e JANKOWSKI, 1995, p. 11.

¹⁹⁷ GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 237 e GIDDENS, Anthony. **Política, Sociologia e Teoria Social**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 85.

Outro grupo representativo na esfera social egípcia eram os pequenos proprietários rurais que se mostraram menos organizados e coesos em relação à *efendiyya*. Eram mais de 90% dentre os detentores de terras, mas controlavam somente 35% das terras aráveis¹⁹⁸. Espalhavam-se por milhares de vilas, o que dificultava sua mobilização e participação na cena política. Mas os filhos desses pequenos proprietários, ao migrar para as cidades, formaram a chamada nova *efendiyya*. Despontaram de suas fileiras figuras políticas e religiosas influentes no Egito entre o final do século XIX e o começo do século XX. Entre eles destacaram-se o líder do Wafd Sa'd Zaghlul, o teólogo reformista Muhammad 'Abduh (1849-1905), o futuro líder dos Oficiais Livres e presidente Gamal 'Abd al-Nassir (1918-1970), Abd al-Rahman Sharqawi¹⁹⁹. Ao lado das personalidades citadas, registre-se o nome de Hasan Al-Banna, fundador da SIM²⁰⁰, que também pode ser considerado um representante da nova *efendiyya*. Note-se que, exceto 'Abduh, todos os demais frequentaram escolas não confessionais e ascenderam ao status de *efendi*.

Não é demais reiterar que a ampliação do acesso ao sistema educacional foi uma das razões da migração do campo para as duas maiores cidades do país, Cairo e Alexandria, que ofereciam escolas de ensino médio e universidades. Casos como os do fundador da SIM e da médica e ativista Nawal el-Saadawi são exemplos disso. Al-Banna, filho de um pequeno proprietário de terras, mudou-se para Damanhur, capital provincial localizada no Delta, para completar o secundário e, mais tarde, concluiu a graduação na faculdade Dar al-'Ulum, em 1927. El-Saadawi, filha de um inspetor de uma escola fundamental de uma pequena cidade, mudou-se para a capital do país para seguir seus estudos no secundário e em seguida formou-se em Medicina na Universidade do Cairo, em 1955. Ela relata em suas memórias²⁰¹ como a questão da educação gratuita e compulsória foi combatida pela elite, tanto rural como urbana, grupos que iriam dominar os governos não wafdistas das décadas de 1930 e 1940.

¹⁹⁸ WARRINER, 1953, p. 1.

¹⁹⁹ Autor do clássico romance de 1954 "Al Ard" (A Terra), que denuncia a situação dos *fallahin*.

²⁰⁰ BAER, Gabriel. **Population and Society in the Arab East**. London: Routledge & Kegan Paul, 1964, p. 213.

²⁰¹ EL-SAADAWI, Nawal. *A Daughter of Isis*. London: Zed Books, 1999.

Uma luta estava ocorrendo em relação à educação entre os partidos políticos e dentro do governo. Havia membros do Parlamento que eram contra a educação obrigatória. Um deles, um paxá chamado Badraoui Ashour, se levantou durante uma sessão parlamentar e gritou alto: 'Senhores, a educação gratuita vai transformar aqueles que vestem gallabeyas azuis em pessoas de roupas passadas. Se as crianças dos camponeses forem educadas, eles acharão difícil segurar uma enxada'. Outro paxá, Waheeb Doss, afirmou 'Educar as crianças dos pobres é socialmente muito perigoso e levará a uma rebelião psicológica'. Um terceiro paxá, Tala'at Harb, declarou: 'Educação abre a cabeça e irá constituir uma ameaça ao governo do país'.²⁰²

A migração para as cidades foi especialmente intensa nas primeiras décadas do século XX, segundo comprovam os dados dos Censos, tendo como principal motivação a melhoria das condições econômicas. Entre 1917 e 1937, a população do Cairo passou de 791 mil para 1,3 milhão de pessoas, enquanto a de Alexandria foi de 445 mil a 686 mil, crescimentos respectivamente de 66% e 55%²⁰³.

De um lado, parte desse fluxo migratório se beneficiou com a criação de postos de trabalho assalariados especialmente no início da década de 1940, ou pelo menos vagas garantidas mesmo que não fossem fixas, como estivadores entre outras ocupações braçais. Durante a II Guerra, milhares de trabalhadores rurais foram levados do interior para as cidades, atendendo uma demanda contínua por mão-de-obra no esforço de guerra²⁰⁴. Por outro lado, houve uma expansão de dois grupos urbanos que, ao contrário dos anteriormente citados, tinham pouca ou nenhuma escolaridade: os que não tinham salário e local de moradia fixa, que migravam do campo para a cidade sem a garantia de ocupação; e os que passaram a ser assalariados²⁰⁵.

Algumas de suas características-instabilidade de ocupação; busca por trabalho seja onde quer que ele possa ser encontrado, mesmo

²⁰² EL-SAADAWI, 1999, p. 87. Tradução livre para: "A struggle was going on over education between the political parties and within the government. There were members of the parliament who were against compulsory education. One of them, a pasha named Badraoui Ashour, stood up during one of the parliamentary sessions and shouted at the top of his voice: 'Gentlemen, free education will transform the wearers of blue gallabeyas into people who wear ironed clothes. If the children of peasants are educated they will find it difficult to handle a hoe.' Another pasha, Waheeb Doss, said 'Educating the children of the poor is socially very dangerous, and will lead to psychological rebellion'. A third pasha, Tala'at Harb, declared: 'Education opens up the mind and will constitute a threat to the government of the country.'"

²⁰³ ISSAWI, 1954, p. 59-60.

²⁰⁴ BEININ, 1998, passim.

²⁰⁵ BAER, 1964, p. 215.

que envolvesse ilegalidade (furto, roubo, contrabando etc.); e o baixo nível educacional (maior parte dos integrantes são analfabetos) - fizeram deste grupo um instrumento conveniente nas mãos de personagens poderosos nos pequenos municípios ou em bairros das cidades, e daqueles que têm ambições políticas particularmente quando o objeto do seu ataque são grupos minoritários, estrangeiros e suas lojas e negócios. Esta classe baixa, carente de qualquer opinião sobre assuntos públicos e qualquer preocupação diante dos objetivos de seus líderes, é facilmente incitada quando há algum lucro a ser obtido ao lado²⁰⁶

Charles Issawi reproduz no trecho acima uma crença da elite local, ao qual pertencia: a de que os desprovidos economicamente eram uma “massa de manobra” para grupos políticos cometerem atos de violência. Essa ideia se mostrou equivocada, considerando-se que entre os autores dos principais assassinatos e tentativas de assassinato de figuras públicas nas décadas de 1930 e 1940 havia estudantes, membros dos Oficiais Livres, assim como filhos de famílias influentes. Além disso, é importante frisar que aqueles que se envolvem em atividades políticas ou mesmo em manifestações de rua não podem ser considerados como simples “massa de manobra”. Esta é uma inferência preconceituosa que rotula pessoas sem educação formal como sendo incapazes de fazer escolhas políticas. Ora, este processo de inversão ideológica destitui dessas pessoas a habilidade de agir empreendendo uma ação política, já que nega sua habilidade de se engajar em grupos de resistência²⁰⁷. Como foi observado anteriormente, a elite, em especial agrária, tinha mais motivos para apoiar o *status quo* do que os grupos menos favorecidos. Estes tinham queixas contra a situação e, portanto, mais incentivo para ir às ruas e aderir à resistência nacionalista.

1.8 A sociedade colonial: os *mutamassirun*

²⁰⁶ ISSAWI, 1954, p. 224. Tradução livre para: “Some of its characteristics—impermanence of work; the search for jobs wherever they may be found, even if they involve crime (theft, robbery, smuggling, etc.); and the low level of education (most members are illiterate) —have made this group a convenient tool in the hands of powerful personages in the small towns or in town quarters of the cities, and of those who have political ambitions, particularly when the object of their attack is minority groups, foreigners, and their shops and stores. This lower-class sector, lacking as it does any opinion on public affairs and any concern over its leaders’ objects, is easily incited when there is some profit to be gained on the side”.

²⁰⁷ ASHCROFT, Bill, GRIFFITS, Gareth e TIFIN, Helen. **Post-Colonial Studies**. The Key Concepts. Abidngdon: Routledge, 2007, p. 6.

A resistência vinha contra a ocupação britânica, que mesmo após a concessão unilateral de independência ao Egito, em 1922, manteve suas tropas e a ingerência tanto no sistema político como no econômico do país. Este novo sistema instaurado, por vezes chamado de neocolonial, manteve algumas características anteriores, ao mesmo tempo em que trouxe novos elementos, como maior liberdade administrativa e política, em virtude do afastamento de alguns funcionários britânicos do governo. Em poucas palavras: era uma independência nominal.

Havia outra especificidade no país bastante diferenciada em relação a outros territórios africanos, que provocou impactos profundos nos “territórios sobrepostos e em suas histórias entrelaçadas”²⁰⁸: as Capitulações, que desde o século XVI garantiam aos estrangeiros a isenção do pagamento de impostos e imunidade na justiça local. Os estrangeiros, na maioria constituída por britânicos, gregos, franceses, italianos, armênios e sírios, estavam protegidos por tribunais especiais de seus próprios países²⁰⁹, que funcionavam como instrumentos que permitiam abusos e garantiam impunidade, gerando pontos de tensão com a população local. Esta brecha legal atraiu muitos estrangeiros ao país com o objetivo de investir em atividades comerciais e financeiras sem qualquer controle por parte das instituições governamentais, o que explica que entre 1836 e 1878 o número de estrangeiros no Egito tenha aumentado mais de 20 vezes, saltando de 3 mil para 68 mil²¹⁰.

Para contornar essa situação, o quediva Isma’il instaurou, na segunda metade do século XIX, as Cortes Mistas²¹¹, onde eram julgados os casos que envolviam egípcios e cidadãos de outros países²¹². Mas pouco mudou, pois as distorções continuaram, como ocorreu no caso de Dinshaway, em que ficou claro que tais tribunais eram instrumentos do exercício de poder dos europeus, em especial dos britânicos. Tais estruturas de poder, que se mantiveram mesmo com a independência em 1922, criaram rancor nos locais perante os estrangeiros e abriram espaço para que os grupos nacionalistas, ou que

²⁰⁸ SAID, 1995, p. 33.

²⁰⁹ Ou dos países aos quais tinha afinidade religiosa, como era o caso dos maronitas libaneses com a França.

²¹⁰ ASHCROFT, GRIFFITS e TIFIN, 2007, p. 25.

²¹¹ As cortes mistas foram instauradas em 1876 pelo quediva Isma’il a fim de julgar casos civis e comerciais em tribunais egípcios (ISSAWI, 1954, p. 25).

²¹² Ibid., p. 62.

exploravam o discurso nacionalista, como a SIM, prosperassem.

No início do século XX, os estrangeiros residentes já somavam 15% da população total do Egito, dominando todas as instâncias da economia –exceto a agricultura e alguns setores de comércio interno. Muitos estrangeiros, em especial britânicos que atuavam como “conselheiros” na burocracia estatal, mantiveram seus cargos administrativos no governo egípcio, mesmo após a independência, com salários pagos pelo erário local.

Os estrangeiros residentes no país e seus descendentes ou indivíduos com dupla nacionalidade eram chamados de *mutamassirun*²¹³. Destes, quase todos se encontravam nos grandes centros urbanos, como Cairo e Alexandria e apenas 1% dedicava-se à atividade agrária. No seu conjunto formavam um diferenciado setor de profissionais liberais e comerciantes de grande importância sob o ponto de vista econômico, em especial por desfrutar dos já sabidos privilégios. O Anuário de Sociedades Anônimas de 1951 é um bom indicativo para aferir a participação dos estrangeiros nas atividades econômicas no país, mesmo após a abolição das Cortes Mistas, em 1949. Este registro demonstra que os cidadãos de origem europeia perfaziam 30% do total dos diretores de empresas, sírios e libaneses eram 11%, gregos e armênios 8%, totalizando 49%, enquanto os egípcios eram 35% – sendo que 13% do total de nacionais eram coptas e os demais muçulmanos²¹⁴. Os judeus, cuja nacionalidade nesta pesquisa não está clara, podendo ter tanto a cidadania local quanto outra ou ambas, somavam 18%.

A posição privilegiada dos *mutamassirun* criava duas situações antagônicas: um ressentimento entre os egípcios pelas vantagens econômicas obtidas pelos estrangeiros residentes; e um anseio entre os integrantes da *efendiyya* de emular essa comunidade adotando sua língua (em particular o francês), seus costumes, e a educação de seus filhos em escolas que ofereciam um currículo europeu, como o objetivo de manter ou aumentar as chances de empregabilidade - exceto no governo, a maioria dos “patrões” era *mutamassirun*– e, conseqüentemente, de ascensão social²¹⁵.

O contraste entre a sociedade colonial e a colonizada também era

²¹³ *Mutamassir* é o singular do vocábulo (BEININ, 1998, p. 311).

²¹⁴ ISSAWI, op. cit., p. 63.

²¹⁵ ALSAYAD, Nezar. **Cairo: Histories of a City**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2011, p. 225.

facilmente percebido no espaço urbano, com vantagens claras para a primeira. No Cairo, por exemplo, os contrastes entre as partes oeste e leste da capital, que começaram a se configurar no período do quediwa Isma'il, se tornaram ainda mais pronunciados (ver imagem 3, no Anexo B). Na primeira década do século XX, os bairros europeus, bem divididos e arborizados (ver imagens 2, 4 e 8, no Anexo B), dispunham de iluminação a gás e elétrica, ficando desertos durante o verão²¹⁶, quando seus habitantes escapavam do forte calor viajando para Alexandria ou para a Europa. Enquanto isso, a parte antiga da capital egípcia permanecia estagnada e sem nenhum acesso aos padrões de conforto moderno, como pavimentação (ver imagem 3, no Anexo B).

Nos primeiros anos do século XX, segundo dados do Censo de 1907, um oitavo da população da cidade era formado por estrangeiros. Essa proporção aumentava ainda mais nos distritos a oeste do Cairo, onde um terço dos moradores detinha nacionalidade estrangeira. Referindo-se a esse período, o urbanista egípcio Nezar Al Sayad afirma:

*De fato, para os estrangeiros, o bairro medieval se tornou uma parte invisível do mapa social-um local procurado apenas ocasionalmente por sua aura exótica e seu aspecto medieval; enquanto isso, para os egípcios de maior poder aquisitivo era um local que representava o atraso do Egito. [...] A cidade velha - composta por Jamaliya, Bab al-Sha'riya, Muski e Darb al-Ahmar- sofreu quase total abandono. Suas ruas eram raramente limpas, a infraestrutura estava dilapidada, e os equipamentos urbanos eram virtualmente inexistentes. As populações que viviam nestas vizinhanças eram empobrecidas, e quando a classe média e a maioria dos negócios começaram a deixar a cidade antiga, o declínio se acelerou.*²¹⁷

Note-se que houve um declínio dos meios tradicionais de vida. Os bairros onde antes se encontravam oficinas de artesãos viram muitos ofícios tradicionais quase desaparecerem em consequência da concorrência de produtos manufaturados importados. A distância entre os *mutamassirun* e os

²¹⁶ BAER, Gabriel. **Studies in the Social History of Modern Egypt**. Chicago: The University of Chicago Press, 1969, pp. 227.

²¹⁷ ALSAYAD, op. cit., p. 224, 225-6. Tradução livre para: "Indeed, for foreigners the medieval quarter became an invisible part on the social map—a place sought after only occasionally for its exotic aura and medieval sights; meanwhile, for high-ranking Egyptians it was a place that signified Egypt's backwardness. [...] The old city—composed of Jamaliya, Bab al-Sha'riya, Muski and Darb al-Ahmar—suffered from almost complete divestment. Its streets were rarely cleaned, the infrastructure was dilapidated, and utilities were virtually non-existent. The populations living in these quarters were impoverished, as the middle class and most businesses began leaving the old city, its decline accelerated".

egípcios aumentaria, na medida em que o meio de vida tradicional perdia espaço para uma economia voltada à exportação de produtos agrícolas, em especial o algodão, e a importação de bens manufaturados da Europa. Portanto, era de se esperar que um discurso que unisse um caráter local, que exaltasse valores tradicionais por um lado e promovesse uma forte mobilização da sociedade, envolvesse ao mesmo tempo os aliados do poder e os que não se encontravam satisfeitos com o nacionalismo pragmático do partido Wafd. A insatisfação com a situação neocolonial e os privilégios dos estrangeiros fez com que parte da sociedade se abrisse para uma alternativa islâmica de resistência, que seria desenvolvida pela SIM.

CAPÍTULO II

A FUNDAÇÃO DA SIM E SEU ENGAJAMENTO POLÍTICO (1928-1941)

Neste capítulo, apresento as conexões que foram instituídas pelo líder da SIM, Hasan al-Banna, entre o nacionalismo e a fundação do grupo em Isma'iliyya, na região do Canal de Suez, em 1928. A necessidade de tornar o Islã um meio para transformar e melhorar a vida dos egípcios passou a fazer parte do discurso do grupo, que cresceria durante a década seguinte de modo a se tornar uma das grandes forças políticas do país.

Argumento que a expansão na década de 1930 não se deu apenas em decorrência do impacto da abertura do acesso ao poder a novos grupos, como a nova efendiyya. Novas oportunidades políticas surgiram no período entre 1935 e 1939, quando ocorreram realinhamentos políticos. Entre essas oportunidades estão a divisão interna do Wafd, que resultou em um novo partido, o Saadista, e a atuação de outro, o Misr al-Fatat (Jovem Egito), que passou a desafiar o Wafd através de embates entre as divisões de paramilitares ligadas aos respectivos grupos políticos. Esses novos atores contribuíram para o enfraquecimento do então poderoso partido associado ao nacionalismo, abrindo espaço para um novo antagonista no cenário dos defensores da total evacuação britânica, a SIM.

Contudo, a oportunidade mais importante do período para a SIM foi o forte apoio concedido por Ali Mahir Paxá, conselheiro do rei que assumiu o cargo de primeiro-ministro do Egito entre 1939 e 1940. Nesta perspectiva, elementos conjunturais pavimentaram o caminho para que um movimento social de cunho islâmico encontrasse êxito em termos de adesão, representatividade e, especialmente, relevância no jogo político egípcio. Para entender melhor as diretrizes da SIM, que também colaboraram em sua ascensão, abordarei em seguida os principais pontos defendidos pelos grupo no âmbito de um projeto nacional.

2.1 A fundação da SIM

O único relato disponível sobre a fundação da SIM, entre os que teriam participado das primeiras reuniões da nova organização islâmica, é o de Hasan al-Banna. Guia-Geral da SIM até a sua morte, ele vincula a criação do

movimento a um desdobramento da ocupação britânica. Al-Banna associa a sua trajetória, desde muito cedo, com a luta anticolonialista. Em sua autobiografia²¹⁸, afirma ter participado das manifestações, que se espalharam por todo o Egito, em apoio à revolta nacionalista de 1919 em sua cidade natal, al Mahmudiyya, localizada no Delta egípcio. De acordo com seu testemunho, al-Banna se associou a outros jovens estudantes na liderança dos protestos locais. Contava com apenas 13 anos²¹⁹ e, mesmo tão jovem, se voluntariou como intermediário entre os manifestantes e os policiais que tentavam dispersá-los.

Ainda de acordo com seu próprio relato, que provavelmente data da primeira metade da década de 1940, al-Banna também se dedicou a compor poesia nacionalista durante a adolescência²²⁰. Tal esforço em se mostrar defensor da autodeterminação egípcia faz sentido para a geração de al-Banna, pois a revolução de 1919 teve um “profundo valor simbólico”. Como no caso de outros políticos dos anos de 1930 e 1940, era importante para al-Banna demonstrar seu envolvimento e participação ativa nesses dias gloriosos mesmo que eles tivessem sido muito jovens na época²²¹. A oposição à ocupação britânica era um assunto popular e, portanto, atrativo para novos associados.

Al-Banna manteve sua posição antibritânica ao longo da vida e por causa dela sofreu punições como a prisão e o banimento para o Alto Egito em 1941. Contudo, principalmente após o encarceramento, seu comportamento mudaria e o confronto com as forças de ocupação se tornaria menos frequente durante a guerra. O perfil conciliador, ou melhor, pragmático se sobressairia nesse período específico devido aos constrangimentos que sofreria.

Al-Banna mudou-se para Isma‘iliyya, na região do Canal de Suez, após graduar-se como professor de árabe, em 1927, para lecionar em uma escola

²¹⁸ A autobiografia de al-Banna intitulada *Mudhakkirat al-da'wa wa al-di'aya* (Memórias do chamado e da pregação) é citada por vários autores, como Krämer (2010, p. vii e 129) e Lia (2006, p. 304), e não tem data de publicação citada. Ela é uma compilação de vários textos do autor publicados em diferentes anos nas revistas e jornais do grupo até 1946, quando foram reunidos em um único volume. Lia se refere a uma edição publicada no Cairo, por Dar al-Tawzi' wa al-Nashr al-Islamiyya, em 1986. Krämer não cita data, nem editora das Memórias, por isso dei preferência às citações de Lia.

²¹⁹ Hasan al-Banna nasceu em 1906; era o mais velho de cinco meninos e três meninas (uma morreu na infância). Seu pai era um devoto e estudioso do Islã. Sustentava a família, a mulher e os filhos sublocando um terreno voltado para a agricultura e consertando relógios. Nas horas vagas dedicava-se à interpretação da Sunna (KRÄMER, 2010, p. 6-7).

²²⁰ AL-BANNA apud LIA, 2006, p. 27.

²²¹ LIA, op. cit, p. 27

primária pública local. Na cidade, fundada em 1863, durante a construção do canal, passou a ter maior contato com a realidade da ocupação, pois nela havia um grande enclave britânico, com bairros residenciais e bases aéreas exclusivos e áreas bem mais modestas destinadas aos egípcios. Em Isma'iliyya, al-Banna continuou com as pregações que costumava realizar em cafés do Cairo. Esse esforço, somado ao seu carisma pessoal, fez com que o professor se tornasse uma espécie de líder comunitário local²²², apesar de sua pouca idade – ao se mudar tinha 21 anos.

A criação da SIM ocorreu em 1928, um ano após a morte do popular líder nacionalista Sa'd Zaghlul, o herói da Revolução de 1919. Apesar de não ter nenhuma relação direta com o episódio, a origem do grupo ganhou contornos nacionalistas através do relato de al-Banna. De acordo com suas memórias, a fundação do grupo se deu por uma solicitação de trabalhadores locais. Al-Banna afirma que foi procurado, em março de 1928, por um grupo de seis egípcios empregados no Canal de Suez, um empreendimento que naquela época era controlado pelos britânicos. Um deles teria dito, segundo relatou al-Banna em sua autobiografia citada anteriormente:

Nós estamos cansados dessa vida de humilhação e cativeiro. Observamos que os árabes e muçulmanos não têm status ou dignidade. Não são nada mais do que meros mercenários que pertencem aos estrangeiros. Não temos nada a oferecer exceto nosso sangue, nossas vidas, nossa fé, nossa honra e estas poucas moedas que economizamos do sustento de nossos filhos. Somos incapazes de discernir a via para a ação como você discerne, ou de saber o caminho para servir a pátria, a religião, a comunidade como você sabe. Tudo o que desejamos é apresentar-lhe tudo o que possuímos, sermos absolvidos por Deus da responsabilidade e que você seja responsável por nós diante Dele e pelo que devemos fazer.²²³

É importante notar que o líder da SIM atribui apelo nacionalista tanto à sua trajetória como à fundação do grupo, mas não desenvolveu ao longo de

²²² LIA, 2006, p. 36.

²²³ AL-BANNA apud LIA, op. cit, p. 36; AL-BANNA apud KRÄMER, 2010, p. 27-28. Tradução livre a partir a versão em inglês de LIA: "We are weary of this life of humiliation and captivity. Behold, we see that the Arabs and the Muslims have no status and no dignity. They are no more than mere hirelings belonging to the foreigners. We have nothing to offer except our blood, our lives, or faith, our honour and these few coins saved from our children's sustenance. We are unable to perceive the road to action as you perceive it, or to know the path to the service of the fatherland, the religion and the community as you know it. All that we desire know is to present to you all that we possess, to be acquitted by God of the responsibility, and for you to be responsible before Him for us and for what we must do".

sua vida um discurso antiocidental. Também não expressou o objetivo claro de expulsar os mutamassirun do país ou incitou a prática da violência contra os britânicos –o excerto da autobiografia anteriormente mencionada, mais crítico aos britânicos, foi provavelmente escrito na década de 1940. A atenção de al-Banna nos anos seguintes à fundação do grupo estava voltada principalmente ao discurso religioso. Apesar disso, ele não se furtava a criticar práticas do governo egípcio com as quais não concordava.

Há uma contradição entre o relato posterior de al-Banna, dando ênfase ao nacionalismo e à justiça social nos primeiros anos do grupo, e o documento mais antigo conhecido do fundador da SIM. Denominado *Mudhakkirah fi al-Ta'lim al-Dini* (Memorando sobre Educação Religiosa), o documento foi escrito em junho de 1929, pouco mais de um ano após a reunião descrita com os seis trabalhadores que levaria à criação da SIM. No texto, al-Banna queixa-se do plano de diretrizes educacionais lançado pelo Ministério da Educação egípcio no mês anterior. Afirma que as mudanças propaladas são inúteis, sem sentido e ineficazes²²⁴. O panfleto não contém remissões ao Alcorão nem a outras fontes islâmicas, mas cita como exemplos a serem seguidos autores como o pedagogo alemão Friedrich Frobel e o escritor francês Victor Hugo, o que demonstra que a discussão estava fora da dimensão religiosa. Ao mesmo tempo, o jovem professor de 23 anos defende, no documento mencionado, um acordo que havia sido firmado naquele ano entre o chefe do governo italiano, Benito Mussolini, e o papa Pio XI, que resultou na obrigatoriedade do ensino do catecismo nas escolas secundárias da Itália²²⁵. Ou seja, ainda que usasse argumentos seculares para defender sua posição diante das novas diretrizes de educação, além de agregar exemplos europeus, al-Banna pregava a necessidade da implantação da educação religiosa no sistema público egípcio. É interessante notar que ele usa um exemplo cristão europeu para justificar uma prática que prescreve a seus compatriotas.

Esta contradição, entre o primeiro documento escrito por al-Banna após a fundação da SIM, cuja crítica era voltada ao governo local, e o relato com

²²⁴ JANSEN, Johannes J. G. Hasan Al-Banna's Earliest Pamphlet. In: **Die Welt des Islams**. International Journal for the Study of Modern Islam, Heidelberg. New Series, bd. 32, n. 2, 1992, p. 254-258. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1570836>. Acessado em: 26 jun. 2009. Tradução livre da versão em inglês para: "useless, meaningless and ineffective changes".

²²⁵ Ibid.

ênfase em um suposto anti-imperialismo da fundação, se dá pela diferença temporal em que ambos foram escritos. Enquanto estima-se que o primeiro é de 1929, o segundo teria sido escrito em meados da década de 1940 (antes de 1946). Este é um forte indício de que a ideologia da SIM foi se transformando ao longo da trajetória do grupo, se adequando às demandas de sua audiência e aos seus propósitos.

Al-Banna não cita este memorando em sua autobiografia –uma provável tentativa de apagar sua aproximação com argumentos seculares e com o pensamento de intelectuais europeus. Mas reporta que foi investigado em 1930 pelo Ministério da Educação, que era o seu empregador e alvo de sua crítica. Um inquérito foi instaurado a pedido do primeiro-ministro da época, Isma'il Sidqi Paxá, provavelmente como consequência das reclamações provenientes das autoridades de Isma'iliyya contra o movimento. Al-Banna foi inocentado de todas as acusações. Entre as suspeitas levantadas pela polícia local, havia ilações díspares contra seus membros por defenderem supostas ideias comunistas, wafdistas, republicanas e até criminosas –esta última seria decorrente da prática de levantar fundos, que geravam especulações de que seriam usadas em prol de objetivos ilícitos²²⁶.

O rumo que as reclamações tomaram, ou seja, a própria instalação de uma investigação, demonstra que a SIM e Al-Banna poderiam estar se indispondo com lideranças locais ou diretamente com o ministério (da Educação) ao qual ele estava subordinado. A primeira hipótese é a mais provável, pois dificilmente a crítica de um simples professor de Isma'iliyya chegaria à mesa do ministro da Educação no Cairo, se não fosse através de uma queixa local. Há indicativos de que Al-Banna e seu grupo estavam lidando não apenas com proselitismo, mas envolvendo-se na política da região. O Guia-Geral tinha objetivos muito além da catequização da *umma* em Isma'iliyya. Ao mesmo tempo, a própria escassez de documentos britânicos sobre o grupo durante a primeira metade da década de 1930 sugere que a SIM não representava incômodo às suas atividades no Canal de Suez.

A SIM estabeleceu como sede uma casa no centro da cidade em 1930. Uma escola para meninos e uma mesquita foram construídas ao lado, com

²²⁶ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 9.

empréstimos e a contribuição de associados e simpatizantes. Consta também uma doação de 500 libras egípcias da britânica Companhia do Canal de Suez²²⁷, o que indica que al-Banna realmente não estava tão preocupado com a questão nacionalista nos primeiros anos da SIM ou, ao menos, não era identificado com ela.

Durante os quatro anos seguintes à fundação da SIM, al-Banna continuou a realizar palestras/pregações nas casas de simpatizantes, em cafés, clubes, mesquitas e escolas, entre outros locais públicos e privados de Isma'iliyya. Em quase todos os fins de semana, o professor primário e líder da SIM se deslocava para povoados e cidades próximas, como Port Said e Abu-Suwayr, a fim de levar o *da'wa* ou o “chamado” para a religião a outros ouvintes²²⁸.

A SIM passou de uma sociedade de caridade islâmica para um grupo consolidado com mais de 100 diretórios em várias regiões do Egito, segundo balanço realizado pela organização em 1936. A rápida expansão se deve a vários elementos. Analistas apontam principalmente fatores endógenos para explicar o fortalecimento do grupo. Lia sustenta que teria sido resultado do foco em obter a adesão de mais associados, de princípios organizacionais eficientes, que incluíam a promoção de associados baseada em mérito, e da independência financeira, fomentada pela contribuição dos associados²²⁹. Para Kramer, três pilares sustentaram a expansão nesses primeiros anos: o empenho na construção de uma instituição, o cultivo de lealdades verticais e horizontais e a doutrinação de seus membros²³⁰. Ambos também apontam que a ideologia do grupo teve um papel relevante para sua consolidação.

Argumento que, além desses fatores internos, também elementos externos a esta organização islâmica são responsáveis por seu êxito em agregar novos membros e a alçar protagonismo na esfera política. A ideologia, pertencente ao primeiro campo, foi se adequando às demandas conjunturais, como quando passou a dar ênfase ao nacionalismo. Ao mesmo tempo, ela só teve abertura para ser maciçamente difundida por conta das oportunidades

²²⁷ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 9.

²²⁸ Dentro do escopo religioso, *da'wa* é mais especificamente o convite direcionado aos homens por Deus e pelos profetas a fim de que acreditem na religião verdadeira, o Islã, Alcorão, XIV, 46 (**THE ENCYCLOPAEDIA of Islam**, Leiden: E. J. Brill, 1991, v. II, p. 168).

²²⁹ LIA, 2006, p. 54.

²³⁰ KRÄMER, 2010, p. 36.

políticas que foram surgindo em meados dos anos 1930 e na década de 1940. Entre elas a já mencionada abertura do acesso ao poder para novos grupos, a associação entre a organização islâmica e aliados poderosos e a divisão –e, portanto, o enfraquecimento– da elite, elementos que proporcionaram maior liberdade para a atuação da SIM.

A teoria da oportunidade política, apesar de dar maior centralidade aos fatores externos, também não deixa de considerar que as ações coletivas são construídas por meio de repertórios conhecidos. Um dos elementos complementares são os marcos referenciais dos movimentos sociais, que unem as pessoas através de entendimentos culturais compartilhados²³¹. Entre esses marcos referenciais está a ideologia, importante para a conquista de associados e para a sua doutrinação, desempenhando papel relevante na aceitação do grupo por seus novos membros. A ideologia dignifica a insatisfação e identifica um alvo para queixas²³², unindo as pessoas e tornando-as mais propensas à ação coletiva. Sidney Tarrow afirma que analiticamente, a palavra ideologia não é a melhor denominação para compreender quais são os entendimentos e identidades compartilhadas que movem as pessoas para a disputa. Para o sociólogo, há um “trabalho de enquadramento” (*framing work*) que define quem são “nós” e quem são “os outros” na estrutura do movimento.

Ao traçar identidades coletivas herdadas e formar novas, os desafiantes²³³ delimitam as fronteiras de seu provável eleitorado e definem seus inimigos por meio de atributos e maldades reais ou imaginários.²³⁴

Esses modelos ou roteiros compartilhados são elaborados dentro de uma sociedade particular em uma conjuntura histórica igualmente particular. Para especialistas, como o filósofo palestino Ibrahim Abu Rabi'²³⁵, o surgimento

²³¹ GOHN, 2007, p. 98-9.

²³² APTER, David. **Ideology and Discontent**. New York, Free Press of Glencoe, 1964, p. 13.

²³³ Tarrow usa o termo desafiante para denominar aqueles que se opõem ao poder constituído, ou seja, neste caso, a SIM.

²³⁴ TARROW, 2007, p. 21. Tradução livre para: “By drawing on inherited collective identities and shaping new ones, challengers delimit the boundaries of their prospective constituencies and define their enemies by real or imagined attributes and evils”.

²³⁵ ABU-RABI', Ibrahim. **Intellectual Origins of Islamic Resurgence in the Modern Arab World**. Albany: State University of New York Press, 1996.

da SIM se explica como um desdobramento intelectual, ou seja, é herdeiro de uma linhagem do pensamento islâmico, diferentemente do que alega al-Banna. Portanto, além de considerar o contexto histórico da época, outra forma de analisar a fundação da SIM e a sua expansão está no desenvolvimento da perspectiva do reformismo islâmico.

2.2 A SIM e o pensamento islâmico

O reformismo islâmico moderno é um prolongamento dos movimentos anteriores que apontaram para uma necessidade de remediar os problemas sociais e aumentar o padrão moral das sociedades islâmicas²³⁶. Tal ponto deve ser enfatizado a fim de apontar que o movimento não surgiu somente como uma reação ao impacto da chegada dos europeus em solo islâmico e de seu predomínio nos séculos posteriores. Assim como os movimentos pré-modernos, foi gerado a partir de questionamentos internos e de problemas detectados no seio da sociedade islâmica. Segundo o teólogo (*alim*) Fazlur Rahman, a sociedade islâmica não pode ser vista como “uma massa inerte sofrendo uma reação do impacto do Ocidente em todos os níveis, mas incapaz de adotar uma posição positiva o suficiente em relação a isso”²³⁷. A própria sociedade foi tanto o motor do chamado despertar pré-moderno como do renascimento do pensamento islâmico moderno.

Contudo, Rahman admite que os fatores políticos e as questões intelectuais andaram de “mãos dadas” nas reações de líderes muçulmanos em relação às investidas ocidentais²³⁸. Intelectuais como o persa Jamal al Din Al Afghani (1838-1897) e o egípcio Muhammad ‘Abduh (1849-1905) apontaram

²³⁶ RAHMAN, Fazlur. Revival and reform in Islam. In HOLT, P.M., LAMBTON, Ann e LEWIS, Bernard (edit.). **The Cambridge History of Islam**. Volume 2B. Islamic Society and Civilization. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 [1970], p. 632-656, p. 632. Fazlur Rahman argumenta que o revivalismo e a reforma no Islã ocorreram mesmo durante o período de formação da religião, ou seja, os 250 anos que sucedem à morte do Profeta Muhammad. Ele divide os movimentos mais recentes entre pré-modernos – séculos XVII, XVIII – e modernos – do século XIX em diante (Ibid., p. 632, 641).

²³⁷ Ibid., p. 641-2. Tradução livre para: “an inert mass suffering from a reaction to the Western impact at all levels, but unable to adopt a positive enough attitude towards it”.

²³⁸ RAHMAN, 2000, p. 642.

para a urgência de uma renovação dentro do Islã para que a doutrina se adaptasse aos novos tempos. O principal argumento compartilhado por ambos era a necessidade de restaurar a dignidade e a grandeza do mundo islâmico, através do rejuvenescimento do pensamento e da prática religiosa. Para ambos, o *ijitihad*, o uso da razão independente, deveria ter papel preponderante na interpretação dos textos religiosos, tornando os princípios básicos do Islã mais visíveis aos olhos dos fiéis²³⁹. Os desafios trazidos pelos novos tempos seriam respondidos desvelando-se e praticando os verdadeiros princípios do Islã.

Discípulo de 'Abduh, o sírio Rashid Rida (1865-1935)²⁴⁰ acreditava que o declínio do mundo muçulmano se dava devido à estagnação da *ulama'* e pela tirania de seus governantes. Defendeu o apego aos ancestrais (*salaf*) – referindo-se ao Profeta e aos quatro califas seguintes, conhecidos como Bem-Guiados (*rashidun*)– e à Sunna, principal características do Salafismo, uma vertente do movimento de renovação. Ao observar a ameaça da desintegração política do mundo islâmico e submissão cultural, Rida levou o movimento para um caminho mais ortodoxo e conservador do que seus antecessores. Segundo ele, o problema dos muçulmanos estava na aquisição de hábitos morais e princípios intelectuais distantes do que prega o Islã²⁴¹. Por isso, tinha aversão ao Sufismo e ao chamado Islã popular²⁴² (ou sincrético). Dava ênfase à resistência e a um sentimento antiocidental²⁴³ e pregava a criação de um califado, em que o governante seria o praticante do *ijitihad*. Apenas com a existência de tal califa uma sociedade islâmica real poderia existir²⁴⁴.

Al-Banna conheceu e participou do grupo de Rida²⁴⁵, que publicava seus *tafsir*²⁴⁶ na revista *Al-Manar* (o farol), principal veículo de divulgação de sua ideologia. Al-Banna reativou a célebre publicação, nove anos após a morte de

²³⁹ DAVIS, Eric. Ideology, Social Class and Islamic Radicalism in Modern Egypt. In ARJOMAND, Said Amr. **From Nationalism to revolutionay Islam**. Albany, NY: State University of New York Press, 1985, p. 134-157, p. 135.

²⁴⁰ Rida mudou-se para o Cairo em 1897 (HOURANI, 2005: P. 247).

²⁴¹ Ibid, p. 244.

²⁴² LIA, 2006, p. 59. Entre outras acusações feitas pelos salafistas contra o sufismo é que seria uma prática politeísta, por promover visitas a túmulos de santos.

²⁴³ VERTIGANS, Stephen. **Militant Islam**. A sociology of characteristics, causes and consequences. New York: Routledge, 2009, p. 13.

²⁴⁴ HOURANI, 2005, p. 255.

²⁴⁵ Conforme afirmou em sua autobiografia *Mudhakhirat al-da'wa wa al-di'aya*, p. 67, mencionada por LIA, *op. cit.*, p. 29.

²⁴⁶ Plural de *tafsir* (exegese).

seu mentor, mas sem a repercussão anterior. O filósofo suíço Tariq Ramadan²⁴⁷ o apresenta como herdeiro dessa tradição.

Ele vinha de um lugar. [...] Ele tinha um antecedente sufi, que é a dimensão espiritual, e um antecedente intelectual, que era resistir contra a colonização tentando reconciliar o Egito com suas raízes, seu passado e sua civilização.²⁴⁸

O que Ramadan argumenta é, em outros termos, que al-Banna não era um oportunista que viu o discurso religioso como uma forma de projeção pessoal, mas tinha convicções que vinham de muito antes da fundação do grupo, que seguiam uma tradição de reformadores islâmicos. Por isso, não se pode entendê-lo como sendo um “reacionário romântico” apegado ao passado, pois al-Banna também acreditava ser possível escolher e utilizar elementos ditos ocidentais, que eram aceitáveis e compatíveis com a doutrina e a moral islâmica, para o benefício delas²⁴⁹. O mesmo pode ser dito em relação ao Sufismo, cujos princípios organizacionais foram utilizados pela SIM. O argumento de que o fundador da SIM estava aberto a novas ideias é endossado por sua opção educacional. Apesar do incentivo de seu pai²⁵⁰ para ingressar na Universidade al-Azhar, antigo e ortodoxo estabelecimento de educação islâmica, o jovem al-Banna optou por estudar em Dar al-‘Ulum (que significa “casa da ciência”), também localizada no Cairo, uma faculdade secular voltada à formação de professores²⁵¹.

No tratado “Em direção à Luz” (*Nahwa al Nur*), cuja data de divulgação é estimada entre maio e junho de 1947, al-Banna insiste que a SIM não era um empecilho para as relações entre ocidentais e egípcios. Com o subtítulo: “Islã

²⁴⁷ Tariq Ramadan é neto de al-Banna; filho de Wafa, a mais velha dos quatro filhos do Guia-Geral da SIM.

²⁴⁸ Entrevista de Tariq Ramadan ao programa Witness, BBC, 4 de julho de 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/programmes/p00tt7jg>>. Acesso em: 30 ago 2013. Tradução livre para: “He was coming from somewhere. [...] He was coming from a Sufi background, which is the spiritual dimension and an intellectual background, which is resisting colonization trying to reconcile Egypt with its roots, its past and its civilization”.

²⁴⁹ WENDELL, 1978, p. 3.

²⁵⁰ O pai de Al-Banna, xeique Muhammad al-Banna, dedicou sua vida à classificação da obra de Ahmad bin Hanbal sobre *hadith* atribuídos ao profeta. Ao morrer, em 1958, Muhammad havia publicado 22 volumes de 24 previstos (KRÄMER, 2010, p. 6-7).

²⁵¹ KRÄMER, 2010, p. 16.

não é uma influência perturbadora nas relações com o ocidente”, Al-Banna afirma:

...pessoas podem imaginar que instituições islâmicas em nossa vida moderna criam divisão entre nós e as nações ocidentais e que elas irão turvar a clareza de nossas relações com eles justamente quando elas estão no ponto de serem resolvidas. Esta também é uma noção enraizada em fantasia pura. Porque aquelas nações que estão desconfiadas em relação a nós não vão nos apreciar mais se nós seguirmos o Islã ou qualquer outra coisa. Se eles são realmente nossos amigos, e há confiança mútua entre nós, [vão seguir o que] seus próprios porta-vozes e líderes já declararam que toda nação é livre para adotar qualquer organização que desejar dentro de suas próprias fronteiras, desde que não infrinja os direitos dos outros.²⁵²

Da influência de Rida, al-Banna manteve a ideia de almejar uma emulação do período dos primeiros califas, mas defendendo que primeiro a sociedade deveria mudar, para que um governo nos moldes dos Califas Bem-Guiados fosse instalado. Contudo, não indicou com exatidão como e quando seria realizada essa transição. De acordo com Mitchell, al-Banna generalizava “deliberadamente” sua visão sobre o assunto com termos como “sistema islâmico” (*al-nizam al-islami*), sem especificar o que isso significava em termos teóricos ou práticos²⁵³. Também não se posicionou claramente em relação à questão do Sufismo –tinha sido adepto de uma *tariqa* durante sua juventude. Segundo o tradutor para o inglês de cinco dos tratados de al-Banna, Charles Wendell, o líder da SIM não foi tão explícito em seus textos sobre seus objetivos, como os outros ativistas²⁵⁴. Esse fato, aliado à sua trajetória educacional secular, faz com que al-Banna seja considerado ambíguo em relação às suas principais crenças e convicções políticas.

²⁵² AL-BANNA, Hasan. Toward the light. In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the ‘*Majmu’at Rasa’il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*’. Berkeley: University of California Press, 1978c, p. 103-132, p. 121. Tradução livre para: “...people may imagine that Islamic institutions in our modern life create estrangement between us and the Western nations, and that they will muddy the clarity of our political relations with them just when these were on the point of being settled. This too is a notion rooted in pure fantasy. For those nations which are suspicious of us will like us no better whether we follow Islam or anything else. If they are truly our friends, and mutual trust exists between us, their own spokesmen and leaders have already declared that every nation is free to adopt whatever organization it wishes within its own borders, provided it does not infringe on the rights of others”.

²⁵³ MITCHELL, Richard. P., 1993, p. 40.

²⁵⁴ WENDELL, Charles. Introduction. In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the *Majmu’at Rasa’il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*’. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 3.

Entre os anos de 1931 e 1936, a SIM desenvolveu rudimentos de um programa ao formular textos que defendiam uma reforma religiosa, mas também reformas social, política e econômica. O apelo politizado se deu apesar da proibição legal da “interferência” de sociedades islâmicas na política²⁵⁵. A preocupação com o assunto fica clara num dos tratados (*risa'il*²⁵⁶) mais conhecidos de al-Banna, que também é o primeiro em que ele tenta formular os princípios da SIM²⁵⁷: *Ilīlā ayy shay' nad'u al-nas?* (Para o que convocamos a humanidade?). Publicado na edição de abril/agosto de 1934 da revista Al-Mansura, é uma carta de intenções em que o autor se esquivava da acusação comumente feita por adversários de que a SIM tinha objetivos políticos por trás de seu ativismo religioso. Em um relatório de 1942 específico sobre a SIM, os britânicos reconhecem que: “eles defendem educação pública mais ampla e reforma social e moral”²⁵⁸.

No trecho reproduzido abaixo, que se encontra no tratado mencionado sob o subtítulo “Nós e a Política”, o autor reafirma a intenção do grupo de manter-se somente na seara das práticas religiosas. Contudo, quando o assunto é política, é menos claro, deixando espaço para que haja pelo menos dúvida sobre o real envolvimento da SIM:

Oh, nosso povo, nós recorreremos a vocês com o Alcorão em nossa mão direita e a Sunna em nossa mão esquerda, e com as realizações dos devotos ancestrais dos filhos desta *umma* como nosso exemplo. Nós os convocamos para o Islã, para os ensinamentos do Islã e sob a direção do Islã. Mas, se isso parece aos seus olhos “política”, então essa é a nossa “política”! E se aquele que o convoca a [seguir] estes princípios é um “político”, então somos o mais respeitável dos homens na “política”, Deus seja louvado! E, se você deseja chamar isso de “política”, diga o que quiser, pois nomes nunca irão nos fazer mal já que o que foi mencionado está claro e nossos objetivos se encontram revelados.²⁵⁹

²⁵⁵ LIA, 2006, p. 54.

²⁵⁶ A forma singular é *risalat*.

²⁵⁷ GERSHONI, Israel. The Muslim Brothers and the Arab Revolt in Palestine, 1936-39. I In: **Middle Eastern Studies**, Londres, v. 22, no. 3, July, 1986, p. 367-397, p. 368. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/4283128>. Acessado em: 27 jul. 2011.

²⁵⁸ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C. Tradução livre para: “They stand for wider public education, social, moral reform”.

²⁵⁹ AL-BANNA, Hasan. To what do we summon mankind? In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the *'Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna'*. Berkeley: University of California Press, 1978b, p. 75. Tradução livre a partir da versão em inglês realizada por Charles Wendell: “O our people, we are calling out to you with the Quran in our right hand and the Sunna in our left, and with the deeds of the pious ancestors of the sons of this umma as our example. We summon you to Islam, the teachings of

No anos 40, Al-Banna descreveu seu pensamento de forma mais organizada. No tratado “Em direção à Luz”, são elencados “tópicos amplos” defendidos pelo grupo, divididos em três seções²⁶⁰. A primeira delas trata de assuntos políticos, judiciais e administrativos; a segunda de temas sociais e educacionais; e a terceira trata de economia.

Em relação à seção sobre política e afins, al-Banna destaca dez pontos. Em primeiro lugar, defende a necessidade do fim da rivalidade de partidos políticos para a formação de uma única “falange”²⁶¹. Depois destaca a reforma da legislação vigente, com o objetivo de revertê-la em total conformidade com o código legal islâmico. Também alega que as práticas islâmicas devem ser adotadas no serviço público, com a devida vigilância da conduta pessoal de todos, e prega que os horários dos trabalhadores se adequem às obrigações religiosas, a fim de que as cinco orações diárias possam ser obedecidas²⁶².

Na segunda seção, que trata de temas sociais e educacionais, al-Banna triplica o número de itens, que são em sua maioria recomendações de como proceder em público, o que demonstra o especial apego do autor a temas ligados a questões relativas a comportamento e moral. Entre as principais indicações estão o respeito à “moralidade pública”, a proibição da prostituição, dos jogos de azar, corridas, álcool, drogas, clubes de dança, além de filmes e peças teatrais que não sejam condizentes com os princípios islâmicos. Defende a punição do comportamento anti-islâmico. Prega uma campanha contra a ostentação na maneira de se vestir e contra o comportamento antissocial. O autor também dá ênfase à segregação entre os sexos: uma revisão do currículo escolar para as meninas, que deve ser diferente do

Islam and the guidance of Islam, and if this smacks of “politics” in your eyes, then it is our “policy”! And if the one summoning you to these principles is a “politician”, then we are the most respectable of men, God be praised, in “politics”! And if you wish to call this “politics,” say what you like, for names will never harm us when what has been named is made clear and our goals stand revealed”.

²⁶⁰ AL-BANNA, 1978c, p. 125.

²⁶¹ Como obtive acesso somente à versão em inglês, não foi possível identificar se o autor usou a palavra falange com alguma identificação com os grupos fascistas que costumavam utilizá-la na época.

²⁶² AL-BANNA, op. cit, p. 126.

elaborado para os meninos, assim como a separação entre classes de estudantes do sexo feminino e masculino²⁶³.

Apesar da ênfase em indicações comportamentais neste segundo item, al-Banna também recomenda a atenção a problemas de saúde pública, como a disseminação de informação de práticas saudáveis e o aumento do número de hospitais, médicos e clínicas móveis com o objetivo de facilitar o acesso a tratamento médico. Nesse quesito, também preconiza atenção especial à população rural, que, em sua opinião, carecia de água tratada e meios para viver com mais higiene, cultura, recreação e treinamento²⁶⁴.

Em relação à economia, al-Banna destacou dois temas importantes para o Islã: o recolhimento do *zakat*²⁶⁵ para projetos de assistência social e a proibição da usura. Sugeriu o aumento de salários de funcionários públicos de níveis mais baixos e a diminuição dos ganhos daqueles que se encontravam em cargos mais altos; uma redução no número de funcionários no serviço público, a fim de manter apenas os indispensáveis; transferência de postos de trabalho de estrangeiros para egípcios desempregados. É interessante notar a preocupação com justiça social em duas de suas propostas na seção de economia: uma prega a “proteção das massas da opressão das empresas que obtêm monopólio” e a outra trata de uma “preocupação com os problemas técnicos e sociais do trabalhador”²⁶⁶. Deve-se ressaltar, contudo, que apesar de o discurso parecer socialista, al-Banna era um forte opositor das ideologias de esquerda assim como do capitalismo. As primeiras, por pregarem o ateísmo, e o segundo por se concentrar no que chamou de materialismo e acumulação

Al-Banna era o principal ideólogo do grupo enquanto foi seu Guia-Geral. Graças em parte à sua liderança carismática e também aos expurgos que realizou na SIM –chegou a expulsar o número dois, Ahmed al-Sukkari em 1947²⁶⁷–, Al-Banna manteve o grupo sem divisões significativas ao longo de sua vida²⁶⁸. A ideologia da SIM era formatada por meio de um Conselho Diretivo (*Maktab al-Irshad al-‘Amm*), formado inicialmente por 12 membros,

²⁶³ AL-BANNA, 1978c, p. 127-8.

²⁶⁴ Ibid., p. 129.

²⁶⁵ Espécie de tributo religioso, que está entre os cinco pilares da religião.

²⁶⁶ Ibid., p. 130.

²⁶⁷ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 9.

²⁶⁸ DAVIS, 1985, p. 151.

passando mais tarde para 15²⁶⁹, sobre o qual o líder tinha bastante ascendência. De acordo com Marsot, na SIM “não havia espaço para dissenso”²⁷⁰. Ou, como descreveu um membro do grupo: “Al-Banna governou os Irmãos como um chefe de família; Hudaybi [*Guia-Geral após a morte de al-Banna*] governou-os como o líder de uma sociedade ou de um partido”. Ou seja, sua liderança era incontestável²⁷¹.

É preciso compreender quais eram as tendências que se apresentavam nos primeiros anos após o surgimento do grupo no campo intelectual. Na primeira metade do século XX, houve duas novas orientações intelectuais dentro do movimento nacionalista egípcio. Enquanto os anos de 1920 foram dominados por uma ênfase num suposto caráter ligado ao período faraônico do Egito²⁷² e na valorização do Ocidente, nas duas décadas seguintes o cerne da discussão deslocou-se para um caráter inter-relacionado oriental e islâmico²⁷³. É nesta última orientação que a SIM se encaixou.

Ibrahim M. Abu-Rabi', um dos intelectuais que estudou mais a fundo o “trabalho de enquadramento” de al-Banna, relaciona o pensamento do fundador da SIM ao contexto em que se encontravam os debates no Egito durante o período entreguerras, não apenas em relação a questões religiosas, mas também em relação a problemas econômicos, políticos e sociais. Segundo Abu-Rabi', a cosmovisão da SIM é baseada em uma perspectiva em que o Islã é entendido não apenas como uma religião, mas também como uma civilização, um estilo de vida, uma ideologia e um Estado. E esta visão de mundo deve ser encaixada dentro de um contexto específico, pois o grupo é um “novo fenômeno” que emergiu como reação a certas condições pré-existentes, como a desigualdade social e a dominação estrangeira²⁷⁴.

Na primeira década pós-fundação do grupo, o discurso de al-Banna tinha como principais temáticas a necessidade da propagação e preservação do Islã e o anti-imperialismo. Em relação ao primeiro tema, o fortalecimento do Islã, Al-Banna via a própria religião em perigo por dois motivos: a abolição do

²⁶⁹ LIA, 1998, p. 96.

²⁷⁰ MARSOT, 2007, p. 107.

²⁷¹ MITCHELL, Richard P., op. cit., p. 303.

²⁷² Al-Banna rebate enfaticamente a ideia de herança faraônica em “Para o que convocamos a humanidade?”, de 1934.

²⁷³ GERSHONI, Israel e JANKOWSKI, James P. **Redefining the Egyptian Nation, 1930-1945**. Cambridge Middle East Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 35-36 e 42.

²⁷⁴ ABU-RABI', 1996, p. 65.

Califado Otomano por Mustafa Kemal Atatürk em 1924 e a progressiva secularização da educação egípcia no Egito e no Cairo em particular²⁷⁵. Ambos haviam sido golpes recentes no papel oficial desempenhado pelo Islã e, portanto, al-Banna observou a necessidade de reconduzir a religião ao seu lugar de destaque na vida dos egípcios.

Há semelhanças entre a SIM e outro grupo de massas islâmico, que também se inspirou em al Afghani e surgiu na primeira metade do século XX: o *Jama'at i-Islami*, fundado em Lahore, no atual Paquistão, em 1941. São pelo menos três as coincidências que podem ser elencadas. A primeira delas é a origem sufi de seus fundadores, al-Banna e Abu al 'Ala Mawdudi. Ambos adaptaram certas técnicas organizacionais e estilo de liderança do Sufismo, substituindo a espiritualidade sufi por uma nova ideologia, como se fosse um partido político em um Estado-nação²⁷⁶. A retórica reformista, em especial a que prega o retorno ao tempo dos primeiros califas, também se faz presente no discurso de ambos. E, por último, outro ponto de contato entre os dois movimentos é seu envolvimento na resistência anticolonial –a questão da ocupação estrangeira está presente nos discursos de ambos²⁷⁷.

O surgimento de dois movimentos sociais com características semelhantes e que arrebataram milhares de seguidores em territórios ocupados pelos britânicos é mais um indício de que a conjuntura mais ampla desempenhou papel relevante. Não só na formulação dessas formas de organização, mas também no surgimento e na expansão de tais movimentos, na medida em que fatores como a própria ocupação, a repressão e a luta nacionalista se deram em ambos os territórios. Tanto a SIM como a *Jama'at i-Islami* se espelharam na tradição reformadora de al Afghani para combater a hegemonia estrangeira, imprimindo, por sua vez, um caráter que foi além do discurso do precursor: a ação, ou melhor, a mobilização política.

Para o sociólogo italiano Enzo Pace, al-Banna dividiu-se entre o inimigo real e o inimigo simbólico do Islã. Os britânicos encarnavam o primeiro tipo, sendo que a sua presença seria a causa da corrupção dos costumes. Já o distanciamento dos egípcios de sua identidade religiosa era o alvo simbólico a

²⁷⁵ AL-BANNA apud ABU-RABI', op. cit., p. 71.

²⁷⁶ ERNST, Carl W. **Following Muhammad: rethinking Islam in the Contemporary World**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003, p. 180-181.

²⁷⁷ Ibid., p. 133.

ser combatido. Ao contrário dos demais reformadores, al-Banna não discutiu apenas os sucessos do inimigo real. Ele incluiu o fator simbólico e também considerou necessário lutar contra essa força hegemônica²⁷⁸ usando o instrumental oferecido pela religião. Em outras palavras:

Ele [*al-Banna*], com efeito, pode ser considerado em sentido metafórico a ponte que liga idealmente a exigência de voltar às origens do Islã, que já tinha sido expressa por uma parte dos reformistas, e a exigência de refundar a partir de baixo uma identidade religiosa e cultural que corria o risco, na opinião de muitos, de se perder sob a influência da cultura ocidental²⁷⁹.

Em resumo, al-Banna, através de seus tratados adequou sua proposta às circunstâncias do período, marcadas pela contínua ocupação britânica, pela luta anticolonial e pelo predomínio secular no Egito entre as décadas de 1920 e 1940. Ele não promoveu um sistema intelectual normativo para uma reforma política, econômica, educacional, legal, mas deu ênfase à necessidade de uma reforma moral e das crenças dos muçulmanos como uma precondição para a renovação da sociedade como um todo. Além disso, al-Banna combinou o ativismo com sua mensagem de reforma islâmica da sociedade egípcia.

A ideologia da SIM trouxe, além de respostas para as necessidades de seus adeptos, uma explicação compreensiva para a complexa e modificada realidade social²⁸⁰. Teve apelo inicial para trabalhadores menos qualificados. Entre os fundadores em Isma'iliyya, estavam um mecânico de bicicletas, um motorista de táxi, um barbeiro, um carpinteiro, um passador de roupas, um trabalhador rural. Em dez anos, o movimento se espalhou para outros centros urbanos, congregando pessoas de vários grupos sociais²⁸¹. O discurso do grupo nos anos 40 e 50 estava voltado para assuntos como o anti-imperialismo e questões socioeconômicas, demonstrando que o alvo era a nova efendiyya, os mais prejudicados com a ocupação britânica²⁸².

²⁷⁸ PACE, Enzo. **Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 257.

²⁷⁹ Ibid., p. 254-5.

²⁸⁰ DAVIS, 1985, p. 146.

²⁸¹ PACE, 2005, p. 258.

²⁸² DAVIS, op. cit., p. 154.

Nos anos 40, a SIM se tornou um grupo político, que cresceu rapidamente e agora incluía, além de integrantes do meio urbano mais pobres, que no início formavam a maioria de seus adeptos, os grupos sociais intermediários que estavam igualmente “desencantados com o governo e com sua política econômica e sua falta de habilidade para fazer o suficiente para expulsar os britânicos do território [egípcio]”.²⁸³

Por um lado, a SIM representou, em termos ideológicos, um prolongamento da longa tradição de discussões sobre a necessidade de reforma no âmbito da interpretação teológica, que franqueava a questão de um suposto distanciamento da comunidade islâmica da época com a dos primeiros califas. Dentro desta concepção, a sociedade islâmica como um todo, e a egípcia em particular, não estariam obedecendo os preceitos corretos da religião e por isso sofriam de males como o colonialismo. Somente após uma reforma interna de cada indivíduo é que a sociedade voltaria ao caminho correto e seus problemas se dissipariam.

Nesta visão, ser muçulmano implica a identificação com uma comunidade islâmica (*umma*) e um projeto político (o califado), que por sua vez está fundado no Alcorão e na *Sunna* e na luta imperativa para a edificação de uma sociedade islâmica²⁸⁴ nos moldes dos ancestrais (*sala**af*). Em outras palavras:

Este sentido de uma ligação indissolúvel entre fé, grupo e ação, a convicção de que ser muçulmano faz com que a pessoa também esteja inexoravelmente vinculada dentro de um universo abrangente de crença e prática, tanto social como política e econômica, está no centro do apelo do movimento.²⁸⁵

A SIM, portanto, não se manteve somente na seara do proselitismo. Sua característica mais marcante foi a ação e, a partir da campanha que realizou

²⁸³ MARSOT, 2007, p. 107. Tradução livre para: “disenchanted with their government and its economic policies and its inability to do much to oust the British from the land”.

²⁸⁴ GILSENAN, Michael. **Recognizing Islam**. Religion and Society in the Modern Middle East. London: I.B.Tauris, 2005, p. 216.

²⁸⁵ GILSENAN, 2005, p. 216. Tradução livre para: “This sense of an indissoluble link of faith, group, and action, the conviction that by being Muslim one is also inexorably bound within a global universe of belief and practice, social, political, and economic, is at the center of the movement’s appeal”.

em 1936 para a arrecadação de fundos em prol da Revolta Palestina, esse traço distintivo da organização se mostrou pela primeira vez na esfera nacional.

2.3 A Revolta Palestina (1936-39) e o engajamento político

Na década de 30, a SIM deparou com várias oportunidades políticas que colaboraram decisivamente para a consolidação do grupo como uma relevante força política. Retomando a ideia de Tarrow sobre os principais elementos da estrutura de oportunidades políticas, observou-se que a abertura do poder na década de 20, via ampliação do acesso ao voto, foi uma delas. Outro elemento que pode ser observado foi uma divisão na elite egípcia. Na mesma época, uma série de rupturas importantes ocorreu, especialmente na elite política, que acabaram se aprofundando nos anos 30. Uma já mencionada foi a cisão frontal entre o rei e o partido nacionalista. Fu'ad, e mais tarde seu filho Faruq, travaram contendas com o Wafd e se empenharam em alijar o partido do poder –apesar de as urnas insistirem em dar ampla maioria aos nacionalistas. Ao mesmo tempo, um ex-membro do Wafd, Ali Mahir, aliou-se ao palácio e deu início a uma campanha a fim de obter a denominação de sultão para o rei egípcio, pois a liderança da *umma* estava vaga desde a fundação da República da Turquia. O título, que significava “detentor do poder, da autoridade”²⁸⁶, daria legitimidade ao seu desejo de ser líder dos muçulmanos –o rei Fu'ad já havia tentado anteriormente, sem sucesso, obter tal título. Em vista disso, Mahir patrocinaria uma aproximação com grupos islâmicos, sendo um deles a SIM.

A organização islâmica ainda era pouco conhecida em 1936, especialmente pelos britânicos. Em relatório posterior do serviço diplomático²⁸⁷, datado de 1942, afirma-se que a embaixada teria tomado conhecimento da SIM somente oito anos após a fundação da organização islâmica. A data é confirmada por meio de outro documento da própria embaixada, de 1936²⁸⁸. Os

²⁸⁶ **THE ENCYCLOPAEDIA of Islam**. Leiden: E. J. Brill, 1991, v. IX, p. 849, 851.

²⁸⁷ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942.

²⁸⁸ Este é o primeiro documento encontrado que faz menção à SIM: FO 371/19980, E 3153. De Sir Miles Lampson para Foreign Office. Cairo, 28 de maio de 1936.

britânicos não travaram conhecimento sobre as atividades da SIM naquele ano por acaso. É certo que o envolvimento na Palestina foi o que chamou a atenção dos diplomatas para a atuação dos irmãos muçulmanos.

O primeiro documento encontrado no FO que trata da Irmandade Muçulmana data de maio daquele ano, quando contava com cerca de 800 membros, segundo informações colhidas pela embaixada. Nesse despacho, ainda é relatado que a maior parte do grupo era formada por estudantes universitários, em especial oriundos da Universidade de Al-Azhar²⁸⁹, o mais respeitado estabelecimento de ensino religioso não apenas do Egito, mas de todo mundo islâmico sunita.

O interesse britânico em relação à SIM provavelmente surgiu após a realização de campanhas para a arrecadação de fundos destinados aos palestinos, que no dia 19 abril de 1936 deram início a uma revolta contra o Mandato Britânico²⁹⁰. Através de manifestações, discursos inflamados, publicações e panfletagem em favor da luta dos palestinos, a SIM se envolveu pela primeira vez ativamente com “assuntos políticos”²⁹¹ em âmbito nacional. Mesmo assim, as questões dogmáticas continuaram sendo o cerne das discussões em suas conferências gerais, como na que comemorou os dez anos do movimento²⁹².

O envolvimento com a rebelião palestina foi também a estreia do grupo em questões internacionais, além de ser a primeira grande atividade que confrontou diretamente os britânicos. De um lado, a justificativa era ajudar irmãos muçulmanos palestinos que faziam parte da *umma*. Por outro, era uma forma de opor-se ao mesmo inimigo doméstico, os britânicos, que estavam sendo desafiados em seu mandato.

A SIM foi além e estabeleceu um comitê de arrecadação, presidido por al-Banna, –o que demonstra a importância dada ao tema–, que tentou associar-se a outros grupos, como a Igreja Copta egípcia. Como não obteve êxito em criar uma ampla frente pró-Palestina que congregasse outros setores da sociedade egípcia, a SIM acabou por elaborar, entre 1936 e 1939, uma

²⁸⁹ FO 371/19980, E 3153. De Sir Miles Lampson para Foreign Office. Cairo, 28 de maio de 1936.

²⁹⁰ ROGAN, Eugene. **The Arabs. A History**. London: Penguin Books, 2012, p. 254.

²⁹¹ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 16-17.

²⁹² Ibid, p. 14.

diretiva em favor da causa, com seus próprios meios e métodos de campanha. “Isso produziu resultados extraordinários, não apenas na esfera de ajuda para a Palestina, mas, principalmente, no crescimento e força internos”, enfatiza Israel Gershoni²⁹³, que pesquisou a fundo o envolvimento da SIM com a revolta palestina.

Através da “Campanha Palestina” de arrecadação, milhares de novos membros se associaram e muitos novos diretórios puderam ser fundados em diferentes localidades do país²⁹⁴. Apesar de não arrecadar muito em valores, a mobilização conseguiu chegar aos pequenos doadores, aqueles que se mostrariam mais inclinados a se associar à SIM –tanto os grupos intermediários como os mais necessitados, tanto os advindos do meio rural como do urbano. Gershoni lista milhares de doadores, sendo a maioria deles da *efendiyya*, estudantes, professores, funcionários de bancos, empresas de telefonia, ferroviários, engenheiros, artesãos, pequenos comerciantes, comerciários, religiosos (como xeques, imames e cádis)²⁹⁵.

Segundo Gershoni, não há indícios de que os fundos arrecadados tenham sido totalmente enviados para a Palestina –apenas uma pequena soma teria sido transferida. Tal afirmação se apoia na falta de evidências sobre o que foi feito com os valores e a ausência de cartas de agradecimento de líderes palestinos em jornais da entidade. O autor sustenta que a organização islâmica se aproveitou dos fundos da campanha, que trouxe muitos adeptos, para manter os novos associados e expandir os diretórios para apoiá-los²⁹⁶.

De fato, a campanha ampliou as redes da SIM. Os novos diretórios trouxeram mais capilaridade e reconhecimento nacional ao movimento. Mas este avanço também ocorreu por outro motivo mais específico. A campanha foi extremamente popular, na medida em que promoveu uma bandeira –a solidariedade com os vizinhos palestinos. A causa obteve ampla receptividade mesmo entre os não-membros da SIM, como os cristãos. Houve doações de

²⁹³ GERSHONI, Israel. The Muslim Brothers and the Arab Revolt in Palestine, 1936-39. In: **Middle Eastern Studies**, Londres, v. 22, no. 3, July, 1986, p. 367-397. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/4283128>>. Acesso em: 27 jul. 2011. Tradução livre para: “These produced remarkable results, not only in the sphere of aid to Palestine, but, mainly, in internal growth and strength.”

²⁹⁴ Ibid, p. 373.

²⁹⁵ Ibid., p. 375.

²⁹⁶ GERSHONI, 1986, p. 381.

fiéis coptas à campanha da SIM, mesmo que sua liderança religiosa não tenha aderido²⁹⁷. Trouxe, portanto, à organização dividendos na ordem de visibilidade e de apreciação perante o público local.

2.4 Divisões na elite e reordenamentos políticos (1935-1940)

Na segunda metade da década de 1930, houve um acirramento da divisão que já se aprofundava desde os anos de 1920 no seio da elite política egípcia. Ocorreu, em primeiro lugar, uma cisão dentro do Wafd, provocando a criação de um novo partido, que passou a fazer-lhe franca oposição. Em seguida, agravou-se o antagonismo entre o palácio e o Wafd –amparado pelo desprezo mútuo que havia entre o rei Faruq e o líder da agremiação, Nahas Paxá. Tais episódios são fundamentais para a compreensão do crescimento da importância política da SIM, na medida em que conflitos dentro da elite criam incentivos para grupos que têm poucos recursos para se arriscarem na ação coletiva²⁹⁸. No caso da SIM, estas divisões significaram oportunidades para a expansão de sua atuação no cenário político egípcio, ao dar mais espaço para sua atuação política.

O Wafd venceu com larga margem as eleições de 1936, levando 166 assentos da Câmara Baixa do Parlamento, cerca de 80% das vagas que se encontravam em disputa. Apesar de o comparecimento não ter sido “entusiasmado”, segundo constatou o então Alto Comissário britânico sir Miles Lampson, ele mesmo admitiu que o pleito foi visto por amplos setores da sociedade como sendo “o mais livre já realizado no Egito”²⁹⁹.

A hegemonia do Wafd foi parcialmente abalada em 1937, com a expulsão de Ahmad Mahir e de Mahmud Fahmi al Nuqrashi, dois influentes nomes do partido ligados às bases sindicais e de estudantes. Mahir e Nuqrashi eram remanescentes dos anos de ouro do movimento nacionalista, ou seja, a década de 1920. O segundo mencionado era casado com a filha de Sa’d

²⁹⁷ Ibid., p. 375.

²⁹⁸ TARROW, 2006, p. 79.

²⁹⁹ FO 407/219, J 4538/2/16. De sir Miles Lampson to Anthony Eden. Cairo, 9 de maio de 1936. Tradução livre para: “the most free ever held in Egypt.”

Zaghlul, o herói nacionalista cujo nome foi usado para batizar o novo partido que ele e Ahmad Mahir viriam a fundar. Ambos se envolveram no assassinato do governador-geral do Sudão sob o Condomínio Anglo-egípcio sir Lee Stack, em 19 de novembro 1924, uma das ações mais ousadas dos nacionalistas.

Esta foi uma secessão decisiva dentro do Wafd, que minou parcialmente as bases ligadas a importantes setores de mobilização, dos estudantes e dos profissionais liberais, ainda que não tenha abalado a maior base do seu eleitorado, que era originária do meio rural. O rompimento resultou em um novo partido no ano seguinte, o Saadista, que se transformou na principal frente de oposição no Parlamento ao Wafd, ao participar de várias coalizões patrocinadas pelo monarca, abrindo um novo flanco de disputa na esfera política. Além dos britânicos, o Wafd colecionou como novos rivais seus ex-aliados, mais o *Misr al-Fatat* e a SIM.

O relato da médica e ativista feminista Nawal Al Saadawi demonstra quais eram os eleitores típicos do Wafd e do partido Saadista:

A varanda [*de sua casa*] seria a cena de uma peleja muito parecida com o que acontecia no Parlamento. Os camponeses que constituíam a família do meu pai apoiavam o Wafd e o governo, enquanto a família de Shoukry Bey [*seu avô por parte de mãe, a parte mais abastada da família*] ficava do lado dos paxás como Ahmed Mahir e Nuqrashi, e com os partidos minoritários.³⁰⁰

À divisão interna se seguiu o desafio de um grupo externo. O *Misr al-Fatat*, partido formado em 1933 essencialmente por estudantes, formou um braço paramilitar chamado de Camisas Verdes, claramente inspirado nos Camisas Negras fascistas, tanto pelo uso de uniformes, como pela forma truculenta de abordar os rivais políticos. Os Camisas Verdes travavam batalhas contra os adeptos do Wafd não no Parlamento, mas nas ruas –tal fato se coaduna com a concepção de que em períodos de abertura política, quando há menos repressão, existe um incentivo à disputa política aberta³⁰¹.

³⁰⁰ EL-SAADAWI, op. cit., p. 88. Tradução livre para: “The verandah would be the scene (durante o Eid) of a struggle very much like the one which was going on in the parliament. The peasants who constituted my father’s Family supported the Wafd and the government, whereas Shoukry Bey’s Family would take sides with the pashas such as Ahmed Maher and Al-Nokrashi, and with the minority parties”.

³⁰¹ TILLY, 2004.

Com a ascensão do Wafd nas eleições de maio de 1936, os Camisas Verdes se tornaram uma grande preocupação para o novo governo. De acordo com informe da embaixada britânica, eles vinham se tornando “muito ativos entre os estudantes” e “mais e mais influentes”, eram “supridos de pistolas” e poderiam “começar a praticar assassinatos políticos”³⁰². A ação do grupo causou preocupação entre os britânicos, que temiam o aumento da resistência violenta contra suas tropas e até uma revolta popular generalizada.

Com o objetivo de barrar a oposição aberta do movimento, o primeiro-ministro Mustafa Nahas Pasha tentou declarar a ilegalidade dos Camisas Verdes, mas o projeto de lei formulado pelo Ministério do Interior foi barrado pelo Departamento Jurídico. A solução encontrada pelo líder do Wafd foi apelar para o mesmo artifício, ou seja, criar o seu próprio grupo paramilitar, os Camisas Azuis. Ainda segundo relato de sir Miles Lampson: “Esse movimento cresceu rapidamente e em poucas semanas; somente o grupo do Cairo já tinha um número maior de integrantes do que os Camisas Verdes. O grupo então se espalhou por outras cidades e para as províncias”³⁰³.

Sir Miles Lampson acusou os Camisas Azuis de serem um “Frankenstein” que não poderia ser controlado pelos próprios líderes do Wafd, segundo relato enviado por telegrama a Anthony Eden, chefe do Foreign Office³⁰⁴. Em carta, Eden respondeu a Lampson: “Acho que você deveria instigá-lo [*o líder do Wafd*] com insistência sob sua ordem a tomar medidas urgentes a fim de controlar este movimento para limitar suas atividades e, se possível, guiá-los para meios menos perigosos”³⁰⁵. Ambos os grupos foram extintos em 1938, um indicativo de que o pedido de Eden e Lampson foi levado a cabo pelo então governante.

³⁰² FO 407/219, J 4415/2/16, Inclosure: de sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 16 de maio de 1936. Tradução livre parcial para: “[...] the greenshirt group, which had grown very active amongst the students, were becoming more and more influential and it was said that they were being supplied with pistols and might start political murders [...]”.

³⁰³ Ibid. Tradução livre para: “This movement grew very rapidly and within a few weeks the Cairo group alone had outnumbered the greenshirts. The movement then spread to the other cities and to the provinces”.

³⁰⁴ FO 407-219, J 8299/2/16: carta de sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 9 de julho de 1936.

³⁰⁵ Ibid. Tradução livre para: “I consider you should urge him with all the emphasis at your command to undertake early measures to control this movement, to limit its activities and, if possible, guide them into harmless channels”.

Mas o principal foco de instabilidade era o rei Faruq, que tinha restrições contra o Wafd e os britânicos –e vice-versa. Logo no início de seu reinado, Faruq se irritou com a forma com que era usualmente tratado por Lampson, que o chamava de “*boy*” (menino) e costumava dar longos sermões de como o jovem monarca deveria se comportar. Nahas Paxá, por sua vez, não admitia ter de negociar com alguém tão inexperiente e popular, fato que também o deixava com ciúmes, segundo relata o Alto Comissário britânico em um informe a Londres³⁰⁶. O rei, por sua vez, considerou uma afronta a atitude de Nahas de exigir, como primeiro-ministro, que as mesquitas incluíssem seu nome nos cultos de sexta-feira –até então uma prerrogativa do monarca. Os relatos sobre essas desavenças são, respectivamente, de Lampson e do conselheiro do consulado em Alexandria, David Victor Kelly:

Ele [*Nahas Paxá*] falou com grande violência sobre o comportamento do rei Faruq, que era totalmente intolerável. Sua Majestade usou linguagem ofensiva contra ele em uma audiência recente, e estava claro, acima de qualquer dúvida, que sua intenção era provocar uma ruptura e seu pedido de demissão.

Sua Excelência acrescentou que era despropositado que um mero menino sem experiência estivesse adotando esse papel agressivo. Isso era totalmente inconstitucional e Sua Excelência está propenso a imaginar se alguma cooperação futura com Sua Majestade seria em algum momento possível e se, no interesse do país, o rei deveria ir-se.³⁰⁷

Sua Majestade está honestamente convencida de que Nahas, fora questões políticas, está com ciúmes da posição pessoal e representativa do soberano, e Nahas tinha, eu sabia, especialmente o ofendido ao ter [*inserido*] seu nome nas orações das mesquitas.³⁰⁸

O principal articulador do confronto entre monarca e primeiro-ministro foi Ali Mahir, irmão de Ahmed, que até então ocupava o cargo de chefe de gabinete do palácio. Ele foi acusado por Nahas Paxá de também tentar unir a

³⁰⁶ FO 407/221, J 4592/20/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 2 de novembro de 1937.

³⁰⁷ Ibid. Tradução livre para: “He spoke with great violence of King’s Farouk attitude, which was totally intolerable. His Excellency had with difficulty restrained himself and refrained from saying anything that would have played into His Majesty’s hands. His Excellency continued that it was preposterous that a mere boy of no experience should be adopting his aggressive rôle. It was entirely unconstitutional, and his Excellency was moved to wonder whether further co-operation with His Majesty would ever be possible and whether in the country’s interest King Farouk would have to go”.

³⁰⁸ FO 407/221, J 4273/20/16. De David Victor Kelly para Anthony Eden. Alexandria, 7 de outubro de 1937. Tradução livre para: “His Majesty was honestly convinced that Nahas, apart from political issues, was jealous of the Sovereign’s personal and representative position, and Nahas had, I knew, given special offence by having himself prayed for in the mosques”.

oposição para derrubá-lo e de fomentar a agitação de estudantes da Universidade al-Azhar contra seu governo³⁰⁹. Ali Mahir, que já havia assumido como primeiro-ministro entre janeiro e maio de 1936, tinha, segundo o agente britânico James Heyworthe-Dunne, três ambições definidas. A primeira era ver a real independência do Egito. Acreditava, como grande parte dos nacionalistas até então, que tal objetivo poderia ser alcançado com uma derrota britânica na guerra que parecia se aproximar. O segundo era formar um bloco pan-árabe, com o Egito na liderança. O terceiro era ver uma ressurgência do Islã³¹⁰, com o poder e a abrangência que possuiu em seu apogeu. Para tanto, pragmaticamente, Mahir se aproximou de movimentos islâmicos, como a Associação de Moços Muçulmanos e a SIM.

A crise que se instaurou entre o palácio e o Wafd, fomentada por um governo extremamente ineficiente na opinião do agora embaixador sir Miles Lampson³¹¹, foi dissolvida por Faruq em dezembro de 1937, alijando Nahas Paxá e seu popular partido do poder. Ainda segundo o mesmo informe da embaixada, o monarca agia também sob uma grande confiança que vinha de sua alta popularidade –devido à sua juventude e por ser um ator novo no cenário político egípcio³¹². As divisões que surgiram nesse período produziram aliados e alianças, que por sua vez proporcionaram meios e patrocínio relevantes para a consolidação da SIM como relevante ator político.

2.5 Aliados influentes e aliados clandestinos (1939-1941)

Ali Mahir foi alçado novamente ao cargo de primeiro-ministro em agosto de 1939. Sua ascensão quase coincidiu com o início oficial da II Guerra Mundial. O novo gabinete tinha figuras pouco amigáveis aos britânicos e, portanto, à causa aliada. O exército egípcio estava sob o comando do general Aziz al-Masri, que lutou ao lado dos rebeldes árabes, assessorou o xeique Hussein de Meca durante a I Guerra Mundial e havia vivido na Alemanha por

³⁰⁹ FO 407/221, J 4592/20/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 2 de novembro de 1937.

³¹⁰ HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 26.

³¹¹ Após a assinatura do Tratado Anglo-Egípcio, o Alto-Comissário passou a ser embaixador da Grã-Bretanha no Egito.

³¹² FO 407/221, J 912/20/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Political Situation. Cairo, 16 de fevereiro de 1937.

18 meses, a partir de 1936, o que o tornou muito próximo dos oficiais daquele país³¹³. Outros dois que não contavam com a confiança dos britânicos eram o ministro da Defesa Nacional, Lewa Muhammad Salih Harb, e Abd al-Rahman Azzam Bey³¹⁴, ministro dos Awqaf, dos Assuntos Sociais e do “exército territorial”. Azzam era um defensor ardente do pan-arabismo, assim como seu avô, que havia sido exilado logo no início do domínio britânico do Egito no século XIX. Os três formavam o núcleo duro do gabinete e utilizavam as forças armadas para consolidar seu poder e o apoio ao rei³¹⁵. Todos tinham proximidade com al-Banna, em especial Salih Harb, que era membro da Associação dos Jovens Homens Muçulmanos, grupo ao qual al-Banna havia participado antes de fundar a SIM, e que tinha excelentes relações.

Antes mesmo de assumir o governo, tanto Ali Mahir como al-Masri já mantinham contatos assíduos com a SIM, assim como com o *Misr al-Fatat*. Al-Masri e al-Banna tinham desenvolvido uma relação de amizade e podiam ser vistos juntos com frequência em público. Desde 1938, o general vinha tentando unir os dois grupos, que estavam começando a entrar em conflito³¹⁶ devido a uma competição em torno da captação de membros –em especial estudantes– e da exclusividade de invocar o discurso islâmico –o *Misr al-Fatat* mudaria seu nome em 1940 para Partido Islâmico Nacional. Al-Banna chegou a ficar especialmente indignado com o fato de que muitos pensavam que a SIM era uma sucursal do *Misr al-Fatat*³¹⁷.

Apesar de nutrir pouca simpatia pelos britânicos, Ali Mahir cumpriu o que era esperado de sua parte como dirigente de uma das partes do Tratado Anglo-Egípcio de 1936 diante do início do conflito. O país cortou relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, tomou os bens de cidadãos daquele país e internou mesmo os alemães que não tinham ligações com os nazistas. O governo ainda proclamou estado de sítio: determinou que o primeiro-ministro seria “governador militar”, decretou que os portos estariam sob controle da esquadra naval britânica, impôs censura aos correios,

³¹³ GOLDSCHMIDT, 2000, 130.

³¹⁴ Azzam seria eleito em 1945 o primeiro secretário-geral da Liga Árabe.

³¹⁵ KIRK, George. **The Middle East in the War**. Survey of International Affairs: 1939-1946. Oxford: Oxford University Press, 1952, p. 40.

³¹⁶ HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 36.

³¹⁷ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 24.

telégrafos, telefones e imprensa com a participação britânica³¹⁸. O primeiro-ministro divulgou publicamente sua lealdade e amizade ao lado aliado, mas não declarou guerra contra a Alemanha.

A SIM se colocou ao lado de Ali Mahir e de suas decisões –apesar de já ter realizado campanhas contra o Tratado Anglo-Britânico e de haver defendido uma revisão do acordo com os britânicos entre 1938 e 1939. Al-Banna escreveu uma carta aberta ao então primeiro-ministro declarando apoio à atitude de não-beligerância do Egito e convocando o governo a manter o auxílio aos britânicos estritamente nos termos previstos no tratado e insistindo para que o governo tirasse vantagem das circunstâncias a fim de obter a retirada britânica³¹⁹. O grupo manteve suas atividades antibritânicas, tomando parte mais ativa na agitação nacionalista contra a Grã-Bretanha³²⁰. Com Ali Mahir como chefe de governo, o grupo teve incentivo para protestar contra os britânicos, desde que se mantivesse fiel ao primeiro-ministro, que dependia da SIM e do *Misr al-Fatat* como base de apoio nas ruas, a fim de se contrapor ao popular Wafd.

Ao mesmo tempo em que grupos contrários aos ocupantes mantinham suas atividades sem serem importunados, houve um esforço britânico de contrapropaganda. A ação foi concretizada através de meios impressos e com a veiculação de filmes –no formato de cinejornais– e de transmissões radiofônicas, a fim de persuadir e encorajar a cooperação com as autoridades neocoloniais, além de terem a intenção de conquistar a adesão de voluntários para trabalhar em favor dos esforços de guerra³²¹. Londres promoveu e investiu na criação de uma sociedade, a *Ikhwan al-Hurriya* (Irmandade da Liberdade), a fim de convencer os egípcios da importância de apoiar os aliados na guerra. Criado em 1940, no Cairo, por Freya Stark, o *Ikhwan* obteve financiamento do Ministério da Informação britânico, junto ao qual Stark estava lotada durante o conflito mundial³²². Não se pode deixar de notar a coincidência entre a nomenclatura do grupo criado pelos britânicos com a SIM: ambos usavam *Ikhwan*, que significa irmandade e pode ter conotação religiosa.

³¹⁸ KIRK, op. cit., p. 34.

³¹⁹ LIA, 2006, p. 258; MITCHELL, Richard P., op. cit., p. 22.

³²⁰ MITCHELL, Richard P., op. cit., p. 22.

³²¹ REID, 2009, p. 241.

³²² FO 930/278 – Brotherhood of Freedom: general (1943-45).

Havia outras agremiações que agiam no fronte antibritânico, apesar de ainda não terem sido monitoradas por eles, como era o caso da SIM e do Misr al-Fatat. Uma organização nacionalista clandestina que estava em formação e promovia atividades subversivas foi atraído pela fama de al-Banna; mais tarde, seria conhecido como Oficiais Livres. Um de seus principais membros era o então oficial do exército egípcio Anwar el-Sadat.

Sadat, que foi presidente do Egito entre 1970 e 1981, escreveu duas autobiografias em períodos muito distintos, o que certamente influenciou seu conteúdo. Na primeira delas, *Revolta no Nilo* (foi utilizada a versão em inglês *Revolt on the Nile*), publicada em 1957, ele dedica mais espaço à sua relação com al-Banna e a SIM. Quando a escreveu, o então coronel havia sido indicado por al-Nassir (autor do prefácio do livro) ao posto de editor-chefe do recém-criado, em 1954, jornal al-Gomhuria (A República) e, portanto, tinha mais proximidade cronológica com os eventos descritos. Se, por um lado, ele tinha mais compromisso com a SIM por tê-lo ajudado antes do golpe de 1952, por outro, os Oficiais Livres e a SIM estavam rompidos desde que um militante do grupo tentou assassinar al-Nassir em 1954. Quando escreveu a segunda autobiografia, *Em Busca de Identidade* (In Search of Identity), Sadat já era presidente da República. A obra foi lançada em 1978, dois anos após conceder permissão para que dois jornais da SIM voltassem a circular e de liberar membros do grupo que haviam sido presos durante o período de al-Nassir – uma manobra usada, segundo muitos analistas, para combater o aumento da influência dos comunistas.

Em sua primeira autobiografia, Sadat afirma que, com o cenário instável da guerra para os britânicos em meados de 1940, foi designado pelo Comitê Revolucionário do grupo a procurar duas figuras importantes e influentes na política interna do país. Afirmou que, apesar de o movimento não dar importância a líderes, “no Egito, as personalidades sempre foram mais importantes do que programas políticos”. Ainda segundo o relato de Sadat, os integrantes do comitê se sentiram “obrigados a se aproximar de líderes de diferentes grupos que pudessem servir aos seus propósitos”³²³. O primeiro a

³²³ EL-SADAT, 1957, p. 26. Tradução livre para: “[I]n Egypt, personalities have always been more important than political programmes. [W]e were obliged to approach the leaders of a number of different groups who might serve our purpose”.

ser escolhido foi o Guia-Geral, pois a SIM parecia “uma aliada útil” para o movimento revolucionário³²⁴. O primeiro encontro com o líder da SIM é assim descrito por Sadat:

Ele falava especialmente sobre assuntos religiosos, mas não da forma costumeira de um pregador, com frases grandiloquentes e referências eruditas. Ele foi diretamente para o centro da questão, e ele falou com objetividade e tranquilidade. Parecia estranho para mim, mas ali estava um teólogo com senso de realidade, um homem de religião que reconhecia a existência de fatos. Este foi meu primeiro encontro³²⁵ com o xeique Hasan al-Banna, Líder Supremo da Irmandade Muçulmana.³²⁶

Em sua segunda autobiografia, Sadat muda o relato sobre o primeiro encontro entre ambos. Esta mudança se deu, provavelmente, porque na segunda versão, quando já era presidente, Sadat quis dar mais importância à sua pessoa –foi procurado e não procurou al-Banna. Quando escreveu a primeira autobiografia, al-Banna havia morrido há menos de uma década e ainda era uma personalidade muito popular entre os egípcios, enquanto o próprio Sadat ocupava um cargo de médio escalão do recém instaurado regime. De acordo com esta nova versão, escrita já na condição de presidente, Sadat declara que teria sido al-Banna quem procurou oficiais do Exército a fim de solicitar a oportunidade de realizar um sermão para os soldados em celebração ao aniversário de nascimento do Profeta Muhammad, em 1940. Sadat, que estava escalado para fazer um discurso aos colegas como oficial naquele mesmo dia, disse que permitiu que o Guia-Geral da SIM o fizesse em seu lugar³²⁷.

³²⁴ Ibid., p. 28. Tradução livre para: “...a useful ally to our revolutionary movement”.

³²⁵ Apesar de indicar que isso teria ocorrido em 1942, quando tinha 24 anos (Sadat nasceu em 1918), na verdade o encontro que descreve ocorreu em abril de 1940.

³²⁶ Ibid, p. 27 e 28. Tradução livre para: “He talked chiefly on religious topics, but not in the accustomed manner of the preacher, with sonorous phrases and learned references. He went straight to the nub of the question, and he spoke with directness and ease. It seemed strange to me, but here was a theologian with a sense of reality, a man of religion who recognised the existence of facts. This was my first meeting with Sheikh Hasan El Banna, Supreme Guide of the Muslim Brotherhood”.

³²⁷ EL-SADAT, Anwar. *In Search of Identity*. London: Collins, 1978, p. 23, 24 e EL-SADAT, Anwar. *Autobiografia*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d, p. 32. (a primeira obra é a versão em inglês e a segunda a versão brasileira da mesma obra). As duas traduções foram cotejadas a fim de que fosse obtida a versão mais próxima do relato. Não foi encontrada uma versão em português da outra autobiografia de Sadat, *Revolt on the Nile*, e por isso usou-se a versão em inglês.

A escolha dos temas foi excelente, a sua compreensão e interpretação da religião [eram] bem profundas e a sua explanação muito expressiva. Sob todos os aspectos ele reunia as qualidades próprias de um líder religioso. Além disso, era um egípcio autêntico: bem-humorado, honesto e tolerante.

Aquele homem falava das coisas comuns deste mundo assim como de outros assuntos “mundanos”, usando uma forma de se expressar rara entre pregadores religiosos.³²⁸

Na condição de oficial e membro do clandestino grupo de militares, teria frequentado durante muitos meses os sermões ministrados às terças-feiras pelo líder da SIM, que era o único membro da organização islâmica com o qual tinha contato, segundo informa. A relação dos dois era mantida em segredo pelo Guia-Geral mesmo diante dos seus vice-presidentes da SIM. Sadat tinha de esperar em uma sala separada dos demais para encontrar o líder, sendo que muitas vezes se deslocava até a sua casa³²⁹.

Enquanto al-Banna tinha algum conhecimento das atividades dos Oficiais Livres, Sadat afirma que pouco sabia sobre a organização islâmica. Reconheceu que o líder supremo da SIM nunca tentou recrutá-lo nem solicitou informações sobre o grupo clandestino de oficiais. De qualquer forma, sabe-se que a SIM conseguiu conquistar a adesão de outros membros dos Oficiais Livres, como foi o caso de ‘Abd al-Mun’im ‘Abd al Ra’uf, que passou a fazer a ligação entre os Oficiais Livres e al-Banna após a prisão de Sadat em agosto de 1942³³⁰. Outro oficial que chegou a se associar à SIM foi Gamal ‘Abd al-Nassir –que fez o mesmo com outras organizações a fim de fortalecer seu próprio grupo–, que teria sido responsável por oferecer treinamento militar a membros da organização no final da década de 40³³¹.

Sadat destaca o carisma de al-Banna em ambos os relatos. No último, acrescenta que os costumes austeros do líder contrastavam com os costumes “degradantes” dos que ocupavam altos cargos no governo egípcio e que sua influência diante das massas crescia, principalmente entre os jovens do país,

³²⁸ EL-SADAT, s/d, p. 33.

³²⁹ Ibid, p. 42.

³³⁰ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 25.

³³¹ KANDIL, Hazem. **Soldiers, spies and statesmen**. Egypt's road to revolt. Londres: Verso, 2012, p. 37.

que “se juntavam para aderir a esta dinâmica nova organização”³³². Os membros da SIM beijavam sua mão e o reverenciavam “quase como um santo”. Afirma ainda que: “[c]hegavam quase a ajoelhar-se diante de mim, ou a beijar o chão que eu pisava, só porque fora convidado por ele a entrar em sua sala”³³³.

Hasan Al-Banna controlava as diretrizes da Irmandade, e ele a dirigia como um autocrata. Mesmo aqueles próximos a ele sabiam pouco de seus planos e eu senti que este homem estava pensando em projetos grandiosos que ele manteve somente para si mesmo.³³⁴

O fato é que a organização de Sadat, que ainda não se designava como Oficiais Livres, pretendia aproveitar a capilaridade, os meios que a SIM dispunha e a influência de seu líder em prol de sua causa. Al-Banna não os ajudou nesse sentido, mas também não os repeliu. Segundo Neguib, que se tornou o primeiro presidente pós-golpe em 1952, a SIM teria ajudado diretamente al-Nassir a criar os Oficiais Livres, o que é contestado tanto por Sadat como por al-Nassir³³⁵ – é necessário lembrar que uma das bases de apoio de Naguib era a SIM.

O líder da SIM colaborou com o grupo em pelo menos um episódio. O segundo nome que Sadat deveria entrar em contato, seguindo deliberação de seu grupo, era o general Aziz Ali al-Masri. E foi al-Banna quem o apresentou a Sadat, que havia solicitado o encontro, sabendo de sua proximidade com o general. No primeiro semestre de 1940, Masri foi afastado de seu cargo por alegados “problemas de saúde” –na verdade uma forma de o primeiro-ministro atender a pressão de Lampson, sem alijá-lo totalmente do comando. Contudo, com a queda de Ali Mahir, o embaixador britânico conseguiu convencer o novo primeiro-ministro a demitir al-Masri definitivamente do posto de chefe do Estado Maior, sob a alegação de que ele tentava sabotar a cooperação egípcia ao

³³² EL-SADAT, 1957, p. 28. Tradução livre para: “...flocked to join this dynamics new organization”.

³³³ EL-SADAT, s/d, p. 33-34.

³³⁴ EL-SADAT, 1957, p. 29. Tradução livre para: “Hasan Al-Banna controlled the policy of the Brotherhood, and he ruled it like an autocrat. Even those close to him knew little of his plans, and I felt certain that this man was thinking out grandiose projects which he kept strictly to himself.”

³³⁵ NAGUIB apud KANDIL, op. cit., p. 37.

Tratado Anglo-Egípcio³³⁶. Mas o encontro entre o general e Sadat ainda renderia problemas para os britânicos.

Com a entrada da Itália na guerra em junho de 1940, os britânicos se sentiram ainda mais ameaçados, principalmente pela existência de uma grande comunidade italiana no Egito, que tinha cerca de 60 mil pessoas, e a proximidade do rei com vários cidadãos italianos. Essas amizades eram fruto da influência de seu pai, Fu'ad, que cresceu e foi educado na Itália durante o exílio do quediwa Isma'il, pai de Fu'ad e avô de Faruq, além de passar grandes períodos de férias no país. Ali Mahir, que ainda se mantinha influente diante do rei, foi pressionado pelos britânicos a pedir demissão do cargo de primeiro-ministro. O rei Faruq, por sua vez, foi convencido a aceitá-la.

As desconfianças contra o governo de Mahir podem não ter sido infundadas: meses depois, as tropas do general Wavell capturaram com um general italiano uma carta trocada entre o comando militar britânico e o Ministério da Defesa egípcio, comandado por Salih Harb, em que se detalhava a defesa do oásis de Siwa, próximo à fronteira com a Cirenaica. Uma investigação realizada mais tarde por autoridades egípcias não concluiu qual dos lados foi responsável pelo vazamento³³⁷.

Lampson relata o encontro que teve com o monarca para discutir a demissão de Mahir ao Visconde de Halifax, então chefe do Foreign Office:

[...] Ali Mahir deve ir embora e deve ir rapidamente; nem podemos concordar que ele volte ao Palácio, pois a experiência nos mostrou abundantemente que isso tornará o trabalho de qualquer governo impossível.

Eu indiquei nos termos mais claros (enquanto cuidadosamente evitava ameaças diretas) que seria bom para ele adotar nosso conselho; nós temos de ter um governo que trabalhe lealmente conosco.³³⁸

³³⁶ EL-SADAT, s/d, p. 33-34.

³³⁷ KIRK, 1963, p. 197.

³³⁸ FO 407/224, J 1588/G. De sir Miles Lampson para Visconde de Halifax. Cairo, 17 de junho de 1940. Tradução livre para: [...] Ali Mahir must go and must go quickly, nor could we agree that he should return to the Palace, as experience had abundantly shown that that rendered the task of any Government impossible. I indicated in the clearest terms (whilst carefully avoiding direct threats) that it would be well for him to adopt our advice; we must have a Government working loyally with us".

A saída de Ali Mahir do governo foi o fim de um período em que a SIM obteve maior liberdade para agir e maior número de aliados influentes no poder, fato que coincide com o terceiro aspecto da teoria da oportunidade política³³⁹. A associação da SIM com Ali Mahir, al-Masri e Salih Harb fez com que o custo de ser desafiante –em relação aos britânicos– fosse menor. Ou seja, havia garantias de não-repressão, com maior possibilidade de ter mais negociadores ou intermediários poderosos trabalhando em benefício do movimento. Isso encorajou a ação coletiva da SIM, que manteve sua espiral de crescimento, sem que outro grupo ameaçasse sua posição.

Ao mesmo tempo, a organização islâmica não soube – ou melhor, não buscou– a realização de suas demandas durante um governo tão benemerente com sua causa. Apesar de receber auxílio do primeiro-ministro em termos financeiros e de ter bons contatos no governo, al-Banna não se empenhou em pressionar os governantes a tratarem de problemas básicos dos egípcios, como o ascendente custo de vida e as questões crônicas, como a escassez de tratamento médico, serviço que era ofertado pela própria SIM. São problemas estruturais, mas que também não foram explorados pelo discurso da organização islâmica durante o governo do correligionário.

O rei Faruk aceitou a demissão de Ali Mahir “relutantemente” e convocou Hasan Sabri Paxá, um tecnocrata sem partido, comprometido com o cumprimento do Tratado Anglo-Britânico³⁴⁰. Mesmo assim, a nomeação não atendeu o desejo do embaixador britânico, que preferia “um primeiro-ministro com mais apoio popular”, referindo-se ao Wafd³⁴¹. O novo gabinete passou a discutir a possibilidade de um possível passo em direção ao status de beligerante contra o Eixo, principalmente após o país sofrer violentos ataques aéreos na cidade portuária de Alexandria. Havia a sensação entre os egípcios de que o país estava vulnerável, mesmo sob a proteção britânica garantida pelo tratado, que também não evitou outro ato de agressão do Eixo: a invasão

³³⁹ TARROW, 2007, p. 79.

³⁴⁰ GOLDSCHMIDT, 2000, p. 171.

³⁴¹ FO 407/224, J 349/349/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Political review of the Year 1940. Cairo, 28 de janeiro de 1941. Tradução livre para: “a Prime Minister with more popular support”.

italiana da cidade próxima à fronteira com a Líbia de Sidi Barrani, em setembro de 1940³⁴².

Uma das causas dessa percepção era o fato de que não havia, até aquele momento, uma rede de proteção antiaérea. Lampson alertou Halifax sobre o problema: “Não há dúvida de que, em relação tanto à defesa como à ofensiva aéreas, estamos perigosamente frágeis aqui³⁴³”. Ao mesmo tempo, Halifax insistia que o embaixador pressionasse o primeiro-ministro egípcio a declarar guerra contra a Alemanha³⁴⁴, algo bastante impopular no Egito. Lampson também era contra essa declaração e o chefe do Foreign Office acabou concordando com a sua posição³⁴⁵. O perigo de novos e mais violentos ataques aéreos era um dos motivos apresentados por Lampson, como revela telegrama que ele enviou a Londres em dezembro de 1940:

Não nos parece que qualquer vantagem seria obtida no Egito por uma declaração de guerra. Não parece provável que tal declaração num momento em que os invasores estão sendo expulsos do território egípcio tivesse repercussões favoráveis em qualquer quartelão, e isso poderia provocar interpretações que feririam o amor próprio egípcio. Também pode levar a ataques aéreos.³⁴⁶

O governo do novo primeiro-ministro duraria somente até novembro de 1940, quando Sabri morreu de um provável ataque cardíaco fulminante

³⁴² FO 407/224, J 349/349/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Political review of the Year 1940. Cairo, 28 de janeiro de 1941.

³⁴³ FO 407/224, J 1310/208/16. De sir Miles Lampson para Visconde de Halifax. Egyptian defence situation and relations with Italy. Cairo, 24 de abril de 1940. Tradução livre para: “There is no doubt that, as regards both air defence and air offensive, we were dangerously weak here”.

³⁴⁴ FO 407/224, J 2280/1562/16. De Visconde de Halifax para sir Miles Lampson. Egyptian relations with Italy. Londres, 10 de dezembro de 1940. Tradução livre para: “In view of military situation, it occurs to me that this might be a favourable moment for getting Egyptian Government to make declaration of war, which would have favourable repercussions elsewhere. I should be glad if you would consult Commander-in-chief and let me know your views.”

³⁴⁵ FO 407/224, J 2208/1562/16. De Visconde de Halifax para sir Miles Lampson. Londres, 18 de dezembro de 1940. Egyptian relations with Italy. Tradução livre para: “I agree that in all the circumstances there is no [*repeat* no] advantage in pressing the Egyptian Government to enter the war at the present time.”

³⁴⁶ FO 407/224, J 2208/1562/16. Telegrama de Sir Miles Lampson para Visconde de Halifax. Egyptian relations with Italy. Cairo, 13 de dezembro de 1940. Tradução livre para: “We do not seem that any advantage would be gained in Egypt by a declaration of war. It does not seem likely that such a declaration at a moment when invaders are being driven from Egyptian soil would be likely to have favourable repercussions in any quarter, and it might provoke comment which would be wounding to Egyptian *amour propre*. It might also lead to air attack.”

enquanto lia um discurso do rei no Parlamento. Em seu lugar assumiu Hussein Sirry Paxá, que tinha perfil parecido com o do antecessor. Ele havia se formado em engenharia em Londres³⁴⁷, o que lhe trazia características que vinham ao encontro dos interesses do embaixador – entre elas, o conhecimento do idioma inglês. Sirry Paxá demonstrou sua fidelidade durante seu governo ao investir contra os opositores dos britânicos, como a SIM, em especial durante períodos de tensão no fronte do Deserto Oriental, onde se concentravam as tropas do Eixo, uma ameaça constante de invasão do território egípcio.

No cenário interno, os primeiros meses de governo de Sirry Paxá foram marcados por desavenças com o Wafd e com os Saadistas, que se negavam a participar do gabinete³⁴⁸, levando o primeiro-ministro a governar com uma minoria parlamentar de praxe. Ao mesmo tempo, distraído com parte da oposição, Sirry Paxá não evitou a atuação de Ali Mahir, que continuou como conselheiro informal do rei. O rei, por sua vez, manteve sua política de confrontar –ou pelo menos não colaborar– com os britânicos, o que acabou aproximando-os de seu principal antagonista, o Wafd. E a SIM foi um dos principais instrumentos usados para o confronto, segundo relato da embaixada britânica.

Certamente, a característica central da situação política do Egito durante 1941 foi, como no passado, o comportamento insatisfatório do Palácio. O Rei, apesar de ocasionais sustos e ocasionais períodos de aquiescência, nunca, para dizer, ao menos, desencorajou qualquer dos movimentos e organizações antibritânicos que estavam notoriamente trabalhando contra a Grã-Bretanha. O partido Nacional Islâmico (Jovem Egito), os Irmãos Muçulmanos, a Associação dos Moços Muçulmanos e outras sociedades reacionárias muçulmanas, consistentemente trabalharam contra nós com o encorajamento do Palácio. A Azhar, sob inspiração do Palácio e com a conivência do Sheikh Al Maraghi, o reitor, atuou de maneira similar. Ali Mahir Paxá, apesar de ter de trabalhar por trás das cortinas, era notoriamente a aranha nesta rede de intriga antibritânica. Enquanto Sua Majestade continuar sob a influência deste diabólico símbolo de atividade antibritânica neste país, não haverá esperança de que qualquer governo sob este atual regime possa agir de corpo e alma conosco.³⁴⁹

³⁴⁷ GOLDSCHMIDT, 2000, p. 200.

³⁴⁸ FO 407/225, J 1509/18/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 29 de abril de 1941.

³⁴⁹ FO 371/31569; J 1111/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. *Review of Political Developments in Egypt of the Year of 1941*. Cairo, 10 de março de 1942. Tradução livre para: "Indeed, the central feature of the Egyptian political situation during 1941 was, as in the past, the unsatisfactory attitude of the Palace. The King, in spite of occasional frights and occasional periods of quiescence, never, to say at least, discouraged any of the anti-British movements

O novo governo realmente não foi um obstáculo para que os protegidos de Ali Mahir agissem com liberdade. Em janeiro de 1941, a SIM organizou uma conferência no Cairo cujo tom foi de crítica contra os estrangeiros. Os discursos realizados e as resoluções aprovadas durante o encontro foram “explicitamente políticas e antibritânicas”, como a defesa, pela primeira vez na história da organização islâmica, da nacionalização do Canal de Suez. Al-Banna advogava naquele momento a necessidade de se limitar o domínio estrangeiro e, em especial, britânico no país –uma inequívoca provocação contra os ocupantes³⁵⁰. Ao mesmo tempo em que a SIM incitava o sentimento antibritânico, novos lances na política externa e interna do país nos anos seguintes colaborariam para que ele se aprofundasse.

2.6 O início da repressão contra a SIM (1940-41)

No cenário externo, houve alguns sucessos dos Aliados no fronte do Deserto Ocidental, seguidos de calmaria durante a primavera de 1940 no Hemisfério Norte. A relativa tranquilidade foi quebrada pelo golpe de Estado promovido no Iraque em janeiro, com suposto auxílio nazista³⁵¹. O golpe contra um governo que havia sido instalado por Londres revelou que o poderio britânico nos países árabes estava sob ameaça de ações instigadas pela Alemanha. Imediatamente, em uma iniciativa coordenada, vários aliados de Ali Mahir foram exilados pelo governo egípcio, sob a pressão da embaixada. O próprio ex-primeiro-ministro foi mantido em prisão domiciliar durante o resto da guerra, com o surpreendente apoio do rei Faruq –que provavelmente preferiu

and organisations which were notoriously working against Great Britain. The National Islamic party (Young Egypt), the Moslem Brethren, the Young Men's Moslem Association, and other reactionary Moslem societies, consistently worked against us with Palace encouragement. The Azhar, under Palace inspiration and with the connivance of Sheikh Al Maraghi the Rector, played a similar part. Ali Maher Pasha, though forced to work behind the scenes, was notoriously the spider in this web of anti-British intrigue. As long as His Majesty remained under the influence of this evil symbol of anti-British activity in his country, it was hopeless to expect that any Government under the existing regime could act whole-heartedly with us.”

³⁵⁰ LIA, 2006, p. 260-1.

³⁵¹ O golpe, promovido por militares, instalou Rashid Ali al Gaylani como primeiro-ministro. Os militares cercaram a base aérea britânica em Bagdá, que mais tarde recebeu reforços. Em maio de 1941, a rebelião já havia sido debelada e os britânicos mantiveram o Iraque sob ocupação militar durante toda a guerra (CLEVELAND e BUNTON, 2013, p. 196-7).

concordar com a punição sob a ameaça de ele próprio ser enviado para o exterior³⁵². O general Al Masri, por sua vez, tentou resistir.

Os serviços secretos da Alemanha e da Itália souberam explorar a ideia de que, se ganhassem a guerra, o Oriente Médio ficaria livre do domínio britânico, projeto a que aderiram nacionalistas egípcios e de outros territórios, como o Mufti de Jerusalém, na Palestina, e Rashid Ali, no Iraque. Depois do contato intermediado por al-Banna, o general al-Masri passou a colaborar com o grupo clandestino de Sadat e, através dele, foi contatado por espões alemães. Com o apoio logístico dos Oficiais Livres, que também mantinham contato frequente com o serviço secreto alemão, al-Masri tentou embarcar em um avião nazista para se juntar a Rashid Ali no Iraque. A operação não deu certo e os responsáveis pelo plano de fuga se dispersaram. Alertados, os britânicos prenderam todos os envolvidos, incluindo o general egípcio.

O líder da SIM já era visto como um potencial elemento perturbador, especialmente por suas conhecidas posições políticas e relações com Ali Mahir, Salih Harb e o general al-Masri. Agora, sem a proteção de um primeiro-ministro aliado e sob um clima de tensão promovido pelos britânicos, ele seria punido. Em fevereiro de 1941³⁵³, Hasan al-Banna, que era funcionário público, foi transferido pelo Ministério da Educação para uma escola em Qena, no Alto Egito, cidade localizada a cerca de 500 quilômetros do Cairo. O número dois da organização, Ahmed al-Sukkari, foi enviado alguns meses depois para o Baixo Egito. O líder do Misr al-Fatat, também um eloquente antibritânico, foi preso em julho. Um relatório britânico descreve qual teria sido a falta de Al-Banna:

No começo de 1941, al-Banna cometeu a imprudência de escrever criticando o governo conservador de Hussein Sirri Paxá por sua distância dos princípios corânicos. Isso era mais do que o primeiro-ministro, um engenheiro ocidentalizado de considerável força de caráter, podia tolerar. Al-Banna foi relegado do Cairo para uma escola em Qena, a 300 milhas distante no Alto Egito, uma cidade onde oficiais refratários do governo eram transferidos para expiar seus delitos.³⁵⁴

³⁵² GOLDSCHMIDT, 2000, p. 117-8

³⁵³ Mitchell afirma erroneamente que a prisão ocorreu em maio. O fato foi citado em carta escrita em abril por Lampson.

³⁵⁴ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C. Tradução livre para: "Early in 1941, Al-Banna had the temerity to criticise in writing

A intenção do primeiro-ministro era livrar-se da oposição de grupos que contavam com o apoio de Ali Mahir. Tanto a SIM quanto o Misr al-Fatat eram considerados ameaças à ordem social, como revela informe de Lampson para o novo chefe do Foreign Office, o trabalhista Anthony Eden, em que qualifica o movimento islâmico liderado por al-Banna de “disseminada organização fanática”.

Sirri Paxá também atacou Ali Maher Paxá através de suas organizações islâmicas, particularmente ao exilar para Kena [sic] Hasan Al-Banna, o líder da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, e ao gradualmente empreender um ataque contra o “Jovem Egito”, de cujo presidente, Ahmed Hussein, ele espera conseguir se livrar em breve³⁵⁵.

...a ofensiva do primeiro-ministro contra Ali Maher Pasha foi perseguida com vigor. Hasan El Banna, o líder da Akwan al Muslimin [sic], uma disseminada organização fanática apoiada por Ali Mahir, foi banido para Kena, no Alto Egito, e um ataque foi iniciado contra a Sociedade Jovem Egípcia, cujo presidente, Ahmed Hussein, foi finalmente preso em julho.³⁵⁶

Sem alternativas, al-Banna transferiu para Kena a sede da SIM e continuou com suas atividades mesmo longe do Cairo. Ali, provavelmente, teve mais liberdade para agir do que na capital egípcia, onde os britânicos tinham mais influência entre as forças de segurança. Mas a reação ao seu exílio foi ampla. Até os wafdistas, com o objetivo mais provável de intimidar o governo do que defender al-Banna, interpelaram o primeiro-ministro no Parlamento sobre a transferência do líder da SIM. Sirry argumentou que al-Banna havia sido punido pelo Ministério da Educação por não comparecer ao trabalho. A

the conservative government of Hussein Sirri Pasha for its departure from Koranic principles. This was more than the Prime Minister, a westernized engineer of considerable force of character, could tolerate. Al-Banna was relegated from Cairo to a school at Kena, 300 miles away in Upper Egypt, a town where refractory government- officials are commonly transferred to expiate their offences”.

³⁵⁵ FO 407/225, J 1509/18/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 29 de abril de 1941. Tradução livre para: “Sirri Pasha has also attacked Ali Maher Pasha in the latter’s Islamic organizations, particularly by exiling to Kena Hasan el-Banna, the head of the Moslem Brethren Society, and by gradually developing an attack on ‘Young Egypt’, whose president, Ahmed Hussein, he hopes to be able to dispose of shortly”.

³⁵⁶ FO 403/466, J 1111/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Review of Political Developments in Egypt of the year 1941. Cairo, 12 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “...the Prime Minister’s offensive against Ali Maher Pasha had been prosecuted with vigour. Hasan El Banna, the leader of the Akwan al Muslimin, a widespread fanatical organisation and supported by Ali Maher, had been banished to Kena in Upper Egypt, and an attack had been started on the Young Egyptian Society, whose president Ahmed Hussein, was eventually arrested in July.

informação foi desmentida por relatórios do próprio ministério, levantados por membros da SIM. Como resultado de toda pressão, al-Banna e al-Sukkari foram liberados para voltar ao Cairo em junho³⁵⁷.

Essa transferência forçada para Qena em 1941 teve um efeito direto sobre a SIM: o movimento passou a adotar uma postura mais discreta, evitando atritos que pudessem levar seus líderes para o exílio ou a prisão. Segundo relatório detalhado realizado sobre a SIM pela embaixada britânica em 1942 e intitulado “Sociedades Islâmicas: informes da Inteligência Britânica e da Polícia Egípcia. A *Ikhwan al Muslimin* reconsiderada”, depois que al-Banna voltou do Alto Egito, “relatos da polícia sobre a Ikhwan diminuíram de forma significativa”³⁵⁸.

Contatos realizados entre emissários de al-Banna e agentes britânicos, entre eles Heyworth-Dunne, indicaram que o Guia-Geral estava preparado para cooperar com os britânicos e que receberia dinheiro em troca desse apoio. Contudo, isso não se concretizou: “Ele não tinha intenção de receber dinheiro de infiéis; ele deu muito destaque a esta questão de terem oferecido dinheiro durante a guerra em seu jornal, al-Ikhwan al-Muslimun (especialmente em 1946)”, afirma Heyworth-Dunne em seu livro sobre a SIM³⁵⁹.

Ainda em Qena, al-Banna ordenou que todos os membros da SIM se mantivessem “completamente quietos”. Disse ainda que não iria tolerar “mesmo uma única petição ou protesto contra o governo” e ameaçou os que não o obedecessem: “serão excluídos da Sociedade se de alguma forma forem além das ordens da Sociedade”³⁶⁰. Segundo Abd al-Halim, um integrante veterano do grupo, a estratégia foi “evitar o confronto direto com o inimigo”, “abster-se de assuntos políticos” e concentrar-se na “proliferação e formação de diretórios”³⁶¹. A justificativa atribuída foi emular a ação do Profeta Muhammad entre a batalha de Hdaybiyya e a batalha de Badr –quando houve

³⁵⁷ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942 (ver documento em Anexo C) e LIA, 2006, p. 263. Em MITCHELL, Richard P., 1993, p. 22, a data indicada é setembro.

³⁵⁸ Ibid. Tradução livre para: “police reports about the Ikhwan dried up in a significant manner”.

³⁵⁹ HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 38-9. Tradução livre para: “He had no intention of receiving the money from infidels; he gave much prominence to this question of being offered Money during the war in his paper, Ikhwan al Muslimun (especially in 1946)”.

³⁶⁰ AL-BANNA apud LIA, 2006, p. 263.

³⁶¹ ABD AL HALIM apud LIA, op. cit., p. 258.

uma conciliação temporária com os inimigos em Meca até a batalha que levou à vitória final³⁶².

Ao mesmo tempo, a insatisfação popular vinha aumentando. A guerra era vista como uma contenda que interessava apenas aos europeus, mas que vinha causando grande impacto negativo na vida dos egípcios comuns. De acordo com o embaixador Miles Lampson, em relato ao chefe do FO: "... o alto custo de vida, a escassez de comida fornecem excelentes queixas para serem exploradas contra nós"³⁶³. O panorama foi descrito em relatório enviado ao Foreign Office pela embaixada britânica, que culpa somente o governo de Sirry Paxá pela crise econômica e desordem social, que levou a greves e manifestações:

Este governo enfraquecido apenas pode restabelecer sua autoridade com um show de firmeza que, realmente, as circunstâncias exigem. Eu relatei os detalhes da campanha violenta contra nós tanto pelo Palácio como por elementos do Wafd. Nossa aberta vilificação em discursos no Parlamento sob o regime de estado de sítio e com forças inimigas no território egípcio afetaram nosso prestígio, que já se encontrava longe de estar intacto. O grande aumento no custo de vida, devido em boa parte à corrupção e à ineficiência do controle administrativo dos preços, tornou incrivelmente difícil para as classes mais simples sobreviver com os seus salários, que mal foram elevados desde o início da guerra. Greves e ameaças de greves estão no ar. Ao lidar com esse problema, o primeiro-ministro demonstrou a mesma inércia e falta de visão que caracterizaram sua gestão anterior dos elementos de desordem. O proletariado urbano e a pequena burguesia têm genuínas queixas econômicas e, à beira da fome, fornecem excelente material para o agitador inimigo ou o quinto-colunista. Há meses que se mostra evidente que esse problema deve ser atacado com um controle de preços mais drástico, algum aumento de salários, a criação de novos recursos financeiros para ir ao encontro do gasto governamental aumentado envolvido. Ainda, nada foi feito além de prolongadas discussões em comissões até pelo menos a primeira greve, a dos empregados dos bondes e ônibus, forçar a ação do governo, que induziu os grevistas a retornar ao trabalho com garantias que praticamente comprometiam o governo a apoiar o aumento de seus salários. Qualquer aumento como este deve inevitavelmente ser aplicado às demais categorias de empregados, do governo ou fora dele, os quais já estão demandando aumentos. [...] para tornar as coisas piores, um país como o Egito com fertilidade lendária está à beira da escassez de trigo e milho, devido em grande medida à relutância das egoístas classes de proprietários de terras e governantes em limitar os hectares de algodão. O trabalhador urbano vive principalmente de pão de trigo e o *fellah*, de milho. O trabalhador da agricultura, diferentemente do pequenos proprietário e do trabalhador urbano, mal pode, com seu

³⁶² LIA, op. cit., p. 259.

³⁶³ FO 407/225, J 3265/649/G. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 23 de setembro de 1941. Tradução livre para: "... the high cost of living, the food shortage provide excellent grievances to exploit against us".

salário já inadequado, comprar o suficiente de farinha de milho ou trigo para cobrir as mínimas necessidades deles e de suas famílias com os preços que prevalecem.³⁶⁴

Este cenário abriu caminho para que a SIM evitasse temporariamente os ataques contra os britânicos e passasse a criticar com mais ênfase a política socioeconômica do enfraquecido e impopular governo e o estilo extravagante de vida da elite egípcia, aparentemente com o apoio do Palácio, conforme relatório britânico “Sociedades Islâmicas: relatos sobre elas pela inteligência britânica e polícia egípcia”³⁶⁵. A tendência da organização islâmica era analisar o chefe de governo e, ao observar sua falta de apoio tanto popular como partidário, atacá-lo em termos políticos. Do contrário, mantinha-se no discurso religioso, segundo observa Heyworth-Dunne³⁶⁶.

Ao mesmo tempo, durante os últimos anos da guerra, a SIM concedeu mais ênfase à expansão de seus programas de bem-estar social. O combate ao analfabetismo tradicionalmente promovido pela organização foi enfatizado,

³⁶⁴ FO 407/225, J 3265/649/G. De Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 23 de setembro de 1941. Tradução livre para: “This weakened Government can only re-establish its authority by a show of firmness which, indeed, the circumstances call for. I have reported the details of the violent campaign against us by both Palace and Wafd elements. The open vilification of us in speeches in Parliament under a régime of *état de siège* and with enemy forces on Egyptian soil has affected our prestige, which already was far from intact. The great increase in the cost of living, due in considerable part to corruption and the inefficiency in the administrative control of prices has made it increasingly difficult for the humbler classes to exist on their salaries, which have hardly been increased since the outbreak of the war. Strikes and threats of strikes are in the air. In dealing with this problem the Prime Minister has displayed the same inertia and lack of foresight which have characterised his previous handling of elements of disorder. The town proletariat and *petite bourgeoisie* have genuine economic grievances, and, on the verge of hunger, provide excellent material for the enemy agitator or the Fifth Columnist. It has for months been evident that this problem must be tackled by more drastic control of prices, by some raising of salaries, by the creation of new financial resources to meet the increased governmental expenditure involved. Yet nothing was done beyond long-drawn-out discussions in commissions until at last the first strike, that of the tramway and omnibus employees, forced action on the Government, which induced the strikers to return to work by assurances practically committing the Government to support the increase of their wages. Any such increase must inevitably be applied to other categories of employees, official and unofficial, more of whom are already claiming increases. [...] to make matters worse, a country of Egypt's legendary fertility is in danger of shortages in wheat and maize, owing largely to the reluctance of the selfish landowning and governing classes to limit cotton acreage. The town worker lives mainly on wheaten bread and the fellah on maize. The agricultural laborer, as distinct from the small proprietor, and the town workman can hardly, from their already inadequate wages, buy enough flour of maize or wheat for the bare needs of themselves and their families at the prices prevailing”.³⁶⁴

³⁶⁵ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwān al Muslimīn reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C.

³⁶⁶ HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 38.

com a criação de cursos noturnos nos quais também se coletavam donativos. Também houve investimento em campanhas para atender as vítimas dos ataques aéreos do Eixo, sendo que muitos dos diretórios recebiam aqueles que ficaram desabrigados³⁶⁷. As iniciativas de assistência da SIM receberam reconhecimento da insuspeita, neste quesito, embaixada britânica: “não há engano na legitimidade do programa social do movimento”³⁶⁸.

Com o agravamento da situação sócioeconômica, a SIM promoveu manifestações contra o governo. Em uma delas, no mês de outubro de 1941, em Damanhur, al-Banna finalmente abandonou a postura circunspecta que vinha mantendo nos últimos meses em relação aos britânicos. É provável que a mudança de postura tenha sido resultado de uma exagerada autoconfiança na força do apoio conquistado do rei Faruq –que havia recentemente enviado ordens aos governadores de províncias para que não interferissem nas atividades da organização islâmica. A ordem dizia que a SIM “estava trabalhando sem qualquer ambição pessoal para o bem-estar do país”³⁶⁹. Tal recado fez com que os britânicos concluíssem, segundo relatado em 1942 no informe “Sociedades Islâmicas”, que havia “pouca dúvida de que o movimento beneficiou-se consideravelmente do Palácio, e não há dúvida que estava obtendo apoio moral e material³⁷⁰ da poderosa facção antibritânica cujo líder era Ali Mahir”³⁷¹.

Com a garantia do apoio palaciano, al-Banna sentiu-se à vontade para criticar, diante de duas mil pessoas, “a política imperialista” no mundo islâmico. Na mesma manifestação ainda instigou a audiência a “se insurgir como se fosse um único homem para defender sua religião e sua honra” e afirmou que aquela era a hora de “demandar nosso direito porque o imperialista estava em

³⁶⁷ LIA, 2006, p. 259.

³⁶⁸ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C. Tradução livre para: “There is no mistake of the genuineness of the movement’s social programme”.

³⁶⁹ Ibid. Tradução livre para: “who were working without any personal ambition whatsoever for the welfare of the country”.

³⁷⁰ No mesmo documento, Sociedades Islâmicas (Ibid.), os britânicos afirmam, com grande exagero, que a SIM recebia ajuda financeira da Delegação (corpo diplomático) afegã, persa, japonesa e de agentes do Eixo.

³⁷¹ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C. Tradução livre para: “There is little doubt that the movement benefitted considerably from this Palace favour, and no doubt tht it was drawing moral and material support from the powerful anti-British clique whose leader was Ali Maher.

uma situação de alta pressão”, referindo-se aos insucessos britânicos no fronte der batalha.

Os principais líderes da SIM, al-Banna e al-Sukkari entre eles, foram presos logo em seguida à manifestação, por pressão britânica. O encarceramento não se deu apenas devido ao discurso desafiador. O principal motivo que os levou à prisão foi uma suspeita de que a organização islâmica estava preparando uma onda de sabotagens nas linhas de comunicação britânicas –em especial linhas de trens, segundo o relatório “Sociedades Islâmicas”:

A onda crescente de relatórios consistentes de propaganda contra nós e os não-confirmados, mas com sugestões mais preocupantes de seus planos de sabotagem, levaram as autoridades britânicas a solicitarem ao primeiro ministro o encarceramento de al-Banna e al-Sukkari.³⁷²

Tal suspeita levou a polícia, claramente instruída pelo governo sob pressão britânica, a promover uma forte série de atos de repressão à SIM. Os três jornais da organização –*Majallat al Ta’aruf*, *al-Shu’a al-Nidal* e o famoso *al-Manar*³⁷³, sendo que o último havia sido recentemente assumido por al-Banna, foram suprimidos. Além das prisões, foram proibidas reuniões e até menções sobre o movimento islâmico em outros jornais³⁷⁴. Al-Banna referiu-se aos episódios como sendo a primeira grande *mihna*, “teste”, “provação” que a organização por ele liderada sofreu³⁷⁵.

Houve novamente pressão do público e do Parlamento contra as prisões. Petições organizadas pelos membros da SIM chegaram a reunir 11 mil assinaturas, solicitando ao rei e ao primeiro-ministro a libertação dos irmãos muçulmanos presos. Até o ministro dos Suprimentos, membro do próprio

³⁷² Ibid. Tradução livre para: “The rising tide of consistent reports of Ikhwan propaganda against us and the less well-confirmed, but far more disquieting suggestions of their sabotage plans led the British Authorities to request the prime minister to intern Al-Banna and Al-Sukkari”.

³⁷³ O jornal, que significa “o farol”, foi fundado em 1898 por Rashid Rida, que se dedicou a difundir a linha reformista Salafista, “movimento de resistência cultural contra a invasão colonial buscou restaurar o Islã seu poder anterior e restabelecer a confiança em seus valores tradicionais, começando com a língua árabe, enquanto empregava técnicas modernas” (**THE ENCYCLOPAEDIA of Islam**. Leiden: E. J. Brill, 1991, v. VI, p. 360).

³⁷⁴ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 23.

³⁷⁵ Ibidem. Mitchell traduz a palavra *mihna* como perseguição, mas o significado que se adequa melhor é o de provação (**THE ENCYCLOPAEDIA of Islam**. Leiden: E. J. Brill, 1991, v. VIII, p. 2), como se o grupo estivesse sendo testado pela força divina.

gabinete de Sirry Paxá, foi visitar o Guia-Geral na prisão. A política de contenção dos membros foi totalmente deixada de lado. Os militantes sentiram que a prisão havia sido mais um ultraje do ocupante. Apesar da proibição da polícia, um grupo de centenas de membros do comitê de estudantes da SIM organizou uma manifestação no dia 11 de novembro de 1941 no Cairo, que acabou em confronto com as forças de segurança, deixando um saldo de 300 prisões.

Antes do final do mês de novembro, al-Banna e al-Sukkari foram liberados, para profundo descontentamento da embaixada que viu na atitude fraqueza do primeiro-ministro –Sirry Paxá temia um aumento da instabilidade se ambos fossem mantidos na prisão³⁷⁶. A crítica de Lampson, em um relatório posterior à queda de Sirry, indica claramente que a embaixada defendia a prisão de todos os que pareciam ameaçar seus interesses, sob o pretexto da lei marcial.

Sirry Paxá também era fraco na questão do encarceramento dos encrenqueiros egípcios. Apesar de terem sido dados os poderes adequados a ele como Governador Militar, ele falhou em prender pessoas que deveriam ser presas, tanto em seu próprio interesse como em nosso. Ele libertou alguns egípcios, tais como os líderes da Irmandade Muçulmana, cujo contínuo encarceramento era obviamente vantajoso para ambas as partes. Na verdade, ele fraquejou ao ceder a uma agitação no Parlamento, mas sempre devemos lembrar que atrás dessa agitação estava o Palácio, contra quem Sirry Paxá não conseguiria sair vencedor.³⁷⁷

As pressões exercidas sobre o governo de Sirry Paxá pelos britânicos, estimulados pelos maus resultados nas frentes de batalha e pelo golpe nacionalista no Iraque, resultaram na contenção das atividades da SIM. O exílio em Qena e o encarceramento no Cairo fizeram com que o Guia-Geral

³⁷⁶ KIRK, 1963, p. 200 e FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento em Anexo C.

³⁷⁷ FO 403/466, J 1656/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Political Situation in Egypt. Cairo, 12 de março de 1942. Tradução livre para: Sirry Pasha was also weak in the matter of internment of Egyptian mischief-makers. In spite of the adequate powers given to him as Military Governor, he failed to intern people who should have been interned, both in his own interest and in ours. He released some Egyptians, such as leaders of the Moslem Brethren, whose continued internment was obviously to our mutual advantage. In fact, he yielded weakly to an agitation in Parliament, but it must always be remembered that behind this agitation was the Palace, against which Sirry Pasha could not prevail."

evitasse novos confrontos, o que nem sempre foi respeitado, principalmente entre os elementos mais radicais do movimento, em especial o Comitê Estudantil.

Mesmo tendo o apoio do rei Faruq, al-Banna percebeu que tal proteção não era suficiente para evitar a repressão contra os membros do grupo e suas atividades, como a publicação de jornais e a realização de reuniões, encontros e manifestações. A prisão demonstra que os aliados de al-Banna não eram mais tão fortes –ou tão comprometidos– quanto ele imaginava. Por isso, os eventos do final de 1941 resultaram em um forte impacto na atuação do grupo, notado pelos britânicos em relatório em que descrevem a atuação da SIM como “moderadamente quieta”³⁷⁸.

Tal comportamento se manteria em períodos de intimidação e repressão, mas em geral era revertido quando a liderança se sentia segura para aumentar o tom de seu discurso e voltar com a militância para as ruas. Em outras palavras, a organização se mostrou extremamente dependente de aliados poderosos. Com o apoio deles, a SIM retomava suas atividades e oferecia seu poder de mobilização popular como moeda de troca. Com a ascensão de opositores, a organização islâmica testava seus limites e, quando a repressão era forte, acabava por manter suas atividades mais discretas, dando ênfase ao setor de assistência social, como será observado no próximo capítulo, quando o Wafd é alçado ao poder.

³⁷⁸ WO 208/1560. Cairo, 24 de dezembro de 1941. *Security Summary*. Tradução livre para: “moderately quiet”.

CAPÍTULO III

O SILENCIAMENTO DA SIM (1942-45)

A situação interna do Egito vinha sendo impactada pelo cenário externo desde 1935, primeiramente com a tensão provocada pela invasão italiana da Etiópia e demais movimentações pré-guerra e, mais tarde, com a guerra propriamente dita. Mas o início da II Guerra Mundial não causou um impacto tão profundo para o cenário político egípcio quanto a perspectiva de uma capitulação britânica no final de 1941. Esta configuração influenciou de forma crucial desdobramentos que ocorreriam no Egito em especial ao longo de 1942.

Entre os principais pontos a serem abordados neste capítulo, estão a ascensão do Wafd ao poder por meio de intervenção direta britânica e o silenciamento da SIM durante o governo wafdisto. Seja por meio de coação ou suborno, fatos mencionados em documentos britânicos, a organização islâmica abandonou sua diretiva combativa ao não se levantar como força opositora. Isso não ocorreu mesmo quando o líder do Wafd e primeiro-ministro, Nahas Paxá, foi acusado de corrupção pelo vice-líder do próprio partido. A SIM se alinhou ao Wafd e se deixou usar como um meio de contenção da população em um período em que o alto custo de vida e a escassez de alimentos atingiam os egípcios.

Do ponto de vista da análise histórica da trajetória da SIM, também é imprescindível considerar as dinâmicas que se impuseram entre 1941 e 1942, em uma perspectiva que privilegie os aspectos exógenos. Esta abordagem tem como marco de início o temor de uma eventual invasão alemã pela fronteira do Egito com a Cirenaica (que agora faz parte da Líbia), no chamado Deserto Ocidental (ver o Mapa 2, no Anexo A). O ataque era considerado pelos britânicos, que estavam enfraquecidos na frente de batalha, como uma forte possibilidade, razão pela qual decidiram intervir com suas Forças Armadas para garantir um governo que fosse pró-Aliados, em contraposição ao desejo do rei Faruq –que se mostrava, no mínimo, ambivalente em relação ao Eixo.

3.1 A inferioridade britânica na guerra (1941-1942)

O panorama do conflito mundial se mostrava bastante desfavorável para os Aliados com o avanço alemão nos Bálcãs no final de 1941. O temor de uma eventual derrota desencadeou uma série de ações que reverteriam em desdobramentos significativos no panorama político do Egito. A situação dos britânicos naquele momento era particularmente difícil, sendo que seu próprio território era palco de milhares de mortes e grande destruição provocadas por bombardeios aéreos nazistas –a série de ataques conhecida como Blitzkrieg ou The Blitz para os britânicos. Tal cenário implicava fortes pressões sobre as tropas britânicas no Egito, onde se encontrava a base voltada para a defesa do Deserto Ocidental, junto à fronteira com a região da Cirenaica. Uma vitória no fronte africano era imperativa para elevar o moral e gerar esperanças de derrotar o Eixo.

Desta forma, os investimentos do Reino Unido, sejam financeiro, logístico ou político, a fim de garantir o apoio dos egípcios, não foram poupados. A própria repressão contra a SIM, que causou as prisões de al-Banna e al-Sukkari, foi resultado direto da política de contenção de toda e qualquer resistência à presença britânica no país, que decorreu do empenho do ocupante para se afirmar. O sucesso naquela frente da guerra era visto como sendo de vital importância por uma série de razões, não apenas a psicológica mencionada anteriormente. Do ponto de vista geopolítico, o Canal de Suez já desempenhava um papel indispensável como meio mais rápido e seguro nas comunicações com a Índia e para a passagem de petroleiros, ainda mais essenciais em tempos de guerra. A importância de manter e controlar o canal e defender sua ascendência sobre o território egípcio cresceu ainda mais durante o conflito. Principalmente por ser um ponto estratégico para o abastecimento de navios e a escala de aviões de guerra, em especial entre a Europa e o Sudeste Asiático, onde se encontravam outras colônias britânicas. Além disso, havia a necessidade vital de garantir a provisão de alimentos para as tropas estacionadas na região, que era comprada das lavouras egípcias, que produziam trigo e milho, entre outros grãos³⁷⁹. A incipiente indústria nacional local também precisou envidar esforços para atender outras

³⁷⁹ REID, 2009, p. 234.

necessidades das tropas aliadas no país, a fim de superar a falta de segurança e o alto custo do transporte de produtos pelo Mar Mediterrâneo.

Além da vulnerabilidade do próprio território inglês, o Império Britânico parecia estar ruindo. Em outubro de 1941, Mahatma Gandhi convocou os indianos a iniciarem uma resistência pacífica contra os britânicos. A repressão ao movimento demandava o envio de mais tropas, o que tornou o controle do Canal de Suez, principal rota entre a Grã-Bretanha, a Índia e as demais colônias na Ásia, ainda mais importante. Esta situação se agravou em dezembro, quando o Japão empreendeu uma ofensiva que conquistou boa parte dos territórios das atuais Tailândia e Malásia. Em decorrência, muitos reforços militares dos Aliados foram transferidos do Norte da África para o Sudeste Asiático e, por um breve período, o fronte africano ficou menos guarnecido³⁸⁰.

Era grande a expectativa dos egípcios em relação à chegada de tropas que iriam substituir as forças enviadas para a Ásia e que teriam a tarefa de fazer frente aos avanços dos Afrika Korps, no fronte do Deserto Ocidental³⁸¹. Sob a liderança do general alemão Erwin Rommel, a campanha do Eixo na Líbia ganhou fôlego desde o início de 1940 e já havia ultrapassado a fronteira em alguns pontos específicos. Além disso, no verão de 1941, pelo menos 650 pessoas morreram em Alexandria e arredores em consequência dos ataques aéreos empreendidos pela força aérea nazista, a Luftwaffe³⁸². Muitos moradores fugiram da cidade portuária à beira do Mediterrâneo, a segunda mais populosa do Egito, ou enviaram parentes para outras localidades do país.

Em 29 de janeiro de 1942, Rommel e suas tropas reconquistaram Benghazi, na Cirenaica, próximo à fronteira com o Egito, aumentando ainda mais a tensão entre a população egípcia, que via como provável uma nova onda de bombardeios e até a invasão mais ampla de seu território. O medo disseminou-se entre os egípcios ao receberem as notícias sobre os intensos ataques aéreos sofridos por outra colônia britânica não muito distante, a ilha de Malta, que se mantinha isolada e carecia de suprimentos básicos. Ou seja, se a Grã-Bretanha não estava tendo sucesso em proteger suas colônias, o Egito,

³⁸⁰ KIRK, 1952, p. 13.

³⁸¹ KILLEARN, 1972, p.194-5, Cairo, 7 de Janeiro de 1942.

³⁸² LITTLE, Tom. **Modern Egypt**. London: Ernst Denn Ltd, 1967, p. 88.

que estava sendo atacado tanto por meio aéreo como terrestre, se encontrava sob grande risco.

Todos os revezes nas colônias e na frente de batalha do Deserto Ocidental arranharam o mito da supremacia britânica e esta mudança de percepção se mostraria significativa e duradoura entre os africanos³⁸³. A capacidade de Londres e dos demais aliados de ganhar a guerra foi colocada à prova. Levando isso em conta, naquele momento, os nacionalistas egípcios e outros grupos, como a SIM e o *Misr al-Fatat*, se tornaram mais desafiadores. As críticas contra o poder colonial contidas em jornais e panfletos –estes, não raro, apócrifos– se tornaram ainda mais mordazes. O embaixador britânico sir Miles Lampson afirmou em relatório endereçado ao Foreign Office em fevereiro de 1942 que: “Entre outras coisas, surgiram uma série de panfletos difamatórios, um deles incentivando os egípcios a se insurgir em nossa retaguarda se formos forçados a recuar”³⁸⁴. Uma revolta egípcia contra o domínio britânico passou a ser uma ameaça real.

3.2 A configuração política no Egito (1941-1942)

O governo de Hussein Sirry Paxá, que havia assumido em 15 de novembro de 1940, garantiu que as prioridades britânicas fossem atendidas, em especial durante o difícil final de 1941, na medida em que afastou Mahir, Azzam, Salih Harb e seus aliados de postos governamentais e encarcerou o líder da SIM e seu segundo em comando. “A postura em geral favorável se refletiu no lado político em um considerável fortalecimento da posição do primeiro-ministro, Hussein Sirry Paxá”³⁸⁵, comemorou sir Miles Lampson em relatório anual enviado ao FO. Neste mesmo informe, relativo ao ano de 1941, o embaixador lamenta que Sirry foi indiscreto ao comentar com Mahir que seu

³⁸³ REID, 2009, p. 237.

³⁸⁴ FO 371-31569 e FO 403-466, J 1111/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. *Review of Political Developments in Egypt if the year 1941*. Cairo, 12 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “Among other things a number of inflammatory pamphlets appeared, one even urging the Egyptians to rise in our rear if we were forced to retreat”.

³⁸⁵ Ibid. Tradução livre para: “The generally favoured attitude was reflected in the political side in a considerable strengthening of the position of the Prime-Minister, Hussein Sirry Pasha”.

afastamento foi uma demanda britânica –mais um indício de que a prisão de al-Banna também se dera atendendo a apelos semelhantes.

Infelizmente, ele explicou que ele (primeiro-ministro) havia feito aquilo a pedido dos britânicos, e dessa forma incentivou a atitude de Ali Mahir de se recusar a sair e reivindicar imunidade parlamentar. Houve o perigo, em certo momento, de Ali Mahir levar a questão ao Senado [*mas ele foi desencorajado pelo rei*]³⁸⁶.

Os efeitos econômicos da guerra no país, em especial a escassez de alimentos e o consequente aumento de preços, além da tensão de uma possível invasão alemã do território egípcio, provocaram conflitos e manifestações entre o final de 1941 e início de 1942, fazendo com que a situação fosse descrita como “crítica”³⁸⁷. Faltavam alimentos básicos como açúcar, farinha e combustível e até tecido para *gallabiyya*, a vestimenta tradicional. Um sistema de racionamento foi colocado em prática. O mercado paralelo era o único meio pelo qual tais insumos podiam ser encontrados, com preços altos que refletiam sua escassez e penalizavam sobretudo os mais vulneráveis. Em janeiro de 1942, irromperam protestos gerais e greves de estudantes em protesto contra as condições de vida. Na periferia do Cairo, padarias foram atacadas por multidões em busca de pão³⁸⁸.

Tanto a oposição no Parlamento como boa parte da população culpavam os britânicos pelas dificuldades enfrentadas. A acusação mais severa se relacionava ao suposto consumo da maior parte dos grãos produzidos no país pelas tropas enviadas para proteger o fronte do Deserto Ocidental. Nas ruas, o grito dos manifestantes –“Nós somos soldados de Rommel”³⁸⁹— demonstrava que a raiva contra os britânicos estava afastando, pelo menos os estudantes, do lado aliado.

³⁸⁶ FO 371/31569 e FO 403/466, J 1111/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. *Review of Political Developments in Egypt if the year 1941*. Cairo, 12 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “Unfortunately, he explained that he (PM) had done so at the request of the British, and thereby increased the support for Ali Maher’s attitude when he refused to go and claimed parliamentary immunity. There was a danger at one time that Ali Maher might take the matter to the Senate”.

³⁸⁷ VATIKIODIS, 1985, p. 347.

³⁸⁸ Ibid., p. 347.

³⁸⁹ KIRK, 1963, p. 200-1 e KRÄMER, 2010, p. 64.

Tal aproximação era de se esperar entre nacionalistas e emissários do Eixo. Documento britânico aponta que, antes da guerra, houve contatos entre a organização islâmica liderada por al-Banna e agentes italianos e alemães, que agiam a serviço de seus governos, e até remessas de ajuda financeira. Mas, os próprios britânicos reconheceram que, pelo menos até meados de 1942, “havia poucas evidências” da ligação da SIM durante a guerra com agentes do Eixo.³⁹⁰.

Devido aos problemas de abastecimento, o governo egípcio foi obrigado a alocar uma fatia maior de terras cultiváveis para o plantio de alimentos, limitando a área para a produção de algodão³⁹¹. Tal fato não agradou os grandes proprietários de lavouras da valiosa commodity, que exigiram compensação pela perda de uma fatia de seu lucro. Como o Parlamento era dominado por simpatizantes dos interesses econômicos dos grandes produtores, foi aprovada uma indenização a eles que seria arcada pelo erário egípcio. Lampson informa a situação a Anthony Eden, secretário do Foreign Office³⁹², em relatório que traz um resumo dos fatos ocorridos no país em 1941:

Os saadistas e liberais[-constitucionalistas] pressionaram por um aumento no preço a ser pago aos plantadores. Por fim, o preço foi acrescido em 2 dólares o cantar³⁹³, [sendo que] o custo extra deveria ser arcado pelo governo egípcio. O resultado foi que o contribuinte egípcio foi penalizado a fim de que a receita dos proprietários de [plantações de] algodão aumentasse.³⁹⁴.

O tom crítico do embaixador em relação aos grandes proprietários e a aparente preocupação com o contribuinte egípcio escondem o fato de que esforço de guerra egípcio teve de ser intensificado por conta da demanda

³⁹⁰ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942.

³⁹¹ VATIKIODIS, 1985, p. 347.

³⁹² Posto semelhante ao de ministro das Relações Exteriores.

³⁹³ Medida equivalente a 50 quilos (<http://www.unc.edu/~rowlett/units/dictC.html>).

³⁹⁴ FO 371/31569 e FO 403/466, J 1111/38/16. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. *Review of Political Developments in Egypt if the year 1941*. Cairo, 12 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “The Saadists and Liberals pressed for an increase in the price to be paid to the cultivator. Finally, the price was raised by 2 dollars a cantar, the extra cost to be met by the Egyptian Government. The result was that the Egyptian taxpayer was penalised in order to increase the receipts of the cotton owners”.

britânica. E que era exatamente a elite local quem defendia os interesses de Londres, em especial no Parlamento egípcio.

A SIM vinha se mantendo em silêncio desde o final de 1941, como resultado dos encarceramentos incentivados pelos britânicos e da intimidação exercida pelo governo de Sirry Paxá. De acordo com o relatório Sociedades Islâmicas, a prisão dos líderes da organização islâmica “aparentemente intensificou o instinto de precaução de al-Banna e evitou referências hostis à Grã-Bretanha, apesar de não reprimir completamente a ebulição de seus seguidores”³⁹⁵.

O fato é que a SIM realmente recolheu-se. O escandaloso acordo em que o Parlamento aprovou compensações financeiras aos proprietários de fazendas de algodão não foi denunciado pela organização islâmica. E não faltaram oportunidades para que se pronunciasse sobre o assunto. Antigo palco de denúncias e discursos inflamados, a conferência anual realizada pelo grupo, que ocorreu em janeiro de 1942, resultou em decisões menos polêmicas, como a necessidade de membros concorrerem nas próximas eleições³⁹⁶. A SIM mais uma vez não se posicionou contra o status quo, mesmo em um momento em que poderia contar com a insatisfação da população como alavanca para pedir mudanças que beneficiassem os mais vulneráveis. A opção foi por manter o movimento alheio a conflitos que pudessem ameaçar a sua própria preservação.

Se por um lado a SIM se encontrava em um período pouco ativo, por outro o primeiro-ministro Sirry Paxá enfrentava forte oposição nas ruas e da parte do Wafd. Os britânicos também não estavam satisfeitos com seu desempenho, principalmente por ter libertado no final de 1941 al-Banna e al-Sukkari. Seu único ponto de sustentação era, portanto, o rei.

3.3 A ascensão do Wafd e o silenciamento da SIM (1942)

³⁹⁵ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Tradução livre para: “His internment apparently intensified Al-Banna’s instinct for caution, and he avoided hostile references to Britain, though this naturally did not completely repress the ebullience of his followers”.

³⁹⁶ LIA, 2006.

Apesar de signatário do Tratado da Aliança, que definiu a cooperação militar entre Egito e Império Britânico em caso de guerra, o governo egípcio manteve posição ambígua nos primeiros anos do conflito. Prova disso foi a resistência dos primeiros ministros locais em declarar guerra e se posicionar de forma inequívoca a favor dos Aliados. Some-se a isso o fato de que a maioria da população entendia o conflito como um embate entre europeus e, por esse motivo, criticava o envolvimento do Egito³⁹⁷. No entanto, mesmo sob toda essa contrariedade, os britânicos tiveram força para atuar decisivamente na política egípcia, influenciando de forma direta a formação de um novo governo no auge das tensões da guerra, como revelam documentos do Foreign Office.

Em janeiro de 1941, Sirry Paxá finalmente perderia o único pilar que o sustentava como primeiro-ministro –como era um governo sem maioria no Parlamento, dependia totalmente da sustentação dada pelo monarca, que tinha o direito constitucional de aprovar gabinetes e demiti-los. Naquele mês, Londres, por meio da embaixada britânica no Cairo, solicitou que o ministro das Relações Exteriores egípcio cortasse relações diplomáticas com a França³⁹⁸, que se encontrava sob o regime da República de Vichy. O pedido foi prontamente atendido. O rei, que se encontrava fora do Cairo, não foi consultado sobre o assunto. Contrariado, dada a sua ambivalência em relação ao Eixo³⁹⁹, Faruq exigiu a demissão do ministro das Relações Exteriores, que foi negada por Sirry Paxá⁴⁰⁰. O desgaste com Faruq fez com que o primeiro-ministro apresentasse sua renúncia. Este fato marcaria o início de uma reviravolta nas relações entre o Wafd e os britânicos, que provocou um forte impacto nas atividades da SIM.

Do ponto de vista da Grã-Bretanha, aquele se mostrava um momento crucial, diante da fraqueza demonstrada pelos Aliados na Frente do Deserto Ocidental, após as últimas derrotas sofridas. O apoio total do chefe de governo egípcio era ainda mais necessário se considerada a posição dúbia do monarca. Em janeiro de 1941, Lampson já havia especulado sobre a possibilidade de

³⁹⁷ REID, 2009, p. 240.

³⁹⁸ KILLEARN, 1972, p. 195-6. Cairo, 20 de janeiro de 1942.

³⁹⁹ Faruq vinha se recusando a afastar de sua entourage os cidadãos italianos vistos com suspeita pelos britânicos, causando uma sensação de desconforto na embaixada (FO 371/31569, J 1049. De sir Miles Lampson para Foreign Office. Cairo 5 de março de 1942).

⁴⁰⁰ LITTLE, 1967, p. 88-9.

substituir um gabinete que não conviesse aos interesses de Londres “por outro governo mais amigável”⁴⁰¹.

Lampson, ao ser informado por Sirry Paxá de sua decisão de demitir-se, consultou-o sobre possíveis indicações de substitutos. Tinha o nome de Nahas Paxá em mente, mas os três nomes apontados por seu interlocutor foram os de Bahiedin Barakat, Muhammad Heikal e Ahmad Mahir, rapidamente descartados pelo representante britânico. Em seu diário, Lampson descreveu essa conversa, que acabou com um acordo entre ambos, o que mostra mais uma vez o grau de influência que o embaixador tinha nos gabinetes egípcios:

*Sem qualquer hesitação, ele [Sirry] respondeu: ‘Mande buscar o Wafd’. Eu disse que este era um momento em que duas grandes mentes pensavam igual, pois antes de vê-lo eu tinha chegado precisamente à mesma conclusão, mas ela ganhou força ao ser sugerida por Sua Excelência. Nós então discutimos o cronograma. Ao ser solicitado por mim, ele concordou em aguardar [o pedido de demissão] até o meio-dia de terça-feira [3 de fevereiro].*⁴⁰²

Para aumentar as preocupações de Lampson, na manhã de 2 de fevereiro de 1942, um dia antes da data combinada, Sirry foi compelido pelo palácio a apresentar sua carta de renúncia. O embaixador, por sua vez, marcou audiência com o rei e imediatamente se reuniu com o general Claude John Eyre Aushinleck. Pediu ao principal comandante das tropas britânicas estacionadas no Egito seu apoio logístico no caso de ter de demonstrar força ao rei. O consentimento acabou por ser obtido, apesar de alguma hesitação, uma vez que Aushinleck temia que uma intervenção militar gerasse agitação popular, que em sua opinião seria difícil de ser controlada. Lampson recebeu uma ligação do Foreign Office, em que também lhe foi concedido apoio a um eventual uso de força militar contra o palácio na resolução do impasse, caso fosse necessário.⁴⁰³

⁴⁰¹ FO 407/225, J 352/18/16: Lampson para Anthony Eden, Cairo, 28 de janeiro de 1941. Tradução livre para: “[...] secure its replacement by another and more friendly Government”.

⁴⁰² KILLEARN, 1972, p. 199; Kom Aushim, 1 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “Without any hesitation he replied ‘Send for the Wafd’. I said this was an instance of great minds thinking alike, for before coming in to see him I had come to precisely the same conclusion but it gained in force through having been volunteered by His Excellency. We then discussed the time-table [sic]. At my request he agreed to hold his hand until noon on Tuesday”.

⁴⁰³ Ibid., p. 206. Cairo, 3 de fevereiro de 1942.

Em seguida, Lampson realizou uma reunião com o monarca, ocasião em que apresentou quatro demandas: um governo leal aos termos do Tratado da Aliança Anglo-Egípcia de 1936, especificamente ao artigo 5⁴⁰⁴; um governo forte que tivesse apoio popular e fosse capaz de controlar a população; a convocação de Mustafa Nahas Paxá, líder do partido que detinha a maioria dos assentos no Parlamento, com o objetivo de formar um governo; a quarta demanda fixava o meio-dia do dia seguinte, 3 de fevereiro, para que a providência fosse tomada. “Eu não usei nenhuma ameaça, mas fui firme”, afirmou Lampson em seu diário sobre o encontro com Faruq⁴⁰⁵.

No dia seguinte, Amin Othman Paxá, conselheiro extraoficial de Lampson e intermediário favorito da embaixada para contatos com Mustafa Nahas Paxá, líder do Wafd, procurou-o para discutir a situação recente. Othman se dirigiu para a residência do embaixador e após sua saída manteve Lampson permanentemente informado dos desdobramentos entre Nahas e o rei. Aliás, como ainda não havia sido nomeado, o embaixador preferiu usar esse expediente ao invés de discutir diretamente com Nahas.⁴⁰⁶ Lampson sugeriu a Othman que Nahas não aceitasse a proposta aventada pelo palácio para formar um governo de coalizão.

O episódio que se seguiu demonstra o alcance das pressões da Grã-Bretanha e ajuda a compreender como seus representantes no país puderam por vezes atuar contra uma organização popular como a SIM. Na tarde do dia 3, Nahas finalmente foi chamado pelo rei a encontrá-lo no palácio, e observou o que já havia previsto: Faruq propôs ao líder do Wafd que liderasse um governo de coalizão com outros partidos. Nahas recusou, oferecendo como única opção a formação de um governo de seu partido, que era majoritário no Parlamento⁴⁰⁷. Como o resultado do encontro não foi o esperado por Lampson, ele decidiu agir para colocar seu plano em prática.

No decisivo dia 4 de fevereiro de 1942, o embaixador telefonou para Hasanein Paxá, chefe de gabinete do palácio e, segundo relatou em seu diário,

⁴⁰⁴ O artigo 5 estabelecia que “cada uma das partes contratantes se responsabiliza por não adotar, em relação a outros países, uma atitude que seja inconsistente com a aliança, nem promover tratados políticos inconsistentes com as provisões do presente tratado”.

⁴⁰⁵ Ibid., p. 200; Cairo, 2 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “I used no threat, but was firm”.

⁴⁰⁶ A ideia de Lampson era evitar que se tornassem públicas as negociações entre ele e Nahas Paxá.

⁴⁰⁷ KILLEARN, 1972, p. 206; Cairo, 3 de fevereiro de 1942.

ponderou: “A menos que eu ouça até as 18h de hoje que Nahas foi chamado para formar um novo governo, Sua Majestade Rei Faruq deve aceitar as consequências” ⁴⁰⁸. No cair da noite, Lampson chegou ao palácio acompanhado de tanques de guerra, fazendo uma demonstração pública de suas intenções e humilhando o rei diante de seus súditos. Ameaçado de perder o trono, o monarca aceitou indicar como primeiro-ministro o líder do Wafd, seu desafeto Mustafa Nahas Paxá.

É importante ressaltar que a complexidade desse conjunto interconectado de processos aponta para a necessidade de analisar mais detidamente as relações entre a SIM e outros importantes atores políticos, como os britânicos e o Wafd. Ao aprofundar a discussão em torno dos conflitos e acordos firmados entre SIM e Wafd, é possível delinear com maior acuidade o posicionamento do movimento e da liderança de al-Banna diante de questões desafiadoras como a adesão a grupos políticos e acerca do nacionalismo. Quanto a este aspecto, a relação com os britânicos também carece ser aprofundada, analisando-se o comportamento do grupo diante das pressões impostas por um governo que contava com o seu apoio.

Ao assumir como primeiro-ministro, Nahas Paxá convocou novas eleições parlamentares. Wafdistas e britânicos suspeitavam que Ali Mahir, afastado do governo e com o conhecimento do monarca, estaria financiando as campanhas eleitorais de seus adversários, principalmente do partido *Misr al-Fatat* (Jovem Egito) e dos candidatos ligados à SIM, que concorriam como independentes. No rascunho de uma carta que seria enviada a Amin Othman, o embaixador britânico relata que Fahmy Aql, um jornalista que havia trabalhado no periódico do *Misr al-Fatat* e era sabidamente um homem sem recursos, estaria financiando a campanha eleitoral do partido. A informação veio do próprio Aql, que também revelou a verdadeira fonte do financiamento e que outro dos beneficiados seria al-Banna, segundo a minuta da carta datada de 12 de fevereiro de 1942, de sir Miles Lampson para Amin Othman:

Fahmy Aql disse que estava conseguindo fundos do palácio. Outros que ele mencionou que estariam obtendo fundos da mesma fonte

⁴⁰⁸ KILLEARN, 1972, p. 207; Cairo, 4 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “Unless I hear by 6 p.m. today that Nahas has been asked to form a Government His Majesty King Farouk must accept the consequences”.

para as eleições são: Ibrahim Shukry (Misr el-Fatat); Hasan al-Banna (Ikhwan al Muslimin), Hamada Nahil (Misr el-Fatat) e Ahmed Ismail, um piloto de avião. Um amigo perguntou para ele como X (um amigo mútuo) poderia obter assistência financeira similar. Fahmy Aql respondeu que qualquer um que desejasse se beneficiar tinha de contatar Aly Mahir Pasha. Se aprovasse, ele lhe daria recomendação da Khassa.⁴⁰⁹

Outra informação, colhida pelo serviço secreto britânico, sugere que havia uma ligação financeira entre Mahir e a SIM e que o rei Faruq estava interessado em utilizar grupos religiosos como base de apoio, provavelmente para neutralizar a popularidade do Wafd. No relatório sobre as principais atividades das organizações islâmicas do país, realizado sob as ordens do rei Faruq, foi interceptado pelos agentes e encaminhado para a embaixada. Consta a descrição de um funcionário britânico:

O relatório fornece evidência significativa do interesse demonstrado pelo rei em vários grupos muçulmanos e seu desejo de usá-los para os objetivos da política do palácio.

A posição proeminente registrada pela Ikhwan el Muslimeen [sic] confirma a opinião que dá conta da importância dessa sociedade, algo que nós frequentemente demos ênfase em nossos próprios relatórios durante o ano passado⁴¹⁰.

O relatório encomendado por Faruq foi preparado pelo agente palaciano Youssef Nasser. A íntegra do documento foi obtida pelo britânicos, traduzida para o inglês e anexada à carta de Lampson citada anteriormente. Após investigar os vários grupos islâmicos do país por dois meses, Nasser informa ao rei que a maior parte das organizações estabeleceu programas “fora da

⁴⁰⁹ FO 141/842, J 458/3/42. Rascunho de carta de sir Miles Lampson para Amin Othman, Cairo, 12 de fevereiro de 1942. Tradução livre para: “Fahmy Aql said that he was getting his deposit money from the Palace. Others whom he mentioned as getting election deposit money from the same source here: Ibrahim Shukry (Misr el-Fatat); Hasan el Banna (Ikhwan al Muslimin), Hamada Nahil (Misr el-Fatat) and Ahmed Ismail, an air-pilot. A friend asked him how X (a mutual friend) could get similar financial assistance. Fahmy Aql replied that anyone wishing a benefit had to contact Aly Maher Pasha. If he approved, he gave them a line of recommendation of the Khassa”. Khassa refere-se à instituição financeira Khedivial Daire Khassa.

⁴¹⁰ FO 141/838, 305/5/42. Do Defence Security Office para F. H. Tomlyn, da embaixada no Cairo. Cairo, 9 de março de 1942. Tradução livre para: “The report affords significant evidence of the interest shown by the king in the various Moslem groups and his desire to use them to serve the ends of the palace policy. The prominent position recorded to the Ikhwan el Muslimeen confirms the opinion of the society’s importance which we have frequently stressed in our own reports during the past year”.

proporção para seus recursos”⁴¹¹. O informante dividiu em dois os tipos de grupos do gênero que atuavam no país. O primeiro teria objetivos exclusivamente religiosos ou beneficentes. O segundo, no qual a SIM foi inserido, congregava os que “recrutam homens jovens inspirados por ideais Pan-Islâmicos”⁴¹². Youssef Nasser escreveu ainda que:

Investigações provaram mais adiante que a *Ikhwan al Muslimeen* [sic] pode servir para apoiar nossos objetivos, pois seus simpatizantes são atraídos de todas as classes e profissões, entre os intelectuais e os analfabetos, assim como de círculos jurídicos, médicos, administrativos e religiosos.

A relação entre essas sociedades e os círculos políticos são um pouco obscuras, exceto nos casos de Shubban, das *Ikhwhans*, e da *Ikhwa el Islamiya* [sic] que estão em contato direto com Ali Maher Paxá, como é demonstrado pelas contas anuais deles em que doações do mencionado figuram mais proeminentemente.⁴¹³

Tanto as investidas do rei como as de Mahir para formar blocos de oposição ao Wafd não foram suficientes para que o partido perdesse sua grande popularidade. Em eleição logo após o cerco ao palácio, mais uma vez o Wafd foi o grande vencedor, elegendo 223 deputados, o que manteve o partido com maioria no Parlamento, conferindo alguma legitimidade ao seu governo. Por outro lado, o primeiro-ministro, apesar de contar com grande aprovação tanto entre as massas como de parte da elite, como proprietários de terras e profissionais liberais, cultivou a colaboração ou, ao menos, o silêncio dos opositores, não se intimidando em utilizar meios que iam da adulação à ameaça.

O principal obstáculo do Wafd àquela altura era a SIM, que obtinha popularidade crescente⁴¹⁴ e era um grande mobilizador político, atuando em

⁴¹¹ FO 141/838, 305/5/42. Tradução para o inglês de relatório de Youssef Nasser para o rei, sem data. Tradução livre para o português para: “...quite out of proportion to their means”.

⁴¹² Ibid. Tradução livre para: “...recruited from Young men inspired by Pan-Islamic ideals”.

⁴¹³ Ibid. Tradução de relatório de Youssef Nasser para o rei, sem data. Tradução livre para: “Enquires have further proved that the *Ikhwan al Muslimeen* can serve to support our aims since its supporters are drawn from all classes and professions, among the intellectuals and the illiterate, as well as in legal, medical, administrative and religious circles. The relations between theses societies and Egyptian political circles are a little obscure, except in the cases of Shubban, the *ikhwhans*, and the *Ikhwa el Islamiya* which are in direct touch with Aly Maher Pasha as is shown by their yearly accounts in which donations from the later figures most prominently”.

⁴¹⁴ LITTLE, 1967, p. 89.

particular por meio da promoção de grandes manifestações. Apesar de não ser um partido, a SIM se mostrava uma força política poderosa, a única capaz de competir com o Wafd pelos corações e mentes da população. A organização possuía vários meios de comunicação impressos que faziam frente aos seus oponentes, grande capilaridade no território egípcio, o que até então era exclusividade do partido nacionalista, e ascensão sobre uma fatia da população em que o Wafd sempre dominou: os efendis. A SIM era, portanto, uma oponente que, por suas características, disputava o mesmo nicho com o partido de Nahas: o apoio popular, único meio que dispunham para chegar ao poder –diferentemente dos outros partidos e do rei, que não dependiam do voto para obtê-lo.

Ao assumir, Nahas assegurou a Lampson que trataria pessoalmente da organização islâmica, que se mostrava antibritânica ao mesmo tempo em que se opunha ao Wafd. “Nahas agora acredita que pode anistiar a Irmandade Muçulmana em seu benefício e em nosso. Eu expressei extremo ceticismo”, escreveu Lampson em relato ao Foreign Office⁴¹⁵, referindo-se à anistia total concedida a al-Banna em relação às acusações que o levaram à prisão em outubro de 1941. Apesar da contrariedade do embaixador, Nahas Paxá seguiu com seu plano e cumpriu a promessa de manter a SIM controlada.

Naquela eleição de 1942, Hasan al-Banna pela primeira vez lançou sua candidatura a um cargo público na Câmara Baixa, juntamente com outros 17 membros da SIM⁴¹⁶. Pretendia ser eleito por Isma’illiyya, a cidade em que a SIM foi fundada e o local em que era bastante conhecido devido às obras assistenciais –entre elas a primeira mesquita e escola erguidas pela organização. Ao ser informado da inscrição da candidatura, o novo primeiro-ministro convidou al-Banna para um encontro. Nele, Nahas usou uma linguagem “intimidadora”⁴¹⁷ contra o candidato, o que pode-se traduzir em uma ameaça direta de um novo encarceramento do líder da SIM. “Nahas Paxá dissuadiu os líderes da Irmandade Muçulmana de se candidatarem a Câmara,

⁴¹⁵ FO 341/31569, J 1190/38/16: Lampson para Foreign Office, Cairo, 12 de março de 1942. Tradução livre para: “Nahas now believes that he can amnesty Ikhwan El Muslimin [sic] to help both him and us. I have expressed extreme scepticism”.

⁴¹⁶ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver Anexo C.

⁴¹⁷ HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 40.

e aparentemente deseja controlá-los e não os internar”⁴¹⁸, resumiu o embaixador britânico. Outro documento mais detalhado, o “Sociedade Islâmica”, também sugere que Nahas Paxá chantageou al-Banna: “foi sugerido que Nahas ameaçou publicar alegações sobre malversação de fundos da Ikhwan ou processá-lo por espionagem diante de uma corte militar”⁴¹⁹.

A ingerência foi plenamente bem sucedida, pois al-Banna desistiu da candidatura. Além disso, ele também foi coagido por Nahas Paxá a publicar uma carta aberta no *al-Ahram*, um jornal de grande circulação. A missiva continha o apoio expresso do Guia-Geral aos termos do Tratado da Aliança de 1936 e, em termos gerais, ao governo do partido Wafd⁴²⁰. A declaração foi uma importante inflexão da posição da SIM. O tratado havia sido criticado pelas mais altas lideranças da organização⁴²¹ e, durante os anos de 1938 e 1939, eles chegaram a defender abertamente a sua revisão.

Em troca, al-Banna obteve dois compromissos. O primeiro foi o término da perseguição à organização. O segundo foi uma série de medidas restritivas, por parte do governo, em relação à venda e ao consumo de bebidas alcoólicas e à prática da prostituição⁴²². De sua parte, o novo governo realizou revistas policiais e fechou estabelecimentos, o que ajudou al-Banna a justificar perante seus seguidores e o público em geral sua decisão de desistir de concorrer às eleições parlamentares. Tentou, portanto, passar a ideia de que obteve um bom acordo em troca de um sacrifício pessoal.

A aquiescência do Guia-Geral e da própria organização, sobre a qual ele tinha total ascendência, não eram apenas uma clara contradição à declarada hostilidade contra o tratado⁴²³, mas também contra Londres e o Wafd. Lampson, que estava acompanhando de perto o desenrolar das negociações entre a SIM e o Wafd, acreditava que o silêncio do movimento era apenas uma

⁴¹⁸ FO 341/31569, J 1343/38/16: Lampson para Foreign Office, Cairo, 22 de março de 1942. Tradução livre para “Nahas Pasha has induced the heads of the Moslem brethren [sic] to withdraw their candidatures for the Chamber, and apparently wishes to control rather than intern them”.

⁴¹⁹ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver Anexo C. Tradução livre para: “...it was suggested that Nahas had threatened to publish allegations concerning his handling of the Ikhwan’s funds, or to try him for espionage before a military court”.

⁴²⁰ Ibid.

⁴²¹ KRÄMER, 2010, p. 64.

⁴²² HEYWORTH-DUNNE, 1950, p. 40.

⁴²³ LIA, 2006, p. 272.

tentativa de al-Banna de ganhar tempo para evitar mais perseguições, detenções, fechamento de diretórios e de seus jornais e a proibição de reuniões da organização, com o objetivo de fortalecê-lo.

Apesar de aparentemente se manter sob o controle de Nahas Paxá, a SIM continuou sendo observada pela polícia secreta, em especial pela suspeita de que ainda mantinha atividades antibritânicas, segundo demonstra relato do secretário para o Oriente da embaixada britânica, sir Walter Smart. Depois de encontrar propaganda pró-Eixo em uma gráfica de Alexandria em outubro de 1942, a polícia local descobriu que os impressos haviam sido solicitados por membros da SIM baseados na cidade de Tanta, no Delta, segundo informa Smart. Em uma busca na casa desses suspeitos foi encontrado, além de evidências da ligação deles com a impressão dos panfletos, um documento que confirmava a participação e a anuência de al-Banna⁴²⁴ em relação à encomenda. Ou seja, subterraneamente al-Banna e a organização islâmica ainda mantinham as atividades antibritânicas mesmo após as ameaças de repressão feitas pelo primeiro-ministro.

[A] carta em questão tinha como data 29.6.42 e o caso portanto confirma suspeitas anteriores em relação a Hasan al-Banna mais do que de prova sua atividade recente; é, contudo, uma contradição em relação à própria alegação de Hasan al-Banna de que sua associação é puramente voltada para a religião e não para a política.⁴²⁵

É provável que al-Banna mantivesse a SIM alheia ao governo wafdistas e tenha tentado ser discreto em relação às suas atividades antibritânicas –o que talvez fosse ignorado pelo primeiro-ministro. Mas a parceria entre Nahas Paxá e os britânicos era uma realidade. Por isso, al-Banna foi novamente repreendido pelo líder do Wafd. No mesmo mês em que os panfletos foram encontrados, as autoridades britânicas foram informadas por fontes do próprio exército egípcio de um suposto encontro secreto entre Muhammad Mustafa al-Maraghi, reitor da Universidade al-Azhar que era visto como aliado de Ali

⁴²⁴ FO 141/838, 305/30/42. De Sir Walter Smart, Cairo, 11 de novembro de 1942.

⁴²⁵ Ibid. Tradução livre para: “[T]he letter concerned however was dated 29.6.42 and the case therefore provides confirmation of former suspicions regarding Hasan El Banna rather than proof of present activity; it is however in definite contradiction to Hasan el Banna’s own claim that his association is purely interested in religion and not in politics”.

Mahir, e al-Banna, em Isma'illiyya. Avisado por Lampson, o primeiro-ministro wafdistas resolveu ser ainda mais duro com al-Banna, proibindo a SIM de promover qualquer tipo de encontro no Cairo.

Segundo informe produzido pelo coronel britânico J. R. Maunsell, o Guia-Geral da SIM enviou uma carta com cinco itens em 7 de setembro de 1942 ao primeiro-ministro. Nela, negava que ele ou outros membros da liderança da SIM tivessem realizado encontros secretos com Makram Ubaid (item iv), outro inimigo declarado de Nahas, e dizia que não pretendia criar distúrbios, que apenas se preocupava com assuntos religiosos (item i)⁴²⁶. Os demais itens da carta eram os seguintes, conforme listados pelo coronel Maunsell, que teve acesso ao conteúdo:

ii) Ao aderir à associação, os membros prometem morrer por sua causa e portanto não temem nem perseguição nem a morte.

iii) Hasan al-Banna abandonou sua candidatura nas eleições não por medo, mas a fim de conseguir dedicar todo o seu tempo à religião, deixando para Nahas Pasha a honra de trabalhar para o bem-estar material do país.

...

v) Hasan al-Banna está pronto para chegar a um acordo com Nahas Paxá se ele estiver preparado para reconhecer que todas as acusações [contra a SIM] são falsas.

vi) Nahas Paxá ganharia o apoio de todos os membros da Ikhwan e de todos os bons muçulmanos se ele permitisse que a associação mantivesse sua campanha religiosa desimpedida.⁴²⁷

No relatório do coronel Maunsell, consta que al-Banna se encontrou mais tarde com Nahas Paxá e teria divulgado a versão de que o primeiro-ministro havia liberado as atividades antibritânicas da SIM se elas se mantivessem discretas. Além disso, Nahas teria dito que não via o grupo como adversário, mas que “uma aliança entre ambos constituiria uma formidável força para o país”. Outra versão mais plausível, contudo, é dada no mesmo documento. Nahas teria ameaçado o líder de prisão caso promovesse

⁴²⁶ Itens não reproduzidos a seguir.

⁴²⁷ FO 141/838, 305/27/42. Do Coronel R. J. Maunsell para sir Walter Smart, Cairo, 10 de outubro de 1942. Tradução livre para: “ii) On joining the Association, members swear to die for their cause and therefore fear neither persecution nor death. iii) HASAN EL BANNA withdrew his candidature from the elections not out of fear but in order to be able to devote his whole time to religion thus leaving to NAHAS Pasha the honour to working for the country's material well-being. v) HASAN EL BANNA is ready to come to an agreement with NAHAS Pasha if the latter is prepared to acknowledge that all such allegations are false. vi) NAHAS Pasha would gain the support of all Ikhwan members and all of good Molems if he were to permit the association to carry out its religion campaign unimpeded”.

atividades antibritânicas e que ele seria responsabilizado pela conduta de membros da SIM. Esta última versão também parece ser condizente com as afirmações feitas mais tarde, em novembro, por Amin Othman, segundo informe de sir Walter Smart:

Amin afirmou que Nahas não confiava em Hasan al-Banna e estava preparado para interná-lo se nós solicitássemos isso. Somos da opinião de que isso seria provavelmente prematuro, dependendo de evidências mais definitivas [de suas ações] contra nós.⁴²⁸

De fato, a SIM não entrou em choque com o governo wafadista nem com os britânicos, até a demissão do gabinete de Nahas, em 8 de outubro de 1944. Durante esse interim, não houve nenhuma grande agitação nacionalista no país, o que indica que o *Misr al-Fatat* (Jovem Egito) também estava sendo coagido pelo governo wafdistas. O partido de Ahmad Hussein, fundado em 1938, trocou o nome para Partido Nacionalista Islâmico em 1940 e, mais uma vez, mudou a denominação do grupo após a guerra para Partido Socialista. Demonstrava bastante flexibilidade ideológica ao apoiar-se em sucessivas tentativas de seguir tendências populares, procurando nichos diferentes para atuar na esfera política. Apesar disso, o antigo *Misr al-Fatat* era constantemente eclipsado pela SIM e seu apelo popular continuava diminuindo⁴²⁹.

Além de al-Banna, Nahas Paxá se encarregou de intimidar outras personalidades que também faziam parte das preocupações de Lampson, como os funcionários e amigos italianos que ainda permaneciam na corte do rei Faruq, mas principalmente Ali Mahir e líderes de outro movimento islâmico, a Associação de Moços Muçulmanos, presidida por Lewa Muhammad Saleh Harb, ex-ministro de Defesa Nacional do governo de Mahir. Eles foram ameaçados de banimento por Nahas em locais distantes do Cairo, sem acesso à comunicação exterior. Segundo telegrama enviado por Lampson ao Foreign Office, houve uma conversa entre Nahas Paxá e o rei na qual o primeiro-

⁴²⁸ FO 141/838, 305/30/42. De sir Walter Smart, Cairo, 11 de novembro de 1942. Tradução livre para: "Amin said Nahas did not trust Hasan el Banna and was prepared to intern him if we asked for it. We were of the opinion that this was perhaps premature pending more definite evidence against us".

⁴²⁹ BOTMAN, 1998, p. 301.

ministro informou o monarca que iria tratar Saleh Harb da mesma forma que tratou Ali Mahir, isto é, iria isolá-lo no interior do país, sem acesso a qualquer meio de comunicação⁴³⁰.

Naquele momento, Harb era um dos mais veementes opositores da ingerência britânica. Em outro telegrama, o embaixador Lampson informou a Londres que o líder da Associação de Moços Muçulmanos enviou, em nome da entidade que presidia, uma carta à embaixada na qual demonstra seu descontentamento⁴³¹ e faz um protesto formal contra o cerco ao palácio real perpetrado em 4 de fevereiro de 1942, episódio que levou o Wafd ao poder.

Outros aliados de Ali Mahir, como Abdel Wahab Talaat Paxá, subchefe de gabinete do palácio, e al-Maraghi, reitor de al-Azhar, foram os próximos a serem vigiados, de acordo com registro no diário do embaixador britânico⁴³². O reitor, que também já vinha sendo pressionado pelo primeiro-ministro anterior, foi coagido por Nahas a colaborar, evitando agitações entre os estudantes da universidade. Do contrário, seria obrigado a se demitir do cargo, o mais importante da *ulama'* no país.

[...] Sirry deveria agir como intermediário para a resolução de nossa desiderata remanescente -Abdel Wahab Talaat e os italianos no palácio.

*[...] Ele [Sirry] informou de imediato a Maraghi que enquanto Azhar continuasse presa a assuntos religiosos nada aconteceria contra eles, mas se eles embarcassem em política e conversa fiada ele não hesitaria em mandar a polícia tomar as ações apropriadas. Ele encerrou proibindo Maraghi de permitir que isso continuasse e Maraghi aquiesceu.*⁴³³

⁴³⁰ FO 371/31569, J 1049. Telegrama de sir Miles Lampson para o Foreign Office, Cairo, 5 de março de 1942. Tradução livre para: "Nahas Pasha then spoke of Saleh Harb whom he was going to treat as he did Ali Maher".

⁴³¹ FO 371/31569, J 1144/38/16. Telegrama de sir Miles Lampson para o Foreign Office, Cairo, 20 de fevereiro de 1942. Logo após este telegrama, na mesma pasta FO 341/31569, há um aviso sobre a retirada do documento J 1225/38/16, que deverá ser aberto ao público somente em 2018. Portanto, não tive acesso a ele.

⁴³² KILLEARN, 1972, p. 198. Kom Aushim, 1 de fevereiro de 1942.

⁴³³ FO 371/31569, J 1049. Telegrama de sir Miles Lampson para o Foreign Office, Cairo, 5 de março de 1942. Tradução livre para: "[...] Sirry should act as intermediary for the settlement of our remaining desiderata – Abdel Wahab Talaat and the italians in the Palace. He had at once informed Maraghi that so long as the Azhar stuck to religion nothing wuld be done against them, but that if they embarked on politics and bad talk he would not hesitate to send the police to take appropriate action. He had ended by forbidding Maraghi to allow this to go on and Maraghi had acquiesced".

Nota-se que dentre os todos os anteriormente mencionados –Ali Mahir, Saleh Harb, Talaat Paxá, al Maraghi, al-Masri e al-Banna– apenas o líder da SIM foi encarcerado. De todos, ele era o mais vulnerável em relação aos demais, que eram politicamente influentes. Isso demonstra que naquela altura a SIM não era tão temida, e o primeiro-ministro estava seguro de que não sofreria represálias da organização.

Ali Mahir, que até então se mostrou um aliado de primeira ordem da SIM, estava em prisão domiciliar, solicitada pelos britânicos, que também colaboraram para o silenciamento e a contenção das atividades do grupo, pelo menos das manifestações públicas. Ou seja, a organização islâmica sentiu a ausência do maior patrocinador da SIM, que se encontrava impedido de continuar suas atividades normais. O rei Faruq, que por sua vez poderia ser um aliado potencial, também foi contido pelos britânicos sob ameaça de deposição.

Enquanto tentava controlar os descontentes, Nahas Paxá fez sua parte a fim de deixar claro o apoio de seu governo à causa aliada –e assim manter a colaboração com os britânicos. Depois de obter a vitória esmagadora nas eleições, o Wafd também pôde usufruir de um momento de distensão em relação ao fronte da guerra no Deserto Ocidental –os bombardeios no Cairo e Alexandria haviam cessado e os Aliados estavam em movimento de contra-ataque na Líbia. Aquele se mostrou o período ideal para que o primeiro-ministro esclarecesse a sua opinião e a de seu governo em relação ao esforço de guerra. Nahas realizou um pronunciamento no dia 21 de abril de 1942 em sessão do Parlamento sobre o assunto, para o júbilo de Lampson. Ao mesmo tempo, o discurso –traduzido pela embaixada britânica e enviado para o secretário-geral do Foreign Office, Anthony Eden– acalmou parcialmente a população, ao mencionar a intenção de seu governo de não declarar guerra contra o Eixo nem de envolver tropas egípcias no conflito mundial.

Não apenas como primeiro-ministro do Egito, mas como líder da nação, minha política é, e sempre tem sido, de poupar o Egito dos horrores da guerra. Eu nunca tomaria qualquer atitude calculada de levar o Egito para a guerra, nem aprovaria qualquer diretriz

*relacionada, e também não fornecerei aos exércitos aliados a força de trabalho egípcia.*⁴³⁴

Os últimos acontecimentos, portanto, impulsionaram uma nova configuração política no Egito, impulsionada pela intervenção direta britânica, resultando em um realinhamento de forças. A união do Wafd com os ocupantes estrangeiros proporcionou uma nova barreira para a atuação da SIM, demonstrando como o grupo era suscetível a dinâmicas externas. Em outras palavras, com a conjuntura desfavorável para a ação levada a cabo pela SIM, houve um afastamento do grupo da disputa política. A interdição da candidatura de al-Banna nas eleições bloqueou o espaço de acesso ao poder, tornando o próprio líder menos propenso ao embate direto. Como ator racional que era, al-Banna impediu que o grupo atacasse seus oponentes de maneira organizada, pois houve um estreitamento da oportunidade política para a ação coletiva, um cenário aventado por Tarrow⁴³⁵.

Quando houve algum espaço para atuar, ainda sob vigilância do Wafd, a SIM lançou mais um veículo de comunicação. Em agosto de 1942, foi publicada a primeira revista da SIM, *al-Ikhwan al-Muslimun* (Os Irmãos Muçulmanos). No primeiro número, chama a atenção o anúncio da criação de uma Seção de Assuntos Sociais, demonstrando que a organização islâmica passou a dar maior ênfase para a reforma social pregada nos discursos do Guia-Geral. Contudo, segundo Beinín e Lockman, que se aprofundaram na política sindical egípcia deste período, os artigos sobre este tema publicados na revista até janeiro de 1944 –quando a publicação foi interrompida temporariamente– “eram discussões gerais e abstratas sobre a perspectiva islâmica em relação às questões sociais”⁴³⁶.

Na verdade, a seção não mencionava questões trabalhistas e sindicais específicas, uma seara que o próprio Wafd dominava. Isso somente mudaria após a reativação da revista, em dezembro de 1944, quando a publicação

⁴³⁴ FO 403/466, J 1903/38/16: trecho do discurso de Nahas traduzido para o inglês e enviado por Lampson para Anthony Eden, Cairo, 22 de abril de 1942. Tradução livre para: “Not merely as Prime Minister of Egypt but as leader of the nation my policy is and has always been to spare Egypt the horrors of war. I will never take any action calculated to lead Egypt into war nor would I countenance any such policy, nor will I provide the Allied armies with Egyptian manpower.”

⁴³⁵ TARROW, 2007, p. 77.

⁴³⁶ BEININ e LOCKMAN, 1998, p. 366.

adotaria uma linguagem mais popular e um tom mais politizado⁴³⁷. Além disso, o relançamento da revista ocorreu logo após o fim do governo wafdisto, o que pode ser considerado mais um indício de que o silenciamento público promovido pelo Wafd surtiu efeito, seja pelas ameaças ou por supostos pagamentos de subornos. A contenção das atividades, portanto, pode ser observada inclusive no periódico ao tratar da política sindical, na qual o governista Wafd também participava ativamente. Ao mesmo tempo, percebe-se que quando sofre contenção, o grupo se volta a ações sociais ou demandas internas. Quando tem apoio de aliados poderosos, volta a se colocar como ator político militante.

As relações entre o partido no poder e SIM se manteriam instáveis durante todo o governo do Wafd. Em janeiro de 1943, ocorreu uma visita de membros do partido governista à sede da organização islâmica⁴³⁸. Apesar dessa aparente demonstração de apreço, as relações entre o partido e o movimento sofreriam novo abalo. Em fevereiro, o Ministério do Interior decretou o fechamento de diretórios da organização islâmica e mais uma vez nenhuma reação do grupo foi registrada, segundo relatório britânico sobre a situação geral do país.

O Ministério do Interior ordenou que todos os diretórios da Irmandade Muçulmana fossem fechados, e que as reuniões no quartel-geral da associação no Cairo fossem dali em diante realizadas somente após a aprovação prévia do Departamento de Segurança Pública.

Restrições mencionadas na semana passada sobre as atividades dos Irmãos Muçulmanos não produziram nenhuma reação visível, mas a aquiescência de Hasan al-Banna é provavelmente apenas uma questão de conveniência temporária.⁴³⁹

No decorrer do ano, a dinâmica entre o governo e a SIM registraria pequenos avanços e recuos, sem grandes embates públicos, mas com

⁴³⁷ BEININ e LOCKMAN, 1998, p. 366.

⁴³⁸ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 27.

⁴³⁹ FO 403/467, J 651/2/16. Relatório “Situação no Egito – Apreciação Semanal” de Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 8 de fevereiro de 1943. Tradução livre para: “Ministry of Interior has ordered that all branches of Muslim Brethren be closed, and that meeting at association’s headquarters in Cairo should henceforth only be held with prior sanction of Public Security Department.”

permanente desconfiança mútua, de acordo com informe produzido pela embaixada britânica sobre al-Banna e o grupo.

No início de 1943, o governo Wafd decretou a proibição das reuniões da Ikhwan exceto na sede deles no Cairo, onde tiveram permissão de se reunir somente com a autorização prévia do Diretor-Geral da Segurança Pública. Essa proibição foi logo retirada e o governo Wafd, ao removê-la, mostrou uma inclinação pública de manter termos amigáveis, enquanto continua com uma vigilância cuidadosa sobre as atividades da associação.⁴⁴⁰

Mas o poder do Wafd seria minado por uma série de escândalos relacionados principalmente com o líder do partido. O primeiro deles que envolvia Nahas foi sua contenda pública com o ministro das Finanças e Secretário-Geral do partido, Makram ‘Ubayd Paxá, em relação ao montante dos salários oferecido ao novo gabinete. Depois, houve uma nova discussão entre os dois principais nomes do Wafd em relação aos privilégios desfrutados pela família da esposa de Nahas. Estas razões foram suficientes para que Makram fosse isolado e expulso do gabinete e do partido, em julho de 1942. Através de uma obra conhecida como “Livro Negro”, publicada no início do ano seguinte, o ex-secretário do Wafd revelou mais informações comprometedoras sobre o primeiro-ministro e sua família, além de acusações de corrupção contra o governo, provocando grande desilusão entre os egípcios em relação ao partido mais popular do país⁴⁴¹.

Apesar da grande tensão, a oposição, incluindo partidos e grupos como a SIM, não explorou o escândalo relacionado com a cúpula do governo wafdist, segundo relato da embaixada britânica sobre a situação política no Egito. O embaixador britânico se surpreendeu com a falta de coordenação da oposição para formar um bloco contra o Wafd e denunciar a corrupção daquele governo.

⁴⁴⁰ FO 403/467, J 744/2/16. Relatório “Situação no Egito – Apreciação Semanal” de Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 15 de fevereiro de 1943. Tradução livre para: “Restrictions mentioned last week on the activities of Moslem brethren [sic] have produced no visible reaction, but Hasan Al-Banna’s acquiescence is probably only a matter of temporary expediency.”

⁴⁴¹ VATIKIOTIS, 1985, p. 351-3.

*A oposição, contudo, falhou em explorar o incidente com eficiência e a situação geral continuou substancialmente igual; o Wafd ainda podia alegar com provas de que possuía o apoio da maioria da nação, enquanto os outros partidos, apesar de empenhados nas discussões sobre a possibilidade de se unir em torno de um bloco de oposição, ainda eram incapazes de superar antipatias pessoais e diferenças de mentalidade, e, além disso, de qualquer forma tinham pouco apoio fora das grandes cidades.*⁴⁴²

Lampson não considerou em sua análise a firme e contínua pressão realizada por Nahas para paralisar a oposição e silenciar os grupos mais atuantes, pois contava até então com o apoio da própria embaixada britânica, representante da política colonialista que controlava a polícia egípcia por meio de informantes e assim colaborava para sua desarticulação. Desde sua chegada no país, os britânicos vinham aperfeiçoando a polícia secreta que ali encontraram. Sob Lorde Cromer criaram o Ministério do Interior em 1895 e, mais tarde, em 1911, implantaram uma Seção Especial para vigilância interna⁴⁴³.

Mesmo assim, pode-se considerar atípica a ausência de enfrentamentos ou denúncia pública da SIM contra o Wafd sobre o caso Makram 'Ubayd. Pertencente à comunidade copta⁴⁴⁴, Makram era um interlocutor frequente de Hasan al-Banna, principalmente após seu rompimento com o partido Wafd e a criação de um novo partido político, o Bloco Wafdistas (*al-Kutla al-Wafdiyya*). Um sinal da grande amizade entre ambos é a presença do político copta no enterro de al-Banna, cinco anos depois do lançamento do livro, em 1949.⁴⁴⁵

⁴⁴² FO 403/468, J 828/31/16: Relatório Political Situation in Egypt de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 25 de fevereiro de 1944. Tradução livre para: "The Opposition, however, failed to exploit this incident effectively and the general situation remained substantially unchanged; the Wafd could still claim with justification that it enjoyed the support of the majority of the nation, whereas the other parties, although engaged in discussions about the possibilities of a united opposition, were still unable to overcome personal antipathies and differences of mentality, and, in any case, had little backing outside the large towns".

⁴⁴³ KANDIL, 2012, p. 18.

⁴⁴⁴ Apesar de serem cristãos, os coptas dividem os mesmos costumes e língua com os muçulmanos egípcios, além de práticas muito semelhantes como a separação entre homens e mulheres, a circuncisão, cerimonial de casamento e funeral etc. (VATIKIOTIS, 1985, p. 206).

⁴⁴⁵ Exceto o pai do líder da SIM, Makram foi o único homem a obter permissão de acompanhar o funeral, certamente por ser uma figura pública. A proibição era fruto do temor tanto das forças de segurança como do monarca da possibilidade de irrupção de distúrbios por parte de membros do grupo considerando-se as circunstâncias da morte de seu líder. EL-MENSHAWY, Mohammed. Makram Ebeid Pacha & Hasan El-Banna: Egypt's golden age of national unity. **Ahram Online**, Cairo, 17 de abril de 2013. Disponível em: <<http://english.ahram.org.eg/NewsContent/4/0/69312/Opinion/Makram-Ebeid-Pacha--Hasan-ElBanna-Egypt's-golden-a.aspx>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

Paradoxalmente, o caso rendeu uma reaproximação entre a SIM e Nahas Paxá, que desta vez também utilizou-se da retórica islâmica em seu favor –o Wafd era conhecido por defender um regime secular. Para apoiar o governo que vinha coagindo –ou “subsidiando”, como informam abaixo o relatório britânico– o grupo, a SIM divulgou a ideia de que havia um complô copta contra Nahas, e este passou a atacar a comunidade cristã egípcia, se aproximando da agenda islâmica da SIM. O relatório enviado em junho de 1943 para o Foreign Office⁴⁴⁶ informa a situação política do Egito. Cito:

Também é necessário acrescentar o apoio da sociedade muçulmana reacionária e xenofóbica dos Irmãos Muçulmanos, cujas atividades causaram tanta preocupação no passado às nossas autoridades de segurança. Está [o Wafd] patrocinando e subsidiando essa sociedade, que declara estar preparada para cooperar tanto com o Wafd como com os britânicos. A questão anti-copta levantada pelo “Livro Negro” parece ter facilitado as negociações com essa sociedade fanática. Qualquer cooperação real e prolongada entre o Wafd e tal organização antiestrangeiros pode desenvolver linhas perigosas, tanto religiosas como xenofóbicas, mas não há certeza se esta sociedade tem alguma intenção em firmar alguma associação leal com o Wafd. É possível que os Irmãos Muçulmanos desejem lucrar com o apoio do governo e nossa tolerância para se entrincheirarem de forma mais segura para uma futura ação contra nós dois [Wafd e britânicos].⁴⁴⁷

Algumas observações devem ser feitas sobre as afirmações de Killearn. A primeira é que ao tratar a SIM como uma sociedade xenófoba e reacionária demonstra o seu desprezo pelos anseios nacionalistas que a organização islâmica faz à ocupação britânica. Ao tratá-la como fanática, traz à tona seu preconceito contra o movimento de cunho islâmico, utiliza-se de uma denominação que dificilmente seria utilizada por religiões de outras comunidades que apoiavam a política britânica no país. Ou seja, seus adjetivos

⁴⁴⁶ FO 403/467, J 2855/2/16. Relatório “Situação Política no Egito” de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 16 de junho de 1943.

⁴⁴⁷ Ibid. Tradução livre para: “It is also endeavouring to enlist the support of the reactionary and xenophobic Muslim society of the Moslem Brethren, whose activities have caused so much concern in the past to our security authorities. It is now patronising and subsidizing this society, which professes to be prepared to co-operate with both the Wafd and the British. The anti-Copt issue raised by the “Black Book” seems to have facilitated the negotiations with this fanatical society. Any real and prolonged co-operation between the Wafd and such an anti-foreign organization could hardly fail to develop on dangerous lines, both religious and xenophobic, but it is far from certain whether the society has any intention of loyal association with the Wafd. It is possible that the Moslem Brethren desire to profit by the Government’s support and our tolerance to dig themselves in more securely for future action against both of us”.

são melhor compreendidos como sendo um ataque a quem lhe faz oposição do que uma forma de retratar o grupo. Ao mesmo tempo, ao usar as palavras “subsidiar” e “patrocinar”, Killearn está usando eufemismos para acusar o Wafd, se associado naquele momento, da prática de suborno em relação à SIM.

A forma como ocorreu a expulsão de Makram ‘Ubayd do partido – sumária e em poucos meses –, sua expulsão do Parlamento e encarceramento sob a acusação de realizar atividades proibidas pela Lei Marcial, demonstram que o líder do Wafd e primeiro-ministro não titubeava ao coagir seus opositores. Para o historiador egípcio Malak Badrawi, que analisou as sessões parlamentares em que Nahas Paxá se defendeu, houve partidos, como o oposicionista Watani, que nunca entraram no debate sobre o Livro Negro, nem interpelaram o governo na questão relativa às acusações de corrupção⁴⁴⁸. Ou seja, o Wafd conseguiu paralisar seus concorrentes.

As acusações contra o governo wafdistas foram consideradas verdadeiras pelo serviço diplomático britânico. De acordo com relatório semanal sobre a situação política do país, a embaixada desconfiava do confortável estilo de vida de Nahas, um advogado de origem humilde. “Em termos gerais, parece claro que Nahas Paxá tem vivido consideravelmente bem acima de seu salário como primeiro-ministro”⁴⁴⁹. A situação era preocupante, do ponto de vista britânico, pois a insatisfação popular poderia aproximar a população da “esfera soviética, que promete, no mínimo, outra coisa além das condições atuais, que são vistas como intoleráveis”⁴⁵⁰. Esse episódio demonstra a nascente desconfiança em relação aos grupos comunistas locais e, ainda que em menor escala, aos tradicionais opositores, como a SIM.

Lampson sugeriu ao primeiro-ministro Nahas algumas atitudes para ampliar sua base de apoio popular por meio do atendimento de demandas das

⁴⁴⁸ BADRAWI, Malak. Financial Cerberus? The Egyptian Parliament, 1924-52. In: GOLDSHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) *Re-Envisioning Egypt. 1919-1952*. Cairo: The American University of Cairo, 2005, p. 94-122, p. 114.

⁴⁴⁹ FO 403/467, J 2055/2/16: relatório “Situação Política no Egito” de Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 8 de maio de 1943. Tradução livre para: “In general, it seems clear that Nahas Pasha has lived considerably beyond his salary of Prime Minister”.

⁴⁵⁰ FO 403/467, J 2855/2/16. Relatório “Situação Política no Egito” de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 16 de junho de 1943. Tradução livre para: “Soviet sphere as promising at least something other than present conditions felt to be no longer tolerable”.

classes mais baixas, em especial nos setores da saúde e da habitação⁴⁵¹. Como tais medidas não seriam implementadas a curto prazo –e provavelmente nem a longo prazo devido ao histórico do Wafd de ser um partido que atendia essencialmente aos interesses da elite agrária–, outra sugestão britânica foi desviar o foco da discussão, “mudando a questão de acusação de corrupção para o princípio democrático”⁴⁵². Ou seja, a proposta era adotar em seu discurso a ideia de que aquele era um governo democrático e que os acusadores estavam atentando contra esse princípio.

Não apenas Nahas, mas o partido Wafd também sentiu o peso das denúncias feitas por Makram. O impacto foi agravado pelo descontentamento popular generalizado em relação aos altos índices de inflação, problema que o partido não tinha resolvido em seu período no governo. O próprio desempenho do gabinete do partido nacionalista estava sendo questionado, como relembra El-Sadat em suas memórias.

O resultado do golpe britânico de 4 de fevereiro de 1942 foi impor ao Egito dois anos de ditadura do Wafd – dois anos de nepotismo, agiotagem e peculato que exaustivamente desacreditaram o maior partido nacionalista no Egito. A incompetência do governo e uma série de escândalos frustraram o já descontente público, enquanto a Irmandade Muçulmana ganhou prestígio e popularidade.⁴⁵³

Outro ponto a favor da SIM em comparação com o Wafd era a falta de canais para a ascensão de cidadãos da classe média nos quadros do partido nacionalista. A nova *efendiyya* se expandiu do ponto de vista econômico, mas ainda se mantinha alijada da alta esfera política –a cúpula de todos os partidos era dominada tanto pela elite rural como urbana. A SIM, por sua vez, dispunha de um sistema de associação em que era possível a qualquer membro ascender aos principais cargos de sua hierarquia. Quanto maior o

⁴⁵¹ FO 403/467, J 2047/2/16. Relatório “Situação Política no Egito” de Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 6 de maio de 1943.

⁴⁵² FO 403/467, J 2052/1433/G. Telegrama de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 8 de maio de 1943. Tradução livre para: “shifting the issue from corruption charge to democracy principle”.

⁴⁵³ EL-SADAT, 1957, p. 41. Tradução livre para: “The result of the British *coup* of the 4th February, 1942, was to impose upon Egypt two years of dictatorship by the Wafd – two years of nepotism, jobbery and peculation which thoroughly discredited the major nationalist party in Egypt. The government’s incompetence, and a series of scandals, embittered the already discontented public, while the Muslim Brotherhood gained in prestige and popularity”.

envolvimento com o grupo, maiores as chances de ascensão⁴⁵⁴. Isso fez da SIM um refúgio natural para grande parte dos descontentes, principalmente estudantes secundaristas e universitários, trabalhadores rurais e funcionários públicos, tradicional base social dos wafdistas⁴⁵⁵. Por outro lado, com a desmobilização das brigadas Camisas Azuis, do Wafd, e Camisas Verdes, do *Misr al-Fatat*, a SIM era o único grupo que ainda contava com uma ala paramilitar –mas que se mantinha secreta.

Entre o final de 1941 e início de 1942, período imediatamente posterior às prisões de seus principais líderes, à proibição de reuniões e publicação da revista do movimento, a SIM promoveu a criação de uma divisão que ficou conhecida internamente como *al-Nizam al-Khass* (seção especial) ou *al-Jihaz al-Sirri* (aparato secreto), como era mencionada por outros membros. Durante esse período, a SIM empreendeu esforços para manter sua ala paramilitar incógnita. Em 1943, a crescente fricção com o governo tornou a organização islâmica mais ativamente hostil contra o poder ocupante, mas em especial contra a ordem das coisas no Egito, dando mais forças para o braço armado se consolidar⁴⁵⁶. É necessário ressaltar que a culpa das mazelas do país e da repressão era essencialmente colocada na conta de Londres.

Naquele momento, meados de 1943, al-Banna acreditava que os britânicos estavam pressionando Nahas a exilá-lo. Segundo Mitchell, por esse motivo ele escreveu uma espécie de carta de despedida, também avisando seus seguidores de que haveria mais perseguições contra a organização islâmica⁴⁵⁷. O documento demonstra que al-Banna se sentia acuado pela pressão exercida.

Todos os opressores irão exercer todos os esforços para reprimi-los e extinguir a luz de sua mensagem. Eles irão obter a ajuda de governos fracos e daqueles que têm princípios fracos... Tudo isso irá levantar suspeitas e inspirar acusações injustas em relação a sua mensagem, e eles vão tentar passar para as pessoas um quadro feito e imperfeito disso...

Tudo isso irá levar vocês ao estágio de provação, em que vocês serão colocados na prisão, detidos e banidos; sua propriedade será confiscada, suas atividades especiais serão impedidas de ocorrer e

⁴⁵⁴ LIA, 2006, p. 37-8.

⁴⁵⁵ Ibid., p. 38.

⁴⁵⁶ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 30.

⁴⁵⁷ Ibid., p. 29.

suas casas serão vasculhadas. De fato, seu período de provação durará por um longo tempo...

Oh, muçulmanos, ouçam: eu tentei com estas palavras colocar sua mensagem diante de vocês. Talvez tenhamos um período crítico durante o qual nós seremos separados. Nesse caso, eu não poderei conversar ou escrever para vocês...

*Meus irmãos: vocês não são uma sociedade benevolente, nem uma partido político, nem uma organização local com propósitos limitados. Ao contrário, vocês são um novo espírito no coração dessa nação a dar vida a ela por meio do Alcorão...*⁴⁵⁸

Apesar de temer a perseguição, a seção paramilitar continuou a se fortalecer –de forma clandestina– graças à facilidade na obtenção de armamentos no mercado negro. De acordo com um relatório produzido por funcionários da embaixada britânica, muitas armas abandonadas nas batalhas travadas no fronte do Deserto Ocidental estavam sendo vendidas livremente no Egito e outras eram obtidas através de furtos realizados em depósitos britânicos. A promulgação de um edito militar que exigia a devolução de armas alienadas teve resultado “insignificante”, segundo telegrama do agora Lorde Killearn⁴⁵⁹ a Eden⁴⁶⁰. Provavelmente por este motivo, no final de 1943 uma nova tentativa de apreender armamentos foi promovida sob inspiração britânica, com o objetivo principal de desarmar o Aparato Secreto da SIM. O porte e a circulação de armas em território egípcio foram proibidos e os xeques e *omdas*⁴⁶¹ do interior do país foram um dos principais alvos dessas novas apreensões⁴⁶².

⁴⁵⁸ AL-BANNA apud MITCHELL, Richard P., 1993, p. 29-30. Tradução livre para: “All the oppressors will exert every effort to restrain you and to extinguish the light of your message. They will win the help of weak governments and weak morals... All these will excite suspicion and inspire unjust accusations regarding your message, and they will attempt to give the people an ugly and imperfect picture of it... This will lead you to the stage of trial, wherein you will be imprisoned, detained, and banished; your property will be confiscated, your special activities stopped, and your homes searched. Indeed, your period of trial may last long...Ye Muslims, listen: I have tried with this word to place your message before you. Perhaps we may have a critical period of time during which we will be separated from one another. In this case, I will not be able to talk or write to you...My Brothers: you are not a benevolent society, nor a political party, nor a local organization having limited purposes. Rather, you are a new soul in the heart of this nation to give it life by means of the Qur'an...”

⁴⁵⁹ Sir Miles Lampson foi agraciado, no ano novo de 1943, com o título de barão e passou a ser chamado de Lorde Killearn do condado de Stirling (EVANS, 1972, p. 9).

⁴⁶⁰ FO 403/468, J 828/31/16: telegrama de Lorde Killearn para Eden. Cairo, 25 de fevereiro de 1944. Tradução livre para: “negligible”.

⁴⁶¹ Espécie de prefeito.

⁴⁶² FO 403/467, J 5231/563/16: relatório “Situação no Egito” de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 10 de dezembro de 1943.

Segundo El-Sadat, a coleta de armamento pelo Aparato Secreto não começou somente em 1943. Ele foi testemunha de que já havia um braço armado na organização durante seus encontros com al-Banna em 1940 e que já naquela época o grupo possuía depósitos de munições e armamentos.

Eu estava com Hasan al-Banna um dia quando um soldado entrou inesperadamente trazendo duas caixas fechadas que ele colocou na frente do Guia Supremo. ...Elas continham revólveres.⁴⁶³

No final de 1943, um congresso islâmico internacional foi realizado no Cairo. Hasan al-Banna, que já se dedicava a manter contato com movimentos islâmicos e nacionalistas de outros países árabes, aproveitou a ocasião para estreitar laços e divulgar sua mensagem. Os contatos com outras organizações no exterior já vinham sendo realizados desde o envolvimento de integrantes na captação de recursos em favor da Revolta Palestina em 1936, o que levaria a SIM a se expandir para países próximos, como Síria e Sudão. O Guia-Geral realizou recepções no início de 1944, onde se reuniu com representantes libaneses e iemenitas que haviam visitado o Cairo para discutir uma eventual aliança árabe com Nahas Paxá durante o congresso. No relatório anual realizado pelo corpo diplomático britânico sobre as principais personalidades do país, encontra-se a informação sobre o interesse do líder em se envolver com nacionalistas de outros países árabes.

*Hasan al-Banna demonstrou um interesse diligente em política pan-árabe quando, em fevereiro de 1944, enviou um telegrama para a embaixada em que expressou apoio à demanda por independência aventada por um grupo local de argelinos em conexão com discussões correntes em relação à unidade árabe.*⁴⁶⁴

⁴⁶³ EL-SADAT, 1957, p. 30. Tradução livre para: "I was with Hasan El Banna one day when a soldier entered unexpectedly, carrying two sealed boxes which he placed in front of Supreme Guide. ...They contained revolvers".

⁴⁶⁴ FO 403/468, J 2488/2/16: relatório anual Leading Personalities in Egypt – 19. *Sheikh Hasan-el-Banna*. De sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 24 de junho de 1944. Tradução livre para: "Hasan-el-Banna displayed an active interest in pan-Arab politics when, in February 1944, he addressed a telegram to the Embassy expressing support of the claims for independence ventilated by a local group of Algerians in connexion with the current discussions on Arab unity".

Há indicativos de que, durante o período em que o Wafd esteve no poder, Al-Banna preferiu investir em promover contatos no exterior e em atividades sociais muito discretas a fim de não entrar em atrito com o governo e assim sofrer nova onda de repressão. O relatório britânico Sociedades Islâmicas, de dezembro de 1942, atesta que até aquele momento, a SIM não havia organizado grandes atividades de sabotagem ou desordem, como temiam os britânicos.

O comentário mais óbvio em relação aos massivos relatos acumulados por um período de cerca de três anos de alegados planos da Ikhwan de sabotagem e insurreição é que de fato não houve quaisquer desordens ou sabotagens anti-britânicas em uma escala grave.⁴⁶⁵

Portanto, nesse período, a SIM preferiu estabelecer contatos com outros grupos e líderes estrangeiros e defender causas relativas a muçulmanos no exterior com o mesmo objetivo, a fim de mostrar-se distante de questões locais espinhosas. A liderança preferiu optar por fugir do confronto direto, abstendo-se mesmo da participação política e de mobilizar seus integrantes com o objetivo claro de se autopreservar.

3.4 A consolidação da SIM (1945)

Como a vitória aliada já estava garantida na II Guerra Mundial, o rei Faruq obteve autorização para livrar-se de seu desafeto, Nahas Paxá. Logo após demitir o primeiro-ministro e dispensar seu gabinete em 8 de outubro de 1944 –com a clara anuência britânica– o monarca indicou como novo ocupante do cargo Ahmad Mahir Paxá, irmão de Ali Mahir, mas que tinha sua própria agenda política. O então líder do partido Saadista, fruto da cisão do Wafd em 1937, convocou novas eleições parlamentares, a serem realizadas no ano

⁴⁶⁵ FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver Anexo C. Tradução livre para: “The most obvious comment on the mass of reports, accumulated over a period of nearly three years, of alleged Ikhwan plans for sabotage and insurrection, is that there have in fact been no anti-British disorders or sabotage on a serious scale”.

seguinte. Al-Banna viu o pleito como uma nova oportunidade de entrar no Parlamento. O guia e outros companheiros da SIM se candidataram pela região do Canal, nas cidades de Isma'illiyya e Suez, e pelo oásis de Fayoum, no Alto Egito, como independentes. Obtiveram o importante apoio do Wafd, que boicotou essas eleições em protesto à dissolução de seu governo e, portanto, não lançou candidatos próprios. Lorde Killearn fez um relatório detalhando o comportamento pré-eleitoral da SIM. Como costumava fazer, acrescentou a palavra “fanático” ao comportamento do grupo, mais uma vez estigmatizando a resistência local contra os britânicos.

É sabido por outras fontes que os wafdistas apoiaram os candidatos da Irmandade Muçulmana e o Jovem Egito [Misr al-Fatat] nos poucos distritos eleitorais em que eles se candidataram.

[...] houve algumas desordens sérias em Isma'illiyya como resultado do entusiasmo fanático de partidários do candidato da Irmandade Muçulmana, Hasan Al-Banna, e, sem dúvida, devido à intervenção do governo contra o líder dessa associação.

Em apenas quatro locais há relatos do surgimento de novas tendências, sendo elas a candidatura de membros da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos em Fayoum, Isma'iliyya e Suez, e os candidatos de trabalhadores em Suez e Mahallah al Kubra.⁴⁶⁶

O resultado da eleição causou surpresa. Nenhum dos irmãos muçulmanos foi eleito, apesar de desfrutarem de grande popularidade e de recursos para a obtenção do sucesso eleitoral, além da importante colaboração do Wafd, partido que tinha mais representantes na diversas províncias do que qualquer outro. Apesar de possuir centenas de seguidores na cidade em que se candidatou, Hasan Al-Banna não conseguiu se eleger. A principal explicação aventada para a suspeita derrota eleitoral, pelo menos em relação ao Guia-Geral, é a falta de lisura do pleito⁴⁶⁷. A intervenção mencionada por Lorde Killearn no relato anteriormente citado provavelmente se refere aos

⁴⁶⁶ FO 403/468, J 777/3/16: de Lord Killearn para Eden, Cairo, 11 de fevereiro de 1945. Tradução livre para: “It is know from other sources that the Wafdists supported Moslem Brethren and Young Egypt candidtes in the few constituencies in which they presented themselves. [...] there were some serious disorders at Ismailia as the result of the fanatical zeal of the supporters of the Moslem Brethren candidate, Hasan Al-Banna and, no doubt, of Government intervention against the head of this society. Only four posts reported the appearence of new tendencies, these being the candidature of members of the Moslem Brethren Society at Fayoum, Ismailia and Suez, and the candidates of workers at Suez and Mehalla Kobra”.⁴⁶⁶

⁴⁶⁷ KRÄMER, 2010, p. 65.

métodos usados pelo governo provisório de Ahmad Mahir para evitar o sucesso de candidatos como Al-Banna.

A perplexidade com a derrota pode ter paralisado a cúpula do grupo, mas certamente seus líderes tomaram conhecimento das medidas tomadas pelos saadistas a fim de garantir o insucesso de seus adversários. A prática de fraudar eleições era comum no país, como já havia ocorrido em 1938, quando o governo interino também produziu resultados favoráveis aos seus interesses, e desta vez não foi diferente. Contudo, o que surpreende é a falta de uma reação a altura de uma organização tão atuante como a SIM. O silêncio, por outro lado, pode ter sido estratégico. O objetivo pode ter sido se associar ao agora poderoso partido Saadista, oferecendo em troca o apoio do popular movimento. Assim como a organização islâmica havia feito sob o governo de Ali Mahir em 1939.

Os saadistas –que é já estavam provisoriamente no poder e provavelmente utilizaram a máquina estatal para fraudar as eleições– foram os grandes vencedores e Ahmad Mahir saiu fortalecido das urnas. Encorajado pelos resultados e com o conflito mundial se encaminhando para o fim, o primeiro-ministro decidiu declarar guerra contra a Alemanha. Àquela altura, a declaração tinha como único objetivo qualificar o Egito para participar da fundação da Organização das Nações Unidas. Mesmo assim, a ideia continuava sendo bastante impopular no país e a declaração foi considerada, por distintos setores da sociedade egípcia, uma imposição britânica que resultaria em mais ônus para a população. O novo primeiro-ministro não se intimidou e se decidiu pelo anúncio. Contudo, Ahmad Mahir subestimou a reação da oposição em relação à sua decisão. No dia 24 de fevereiro de 1945, logo após discursar sobre o assunto no Parlamento, o primeiro-ministro foi assassinado por um membro do partido Watanista⁴⁶⁸.

Mahmud Fahmi Nuqrashi Paxá, o vice-líder do partido Saadista, assumiu o posto e, ainda durante as investigações sobre o assassinato, iniciou uma forte repressão aos suspeitos usuais, como a SIM e o Partido Socialista –antigo

⁴⁶⁸ WOODWARD, Peter. Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul e PARTRIDGE, Michael. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print**. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Volume 5. Africa, 1945. University Publications of America, 1998, p. xiii. Richard P. Mitchell afirma que o assassino também tinha ligações com a SIM, por já ter sido membro da organização (1993, p. xx).

Misr al-Fatat, que já havia mudado o nome para Partido Nacional Islâmico em 1940, e agora tinha uma nova denominação. As informações foram colhidas pelo bem-informado James Bowker, substituto temporário de Killearn, e conselheiro para assuntos orientais da embaixada britânica.

Em seguida ao assassinato de Ahmad Mahir Paxá, Nuqrashi reverteu o processo e não perdeu tempo ao prender os principais elementos de organizações potencialmente subversivas tais como o partido Jovem Egito, a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos e a ala extremista do partido Watanista. Ele também tomou a precaução de banir as reuniões dessas sociedades.⁴⁶⁹

Desta vez, a SIM não se intimidou. O plano de aliar-se ao novo governo mostrou-se impraticável. Por isso, a organização convocou grandes manifestações contra o governo de Nuqrashi Paxá no final de 1945, logo após o início da repressão às suas atividades. Como demonstra telegrama de Bowker para Ernest Bevin, o novo chefe do Foreign Office, a SIM estava se tornando a principal força mobilizadora de protestos no Cairo⁴⁷⁰, uma força popular e poderosa que não poderia ser ignorada. Bevin assumiu a chefia do Foreign Office no lugar de Anthony Eden, que deixou o governo britânico junto com o Partido Conservador, liderado por Winston Churchill, após a eleição parlamentar de 1945, em que o Partido Trabalhista conquistou maioria.

No Egito, desta vez a repressão por meio de prisões não surtiu efeito. Naquelas condições, qualquer governo que ameaçasse a organização islâmica sofreria forte oposição através de pressão popular –desta vez o partido no poder não contava com o apoio incondicional britânico assim como o Wafd entre 1942-44. Além disso, a influência da SIM estava crescendo entre os estudantes universitários, um grupo de pressão forte e incômodo para as autoridades por sua capacidade de mobilização política, como atesta trecho do telegrama anteriormente mencionado.

⁴⁶⁹ FO 403/469, J 1330/39/16 – Enclosure. De James Bowker para Ernest Bevin. General Political Review 1945. Cairo, 15 de março de 1946. Tradução livre para: “Following Ahmed Maher Pasha’s assassination, Nokrashy Pasha reversed the process and lost no time in arresting the leading elements of potentially subversive organizations such as the Young Egypt party, the Moslem Brethren Society and the extremist wing of the Watanist party. He also took the precaution of banning the meetings of these societies”.

⁴⁷⁰ FO 403/469, J 670/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 16 de fevereiro de 1946.

Manifestações foram organizadas principalmente pela Irmandade Muçulmana e pelo Wafd. Deverá ser lembrado que na volta do ano letivo da universidade [*do Cairo*], em outubro último, o Wafd foi incapaz de trazer estudantes devido à não-cooperação da Irmandade Muçulmana, que então estava jogando com o governo [*de Nuqrash*]. O fato de que a Irmandade Muçulmana desta vez veio para as ruas com o Wafd parece indicar que eles pensam que o atual Governo está com as pernas bambas. Eles também estavam incomodados com o governo pois, depois de serem gentis com ele no começo, passaram a ter suas atividades reprimidas. Também é significativa a crescente influência da Irmandade Muçulmana que, quando decide jogar seu peso para o lado da desordem, sua ação é bastante efetiva.⁴⁷¹

Naquele momento, a SIM já era considerada uma oponente forte e perigosa até para um político que fosse alçado ao posto de primeiro-ministro. Apesar da derrota nas eleições, a popularidade de Al-Banna e a posição atingida pelo grupo não foram comprometidas. Tal afirmação pode ser respaldada pelo relato de Bowker, em informe endereçado a Bevin, que acreditava que a SIM seria capaz de suplantar o partido mais popular do país, o Wafd.

Neste conflito, o palácio e o governo têm ultimamente se apoiado na Irmandade Muçulmana, cuja força cresceu enormemente, e que agora está mais forte nas universidades e nas escolas do que o Wafd, cuja predominância entre as massas não-instruídas ainda se mantém. Os Irmãos Muçulmanos continuam um perigo permanente para a cooperação amigável entre não apenas a Grã-Bretanha e o Egito como entre o Egito e os europeus em geral. Fortificados pela insensatez de sucessivos governos, que se enfadaram em usá-los, a Irmandade Muçulmana agora se tornou abertamente um corpo político e não está escondendo sua esperança de que irá finalmente substituir o Wafd e se tornar o governo do país.⁴⁷²

⁴⁷¹ FO 403/469, J 670/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 16 de fevereiro de 1946. Tradução livre para: "Demonstrations were organised mainly by Moslem Brethren and Wafd. It will be remembered that at the opening of University last October Wafd were unable to bring students out owing to non-co-operation of Moslem Brethren who were then playing for the Government. The fact that Moslem Brethren this time have come out on to the streets with Wafd would seem to indicate that they thought the present Government was on its last legs. They were also annoyed with the Government which after being pleasant with them at the beginning has lately been repressing their activities. It is also significant of growing influence of Moslem Brethren that when they decide to throw in their weight on the side of disorder their action is pretty effective".

⁴⁷² FO 403/469, J 1330/39/16 – Enclosure. De James Bowker para Ernest Bevin. General Political Review 1945. Cairo, 15 de março de 1946. Tradução livre para: "In this struggle the Palace and the Government have latterly been leaning on the Moslem Brethren, whose strength has increased enormously, and who now are stronger in the university and the schools than the Wafd, whose predominance among the uneducated masses still continues. The Moslem Brethren remains a permanent danger to friendly co-operation between not only Great Britain and Egypt, but between Egypt and Europeans generally. Strengthened by the folly of successive

Tal análise é provável não apenas por mérito da SIM, mas pelo alto grau de insatisfação da população com o status quo. Com o fim da II Guerra Mundial, os egípcios viram seus anseios de independência total e irrestrita se frustrarem mais uma vez. No âmbito político, uma série de governos sem legitimidade assumiu o poder, formados por integrantes de partidos minoritários, escolhidos pelo rei e sem o respaldo de uma coalizão para formar uma maioria parlamentar. Ao mesmo tempo, a crise econômica tornou-se mais aguda. A desmobilização aliada no país, com a retirada de tropas, pessoal administrativo e fechamento de escritórios e depósitos, ocasionou o corte de 250 mil postos de trabalho relacionados ao esforço de guerra. O custo de vida, refletido em altos índices de inflação, aumentaria mais de duas vezes até 1952⁴⁷³. Durante o período do governo Hussein Sirry Paxá (1940-1942), já havia descontentamento popular em relação à escassez de alimentos, em especial de trigo. Desde então, a situação se agravou ainda mais e a população tendeu a culpar por isso o apetite das tropas estacionadas no país e os grandes estoques britânicos de grãos⁴⁷⁴.

E os britânicos, principal alvo das críticas da SIM, davam motivos para que esse discurso fosse ainda mais explorado. Uma das denúncias de Makram contra o líder do Wafd dizia respeito a um item em falta nos mercados egípcios: o açúcar. Sob o governo wafdisto o país vendeu mais açúcar do que tinha em seus estoques reguladores. A commodity estava, segundo a denúncia, sendo exportada para a Grã-Bretanha, sem que o país pagasse taxas de exportação. Durante um período de alta nos preços, o Egito estaria fornecendo açúcar que seria repostado pela Grã-Bretanha em quantias equivalentes quando os preços cedessem após a guerra –o que significava que os egípcios não receberiam o lucro devido.

Em um documento extenso, Lorde Killearn rebate somente a acusação relativa aos impostos, o que sugere que considerava as demais procedentes. O embaixador lembra, em relato sobre a situação política do país enviado a Eden, que em troca da isenção de impostos alfandegários ao açúcar, a Grã-

Governments, who have tired to use them, the Moslem Brethren have now openly become a political body and are not hiding their hope that they will eventually repalce the Wafd and become the Government of the country”.

⁴⁷³ BEININ, 1998, p. 321.

⁴⁷⁴ LITTLE, 1967, p. 88.

Bretanha fornecia nitratos importados do Chile –utilizados como fertilizantes–, prática prevista em acordo firmado entre ambos os países⁴⁷⁵.

Portanto, o sofrimento provocado pelas condições adversas impostas pela guerra criou, não sem razões, um grande descontentamento popular, o que poderia ser encarado como um atrativo para mais adesões à SIM. Segundo análise da embaixada britânica, era necessário um programa social para amenizar a tensão criada pelas dificuldades econômicas criadas em razão da guerra, algo que a SIM já vinha oferecendo.

*No ponto em que as coisas se encontram, os presságios parecem apontar para um embate entre o Palácio e o Wafd logo que a pressão britânica relaxar. Mas embaixo da superfície há outras forças trabalhando. Descontentamento e insatisfação com as improvisações desordenadas de sucessivos ministros diante de problemas urgentes de bem-estar nacional estão se aproximando de um clímax, especialmente entre as massas de funcionários da classe média, artesãos e trabalhadores rurais que sofreram gravemente das provações econômicas e com a inflação durante os anos da guerra. Nem o Wafd nem o Palácio têm algum programa a oferecer à altura da urgência das tensões sociais. Reforma social com base secular através da adaptação da legislação econômica e social do Ocidente é vagamente esboçada pelo Wafd, e uma benevolência social ainda mais vaga vem do Palácio.*⁴⁷⁶

Este panorama também colaborou para o recrudescimento da violência, com assassinatos de figuras públicas, como Amin Othman, auxiliar direto do líder do Wafd e principal contato da embaixada britânica com o partido, e, até 1948, de dois primeiros-ministros. Em grande medida, a SIM foi uma fonte promotora dessa agitação social⁴⁷⁷. Outro fator que favoreceu a chegada de novos membros: os irmãos muçulmanos aceitavam a ascensão de integrantes

⁴⁷⁵ FO 403/468, J 526/31/16: Relatório Political Situation in Egypt, de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 30 de janeiro de 1944.

⁴⁷⁶ FO 403/468, J 1407/2/16/1943: relatório The Political Forces in Egypt, do Research Department, 7 de setembro de 1944. Tradução livre para: “14. As things are, the omens would seem to point to a renewal of the struggle between the palace and Wafd as soon as British pressure relaxes. But beneath the surface there are other forces at work. Discontent and dissatisfaction with the fumbling improvisations of successive Ministries in face of the urgent problems of national welfare are approaching a climax, especially amongst the masses of middle-class officials, artisans and agricultural labourers who have suffered severely from the economic hardships and inflation of the war years. Neither the Wafd nor the Palace has any programme to offer commensurate with the urgency of the social tensions. Social reform on a secular basis, by the adaptation of Western social and economic legislation, is vaguely adumbrated by the Wafd, a still vaguer social benevolence by the Palace”.

⁴⁷⁷ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 25.

de todas as classes sociais – diferentemente do Wafd⁴⁷⁸, cuja cúpula, como já mencionado anteriormente, era em sua totalidade dominada por membros da elite egípcia. Estima-se que, no final da década de 40, a SIM havia amealhado entre 500 mil ⁴⁷⁹ a cerca de um milhão de membros, entre ativos e simpatizantes, espalhados em quase dois mil diretórios por todo o país⁴⁸⁰.

⁴⁷⁸ LIA, 2006, p. 189.

⁴⁷⁹ Estimativa da polícia referente ao final de 1942, segundo informe britânico Sociedades Islâmicas (FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered*. Cairo, 14 de dezembro de 1942). Ver Documento 1 do Anexo C.

⁴⁸⁰ KEPEL, Gilles. **The Revenge of God: The Resurgence of Islam, Christianity and Judaism in the Modern World**. Cambridge: Polity Press, 1994, p.10 e ZOLLNER, Barbara. **The Muslim Brotherhood: Hasan al-Hudaybi and Ideology**. Routledge Series in Political Islam. Abingdon: Routledge, 2009.

CAPÍTULO IV

O AUGE DO PODER E A DISSOLUÇÃO DA SIM (1946-49)

Os últimos anos da primeira fase da SIM, período em que esteve sob a liderança de Hasan al-Banna, sofreram interferência direta de três dinâmicas que se impuseram no Egito no pós-II Guerra Mundial. A primeira delas foi o temor do “avanço comunista”, que se destaca como um dos principais focos de preocupação não apenas entre os britânicos, mas também entre as autoridades egípcias, segundo as fontes consultadas. O tema surgiu no contexto da Guerra Fria, e resultou em mais atos de repressão contra indivíduos ligados à esquerda do que à SIM até 1948. A segunda foi o conflito contra o recém-declarado Estado de Israel, levando membros da SIM à frente de batalha e a ataques contra alvos estrangeiros e, em especial, de judeus no Egito. E o terceiro e mais significativo aspecto dentro de nosso escopo foi a radicalização do cenário político interno, em especial, a repressão promovida por Nuqrashi Pasá contra a SIM. Tal fato provocaria um rompimento definitivo entre a organização islâmica, o governo e o rei, o que provocou um acirramento da atuação do movimento e culminou com a morte de seu líder.

A tensão política interna foi também muito influenciada pelos persistentes problemas econômicos, como a inflação alta, os salários baixos e a frustração que mais uma vez o pós-guerra traria para as aspirações de autodeterminação do povo egípcio. Some-se a isso o fracasso do país na guerra israelo-palestina, que elevou ainda mais a tensão e resultou em atos de violência usados como arma política. Neste período, a SIM se envolveu em atentados e em um assassinato de cunho político.

É importante destacar, também, que em 1946 houve uma mudança importante no comando dos interesses britânicos no Egito. Lorde Killearn foi retirado do posto de embaixador por Ernest Bevin, novo chefe do Foreign Office, após a vitória do Partido Trabalhista sobre o Partido Conservador nas eleições legislativas ocorridas na Grã-Bretanha no ano anterior. Em sua carta de despedida endereçada a Bevin, intitulada “Canto do Cisne”⁴⁸¹, Killearn faz um balanço de seus anos no Egito e afirma que “a situação interna nunca

⁴⁸¹ Para uma análise mais aprofundada da carta, ver: CASTRO, Isabelle C. Somma de. O discurso orientalista britânico: um estudo sobre ‘Swan Song’ de Lord Killearn. In CLEMESHA, Arlene E. e SILVA, Thais Rocha da. **Ensaio de Crítica ao Orientalismo**. Rio de Janeiro: Multifoco (no prelo).

esteve pior”⁴⁸². A origem dos problemas era, em sua avaliação, o rei Faruq, que impunha governos impopulares.

O trono está, dessa forma, no meio de um conflito social e nacionalista do qual ninguém consegue ver o fim, mas no qual está exposto a grave perigo. Sua Majestade deveria, portanto, ser exortada em toda ocasião possível a fazer as pazes com a oposição, estar em termos semelhantes com todos os partidos políticos, e encorajar a opinião popular a obter as circunstâncias que desejar ao contrário do sistema atual de eleições fraudadas e governos impostos pelo Palácio. Caso contrário, haverá uma explosão, quase certamente envolvendo o próprio trono, e da mesma forma certamente envolvendo alegações sobre a diretriz britânica e interesses que impelem a intervenção britânica, possivelmente em larga escala.⁴⁸³

Na verdade, a principal causa do conflito é o poder concedido pela Constituição de 1923 ao rei de fazer e desfazer gabinetes, cláusula esta que foi imposta pelos britânicos com o claro objetivo de controlar o avanço nacionalista no Parlamento. O rei Faruq utilizava o dispositivo para minar seus desafetos, em especial Nahas Paxá, líder do ainda popular Wafd. A contenda entre ambos não permitia que um governo que refletisse a vontade popular finalizasse o mandato, provocando um eterno impasse na governabilidade. Por seu lado, o Wafd também não teve sucesso em suprir os anseios da população durante seu governo mais extenso e estável, entre 1942 e 1944, criando uma ansiedade popular por mudanças.

Em relação ao novo embaixador, percebe-se uma sensível mudança de estilo –sir Ronald Campbell⁴⁸⁴ era menos intervencionista do que seu antecessor. Outra característica notável que pode ser apreendida nos documentos analisados datados de 1946 é o maior número de menções à SIM.

⁴⁸² FO 403/469, J 1135/39/16. De James Bowker para Ernest Bevin. *Swan Song*, de Lorde Killearn. Cairo, 6 de março de 1946. Tradução livre para: “...the internal situation was never worst”.

⁴⁸³ Ibid. Tradução livre para: “The Throne is thus in the midst of social and nationalist conflict, of which no one can see the end, but in which it is clearly exposed to grave danger. His Majesty should therefore be urged on every possible occasion to make his peace with Opposition, be on terms with all political Parties alike, and encourage popular opinion to have its way instead of the present system of faked elections and Palace imposed Governments. Otherwise there will be an explosion, almost certainly involving the Throne itself, and equally certainly involving considerations of British policy and interest that will impel British intervention, possibly in a large scale”.

⁴⁸⁴ Bevin tinha como princípio uma política menos intervencionista do que seu antecessor, Anthony Eden (LOUIS, 1988, p. 1).

Tal fato demonstra que a importância da organização, do ponto de vista britânico, aumentou significativamente. É provável que tenha se colocado como uma ameaça maior aos interesses britânicos. Os telegramas do período descrevem melhor as atividades da SIM, principalmente devido ao poder de mobilização popular demonstrado por ela, como poderá ser visto durante este capítulo. Minha hipótese é que nos últimos três anos da década de 40, a SIM obteve maior apoio de aliados importantes, como o primeiro-ministro Isma'il Sidqi Paxá, que assumiu o posto em fevereiro de 1946, e o próprio rei Faruq. Isso fez com que o grupo se consolidasse como uma importante força política, expandindo suas atividades e chegando a um número inédito de simpatizantes.

4.1. As alianças com o rei Faruq e Sidqi Paxá

Uma nova oportunidade política se abriu para a SIM no início de 1946, quando a organização obteve acordos informais com o rei e o novo gabinete que assumiu em fevereiro. A adesão desses aliados influentes coincidiu com um período que muitos autores⁴⁸⁵ definem com sendo o apogeu⁴⁸⁶ da SIM, afirmação que pode ser sustentada pelo aumento significativo de documentos britânicos que versam sobre a organização islâmica encontrados a partir de 1946. Os acordos com esses aliados permitiram que a SIM mantivesse e expandisse suas atividades em troca de seu apoio, através de manifestações e artigos nos jornais da organização islâmica, entre outros meios.

As supostas ameaças oferecidas por agentes comunistas e pelo Wafd, que atuava como um férreo opositor ao novo governo, foram responsáveis por abrir o caminho para a associação da SIM com o novo primeiro-ministro e o monarca. Logo após o fim da guerra, o suposto “perigo comunista” se tornou uma preocupação de destaque não apenas para os britânicos, mas para os governantes egípcios. Isma'il Sidqi Paxá, que havia instaurado um regime autoritário no início da década de 1930, era visto pelo Wafd como “um símbolo

⁴⁸⁵ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 35; WICKHAM, 2002; LIA, 2006; KRAMER, 2010.

⁴⁸⁶ MITCHELL, Richard P., op. cit., p. 35.

da tirania, selvageria e de métodos anticonstitucionais”⁴⁸⁷, segundo informe da embaixada. Mesmo impopular, Sidqi Paxá foi convocado pelo rei após a queda de Nuqrashi para formar um novo governo. O novo primeiro-ministro percebeu que a SIM seria uma parceira útil contra grupos de esquerda, assim como àquela altura era a única organização capaz de contrapor à popularidade do Wafd⁴⁸⁸. Em troca, há fortes indícios de que ofereceu à liderança da SIM garantias de não incomodar a realização de suas atividades. Após a ascensão do novo gabinete, a SIM se mostrou mais atuante na promoção de manifestações. Da mesma forma, a SIM demonstrou mais clareza e assertividade em a sua oposição contra a presença britânica no país e contra o Wafd, ao mesmo tempo em que alinhou-se com o novo gabinete.

O governo de Sidqi Paxá passou a culpar e atacar grupos e indivíduos considerados comunistas, acusados de provocarem a instabilidade que imperava no país naquele momento. Certamente, a tática era criar bodes-expiatórios para a real origem da agitação popular: os sérios problemas econômicos que o Egito enfrentava no pós-guerra. O suposto avanço do comunismo no país também era tratado com especial interesse pela embaixada britânica, que pressionava o primeiro-ministro e o rei a tomarem medidas para o controle de atividades consideradas subversivas. Geralmente, essas pressões revertiam em atos como o empastelamento de jornais e detenções, como demonstra declaração de Sidqi Paxá publicada no periódico local de língua francesa *Journal d’Egypte*, voltado para a comunidade francófona.

O governo, tendo recentemente observado que o perigo da atividade de comunistas, egípcios e estrangeiros estava crescendo, decidiu agir com austeridade e firmeza. Em observação à lei e de acordo com a Constituição, começa esta noite a suspender certos jornais e revistas a fim de dissolver associações comunistas, fechar instalações e confiscar seus materiais impressos e levar os líderes dos movimentos comunistas para os tribunais. Ao agir desta forma, o governo pretende salvaguardar a ordem social, a qual está ansioso em fortalecer, a fim de voltar-se para o bem, tomando conta das classes

⁴⁸⁷ FO 403/469, J 802/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 23 de fevereiro de 1946. Tradução livre para: “symbol of tyranny, savagery, unconstitutional methods”.

⁴⁸⁸ O mesmo ocorreu quando Sadat, então presidente, libertou integrantes da SIM que haviam sido encarcerados durante o regime de Gamal ‘Abd al-Nassir, a fim de combater grupos socialistas que proliferavam no Egito.

que merecem atenção e combatendo seus inimigos, que são a ignorância, a doença e a pobreza.⁴⁸⁹

O discurso voltado aos mais destituídos não surgiu com destaque por acaso. A principal adversidade no pós-guerra era o desemprego, em especial devido ao desmantelamento das atividades relacionadas ao esforço de guerra aliado, que havia garantido ocupação e renda para trabalhadores não-qualificados durante o conflito mundial. Muitos desses trabalhadores eram *fellahin* saídos de pequenos vilarejos do Alto Egito e do Delta. Com o fim da conflagração, milhares deles se encontraram sem trabalho e distantes de seus lares. Comunistas e estrangeiros –especialmente do Leste europeu– passaram a ser os bodes-expiatórios da agitação popular no país, sendo responsabilizados por promover greves entre trabalhadores insatisfeitos e protestos entre os sem-ocupação. Um relatório da embaixada britânica aponta que o número de desempregados era pelo menos duas vezes maior do que o admitido pelo governo egípcio. O documento também revela que Sidqi Paxá tentava atribuir a insatisfação geral aos “desordeiros” e não à crise econômica, ou seja, evitava tocar nos problemas reais que, além do desemprego, eram a inflação alta e as condições de trabalho e os baixos salários daqueles que estavam empregados em fábricas.

O desemprego continua a preocupar o governo, que num debate na Câmara dos Deputados insistiu que o número de desempregados registrados é de apenas 100.000 e que 5.000 desses conseguiram ser realocados, sendo que o restante foi levado de volta para seus vilarejos. Esta afirmação parece ser otimista. Problemas com paralisações continuam e o ministro do Bem-Estar Social acusou estrangeiros, incluindo russos, tchecos e poloneses, de estarem envolvidos no instigamento das greves recentes.⁴⁹⁰

⁴⁸⁹ FO 403/469, J 3067/53/16. Tradução de declaração do primeiro-ministro Sidqi Paxá ao *Journal d’Egypte*. Em telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Measures to combat Communist Activity. Cairo, 12 de julho de 1946. Tradução livre para: “The Government, having recently observed that the danger of the activity of the Communists, Egyptians and foreigners was increasing, has decided to act with severity and firmness. In execution of the law and the provisions of the Constitution, it has proceeded to-night [sic] to suspend certain newspapers and reviews to dissolve Communist associations, to close their premises and to confiscate their printed matter, and has denounced the leaders of the Communist movements to the courts. In acting thus the Government aims to safeguard the social order which it is anxious to strengthen, and to direct towards good by taking care of the classes worthy of solicitude and by combating its enemies, which are ignorance, disease and poverty”.

⁴⁹⁰ FO 403/469, J 3080/57/16. Telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Wekkly Appreciation. Cairo, 12 de julho de 1946. Tradução livre para: “6. Unemployment continues to

Enquanto Sidqi denunciava os comunistas, wafdistas e irmãos muçulmanos agiam sem grandes constrangimentos, em especial promovendo confrontos uns contra os outros, segundo informam dois telegramas da embaixada britânica. Os relatos contêm um apanhado da situação política de duas semanas específicas, uma de julho e outra de agosto de 1946, respectivamente.

Houve um sério conflito entre wafdistas e a Irmandade Muçulmana na ocasião da visita do líder da última ao Cairo envolvendo a morte de duas pessoas e um número de feridos. Numerosas prisões foram realizadas. Jornais wafdistas aproveitaram a oportunidade para exigir a dissolução da organização paramilitar da Irmandade Muçulmana. A Irmandade Muçulmana, apesar de ter assassinado um wafdistas, sofreu o maior golpe durante o conflito, o que mostra que o Wafd manteve seu poder neste velho reduto wafdistas, e que a Irmandade Muçulmana é muito mais fraca que o Wafd ali.⁴⁹¹

Outro embate menos sério ocorreu entre a Irmandade Muçulmana e as brigadas wafdistas no Cairo, tendo a provocação vinda, aparentemente, das últimas.⁴⁹²

Os dois grupos, que haviam se unido brevemente nas eleições parlamentares de 1945, agora eram as maiores organizações mobilizadoras do Egito. Novamente se tornaram antagônicas, apesar de ambas defenderem o mesmo princípio: a evacuação britânica. Enquanto o Wafd queria que a evacuação fosse realizada através de canais oficiais por meio de uma revisão do acordo de 1936, a SIM defendia uma posição mais radical, uma retirada total sem negociação. Naquele momento, portanto, a disputa era pela liderança

preoccupy the Government who, in a debate in Chamber of Deputies maintained that registered unemployment number only 100.000 and that 5,000 of these have been re-employed, the rest having been drifted back to their villages. This statement appears to be optimistic. Strike troubles continue and minister for Social Affairs has accused foreigners, including the Russians, Czechs and Poles, of being involved in the instigation of recent strikes."

⁴⁹¹ FO 403/469, J 3080/57/16. Telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 12 de julho de 1946. Tradução livre para: "2. There has been serious conflict between the Wafadists and Moslem brethren [sic] on the occasion of a visit of the leader of the latter to Cairo, involving to persons killed and a number of casualties. Numerous arrests were made. Wafdist newspapers seized the opportunity to demand the dissolution of Moslem Brethren's para-military organisation. The Moslem Brethren, although they killed one Wafadist, got much the worst of the conflict, which showed that the Wafd have retained their power in this old Wafdist stronghold, and that the Moslem Brethren are much weaker than the Wafd there". O telegrama não esclarece o local considerado reduto do Wafd.

⁴⁹² FO 403/469, J 3453/57/16. Telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Events in Egypt: Weekly Appreciation. Cairo, 9 de agosto de 1946. Tradução livre para: "3. Another less serious clash occurred between the Moslem Brethren and Wafdist brigades in Cairo, the provocation apparently having come from the latter".

do movimento nacionalista, ou pelo menos, pelo uso do discurso antibritânico. Mitchell traça um resumo dos conflitos entre ambos no cenário do pós-guerra.

Entre os Irmãos Muçulmanos e o Wafd [...], havia um conflito genuíno, principalmente por suas implicações.

[...] como o Wafd e os Irmãos Muçulmanos eram os únicos grupos de massa, o conflito entre eles dominava o cenário. A batalha era travada em muitas frentes: nos seus mais importantes jornais, o *al-Ikhwan al-Muslimin* [sic], e o *al-Misri*, que depois tornou-se *Sawt al-Umma*; no campo, na forma de recrutamento intensivo ou na criação de obstáculos; na agitação entre trabalhadores; e nas universidades pelo controle do corpo estudantil. O movimento nacionalista, obviamente, era o foco do conflito.⁴⁹³

Na verdade, com o governo Sidqi, a SIM não apenas obteve liberdade mas, acima de tudo, incentivo para atuar. O novo governo percebeu que a breve união da SIM com o Wafd precipitou a queda do gabinete anterior. Apoiando a organização islâmica neste conflito, Sidqi teria a lealdade da SIM garantida, trunfo considerado necessário para um governante tão impopular. E a SIM, por seu lado, obteria apoio oficial para se contrapor contra o velho oponente.

A negociação com a SIM teve prioridade. Nos primeiros dias de seu governo, Sidqi Paxá recebeu visitas de personalidades importantes como James Bowker, que representava o novo embaixador britânico, ainda ausente do país. Segundo Bowker, uma hora antes de seu encontro com o primeiro-ministro, Sidqi já havia “recebido o líder da Irmandade Muçulmana, que prometeu a ele total cooperação”⁴⁹⁴. Por isso, uma das primeiras atitudes do primeiro-ministro foi revogar as proibições impostas por Nuqrashi contra a SIM e o antigo *Misr al-Fatat* –a ordem para o cancelamento dos atos também havia sido uma solicitação do rei⁴⁹⁵.

⁴⁹³ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 43. Tradução livre para: “Between the Muslim Brothers and the Wafd [...], there was a genuine conflict, the more importante because of its implications. [...] as the Wafd and the Muslim Brothers were the only mass parties, it was their conflict that dominated the scene. Battle was joined on many fronts: in their most important newspapers, *al-Ikhwan al-Muslimin*, and *al-Misri*, later *Sawt al-Umma*; in the countryside, in the form of intensive recruitment or fence-building; in labour agitation; and in the universities for control of the student body. The national movement, of course, was the focus of the struggle”.

⁴⁹⁴ FO 371/53284, J 732/39/16. Telegrama de James Bowker para o Foreign Office. Cairo, 20 de fevereiro de 1946. Tradução livre para: “received the head of the Moslem Brotherhood, who had promised him his full-cooperation”.

⁴⁹⁵ MITCHELL, Richard P., op. cit., p. 45.

A primeira atuação em favor de seu novo aliado se deu logo no mês seguinte à posse do novo gabinete. A SIM abandonou um bloco de união nacional formado por um amplo leque de setores, principalmente estudantes e trabalhadores. Esse bloco, que abrangia um vasto espectro político, havia sido formado no governo anterior a fim de pressionar por um acordo favorável em relação à revisão do Tratado da Aliança, defendido pelo Wafd. Simultaneamente ao abandono da frente, a SIM recebeu a permissão de retomar a publicação de seu jornal *Jaridat Al Ikhwan al Muslimun* e ganhou o direito de comprar uma determinada quantidade de papel-jornal do governo, pagando preços mais baixos do que se a compra fosse efetivada no mercado negro⁴⁹⁶. Bowker explica a questão para o chefe do Foreign Office em telegrama enviado no mesmo mês de março:

[A] Irmandade Muçulmana obteve permissão para [publicar] um novo jornal e uma grande alocação de papel-jornal. A sociedade também anunciou sua intenção de abandonar o 'Comitê Nacional de Estudantes e Trabalhadores'. Essa ação deve facilitar os esforços de Sidqi Paxá de controlar os estudantes. Ambos esses desdobramentos enfatizam a política do governo de usar a Irmandade Muçulmana.⁴⁹⁷

A SIM obteve, ao longo do governo de Sidqi Paxá, facilidades que não eram concedidas a outros grupos, como descontos para a compra de uniformes para os escoteiros da organização e autorização para usar campos de treinamento do governo a fim de realizar atividades próprias⁴⁹⁸. Como são muito específicas, essas benesses parecem ter sido solicitadas pela própria SIM. Mas as vantagens podem ter ido além desses favores. Segundo relata Bowker em outro informe ao Foreign Office, desconfiava-se que o apoio da organização islâmica teria sido trocado pelos favores descritos anteriormente, mas, também, por ajuda financeira.

⁴⁹⁶ KRÄMER, 2010, p. 68.

⁴⁹⁷ FO 403/469, J 1184/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 16 de março de 1946. Tradução livre para: "Moslem Brethren have obtained a permit for a newspaper and a large allocation of newsprint. The society has also announced its intention of withdrawing from 'National Committee of students and workers.' This action may facilitate Sidki Pasha's efforts to control students. Both of these developments emphasise the Government's policy of using Moslem Brethren".

⁴⁹⁸ KRÄMER, op. cit., p. 68.

Sidqi Paxá reverteu a política de seu antecessor ao autorizar manifestações, liberar promotores de distúrbios que haviam sido presos durante as recentes desordens, ao permitir que a Irmandade Muçulmana e o Jovem Egito retomassem suas reuniões e, em geral, ao jogar mais abertamente para a audiência nacionalista. Diz-se que ele conquistou a Irmandade, parcialmente, talvez, com dinheiro.⁴⁹⁹

Isso ocorreu porque Sidqi Paxá estava preocupado com a falta de apoio a suas políticas e a pressão do Wafd. Um acordo com a SIM teria como principal finalidade contrabalancear a popularidade do partido opositor. Entre as principais pretensões de Sidqi estava concluir as negociações para a revisão do Tratado da Aliança de 1936⁵⁰⁰. Além do Wafd, que preferia liderar as conversações por ser o partido majoritário, o primeiro-ministro também tinha como oposição os nacionalistas radicais. Entre eles estava o grupo dos Oficiais Livres, que preferia um rompimento total e uma revolta armada contra os britânicos a fim de obter a evacuação total das tropas o mais rápido possível do país. Segundo El-Sadat, o acordo entre Sidqi e a SIM foi um dos motivos que fez com que os Oficiais Livres rompessem –por um curto período– com a organização islâmica⁵⁰¹.

Nós deveríamos ter aproveitado nossa vantagem imediatamente. Ao invés disso, Ismail Sidqi preferiu embarcar nas costumeiras discussões intermináveis com a [Grã-] Bretanha e concluir um pacto com a Irmandade Muçulmana, para assim evitar ter de enfrentar o problema do terrorismo. Nossa organização considerou que a Irmandade havia traído o ideal revolucionário com esse pacto, e nós rompemos com eles temporariamente.

Nós rompemos com a Irmandade Muçulmana pois ela havia negado seus próprios ideais ao pactuar com um governo que oprimia a população.⁵⁰²

⁴⁹⁹ FO 403/469, J 802/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 23 de fevereiro de 1946. Tradução livre para: "Sidki Pasha reversed the policy of his predecessor by authorising demonstrations, by releasing rioters who had been arrested during recent disorders by allowing Moslem Brethren and Young Egypt to resume their meetings, and generally by playing more openly to the Nationalist gallery. It is said that he has won over the Moslem Brethren, partly, perhaps, by money".

⁵⁰⁰ O Tratado da Aliança Anglo Egípcia de 1936 tinha como validade o período de 20 anos, mas incluía a opção de renegociação, para ambos os lados, depois de 10 anos (WOODWARD, 2002, p. xiii).

⁵⁰¹ A SIM apoiaria o golpe de Estado dos Oficiais Livres em 1952.

⁵⁰² EL-SADAT, 1957, p. 83 e 86. Tradução livre para: "We should have followed up our advantage immediately. Instead, Ismail Sedky preferred to embark on the usual interminable discussions with Britain, and to conclude a pact with the Muslim Brotherhood, so as to avoid having to tackle the problem of terrorism. Our organization considered that the Brotherhood had betrayed the revolutionary ideal by this pact, and we broke off with them temporarily. We broke

Outra evidência de que realmente havia um acordo entre o primeiro-ministro e a SIM foi o apoio público da organização islâmica a Sidqi durante todas as negociações em que ele liderou para a revisão do Tratado da Aliança Anglo-Egípcia, de acordo com o relato do recém-empossado embaixador Sir Ronald Campbell: “O líder da Irmandade Muçulmana escreveu uma carta para Sidqi Paxá exortando-o a não enfraquecer”⁵⁰³. A SIM também tinha flexibilidade para agir, sem a intervenção da polícia, tendo como alvo preferencial ataques contra o Wafd e os britânicos, como informa Campbell a Bevin.

O estado da segurança pública continua precário. Tanto a Irmandade Muçulmana como o Jovem Egito estão começando a criar agitação barulhenta contra os britânicos. O conflito entre a Irmandade Muçulmana e o Wafd continua...⁵⁰⁴

Por sentir que os interesses britânicos estavam sob risco iminente de ataque, o embaixador passou a pressionar Sidqi Paxá para que passasse a reprimir as atividades da SIM, vista como o maior e mais ameaçador de todos os grupos nacionalistas. O primeiro-ministro, por sua vez, prometeu tomar providências, mas repreendeu somente o Wafd e os comunistas, seus reais inimigos, pela agitação, ignorando seu aliado mais conhecido, a SIM, e também o *Misr al-Fatat*.

Existem indicativos de que Sidqi Paxá está começando a agir contra os elementos que promovem a desordem. Contudo, os atuais indicativos são que sua atividade está apenas sendo dirigida contra o Wafd e os comunistas e não, por enquanto, contra gangues de assassinos (cujos membros são trazidos de partidos que apoiam o atual regime), Jovem Egito ou Irmãos Muçulmanos, apesar de ele dar a entender recentemente que pretendia agir contra o último mencionado.⁵⁰⁵

with the Muslim Brotherhood, for it had denied its own ideals by compacting with a government which oppressed the people.”

⁵⁰³ FO 403/469, J 2504/57/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Current Events and opinion*. Cairo, 1 de junho de 1946. Tradução livre para: “The head of the Moslem Brethren has written a letter to Sidki Pasha exhorting him not to weaken”.

⁵⁰⁴ FO 403/469, J 2368/57/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Current Events and opinion*. Cairo, 25 de maio de 1946. Tradução livre para: “State of public security continues precarious. Both Moslem Brethren and Young Egypt are beginning to agitate noisily against the British. The conflict between Moslem Brethren and Wafd continues...”

⁵⁰⁵ FO 403/469, J 2813/57/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Current Events and opinion*. Cairo, 22 de junho de 1946. Tradução livre para: “There are indications that Sidki Pasha is beginning to take action against the elements of disorder. However, the present indications are that his activity is only being directed against the Wafd and Communists, not, as yet, against murder gangs (members of which are drawn from parties supporting the present

Nesse período, a SIM também contou com o discreto apoio do rei Faruq, que se opunha ao Wafd, como apontou o antigo embaixador Killearn em sua carta de despedida: “a presente clivagem entre o Palácio e o partido majoritário (o Wafd) é arriscada e passível do maior perigo”⁵⁰⁶. O monarca necessitava de algum apoio popular para manter o Wafd fora do poder, e continuar sua prática de formar gabinetes minoritários como estratégia para emplacar seu projeto de poder, a fim de também se tornar um líder de maior prestígio.

A relação entre a SIM e Faruq sempre foi intermediada, em especial na década de 1930, por Ali Mahir. Como discutido no Capítulo III, um relatório feito em 1942 por um funcionário do palácio –e interceptado pelos britânicos– mostrava o interesse do rei em se informar sobre as organizações islâmicas existentes a fim de utilizá-las em prol de seus interesses⁵⁰⁷. O principal deles era ser alçado a líder da comunidade islâmica mundial como sultão, posto vago –e esvaziado– após a fundação da República da Turquia. Deve-se lembrar que a SIM havia investido em contatos internacionais durante a guerra. Em 1945, al-Banna tentou uma aproximação com o rei através de um médico amigo de Sadat. O encontro acabou não ocorrendo por desinteresse do próprio Faruq⁵⁰⁸. Contudo, no ano seguinte, as condições se mostraram mais favoráveis para a SIM obter algum tipo de acordo com o rei. Além de temer os comunistas e de querer combater o Wafd, Faruq também passou a ver a SIM como um aliado essencial para retomar sua popularidade, que havia sido bastante alta no início do seu reinado e uma década depois estava em queda livre –não havia mais os fatores novidade e juventude a favor do monarca.

Faruq era alvo de uma antipatia crescente da população, em especial por causa de sua vida pessoal –era sabido que era um esbanjador e que perdia muito dinheiro em jogos de azar, algo que é proibido pelos muçulmanos ortodoxos– e por sua identificação com a elite egípcia⁵⁰⁹. Segundo informa o conselheiro para o Oriente da embaixada britânica, o monarca estava

regime), Young Egyptian or Moslem Brothers, though he gave me to understand recently that he intended to act against the last named”.

⁵⁰⁶ FO 403/469, J 1135/39/16. De James Bowker para Ernest Bevin. *Swan Song*, de Lorde Killearn. Cairo, 6 de março de 1946. Tradução livre para: “The present cleavage between the Palace and the Majority Party (the Wafd) is fraught with the gravest danger”.

⁵⁰⁷ FO 141/838, 305/5/42. Do Defence Security Office para F. H. Tomlyn, da embaixada no Cairo. Cairo, 9 de março de 1942.

⁵⁰⁸ EL-SADAT, 1957, p. 100.

⁵⁰⁹ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 38.

perdendo o apoio dos estudantes universitários, que teve seu ápice durante a queda do governo Wafd em 1944 –Faruq era visto por eles como aquele que havia resistido à imposição britânica de aceitar à força o gabinete de Nahas Paxá. E, no pós-guerra, quem parecia controlar a maior parte do movimento estudantil era a SIM. Bowker afirma em um relato da época ao Foreign Office:

Parece haver pouca dúvida que, de alguma maneira, os elementos antipalácio são mais uma vez uma forte maioria na Universidade. Em outras palavras, o Palácio perdeu a posição que havia obtido lá até a queda do gabinete de Nahas em outubro de 1944. Contudo, um bom acordo agora depende da postura da Irmandade Muçulmana, que pode muito bem se aproximar do palácio novamente, se isso se ajustasse ao seu jogo temporariamente.⁵¹⁰

Os relatos de Sadat, a pesquisa de Mitchell, a biografia de al-Banna e os documentos do Foreign Office são insuficientes para detalhar o relacionamento entre o rei, al-Banna e a SIM. Sabe-se apenas que al-Banna foi convidado pela primeira vez para um banquete real somente em 1947 e que a relação entre os dois lados foi completamente abalada após o fiasco da guerra na Palestina⁵¹¹, em 1948. Foi provavelmente por influência de Sidqi Paxá que Faruq se aproximou da SIM entre 1946 e 1947.

Em relação ao primeiro-ministro, Mitchell não acredita que houve um acordo entre Sidqi e al-Banna e afirma que essa é uma acusação da imprensa wafdistas⁵¹². Os documentos da embaixada britânica contradizem essa afirmação, pois revelam que a pressão feita para reprimir a SIM por parte dos britânicos era grande, mas pouco foi feito por Sidqi. Ao mesmo tempo, o primeiro-ministro tinha como alvo preferencial o Wafd, chegando a proibir reuniões públicas do partido nas províncias. “A decisão de organizar visitas para as províncias é parte de uma política de perturbar a segurança pública e fomentar revolta”, justificou o ministro do Interior, que admitiu a presença de membros da SIM, do antigo Misr al-Fatat, do Fronte Egípcio e do Partido

⁵¹⁰ FO 403/469, J 670/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 16 de fevereiro de 1946. Tradução livre para: “There seems little doubt that, anyhow in the University anti-Palace elements are now once more in a strong majority. In other words, the Palace has lost the position which it had gained there up to the fall of Nahas Cabinet in October 1944. However, a good deal now depends on attitude of the Moslem Brethren who might quite well come in with the Palace again, if it suited their game for the time being”.

⁵¹¹ EL-SADAT, 1957, p. 99-102; e MITCHELL, Richard P., 1993, p. 42.

⁵¹² MITCHELL, op. cit., p. 46.

Watanista nas manifestações, segundo relatório produzido pela embaixada britânica⁵¹³, mas não fez nada para impedi-los.

No final de 1946, a vida política egípcia vivia uma clara radicalização. Isso pode ser observado nos veículos impressos da SIM e em suas campanhas. Através de seus jornais, a organização islâmica disseminava suas resoluções e diretrizes para os membros, procurava amealhar novos simpatizantes. Além disso, é claro, tentava influenciar a opinião pública e promover suas demandas. No final de 1946, a SIM estava pregando abertamente a desobediência civil contra os britânicos, segundo telegrama de Bowker, que novamente insistia em pedir providências ao primeiro-ministro.

Eu chamei a atenção hoje do atual primeiro-ministro para um violento artigo publicado por Hasan Al-Banna em *Ikhwan el Muslimin*, o órgão [de imprensa] da Irmandade Muçulmana. Neste artigo, o autor faz um retrato assustador do aumento do ódio dos egípcios contra os britânicos, devido a sua alegada má-fé em relação às negociações do tratado; refere-se à declaração emitida pelo Escritório Central da Irmandade Muçulmana que apela para a não-cooperação com os britânicos; afirma que como resultado dessa declaração numerosos empregados [egípcios] de empresas britânicas já foram para o Escritório Central afirmar que estavam prontos para abandonar seus postos de trabalho, [mas] foram aconselhados a continuar até que o Comitê Central ‘encarregado dessas questões terminasse sua tarefa’; e conclui dizendo que, se o sentimento contra os britânicos tiver efeito nas mentes dos 30 milhões de habitantes do Vale do Nilo, [ele] iria “passar com a velocidade de um trovão no coração de 70 milhões de árabes e 300 milhões de muçulmanos”. O mesmo jornal solicitou a todas as pessoas que tivessem sob sua posse revistas, jornais ou livros ingleses os trouxessem ao diretório mais próximo da Irmandade para que fossem queimados em praça pública no Cairo e [outras] províncias em data ainda a ser fixada.⁵¹⁴

⁵¹³ FO 403/469, J 5070/39/16. Telegrama de James Bowker para o Foreign Office. Cairo, 1 de dezembro de 1946. Tradução livre para: “The decision to organize visits to the provinces is part of a policy to disturb public security and foment revolt”.

⁵¹⁴ FO 403/469, J 4420/39/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. Cairo, 24 de outubro de 1946. Tradução livre para: “I called the Acting Prime Minister’s attention to-day [sic] to a violent article published by Hasan Al-Banna in *Ikhwan el Muslimin*, the organ of the Moslem Brotherhood. In this article, the author paints a lurid picture of the growing hatred of the Egyptians against the British, owing to their alleged ill-faith over the treaty negotiations, refers to the declaration issued by the Central Office of Moslem Brethren calling for non-co-operation with the British, says that already as a result of this declaration numbers of employess in British concerns have come to the Central Office ready to cease their work, were told to carry on until the Central Committee ‘charged with these matters has finished its task,’ and concludes by saying that feeling against the British having had its effect on the minds of 30 million inhabitants of the Nile Valley would ‘pass with the speed of lightning into the heart of the 70 million Arabs and 300 million Moslems.’ The same journal also called on all persons having in their possession English reviews, newspapers of books to bring them to the nearest office of the brethren so that they should be burned in the public squares of Cairo and provinces on a date to be fixed”.

Houve, portanto, uma virada em relação à discreta postura anterior. Ao mesmo tempo, sem a égide da repressão, a organização voltou às ruas em desafio não ao governo, mas aos ocupantes. A SIM colocou em prática as ameaças de “boicote cultural” em 25 de novembro, quando organizou fogueiras em várias cidades, com livros e periódicos em língua inglesa –em protesto contra os termos propostos pelo esboço de revisão do tratado negociado entre Sidqi e Bevin. A ação era, provavelmente, coordenada com o primeiro-ministro a fim de pressionar o outro lado a aceitar suas condições. Mas a situação fugiu do esperado a tal ponto que Sidqi se viu obrigado a agir na ausência de al-Banna, que estava em peregrinação a Meca⁵¹⁵. Dois dias depois do protesto, o segundo líder mais poderoso da SIM, Ahmad al-Sukkari foi preso pelo governo, que finalmente atendeu aos pedidos da embaixada para conter a organização islâmica. O incidente deu partida para mais manifestações estudantis e ataques contra policiais egípcios, soldados e estabelecimentos britânicos. O governo tentou conter a onda de violência com o fechamento de jornais e o cancelamento de aulas nas universidades, foco de grande parte dos protestos.

A situação, que parecia estar totalmente fora do controle, levou à queda de Sidqi, no início de dezembro de 1946. Mais uma vez um novo governo sem a participação do Wafd assumiu. Mahmud al Nuqrashi voltou ao posto de primeiro-ministro a fim de colocar um fim nos distúrbios. O novo primeiro-ministro já havia encarcerado membros da SIM e proibido reuniões do grupo no ano anterior, quando ocupava o mesmo cargo. Sua recondução ao poder fazia com que uma forte oposição da organização islâmica fosse aguardada. Mas, como estava em conflito franco com o Wafd e em plena campanha pela anulação total do Tratado da Aliança de 1936, a SIM aquiesceu, dando um voto de confiança ao novo primeiro-ministro –deixando de abrir uma nova frente de confronto.

4.2 A escalada da violência no cenário político egípcio

⁵¹⁵ MITCHELL, Richard. P., 1993, p. 50.

A escalada dos atos de violência, em especial no final de 1946, foi consequência de múltiplas causas. Em um de seus últimos despachos para Londres, Lorde Killearn afirmou que a desilusão com a classe política era uma das explicações para o aumento dos atos de violência. “Teme-se que a juventude do país, tendo perdido sua fé nos atuais líderes políticos e estando sem nenhum guia, esteja vagando por comportamentos de violência irracional.”⁵¹⁶ O Wafd, popular estandarte do nacionalismo, mostrou-se um aliado de primeira linha dos ocupantes durante o período mais sombrio da guerra e entrou em uma espiral de descrédito, também graças ao afastamento de sua cúpula das demandas populares. O rei, por sua vez, perdeu popularidade por não ter resistido à pressão britânica nos anos posteriores ao episódio de 4 de fevereiro de 1942 e, principalmente, por ser visto cada vez mais como um *bon vivant*. O enfraquecimento progressivo do maior partido político do país e do rei foram acompanhados por um descrédito em relação às instituições políticas em geral, como o Parlamento. Os gabinetes imediatamente posteriores também não obtiveram êxito em atender as demandas populares –eram todos eles ligados à elite econômica do país. Por outro lado, os grupos “extraparlamentares”, que não havia sido testados como governantes, ganharam força⁵¹⁷. A SIM foi a que mais ganhou com esse panorama.

Os assassinatos e tentativas de assassinato contra políticos, os atentados a bomba contra lojas, cinemas e outros estabelecimentos pertencentes a estrangeiros ou aos *mutamassirun*, protestos violentos e greves foram o desdobramento mais visível das frustrações com o fraco desempenho da economia no pós-guerra, assim como da descrença com os políticos. A violência se generalizou a tal ponto que até personalidades fora dos círculos políticos passaram a receber cartas de ameaça. Uma delas foi dirigida ao gerente do Hollywood Cabaret, uma famosa boate do Cairo. Caso os preços

⁵¹⁶ FO 403/469, J 162/57/16. De Lorde Killearn para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 12 de janeiro de 1946. Tradução livre para: “It is feared that the youth of the country, having lost their faith in present political leaders and being without any guide, are drifting into attitudes of irrational violence”.

⁵¹⁷ MITCHELL, Richard. P., 1993, p. 43.

cobrados no estabelecimento não diminuíssem, dizia a ameaça, o lugar seria explodido⁵¹⁸.

Os nacionalistas mais radicais, que viam os líderes do Wafd como traidores, foram responsáveis por boa parte dos atentados. No final de 1945, houve um ataque com uma granada de mão contra Nahas Paxá, que resultou em ferimentos leves. Logo depois, no início de 1946, Amin Othman Paxá, o principal interlocutor entre a embaixada britânica e o Wafd, suspeito por muitos de ser um espião a serviço dos britânicos, foi assassinado a tiros –ele já havia sobrevivido a outro ataque. Segundo relatório do embaixador, um jovem estudante foi preso e disse ser o autor do crime. A escolha da vítima se deu por seu envolvimento principalmente com os britânicos e, em segundo plano, por sua profunda associação com Nahas e o Wafd. No mesmo informe, o representante britânico afirma que o suspeito também confessou ter jogado a bomba contra Nahas e ter se envolvido na morte de e em atentados contra soldados britânicos no Cairo nos últimos dois anos⁵¹⁹.

O assassinato de Othman foi protagonizado por Hussein Tawfiq, filho do subsecretário de Estado das Comunicações, Mahmoud Tewfik Ahmed, que mais tarde receberia o título de Paxá⁵²⁰. Ele não agiu sozinho: contou com a colaboração de outros, como o então membro do grupo Oficiais Livres, Anwar El-Sadat⁵²¹. A intenção, segundo Sadat, era punir e eliminar aqueles que colaboravam com os ocupantes do país, assim como demonstrar a insatisfação dos nacionalistas não alinhados com o Wafd com o fato de o partido ter se unido com os britânicos durante a guerra. Com o fim dela, muitos viam a oportunidade de tomar o poder por meio da violência. Sadat afirma em sua biografia que era adepto da ideia, mas que os demais membros da liderança dos Oficiais Livres foram dissuadidos de promover a luta armada por Gamal 'Abd al-Nassir. Sadat chegou a ser julgado pelo assassinato de Othman, mas

⁵¹⁸ FO 371/62992, J 3004/13/16. De sir Ronald Campbell para Foreign Office. Cairo, 21 de junho de 1947.

⁵¹⁹ FO 403/469, J 162/57/16. De Lorde Killearn para Ernest Bevin. Weekly Appreciation. Cairo, 12 de janeiro de 1946.

⁵²⁰ FO 371/53284, J 689/39/16. De James Bowker para Foreign Office. Cairo, 18 de fevereiro de 1946.

⁵²¹ EL-SADAT, 1978, p. 71-2.

foi absolvido. Contudo, ele confirmou mais tarde ter participado da organização e da tocaia contra o wafdistas⁵²².

A violência também se tornou comum por causa da facilidade com que armas e granadas podiam ser compradas. Os armamentos eram roubados de depósitos britânicos ou apenas coletados no fronte de batalha, onde haviam sido abandonados, e vendidos no mercado negro. Ou seja, era relativamente fácil obter uma granada para explodir uma loja ou armas para promover um assassinato. Até treinamento para o uso dos dispositivos era disponibilizado. Segundo relato de Tahiya, esposa de Gamal 'Abd al-Nassir, ela recebia em sua casa visitantes que o marido ensinava a atirar –o que demonstra que não eram militares e que, segundo outra testemunha, seriam membros do aparato secreto da SIM⁵²³.

No início de 1946, aniversário de 10 anos do Tratado Anglo-Egípcio, data determinada para a possível renegociação, surgiu mais um pretexto para que estudantes e trabalhadores fossem às ruas contra a ocupação britânica. Protestos emergiram primeiro na Universidade de al-Azhar, depois na Universidade do Cairo, e se expandiram para Alexandria e outras cidades. Aos gritos de “sem evacuação, não haverá negociação”, no dia 9 de janeiro estudantes tentaram atravessar a ponte sobre o rio Nilo que separa Giza, onde se localiza a universidade do Cairo, do caminho para o palácio Abdin. Os manifestantes foram contidos pela polícia e dezenas foram feridos, sendo que alguns deles se afogaram ao cair no rio⁵²⁴.

Uma nova passeata foi convocada para o dia 21 de fevereiro, que foi chamado de o Dia da Evacuação. A manifestação é descrita no primeiro volume da autobiografia da ativista feminista egípcia Nawal El-Saadawi como um dos maiores eventos do qual participou. De acordo com seu relato, o ato uniu milhares de pessoas de todos os grupos sociais e orientações políticas, demonstrando o descontentamento geral da população –e a popularidade do discurso nacionalista. No dia da manifestação, Nawal tinha 14 anos e vivia em um internato no Cairo. Ela e suas colegas arrombaram as portas do

⁵²² EL-SADAT, 1978, p. 71-2.

⁵²³ KANDIL, 2012, p. 37.

⁵²⁴ VATIKIODIS, 1985, p. 360.

estabelecimento de ensino para participar do ato, que lotava a rua em frente. O slogan repetido pela multidão era “retirada com sangue”.

Nós descemos do trem na estação Bab Al-Louk e mergulhamos num mar de pessoas, governantes e governados pareciam estar nas ruas aquele dia. Havia funcionários do governo vestidos de ternos e turbantes, homens usando *gallabeyas* e caftãs, estudantes universitários usando longas calças dobradas acima dos joelhos, meninas escolares em uniformes feitos de linho ou morim de Mahalla, mulheres vestidas em longos trajes negros e *milayas*, trabalhadores de fábricas em jeans azuis, enfermeiros e enfermeiras em jalecos brancos, mulheres camponesas carregando suas crianças grudadas em seu peito, inválidos andando de muletas com um pé enfaixado ou no gesso.

Rios de pessoas fluíam das ruas e ruelas para as praças. Outras pessoas lotavam as varandas e os telhados ou subiam em árvores. Quarenta e oito anos se passaram desde aquele dia, mas cada detalhe permanece vívido em minha mente.⁵²⁵

Além das manifestações, houve greves e ataques a propriedades e a cidadãos britânicos. Nos importantes centros têxteis de Mahalla al-Kubra, localizada no Delta, e Shubra al-Khayma⁵²⁶, nas proximidades da capital, greves foram realizadas continuamente entre 1945 e 1947 (ver a imagem 17, do Anexo B). No início, a SIM se recusou a participar, segundo relata o embaixador sir Ronald Campbell: “Um grupo destes trabalhadores [*de Shubra*], influenciados pelos Irmãos Muçulmanos, recusaram-se a cooperar com a greve em maio de 1946”⁵²⁷. Mais tarde, os operários que eram membros da SIM passaram a aderir ao movimento neste complexo têxtil no subúrbio do Cairo. Depois foram os membros da organização islâmica que também faziam parte

⁵²⁵ EL-SAADAWI, 1999, p. 229. Tradução livre para: “We got down from the train in Bab Al-Louk station and plunged into rivers of people. Egypt, government and people, rulers and ruled, seemed to be on the streets that day. There were government employees dressed in suits and fezes, men wearing *gallabeyas* and kaftans, university students with long trousers above the knees, school-girls in uniforms made of linen or calico from Mahalla, women dressed in long black robes and *milayas*, factory workers in blue dungarees, male and female nurses in white coats, peasant women carrying their children close to their breasts, invalids walking on crutches with a foot wrapped in gauze or in a plaster cast. Flows of people poured out of the lanes and side-streets into the squares. Other people crowded on balconies and roofs, or climbed up trees. Forty-eight years have passed since that day, but every detail remains vivid in my mind”.

⁵²⁶ A SIM abriria sua própria filial em 1947 na cidade (KRÄMER, 2010, p. 69).

⁵²⁷ FO 407/226, J 3550/79/16. Telegrama de Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: weekly appreciation*. Cairo, 25 de julho de 1947. Tradução livre de: “A group of these workers, influenced by Moslem Brothers, refused to co-operate in a strike in May 1946”.

do sindicato dos bondes que organizaram o locaute⁵²⁸, além dos associados de Alexandria. A repressão também foi assumida pelas tropas britânicas, que muitas vezes usaram “medidas sangrentas”⁵²⁹ e gás lacrimogênio, uma novidade para conter multidões, cujo uso estava sendo testado entre os egípcios.

A incitação à violência contra os britânicos vinha de vários setores, mas a imprensa desempenhava importante papel. Tanto os jornais do Wafd como os da SIM defendiam forte oposição aos ocupantes. Outros que não eram ligados a nenhum dos dois, como o periódico de esquerda⁵³⁰ *Ruz El Yusuf*⁵³¹, também apoiavam a luta nacionalista, segundo relata Lorde Killearn em um de seus últimos despachos do Cairo, de janeiro de 1946.

[a imprensa wafdist] tem sido ultrapassada em violência pelo Rose el Youssef, um [veículo] anti-Wafd que tem se permitido tais ações criminais contra nós que representações foram feitas ao primeiro-ministro sobre o assunto.⁵³²

Foram realizados protestos em fevereiro e março de 1946 em todas as principais cidades do Egito, sendo descritos como sangrentos e ferozes, algo “sem precedentes”⁵³³. Um dos episódios que pode resumir como era o sentimento antibritânico na ocasião em que se discutia a revisão do tratado ocorreu em Alexandria, no dia 4 de março. Convocada como o Dia da Lamentação Nacional, em homenagem aos mortos nos protestos de janeiro e fevereiro, a manifestação na cidade portuária se tornou um embate violento depois da intervenção de marinheiros britânicos. A marcha havia ocorrido sem distúrbios até passar em frente ao hotel Atlântico, que abrigava integrantes da Marinha britânica. Os manifestantes arrancaram uma bandeira da instituição que havia na frente do hotel e a rasgaram. A repressão que se seguiu ao ato

⁵²⁸ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 47.

⁵²⁹ WOODWARD, 2002, p. xiii.

⁵³⁰ Este periódico, cujo nome veio do apelido de Fatima sua fundadora (Rose ou Ruz, em árabe), uma atriz de origem libanesa que passou a se dedicar ao jornalismo, fundado em 1925 a revista chamada em árabe de *Ruz al-Yusuf* (GOLDSCHMIDT, 2000, p. 231).

⁵³¹ A denominação da publicação também é comumente transliterada como Rose el Youssef.

⁵³² FO 403/469, J 318/57/16. De Lorde Killearn para Ernest Bevin. *Weekly Appreciation*. Cairo, 22 de janeiro de 1946. Tradução livre para: “has been surpassed in violence by Rose El Youssef, an anti-Wafd which has indulged in such criminal actions against us that representations have had to be made to the Prime Minister on the subject”.

⁵³³ VATIKIODIS, 1985, p. 358.

foi desproporcional. A polícia e alguns poucos marinheiros que ali se encontravam atiraram na multidão, ferindo alguns. Após se dispersarem, o grupo se reuniu novamente⁵³⁴. Campbell reproduziu a Bevin o relato do que ocorreu depois. Tal descrição foi retirada de discurso feito por Sidqi Paxá ao Parlamento, dois meses depois do episódio:

Manifestantes então seguiram em direção à praça Sa'd Zaghlul e, enquanto passavam ao posto de guarda da polícia militar britânica onde havia cinco homens, perceberam uma placa escrita em inglês e a arrancaram. Os soldados britânicos atiraram contra os manifestantes de dentro e alguns moradores dos prédios ao redor da praça também atiraram das janelas e varandas nos manifestantes, que, em sua raiva, apedrejaram o posto e o incendiaram. O major Richardson, um morador do Cecil Hotel, que fica em frente da praça, fez um relatório em que diz que o posto somente foi incendiado após os soldados atirarem nos manifestantes e terem ferido um certo número deles. Os cinco soldados deixaram o posto depois que ele pegou fogo e três foram salvos pela polícia e o exército egípcio. Os outros dois foram mortalmente atingidos pelos manifestantes. Uma testemunha relatou que um dos dois estava brandindo seu revólver e atirou, acertando um manifestante. Por causa disso, certos manifestantes começaram a atingi-lo com pedaços de madeira até que ele caiu.⁵³⁵

Durante o ano de 1946, ficou claro que os políticos egípcios –até Ali Maher estava envolvido nas conversações, mas não o Wafd– esperavam ganhar mais fôlego com as negociações sobre a revisão do Tratado da Aliança. O apoio popular vinha principalmente através de protestos nacionalistas e ataques contra propriedades ligadas a estrangeiros, como o atentado a bomba que matou duas pessoas e feriu 37 em um cinema do Cairo frequentado por

⁵³⁴ No Anexo B se encontra a imagem 16, uma fotografia do episódio retirada de um inquérito realizado por integrantes do War Office, encontrada na pasta WO 328/1 em The National Archives. Uma série de fotos foram tiradas por um fotógrafo que estava em um dos prédios que circundavam a praça.

⁵³⁵ FO 403/469, J 2418/39/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Cairo, 29 de maio de 1946. Tradução livre para: "Demonstrators then proceeded towards Saad Zaghloul Square and while passing the kiosk of the British military police, in which there were five man, noticed a sign-board in English and pulled it down. The British soldiers fired on the demonstrators from inside and certain residents in buildings overlooking this square also fired from windows and balconies on the demonstrators, who in their anger stoned the kiosk and set fire to it. Major Richardson, a resident in Cecil Hotel, overlooking this square, has made a report that the kiosk was only set on fire after the British soldiers had fired on the demonstrators and wounded a certain number. The five British soldiers left the kiosk after it was set on fire and three were saved by the police and Egyptian army. The other two were mortally wounded by the demonstrators. A witness has reported that one of these tow was brandishing his revolver and fired, hitting a demonstrator. Thereupon certain demonstrators began to strike him with pieces of wood until he fell".

mutamassirun em 10 de março⁵³⁶. Por outro lado, os britânicos tinham consciência de que, se não houvesse progresso real sobre sua posição no Egito, distúrbios generalizados como os que ocorreram durante a Revolta de 1919 poderiam voltar a acontecer⁵³⁷.

Os atos de violência atingiram principalmente os *mutamassirun*. Desde 1945, propriedades e locais frequentados por e pertencentes a cristãos e judeus –mesmo que fossem cidadãos egípcios– passaram a ser alvo de multidões. Em maio de 1946 e em maio de 1947 dois cinemas frequentados por locais e estrangeiros –o Metro e o Miami– foram destruídos por bombas, provocando também a morte de egípcios⁵³⁸.

Outro episódio ocorreu em 27 de março de 1947: o ataque a uma igreja copta em Zagazig, na região do Delta do Nilo. Uma multidão saqueou janelas, portas, móveis, fiação e vestimentas dos clérigos e queimou os objetos em uma fogueira. No dia seguinte, um grupo voltou e destruiu o telhado do templo e jogou na lama o bispo copta local e os missionários britânicos. O ataque coincidiu com a transferência de soldados britânicos estacionadas no Delta, em cumprimento do acordo firmado com o governo egípcio como parte das negociações de revisão do tratado. Parte do contingente, 10 mil soldados, deveria ser evacuado das demais cidades e transferido para o Canal de Suez. Os restantes deveriam ser repatriados. Campbell relata ao FO:

Está ocorrendo um aumento do pânico entre as comunidades cristãs, estrangeiras e locais, e a coincidência deste quase sem precedentes ultraje com nossa evacuação do Delta naturalmente não passou despercebida. A persistência da campanha da imprensa contra a Grã-Bretanha e as instituições britânicas continua e agora percebe-se em geral que essa agitação está, como seria inevitável, gradualmente adquirindo uma nuance anti-estrangeira e anticristã. É amplamente aceito que este impulso de extrema insensatez está sendo apoiado pelo Palácio e pelo governo (que certamente não demonstra quaisquer sinais de desencorajamento) na esperança, sem dúvida, que ao atuar com elementos reacionários muçulmanos e nacionalistas eles serão capazes de diminuir o Wafd, que sob a liderança de Zaghloul conduziu até então os movimentos nacionais sob a base de uma união entre muçulmanos e coptas.⁵³⁹

⁵³⁶ FO 403/469, J 1184/57/16. Telegrama de James Bowker para Ernest Bevin. *Weekly Appreciation*. Cairo, 16 de março de 1946.

⁵³⁷ WOODWARD, 2002, p. xiii.

⁵³⁸ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 60.

⁵³⁹ FO 407/226, J 1630/79/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 7 de abril de 1947. Tradução livre para: “6. There is increasing alarm amongst Christian communities, foreign and local, and the coincidence of this almost

O atentado em Zagazig foi tão violento que uma festa de desagravo foi realizada logo em seguida pela comunidade muçulmana local, em que mais de 10 mil pessoas compareceram⁵⁴⁰. A SIM veio a público negar sua participação no ataque ao templo cristão. Para se defender, o movimento culpou os britânicos pelo incidente, de acordo com outro relato da embaixada:

O jornal da Irmandade Muçulmana acusou os britânicos de organizarem o recente ataque contra a Igreja Copta de Zagazig com o objetivo de semear a discórdia entre Coptas e Muçulmanos. Hasan al-Banna, em carta para o Patriarca copta, atribuiu o incidente da mesquita [sic] a conspiradores pescando em águas turbulentas. Hasan al-Banna assegurou ao Patriarca que a Irmandade Muçulmana não tinha nenhuma relação com o incidente e que uma circular havia sido enviada para todos os diretórios lembrando os membros do dever sagrado dos muçulmanos em relação às crenças cristã e judaica, que, com os muçulmanos, se suplementam. *Ruz al Yusuf* fez uma acusação similar, que os britânicos estariam provocando tais incidentes com o objetivo de mostrar que os egípcios não são confiáveis para governar seu próprio país.⁵⁴¹

Não se sabe quem organizou o ataque de Zagazig. Foi, mais provavelmente, fruto de um tumulto local que tomou maiores proporções, talvez fomentado por contendas entre os religiosos e os moradores locais. O fato é que as contínuas investidas contra minorias, em especial depois do fim da II Guerra Mundial, tinham um tom nacionalista. Os *mutamassirun* eram vistos como apoiadores ou até mesmo fiadores da ocupação britânica. O ataque a

unprecedented anti-Christian outrage with our evacuation from the Delta has naturally not escaped notice. The continuation of the press campaign against Britain and British institutions continues and it is now generally realised that this agitation is as was inevitable gradually acquiring an anti-foreign and anti-Christian tinge. It is all widely accepted that this drive of extreme folly is being supported by the Palace and Government (which certainly shows no signs whatever of discouraging it) in the hope, doubtless that by playing with reactionary Moslem and Nationalist elements they may be able to down the Wafd, which under Zaghloul's guidance has hitherto conducted national movements on the basis of the Moslem-Coptic Union."

⁵⁴⁰ FO 407/226, J 1630/79/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 7 de abril de 1947.

⁵⁴¹ FO 407/226, J 1743/79/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 14 de abril de 1947. Tradução livre para: "4. The Moslem Brethren's newspaper accused the British of organising the recent attack on the Coptic Church of Zagazig with a view to sowing discord between Copts and Moslems. Hasan el Banna, in letter to Coptic Patriarch, attributed the Mosque incident to conspirators fishing in troubled waters. Hasan el Banna assured the Patriarch that Moslem Brethren had nothing to do with the incident and that a circular has been sent to all its branches reminding members of the sacred duty of Moslems towards Christian and Jewish faiths, which, with Moslem, supplement each other. *Rose el Youssef* made a similar charge that British are out to provoke such incidents with a view to showing that the Egyptians cannot be trusted to run their own country."

eles era uma válvula de escape do ódio da população não apenas contra a presença britânica, mas também devido à humilhação que as Cortes Mistas⁵⁴² impunham aos egípcios. Ao mesmo tempo, não se pode negar que as minorias serviam de bode-expiatório, pois os ataques a igrejas e residências ou pessoas de fé copta, uma religião estabelecida no Egito há mais tempo que o Islã, também ocorriam. E a SIM, ao colocar ênfase no dogma de uma só religião, mesmo defendendo os “povos do livro”, não colaborou para que fossem separadas questões como fé e nacionalismo.

Na metade de 1947, a SIM passou a organizar protestos maiores e ainda mais violentos, ainda em provável conivência com o governo. A organização islâmica convocou uma nova manifestação para o dia 22 de agosto, quatro dias antes do aniversário de 11 anos da assinatura do Tratado Anglo-Britânico. O saldo do episódio foi a morte de três pessoas e outras dezenas ficaram feridas. O secretário Bowker afirmou, em relatório enviado a Londres: “...a atmosfera no Cairo está tensa e precauções de emergência policial foram mantidas por alguns dias”⁵⁴³. Ainda segundo Bowker, “o atual primeiro-ministro convocou Hassal [sic] Al-Banna, Ahmed Hussein e outros e os persuadiu a abandonar seu projeto para [realizar] manifestações pacíficas naquele aniversário”⁵⁴⁴. O encontro ocorreu depois de o rei ameaçar responsabilizar o governo caso a manifestação fosse permitida e as greves anunciadas para o dia 26 se realizassem. Bowker acrescenta que a ameaça de Faruq se deu porque haveria “uma crença generalizada de que o governo foi conivente de maneira velada, ou até mesmo encorajou, a grave manifestação organizada pela Irmandade Muçulmana no dia 22 de agosto”⁵⁴⁵.

O próprio governo Nuqrashi –ele é classificado como tendo personalidade “teimosa” por Campbell– foi extremamente impopular e inábil em

⁵⁴² Elas finalmente seriam encerradas em 15 de novembro de 1949 (FO 407/228, J 9004/1641/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Closing of the Mixed Courts*. Cairo, 5 de novembro de 1949.

⁵⁴³ FO 407/226, J 4242/79/16. De James Bowker para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 29 de agosto de 1947. Tradução livre para: “...the atmosphere in Cairo has been tense and emergency police precautions have been maintained for some days”.

⁵⁴⁴ Ibid. Tradução livre para: “...the acting Prime-Minister summoned Hassal [sic] Al-Banna, Ahmed Hussein and others and persuaded them to abandon their Project for peaceful demonstrations on that anniversary”.

⁵⁴⁵ Ibid. Tradução livre para: “there is a widespread belief that the Government covertly connived at, or even encouraged, the serious demonstration organised by the Moslem Brethren on 22nd August”.

trazer estabilidade ao país, colaborando para o aumento da tensão e dos atos de violência que derivavam das manifestações. O embaixador, com o auxílio de C.F.R. Barclay, funcionário da embaixada, realizou uma acurada descrição do governo do primeiro-ministro egípcio em um levantamento anual enviado para o chefe do Foreign Office Ernest Bevin⁵⁴⁶.

A personalidade teimosa de Nuqrashi Paxá, primeiro-ministro, ministro do Interior e na maior parte do tempo ministro das Relações Exteriores, dominou a cena política durante todo o ano [de 1947]. Seu governo, formado a partir de uma coalizão inquieta, que representava apenas uma minoria dos egípcios politizados, permaneceu continuamente dependente do apoio do Palácio, sendo que a aliança era baseada na maior parte pelo interesse comum de manter o Wafd fora. Com esse apoio, e uma política de oportunismo míope, obteve êxito, apesar de frequentes rumores de sua queda iminente, em sobreviver a uma longa série de reveses —a ruptura precoce das negociações anglo-egípcias diretas para um novo tratado; os meses de disputas partidárias e aumento da desordem interna que antecederam a submissão do caso egípcio ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas; o fracasso das esperanças egípcias que decorreram dali e finalmente o anticlímax do último outono, quando todas as classes reclamaram da ineficiência da administração [governamental], e não era nenhum segredo a impopularidade geral do regime palácio-Nuqrashi.⁵⁴⁷

A hipótese mais provável é que Nuqrashi e a própria SIM se uniram naquele momento para fomentar a insatisfação popular contra a ocupação a fim de demonstrar a indignação popular para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e o pressionar a aceitar a demanda

⁵⁴⁶ É interessante notar que este documento, que versa sobre 1947, foi enviado somente em 1949. Ele é quase uma justificativa em relação aos episódios que levaram à morte de Nuqrashi no final de 1948.

⁵⁴⁷ FO 407/228, J 3728/1011/16, Confidencial. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Annual Review for 1947*. Cairo, 20 de abril de 1949. Tradução livre para: "The stubborn personality of Nokrashy Pasha, Prime Minister, Minister for the Interior and for most of the time minister for Foreign Affairs, dominated the political scene throughout the year. His government, formed of an uneasy coalition, and representative of only a minority of politically-minded Egyptians, remained continuously dependent on Palace support, the alliance being based for the most part on the common interest in keeping the Wafd in the wilderness. With this support, and a policy of short-sighted opportunism, it succeeded, despite frequent rumours of its impending fall, in surviving a long series of set-backs —the early rupture of direct Anglo-Egyptian negotiations for a new treaty; the months of party bickering and increasing internal disorder which preceded the submission of the Anglo-Egyptian negotiations for a new treaty; the months of party bickering and increasing internal disorder which preceded the submission of the Egyptian case to the Security Council of the United Nations Organisation; the failure of the Egyptian hopes which there resulted and finally the anti-climax of the late autumn when all classes complained ineffectively of the Administration, and no secret was made of the general unpopularity of the Palace-Nokrashy régime".

egípcia: a evacuação total britânica do Vale do Nilo –que incluía o Sudão, considerado pelos egípcios como parte indivisível de seu território. Como as negociações bilaterais não prosperaram, o governo egípcio enviou uma carta em 8 de julho de 1947 e uma delegação para Nova York a fim de apresentar a demanda ao conselho, que também ouviria o outro lado. A SIM e o Wafd também enviaram emissários e publicaram cartas em seus jornais, que teriam sido enviadas para os membros do conselho⁵⁴⁸. A tática era abrir uma nova frente de pressão para que Londres aceitasse as demandas egípcias. Na época das manifestações de agosto, o conselho ainda deliberava sobre o assunto⁵⁴⁹. Em setembro, a solicitação foi finalmente desconsiderada pelo conselho por falta de consenso entre os membros⁵⁵⁰.

A insatisfação, que já era grande, se acentuou. Na mesma proporção, a frequência dos atos de violência cresceu. No caso da SIM, além dos fatores externos –o apoio e o incentivo dos aliados poderosos, em especial de Nuqrashi–, houve uma mudança interna importante que merece ser registrada. Este seria a ascensão do líderes do Aparato Secreto, que vinham ganhando força dentro dos próprios quadros do movimento desde 1946. Ahmed al-Sukkari, que ocupava o segundo posto mais importante da organização, era amigo de infância de al-Banna, principal arquiteto de acordos como os realizados com Ali Mahir⁵⁵¹ e o maior interlocutor com o Wafd⁵⁵², foi expulso por desavenças com o Guia-Geral em novembro de 1947. O posto foi

⁵⁴⁸ FO 407/226, J 3550/79/16. Telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: weekly appreciation*. Cairo, 25 de julho de 1947.

⁵⁴⁹ A delegação do Brasil, membro não-permanente do Conselho de Segurança (CS), submeteu, em 20 de agosto de 1947, o esboço de uma resolução em que sugeria que ambas as partes voltassem às negociações e que, caso não dessem resultado, que procurassem outras soluções por meios pacíficos de sua própria escolha e que mantivessem o CS informado (http://www.un.org/en/sc/repertoire/46-51/Chapter%208/46-51_08-13-The%20Egyptian%20question.pdf). Tal sugestão acabou por ser reprovada pelo CS por seis votos a favor, um contra (veto que impede a aprovação) e três abstenções, resultou em um atentado a bomba em frente à embaixada brasileira no Cairo em 28 de agosto, uma provável vingança contra a iniciativa brasileira (FO 407/226, J 4242/79/16. De James Bowker para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 29 de agosto de 1947).

⁵⁵⁰ A solicitação foi oficialmente embargada, segundo registra o *Repertoire of the Practice of the Security Council*: “A Questão Egípcia foi retirada na lista de assuntos aos quais o Conselho de Segurança está impedido”. Tradução livre para: “The Egyptian Question was retained on the list of matters of which the Security Council is seized” (http://www.un.org/en/sc/repertoire/46-51/Chapter%208/46-51_08-13-The%20Egyptian%20question.pdf).

⁵⁵¹ KRÄMER, 2010., p. 75.

⁵⁵² OSMAN, Ghada. *A Journey in Islamic Thought: The Life of Fathi Osman*. London: I.B. Tauris, 2011, p. 57. A autora afirma que Al Sukkari tinha uma admiração pelo Wafd e se identificava com o partido por estar mais próximo do grupo social ao qual pertenciam os líderes do Wafd.

preenchido por Salih 'Ashmawi, responsável pela ala paramilitar da SIM. Antes, no mês de abril, outro membro do alto escalão entrou em conflito com al-Banna e pediu demissão. Mais tarde, este mesmo membro fez denúncias públicas contra o Guia-Geral, conforme relato da embaixada, que, contudo, se equivoca ao informar que ele era o vice-presidente demitido do grupo:

A imprensa wafdist publicou um relato de um vice-presidente demitido da Irmandade Muçulmana acusando Hasan al-Banna de tentar barganhar com o Wafd, pelo preço de £50,000, o apoio da Irmandade Muçulmana contra o governo de Sidqi Paxá e de ter contatos com o líder do gabinete do rei, que ele alega teria prometido ajudar a Irmandade Muçulmana se o grupo adotasse um comportamento moderado com o governo de Nuqrashi. Também foi relatado que o presidente do diretório de Alexandria da Irmandade Muçulmana demitiu-se ou foi demitido. O jornal da Irmandade Muçulmana divulgou que Hasan al-Banna estava preparado para colaborar com o Wafd se o último contribuísse com £50,000 para a organização de uma diretriz nacional para a qual outros partidos iriam contribuir de acordo com as suas possibilidades.⁵⁵³

A explicação de al-Banna sobre a finalidade da contribuição financeira faz sentido, na medida em que o grupo tentou organizar a frente nacional que unia tanto trabalhadores como estudantes –a qual abandonaria mais tarde. Mas também é de se notar que mais uma vez o grupo é acusado de receber financiamento em troca de apoio. Já a intervenção do conelheiro do rei parece ser mais próximo da realidade, pela aquiescência do grupo naquele momento perante o governo. De qualquer forma, as denúncias não abalaram a posição de al-Banna, que se fortificaria ainda mais com a crise palestina no ano seguinte. A opção pela forte presença nas ruas, uma guinada mais combativa, se sobressaiu.

⁵⁵³ FO 407/226, J 1952/79/16. Telegrama de sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Egypt: Weekly Appreciation*. Cairo, 26 de abril de 1947. Tradução livre para: "The Wafdist press has published a statement by the recently dismissed vice-president of the Moslem Brethren accusing Hasan Al-Banna of attempting to bargain with the Wafd for £50,000 as the price of the Moslem Brethren's support against Sidki Pasha's Government and also of contacts with the head of the King's Cabinet, who is alleged to have promised to assist the Moslem Brethren if the latter adopted a moderate attitude towards Nokrashi's Government. It is also reported that the president of the Alexandria branch of the Moslem Brethren has resigned or been dismissed. The newspaper of the Moslem Brethren has reported that Hasan El Banna was prepared to collaborate with the Wafd if the latter contributed £50,000 for the organisation of a national policy to which the other parties would contribute according to their means".

4.3. O envolvimento da SIM com a I Guerra Israelo-Palestina (1948)

A situação interna do país sofreria novo abalo com o anúncio da Partilha da Palestina, em 29 de novembro de 1947, e a informação de que a Grã-Bretanha encerraria seu mandato sob o território palestino à meia-noite do dia 14 de maio de 1948. A Liga Árabe se reuniu no Cairo e anunciou resoluções contra a partilha. O Wafd, que estava na oposição, aproveitou a situação para atacar o imperialismo ocidental na região e exigiu uma ação do governo egípcio⁵⁵⁴.

Enquanto o Wafd tratava o assunto como uma forma de derrubar o governo saadista e tentar mais uma vez voltar ao poder, os irmãos muçulmanos passaram a agir a fim de interferir diretamente. Como já tinham contatos desde a metade da década de 1930 com líderes locais, como o mufti de Jerusalém, Amin al-Husaiyni, principalmente devido à campanha de arrecadação, a SIM pode empreender ações rápidas. Vários grupos de voluntários foram enviados –estima-se que a SIM tenha enviado ao menos 2 mil⁵⁵⁵ para lutar em favor dos palestinos na guerra. Anwar el-Sadat descreve em sua primeira autobiografia como membros do exército e os irmãos muçulmanos se engajaram em uma reação à partilha antes mesmo da saída dos britânicos da Palestina.

Como o Mandato ainda não havia expirado, nossa intervenção [militar] não poderia ser oficial. Mas o governo permitiu o envio de voluntários. Entre os mais entusiasmados estavam os Irmãos Muçulmanos.

Os líderes das forças voluntárias e representantes de nosso movimento encontraram-se na casa de Hasan al-Banna.⁵⁵⁶

Ao mesmo tempo, no dia 31 de dezembro de 1947 também se encerraria a missão militar de Londres no Egito⁵⁵⁷, o que implicava o fim da

⁵⁵⁴ WOODWARD, 2002, p. xiv.

⁵⁵⁵ Ibid, p. xvii.

⁵⁵⁶ EL-SADAT, 1957, p. 89. Tradução livre para: "As the mandate had not yet expired, our intervention could not be an official one. But the government allowed the dispatch of volunteers. Among the most enthusiastic were the Muslim Brothers. The leaders of the volunteer forces and representatives of our movement met at Hasan El Banna's home." Segundo Sadat, nesta reunião, muitos dos oficiais presentes eram associados à Irmandade.

⁵⁵⁷ FO 407/227, J 573/46/16. De Chapman-Andrews para Ernest Bevin. *Dissolution of the British Military Mission in Egypt*. Cairo, 17 de janeiro de 1948.

participação britânica no treinamento e liderança de militares egípcios e o recuo de suas tropas para a região do Canal de Suez⁵⁵⁸. Pela primeira vez em séculos, o Egito teria um exército próprio, com oficiais nativos. Mas o descontentamento com os salários e os armamentos que haviam sido comprados dos britânicos eram causa de profundo descontentamento nas casernas e provocariam grandes danos na guerra que se avizinhava. No relato de Edwin Chapman-Andrews, da embaixada britânica, as medidas promovidas por seu país em relação ao Exército egípcio teriam sido um sucesso, apesar de admitir problemas com a entrega de armamentos. Como é recorrente entre os membros do serviço diplomático britânico no período, o diplomata culpa os próprios egípcios pelos problemas assinalados.

...a missão [*militar britânica*] vem, de tempos em tempos, sendo acusada de inépcia profissional. Essas acusações são frequentemente ligadas com outras apontando que os armamentos solicitados pelo governo egípcio não estão disponíveis ou são de padrão obsoleto, ou injustificadamente caros, quando comparados com os disponíveis de outros países que não o Reino Unido. Seja qual for a verdade que se esconde atrás dessas acusações, ou se suas raízes se encontram em genuíno desapontamento ou preconceito cego, eu aproveito essa ocasião para expressar a visão de que colocar a responsabilidade pela ineficiência do exército egípcio na missão militar britânica é uma injustiça. A razão deve ser buscada antes na atitude de não-cooperação dos egípcios durante os últimos dois anos, sua lentidão geral ao rejeitar, ou, no máximo, aceitação muito demorada, de equipamento oferecido a eles e, por fim, em nossa própria admitida incapacidade de suprir com todo armamento necessário. Eu considero que os esforços perseverantes e pacientes da missão para superar essas incapacidades merecem alta admiração.⁵⁵⁹

⁵⁵⁸ Várias bases e postos foram sendo ocupados no primeiro trimestre de 1947; Kasr al Nil, no coração do Cairo, por exemplo, foi entregue aos egípcios em março do mesmo ano (VATIKIODIS, 1985, p. 363).

⁵⁵⁹ FO 407/227, J 573/46/16. De Chapman-Andrews para Ernest Bevin. *Dissolution of the British Military Mission in Egypt*. Cairo, 17 de janeiro de 1948. Tradução livre para: “..the mission has from time to time been charged with professional ineptitude. These charges are often linked with others pointing out that equipment asked for by Egyptian Government has either not been forthcoming, or has been of obsolete pattern, or unduly expensive, when compared with that available from countries other than the United Kingdom. Whatever truth may lie behind these charges, and whether or not their roots lie in genuine disappointment, or in blind prejudice, I take this occasion to express the view that to lay the responsibility for the inefficiency of the Egyptian Army upon the British Military Mission is unfair. The reason should rather be sought in the uncooperative attitude of the Egyptians during the past two years, their general dilatoriness in their rejection or, at best, too long delayed acceptance, of equipment offered them and finally in our own admitted inability to provide all the equipment needed. I consider that the mission's patient and unremitting endeavours to overcome these disabilities deserve high commendation”.

O descontentamento com os salários dos jovens oficiais voltou a ser comentado, desta vez por Campbell em informe a Bevin, três meses depois. A crise dos salários se estendeu aos policiais que realizaram greve geral em meados de abril de 1948. Aproveitando-se do locaute, uma multidão realizou saques nos dias 5 e 6 de abril em Alexandria. Segundo informe britânico, o tumulto começou sem alvos específicos, mas foram ouvidos gritos anticapitalistas e antiestrangeiros. Depois, integrantes da passeata passaram a investir sua fúria contra lojas e propriedades estrangeiras⁵⁶⁰. É provável que os ataques tenham sido uma reação ao fim do mandato britânico iminente na Palestina –a população percebeu a retirada das tropas do território vizinho como um enfraquecimento da posição de Londres. A comunidade estrangeira, como um todo, era vista como associada e protegida pelo exército britânico, que agora não estava mais presente na cidade e, por isso, tornou-se alvo preferencial.

Havia tanto a pressão popular, do Wafd e da Liga Árabe, como de membros do exército para que o Egito participasse ativamente da defesa dos árabes palestinos em um provável confronto. O governo de Nuqrashi resistia em aceitar o envio de tropas para a Palestina. Voluntários ligados à organização islâmica haviam partido para o fronte por decisão própria ainda em 1947 e já tinham entrado em confronto contra os inimigos no deserto do Negev. Mas foi somente em 25 de abril de 1948, semanas antes do início oficial do confronto, que partiu o primeiro batalhão de combatentes voluntários inteiramente organizado pela SIM para al-‘Arish, na fronteira. De acordo com Mitchell:

Os Irmãos, por sua própria iniciativa, pessoal e coletiva, contribuíram para o crescente armazenamento de armamentos; e eles mesmos foram treinados e armados, reservadamente, parece, por oficiais do exército membros do Aparato Secreto.⁵⁶¹

⁵⁶⁰ FO 407/227, J 2689/68/16. De sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Disturbances in Alexandria*. Cairo, 16 de abril de 1948.

⁵⁶¹ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 57. Tradução livre para: “The Brothers, on their own initiative, personal and collective, added to the growing store of arms; and they themselves were trained and armed, privately, it would seem, by army-officer members of the secret apparatus”.

O rei Faruq, contrariando a posição de seu primeiro-ministro, decidiu entrar na guerra em favor dos palestinos. O exército egípcio, que há poucos meses havia finalmente obtido sua total autonomia da missão britânica, partiria para o fronte pela primeira vez. Contudo, sua participação estava fadada ao fracasso. A Grã-Bretanha cedeu à pressão da ONU e deixou de obedecer o acordo que tinha com o Egito (além de Iraque e Jordânia) ao descontinuar o fornecimento de armamentos ao país. A falta de armamentos, a descoordenação no fronte, os desentendimentos com os outros países árabes, em especial com o rei Abdullah da Jordânia, entre outros problemas, levou o Egito a ser o primeiro dos envolvidos a assinar um armistício com Israel, o que ocorreu em 24 de fevereiro de 1949. Sadat, que participou dos combates, aponta em grande medida a falta de suprimentos e apoio ao Exército como responsáveis pelo fracasso egípcio na guerra.

Nossos meios de transporte e serviços médicos eram ruins, a comida era terrível, armas de alto calibre quase não eram vistas. A única coisa que não faltava eram equipamentos com defeito –tais como granadas de mão que explodiam nas mãos de quem as jogava.⁵⁶²

A culpa pela derrota no conflito recairia também, e principalmente, sobre o rei Faruq, que pouco fez para fortalecer o Exército de seu país em relação ao fornecimento de armamentos de primeira linha. É fato que as armas fornecidas aos egípcios eram refugo do próprio exército britânico, que o monarca, ele mesmo um grande colecionador de armas, deixou de denunciar. Pior, foi ainda acusado de ter sido conivente. Tal fato provocaria um profundo ressentimento entre os oficiais do Exército egípcio em relação a Faruq, que resultaria em sua derrubada logo após o golpe militar de 1952.

4.4 A supressão da SIM e o assassinato de Nuqrashi Paxá

⁵⁶² EL-SADAT, 1957, p. 91. Tradução livre para: “Our transport and medical services were poor, the food was terrible, heavy arms almost non-existent. The only thing not in short supply was defective equipment – such as the hand-grenades which exploded in the hands of the throwers.”

Os sucessivos fracassos no conflito israelo-palestino durante 1948 vieram a se somar com uma série de problemas que o país enfrentava em seu cenário interno. Uma epidemia de cólera, em 1947, provocou milhares de mortes, prejuízo na lavoura e ainda mais descontentamento, em especial no campo. As greves e manifestações de trabalhadores nos centros urbanos se alongavam desde o final da guerra. Os atentados contra políticos e personalidades continuavam –um juiz foi assassinado em março de 1948 e uma tentativa de dinamitar a casa de Nahas Paxá foi descoberta no mês seguinte. A ativista Nawal El-Saadawi descreve o clima geral do Egito em 1948:

Naquele tempo a oposição política dentro do país estava crescendo, e sua influência nos eventos aumentando. Rumores sobre a corrupção do rei e do sistema político eram rampantes. As pressões sobre as pessoas, devido ao aumento do custo de vida, estavam se tornando difíceis de suportar, levando para mais e mais insatisfação. O movimento nacional estava atraindo números cada vez maiores às suas fileiras, especialmente estudantes e jovens. Greves e manifestações continuaram surgindo em diferentes partes do país.⁵⁶³

Além disso, uma série de novos atentados foram cometidos sobretudo contra alvos estrangeiros e judaicos em 1948, depois do início da guerra⁵⁶⁴. Em 20 de junho, um quarteirão judaico foi dinamitado no Cairo e em setembro o mesmo bairro voltou a ser atacado. Os bombardeios aéreos israelenses infringidos à capital egípcia entre 15 e 22 de julho acirraram ainda mais os ânimos da população contra a população judaica –especialmente por ser o mês do Ramadan⁵⁶⁵. Seguiram-se, nos meses de julho e agosto, novos atentados, desta vez contra as principais lojas de departamentos da cidade: Cicurel, David Ades, Benzion e Gattegno's, que ficaram parcialmente

⁵⁶³ EL-SAADAWI, 1999, p. 257. Tradução livre para: "At that time political opposition within the country was growing, and its influence on events increasing. Rumours about the corruption of the king and the political system were rampante. The pressures on people, due to the rise in the cost of living, were becoming difficult to support, and leading to more and more dissatisfaction. The national movement was attracting increasing numbers of people to its ranks, especially students and the youth. Strikes and demonstrations kept breaking out in different parts of the country".

⁵⁶⁴ FO 371/69260, J 5222/2410/16. De R. L. Speaight para Foreign Office. Cairo, 2 de agosto de 1948.

⁵⁶⁵ FO 371/69260, J 5272/2410/16. De G. L. McDermott, Foreign Office, para A.G. Brotman, do Board of Deputies of British Jews. Londres, 26 de agosto de 1948.

destruídas⁵⁶⁶. Mas a comunidade judaica não foi a única atingida pelos ataques, segundo informe do Foreign Office a representante de uma entidade que representava parlamentares judeus-britânicos.

Eu não sei o número de baixas de judeus, ou mesmo, outros; mas é verdade que, como consequência de quatro ataques aéreos que foram registrados entre 15 e 22 de julho, arruaceiros agiram com liberdade, mataram e feriram um número razoável de não-muçulmanos. Eles não limitaram sua atenção aos judeus. Também muitas lojas foram saqueadas em escala considerável.⁵⁶⁷

A polícia logo incriminou a SIM, pois, segundo informe do embaixador Campbell ao FO, desde o início do conflito na Palestina “membros da Ikhwan não perdiam a oportunidade de denunciar veementemente os judeus e fizeram todos os esforços de incitar a população local contra eles”⁵⁶⁸. Segundo notícia veiculada no jornal britânico The Times, em 16 de agosto de 1948, os jornais da SIM teriam publicado artigos em que o grupo incentivava ataques contra não-muçulmanos. Num desses ataques, dois franceses morreram e outros 30 estrangeiros ficaram feridos. O texto sobre o assunto foi escrito pelo correspondente do jornal britânico em Paris, e não no Cairo.

...confusão ocorreu nas ruas, e, de acordo com fontes francesas, a polícia esteve ‘estranhamente passiva’. A Irmandade Muçulmana, afirma-se aqui, começou uma campanha violenta contra estrangeiros através de seu órgão, *Ikhwan el Muslimi* [sic], convidando a população a “matar todos os portadores de chapéus”, ou seja, não-muçulmanos. Apesar de seus poderes de censura sob estado de sítio, o governo egípcio nada fez, e não está fazendo nada para parar a campanha⁵⁶⁹.

⁵⁶⁶ FO 407/227, J 7886/68/16. De Sir Ronald Campbell para senhor McNeil. *Activities of the Moslem Brotherhood – Outrages in Cairo*. Cairo, 3 de dezembro de 1948 e VATIKIODIS, *op. cit.*, p. 364.

⁵⁶⁷ FO 371/69260, J 5272/2410/16. De G. L. McDermott, Foreign Office, para A.G. Brotman, do Board of Deputies of British Jews. Londres, 26 de agosto de 1948. Tradução livre para: “I do not know the exact figures of Jewish, or indeed, other, casualties; but it is true that, as a result of four air-raids which were reported to have taken place between 15th-22nd July, hooligans got loose and murdered and injured a fair number of non-Moslems. They did not confine their attention to Jews. It is also that shops were looted on a considerable scale”.

⁵⁶⁸ FO 407/227, J 7886/68/16. De Sir Ronald Campbell para senhor McNeil. *Activities of the Moslem Brotherhood – Outrages in Cairo*. Cairo, 3 de dezembro de 1948. Tradução livre para: “members of the Ikhwan lost no opportunity to vehemently denouncing the Jews, and made every attempt to incite the local population against them”.

⁵⁶⁹ FO 371/69260, J 5500/2410/16. “Egyptian attacks on foreigners”, *The Times*, Paris, 16 de agosto de 1948. Tradução livre para: “...agitation developed in the streets, and, according to french sources, the police were ‘strangely passive’. The Muslim Bortherdhood, is asserted here, through its organ, Ikhwan el Muslimi, began a violent campaign against foreigners inviting the

Diante das informações colhidas, soa infundada a notícia sobre uma campanha organizada pela SIM com o objetivo de matar somente não-muçulmanos. Se realmente a ordem tivesse sido publicada no jornal do grupo, que contava com milhares de simpatizantes, teria ocorrido um banho de sangue muito maior. É mais provável que as ordens para os ataques fossem somente dirigidas aos membros do Aparato Secreto. Ao mesmo tempo, a organização islâmica certamente foi responsável por incitar ataques a alvos específicos, além de organizá-los, pois o envolvimento na frente de batalha palestina realmente levou setores da organização a defender ações extremas contra alvos judaicos e estrangeiros. Além disso, o acesso do grupo a depósitos de armamentos era conhecido.

Em 20 de fevereiro, uma explosão ocorreu em um dos diretórios da SIM no Cairo, causando grandes danos ao prédio. O embaixador sir Ronald Campbell informou ao Foreign Office, em um longo documento detalhado sobre a SIM, que Al-Banna justificou a presença de grandes estoques de armamento relacionando-os às atividades dos voluntários do grupo no conflito na Palestina⁵⁷⁰. Segundo a embaixada britânica, parte da munição encontrada – dinamite – era do mesmo tipo utilizado em ataques contra Nahas Paxá e prédios de entidades estrangeiras. A descoberta de mais munição, desta vez em diretórios de Isma'iliyya e Port Said, ambas cidades localizadas na região do Canal e próximas, portanto, da fronteira com a Palestina, também foram descobertas. A investigação levou ao fechamento dos dois diretórios por ordem do Exército egípcio⁵⁷¹.

A polícia, ainda de acordo com informe da embaixada, suspeitava de que a SIM preparava vários novos atentados a fim de gerar um clima de instabilidade em todo o país a fim de abrir caminho para um golpe de Estado. O embaixador Campbell considerou tal possibilidade exagerada, mas afirmou que "...a Ikhwan havia quase formado um governo próprio, com escolas, postos de saúde, instituições benevolentes, negócios em todas as partes do Egito,

populace "to murder all wearers of hats," that is, non-moslems. In spite of its powers, of censorship in state of siege, the Egyptian Government did nothing, and is doing nothing to end the campaign.

⁵⁷⁰ FO 407/227, J 7886/68/16. De Sir Ronald Campbell para senhor McNeil. *Activities of the Moslem Brotherhood – Outrages in Cairo*. Cairo, 3 de dezembro de 1948. Ver document no Anexo C.

⁵⁷¹ Ibid.

assim como interesses em fábricas e carregamentos”⁵⁷². O temor era de que esse Estado paralelo se sobrepusesse ao do governo.

Com todas essas evidências, a pressão por medidas de contenção ou mesmo supressão contra a SIM, por parte de britânicos e de outros setores da elite, recaiu sobre Nuqrashi. O primeiro-ministro acumulava o cargo de “governador militar”, desde que a lei marcial foi reeditada no dia 13 de maio de 1948, dois dias antes da retirada britânica da Palestina, o que lhe concedia poderes excepcionais.

Finalmente, em 8 de dezembro de 1948, Nuqrashi cedeu às pressões e decretou a dissolução da SIM, além do banimento de suas atividades e o confisco de todos os seus fundos e propriedades. Ainda segundo o relatório de Campbell, 25 membros da organização foram presos, menos al-Banna, pois temia-se que seu encarceramento gerasse uma reação violenta dos “mais de 600 mil membros”⁵⁷³. A opinião veio de um informante, provavelmente um membro da polícia, –denominado de “Tuba”, em referência ao instrumento musical–, que achava ser necessário prender pelo menos 7 mil membros para comprometer as atividades da SIM, segundo relatório da embaixada. O informante acrescentou ainda que: “se o Egito fosse o único país que tivesse membros da Ikhwan seria mais fácil [acabar com a organização]”⁵⁷⁴.

Havia outro motivo para manter Al-Banna livre, de acordo com outro relatório de Campbell: “...diz-se geralmente que o palácio e o governo não ousam prendê-lo por medo do que ele possa divulgar em seu julgamento assuntos relativos a conexões oficiais passadas”⁵⁷⁵. Esta é uma hipótese muito provável, pois desta vez havia muito mais evidências para acusar a SIM de fomentar e promover atos de desordem do que nas vezes anteriores em que o

⁵⁷² FO 407/227, J 58/1015/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Suppression of the Moslem Brotherhood in Egypt*. Cairo, 26 de janeiro de 1949. Ver no Anexo C. Tradução livre para: “... the Ikhwan had almost formed a government of their own, with schools, first aid posts, benevolent institutions, insurance and business concerns in all parts of Egypt, as well as having manufactured and shipping interests.”

⁵⁷³ FO 407/227, J 7886/68/16. De Sir Ronald Campbell para senhor McNeil. *Activities of the Moslem Brotherhood – Outrages in Cairo*. Cairo, 3 de dezembro de 1948. Ver documento no Anexo C.

⁵⁷⁴ FO 141/1342, 108/10/499. De G. J. Jenkins para FO. Arab Societies – Ikhwan el Muslimeen - Top Secret. Cairo, 6 de janeiro de 1949. Tradução livre para: “if Egypt was the only country that had members of the Ikhwan it might be easier”.

⁵⁷⁵ FO 407/227, J 58/1015/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Suppression of the Moslem Brotherhood in Egypt*. Cairo, 26 de janeiro de 1949. Ver no Anexo C. Tradução livre para: “...it is commonly said that the Palace and the Government dare not arrest him for fear of what he would divulge at his trial on the subject of past official connexions”

Guia-Geral foi encarcerado ou banido para o Alto Egito por Nahas Paxá ou Sirry Paxá.

A supressão da SIM, segundo outro informe enviado por Campbell a Bevin, deveria ter sido editada três semanas antes. Isso não ocorreu por relutância do próprio primeiro-ministro egípcio em tomar uma medida tão drástica. “Provavelmente, foi a determinação expressa do rei Faruq para colocar um fim às atividades da Ikhwan que finalmente o induziu a decidir-se”, afirmou Campbell⁵⁷⁶. Na verdade, ainda de acordo com o diplomata britânico, Nuqrashi via a SIM, assim como seus antecessores, como um precioso aliado “para combater o poder do Wafd”. Além disso, colocar o grupo na ilegalidade não seria fácil, pois seus integrantes não deixariam de protestar duramente contra as novas medidas. E também seria difícil contê-los, pois a polícia já se encontrava bastante sobrecarregada, uma vez que não era possível contar com o Exército, ainda alocado no conflito na Palestina.

Mais uma vez surge uma nova evidência de que a SIM estava ligada ao governo para ajudar na contenção dos avanços do Wafd e, portanto, para manter o *status quo*. A relutância de Nuqrashi em tomar medidas contra o grupo –desde o início do ano, a autoria de atentados contra personalidades e propriedades vinha sendo atribuída a membros da SIM. O primeiro-ministro, apesar de ter poderes constitucionais para editar medidas restritivas contra o movimento, não os levou adiante, por considerar a SIM um aliado. Mas, quando a organização islâmica saiu do controle, por considerar que tinha espaço para atuar sem ser incomodada, sua defesa tornou-se insustentável para Nuqrashi. O primeiro-ministro, portanto, mais uma vez promoveu ações extremas para tentar finalmente conter a SIM, deixando de lado a negociação ou uma tentativa de acordo com sua liderança.

Al-Banna, por sua vez, amenizou a supressão da organização em entrevista à revista *Ruz al Yusif*, relatada por Campbell. Enfatizou que não reconhecia a dissolução do movimento, pois considerava que o governo havia apenas dado a ele um intervalo para “trabalhar arduamente e proteger-se”. “O Islã, argumentou ele [na entrevista à revista], era tanto religião como ordem

⁵⁷⁶ FO 407/227, J 58/1015/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Suppression of the Moslem Brotherhood in Egypt*. Cairo, 26 de janeiro de 1949. Ver no anexo C. Tradução livre para: “It was probably the express determination of king Farouk to put an end to the activities of the Ikhwan that finally induced him to take the plunge”.

social. Na medida em que era uma religião, não era [apenas] de culto e devoção, mas de esforço e de luta”, descreveu Campbell⁵⁷⁷. O relatório da embaixada ainda traz uma informação colhida pelo Serviço Secreto Britânico: al-Banna enviou uma carta para Nuqrashi e outra para o rei em que informava que os considerava responsáveis pelo fechamento da SIM e pelas consequências de quaisquer protestos futuros.

Parece que al-Banna utilizou, após o rompimento com Nuqrashi e o afastamento do rei, a pressão de novos atos de violência e manifestações nas ruas para fazer com que ambos a voltassem atrás e negociassem com a organização. Contudo, tanto o rei como o primeiro-ministro ignoraram o pedido e endureceram ainda mais o tratamento conferido à SIM. Al-Banna mostou-se muito desconfortável na posição de desafiante. Parecia preferir estar ao lado do poder, mesmo que os detentores dele não atendessem as demandas de suas bases. A única exceção sempre foi o Wafd, que tinha uma base popular tão grande (ou maior) do que a SIM, o que os demais não contavam. Ou seja, o Guia-Geral usou durante toda a sua trajetória o poder de mobilização do movimento como moeda de troca.

Vinte dias após a declaração de supressão da SIM, no dia 28 de dezembro de 1948, um membro da organização islâmica assassinou o primeiro-ministro Muhammad Nuqrashi Paxá, que nas duas vezes em que ocupou o cargo promoveu perseguições contra o movimento. O assassino, um estudante de 24 anos que cursava o terceiro ano da faculdade de Veterinária, era associado à SIM desde 1944. No enterro de Nuqrashi, o segundo primeiro-ministro do Partido Saadista a ser assassinado enquanto ocupava o cargo, centenas de pessoas gritaram “morte a Al-Banna”⁵⁷⁸.

De fato, não foram encontradas evidências que comprovassem que o Guia-Geral tenha sido o mandante do crime contra Nuqrashi, ou que tivesse conhecimento prévio das intenções do assassino. Pode ter sido somente o ato de um membro descontrolado. O fato é que o líder nada fez para evitar a

⁵⁷⁷ FO 407/227, J 58/1015/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. *Suppression of the Moslem Brotherhood in Egypt*. Cairo, 26 de janeiro de 1949. Ver no anexo C. Tradução livre para: “Islam, he contended, was both a religion and a social order. In so far as it was a religion it was not one of worship and devotion, but of struggle and strife”.

⁵⁷⁸ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 68.

polarização entre o grupo e o governante, ao mesmo tempo em que não tomou medidas para que seus seguidores se acalmassem.

4.5 A morte de Hasan Al-Banna e a desagregação da SIM

O senso pragmático de al-Banna levou-o novamente a procurar o novo primeiro-ministro, Ibrahim Abd al-Hadi, um amigo próximo de Nuqrashi, também membro do Partido Saadista. Mais uma vez oferecia a um novo governo a sua cooperação e de seu movimento, além de auxílio para a restauração da ordem pública. Desta vez, contudo, pediu em troca a retirada do banimento contra a SIM, a liberdade para os membros e o descongelamento dos bens do grupo. Um grupo de velhos amigos do Guia-Geral, como Salih Harb Paxá, tentou intermediar a reaproximação. Para demonstrar suas boas intenções, al-Banna também escreveu um artigo condenando o assassinato de Nuqrashi Paxá.

Em 13 de janeiro de 1949, um novo atentado foi atribuído à SIM, desta vez contra um tribunal no Cairo. O novo primeiro-ministro, cujos seis meses no cargo seriam conhecidos como “período de terror”⁵⁷⁹, editou um decreto em que todos os detidos com bombas e explosivos poderiam ser condenados à morte. Al Hadi também encerrou as conversações com o líder da SIM, que vinha fazendo novos esforços em condenar publicamente os perpetradores de ataques e assassinatos, pregando que eles “não eram nem irmãos, nem muçulmanos”⁵⁸⁰.

O clima de tensão entre o partido governista e a popular organização islâmica teve seu auge no mês seguinte. No dia 12 de fevereiro de 1949, Hasan al-Banna foi chamado para um encontro na Associação de Moços Muçulmanos, entidade que frequentava desde que se mudou para o Cairo na década de 20. Chegou de táxi, e ao sair do veículo foi alvejado por tiros⁵⁸¹. O motorista, ficou ainda mais gravemente ferido do que o Guia-Geral, que

⁵⁷⁹ Ibrahim Abd al-Hadi foi um dos primeiros a serem julgados no tribunal revolucionário instaurado após o Golpe de 1952 dos Oficiais Livres (MITCHELL, Richard P., 1993, p. 68).

⁵⁸⁰ Ibid., p. 68.

⁵⁸¹ Ibid., p. 73.

conseguiu pedir socorro para ambos. Os dois foram levados para o hospital, mas al-Banna não resistiu e morreu dias depois –enquanto o motorista sobreviveu. Ainda hoje, seu neto, Tariq Ramadan defende a tese de que o avô foi assassinado no hospital enquanto se recuperava do ataque.

A ascensão da SIM se deu em grande medida graças a sua associação com aliados poderosos. Ao perdê-los, a SIM também sofreria o maior golpe já perpetrado contra a organização islâmica, o assassinato de seu Guia-Geral, líder incontestado do grupo e figura carismática entre a população egípcia. Ou seja, a organização islâmica não apenas perdeu a proteção de um partido ex-aliado, mas foi justamente atacado por ele. Deve-se considerar também que o assassinato tinha como objetivo frear as atividades da SIM.

Um documento encontrado nos arquivos é decisivo para esclarecer a morte de Al-Banna. O assassinato sempre foi atribuído à polícia local e havia dúvidas sobre a anuência do rei Faruq. Na verdade, a ação foi resultado direto de um complô organizado logo após o assassinato de Nuqrashi Paxá pelo alto escalão do Partido Saadista, com o conhecimento do rei e a colaboração da polícia, para vingar a morte de seu líder⁵⁸². A prova é um documento FO 141/1342, 108/8/499, produzido pela embaixada britânica no Cairo, que traz detalhes do planejamento do assassinato, cujas informações foram trazidas por informantes ligados à polícia. Entre as informações relevantes, estão a de que policiais que deveriam fazer a segurança do clube não se encontravam em seus lugares no dia do crime e que a escolta de Al-Banna, que vinha sendo feita pela polícia, havia sido retirada 18 dias antes do assassinato. O documento traz ainda a informação de que havia uma testemunha ocular do fato, que se apresentou à delegacia de polícia, que poderia reconhecer os assassinos e informar a placa do carro de fuga deles. Estranhamente, a testemunha, que não é nomeada, foi intimidada e espancada pelos policiais. A seguir, os principais relatos obtidos pelos britânicos.

Após o assassinato de Nuqrashi Paxá, um encontro foi realizado no Clube Saadista, rua Soliman Paxá, Cairo, e compareceram notáveis saadistas e um grande contingente de elementos jovens saadistas. Eles decidiram que o falecido primeiro-ministro deveria ser vingado, o

⁵⁸² FO 141/1342, 108/8/499. De G. J. Jenkins para J.G. Tomlinson. Arab Societies – Ikhwan el Muslimeen - Top Secret. Cairo, 17 de fevereiro de 1949.

que resultou no planejamento do assassinato de al-Banna, com a aprovação do palácio por:

- (a) Abdel Rahman Ammar Bey, Subsecretário de Estado do Interior
- (b) Mahmoud Abdel Meguid Bey, Chefe de Investigações Criminais do Ministério do Interior
- (c) Kamel El Damati, Diretor do Escritório do Primeiro-Ministro⁵⁸³

Também foi relatado que um jovem *efendi* estava sentado em um pequeno café do lado oposto da Associação de Moços Muçulmanos no momento do assassinato; mais tarde ele foi ao posto avançado Cozzika em Maarouf e relatou que ele viu o número do carro que partiu imediatamente após o tiroteio e poderia reconhecer o assassino. O oficial do posto de polícia avançado Cozzika telefonou para o governo do Cairo com essa história e Sagh Tewfik al-Said da seção política do governo foi imediatamente ao posto avançado Cozzika. Tewfik al-Said ordenou que um revólver fosse colocado no bolso do casaco do *efendi* e ele foi espancado e ameaçado de prisão sob a acusação de posse ilegal de armas. Ele foi finalmente liberado e enviado para casa com escolta⁵⁸⁴.

O assassinato de al-Banna trouxe duas consequências diretas. Membros da SIM tentaram uma nova vingança no dia 5 de maio, ao atacar o primeiro-ministro com uma chuva de bombas. Mas o automóvel de al Hadi foi confundido com outro, semelhante ao dele, e o desfecho se frustrou. O proprietário do veículo atingido era o presidente da Câmara Baixa do Parlamento, Hamid Juda, que sofreu poucos ferimentos. O atentado serviu como mais um pretexto para a instalação de um novo período de “terror, tirania e insuportável tensão”, que resultou em mais prisões, torturas e o temor de novos atentados⁵⁸⁵.

⁵⁸³ É interessante observar que nenhum dos três mandantes foi levado a julgamento em 1954, quando o caso foi reaberto após o Golpe dos Oficiais Livres. Apenas os perpetradores foram condenados, um deles a prisão perpétua.

⁵⁸⁴ FO 141/1342, 108/8/499. De G. J. Jenkins para J.G. Tomlinson. Arab Societies – Ikhwan el Muslimeen - Top Secret. Cairo, 17 de fevereiro de 1949. Tradução livre para: “Following the assassination of Nokrashi Pasha, a meeting was held at the Saadist Club, Sharia Soliman Pasha, Cairo, and was attended by Saadist notables and a strong contingent of the Saadist youth elements. They decided that the late Prime-Minister must be avenged which resulted in the planning of El Banna’s assassination, with the approval of the palace, by: (a) Abdel Rahman Ammar Bey, USS for the Interior (b) Mahmoud Abdel Meguid Bey, Chief Criminal Investigations at the ministry of Interior (c) Kamel El Damati, Director of the Prime Ministers Office. It has also been reported that a young Effendi was sitting in a small café opposite the Y.M.M.A. at the time of the assassination; he later visited the Cozzika Outpost in Maarouf and reported that he had seen the number of the car which had left immediately after the shooting and could recognize the assassin. The Cozzika Outpost Police officer phoned the Cairo Governorate with this story and Sagh Tewfik El Said of the Governorate political Section came immediately to the Cozzika Outpost. Tewfik El Said arranged for a revolver to be placed in the effendi’s coat pocket and he was given a beating up and threatened with arrest on the charge of illegal carrying of arms. He was eventually released and sent home under scort”.

⁵⁸⁵ MITCHELL, Richard P., 1993, p. 73.

Do ponto de vista da SIM, era inevitável que emergisse uma crise interna. Al-Banna não havia indicado um substituto, e a organização não era coesa o bastante para encontrar uma solução rápida. Além disso, a SIM era agora um movimento clandestino, cujas reuniões e demais atividades estavam proibidas por lei. O próprio enterro de al-Banna foi acompanhado pela polícia, que não permitiu a presença de homens, apenas de seu pai Muhammad, medida que tinha como objetivo evitar tumultos e protestos⁵⁸⁶. O grupo teria um novo Guia-Geral somente dois anos depois da morte de al-Banna. Sob Hasan al-Hudaybi, entre 1951 e 1973⁵⁸⁷, o grupo jamais atingiria novamente o poder e o número de adeptos que amealhou durante o período do carismático al-Banna. Oportunidades políticas tão favoráveis também não seriam registradas, exceto durante o breve período democrático que o país passou após queda de Husni Mubarak, em 2011.

⁵⁸⁶ O parlamentar cristão copta Makram Ubayd desafiou a proibição e se juntou ao cortejo (EL-MENSHAWY, 2013).

⁵⁸⁷ ZOLLNER, 2009, p. 11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese abordou a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (SIM) do Egito no período de 1936 a 1949, investigando as dinâmicas externas –entendidas como fatores exógenos à organização– que contribuíram para seu crescimento. Também tratou da atuação da SIM nesse contexto histórico específico, que envolveu mudanças significativas no panorama político do país e desdobramentos no contexto global, marcado por eventos como a II Guerra Mundial e a I Guerra Israelo-palestina. A tese contemplou o papel de protagonistas que os agentes britânicos tiveram no cenário interno e as ações de importantes atores políticos locais, como o rei e o partido Wafd, e suas relações com a SIM.

A pesquisa baseou-se em fontes documentais produzidas pelo serviço diplomático britânico, disponíveis no arquivo central do país, The National Archives, em Londres. A maior parte desses documentos foi aberta para acesso público somente após a metade da década de 1990, mais de 50 anos depois de terem sido produzidos, período posterior a grande parte das publicações acadêmicas referentes a este recorte cronológico da SIM. Os volumes lançaram novas luzes sobre um período da história do Egito que era conhecido fundamentalmente a partir de documentos liberados nas décadas de 1970 e 1980. As novas fontes trouxeram informações relevantes para o entendimento das oportunidades políticas que favoreceram a expansão da SIM, a partir de um referencial teórico que dá centralidade a fatores contextuais capazes de impactar ações coletivas. Mais do que tudo, essa perspectiva analítica serviu para dirigir o olhar e definir que dinâmicas políticas e sociais se mostravam mais promissoras para o entendimento da trajetória da organização islâmica.

A crítica das fontes levou em conta não apenas os interesses estratégicos da Grã-Bretanha e seus operadores locais, mas também entendimento mais amplo sobre as relações entre europeus e não-europeus, sintetizado no que Edward Said chamou de orientalismo. As análises dos diplomatas britânicos no Egito aparecem permeadas por preconceitos, como a designação da SIM como organização “fanática”. Em correspondência secreta, Lorde Killearn, primeiro embaixador do recorte cronológico utilizado nesta tese, deixa transparecer seu desprezo pelo rei Faruq, a quem chama de “menino”. Outros atores do cenário político e a própria população egípcia são definidos

como retrógrados, inimigos da modernização do país por suas posturas anticoloniais⁵⁸⁸.

Ao mesmo tempo, os novos documentos trouxeram revelações que ajudaram a compreender episódios relevantes da história da SIM. A grande rede de espionagem montada pelos ocupantes, instalada desde os tempos de Lorde Cromer, e a ascendência sobre a polícia local colaboraram para que o serviço diplomático tivesse acesso privilegiado a informações de seu interesse. Além disso, as relações com a elite local, em especial membros do governo, fizeram com que as próprias testemunhas de acontecimentos relevantes do país trouxessem para o conhecimento da embaixada informações de interesse dos britânicos. Entre os episódios mais notáveis estão os fatos que envolveram a prisão de Hasan al-Banna em 1941⁵⁸⁹, que foi solicitada pela própria embaixada britânica; como se deu o silenciamento do líder da SIM, que se deixou submeter pelas ameaças do primeiro-ministro Mustafa Nahas Paxá⁵⁹⁰; a cooptação da organização através de apoio financeiro por Ali Mahir Paxá; e a confirmação de que o assassinato do Guia-Geral da SIM foi resultado de um complô protagonizado pelos líderes do Partido Saadista como vingança do assassinato de Nuqrashi Paxá⁵⁹¹.

À luz do conhecimento que esta tese teve o objetivo de agregar, a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos se revela uma organização muito mais sensível e multifacetada ao contexto político e social egípcio do que outros autores acreditavam. Até aqui, o tom dominante nas análises sobre o grupo enfatizava sua trajetória em termos ideológicos e de práticas organizacionais. Essa, de fato, não é uma frente a ser desprezada. Fosse para atrair novos membros ou para justificar seus recuos, al-Banna utilizava o discurso religioso e mantinha o grupo unido e sob controle –com exceções, sobretudo quando alas mais radicais desobedeciam suas ordens para se manterem inativas. É inegável que o Guia-Geral manteve a hegemonia sobre o movimento, mesmo nos períodos de maior fragilidade. Ao mesmo tempo, sua retórica investia em

⁵⁸⁸ FO 403/469, J 1135/39/16. De James Bowker para Ernest Bevin. Swan Song, de Lorde Killearn. Cairo, 6 de março de 1946.

⁵⁸⁹ FO 141/838, 305/37/42. Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento 1, no Anexo C.

⁵⁹⁰ Ibid.

⁵⁹¹ FO 141/1342, 108/8/499. De G. J. Jenkins para J.G. Tomlinson. Arab Societies – Ikhwan el Muslimeen - Top Secret. Cairo, 17 de fevereiro de 1949.

tópicos que preocupavam a população, a exemplo dos ataques contra a carestia e os demais efeitos da guerra na sociedade egípcia. Sempre com sedutora imprecisão, trazendo apenas indicações sobre como a eliminação de vícios, o uso de vestimentas modestas e outras práticas prescritas pela religião poderiam mudar a sociedade. Nem por isso deixou de tocar em temas relevantes e agir em causas como a rebelião palestina e a defesa de uma reforma social, que falavam diretamente a parte significativa da população do Egito da época.

Acima de tudo, as fontes consultadas demonstram a relação de extrema dependência que a organização islâmica desenvolveu com o establishment político. Al-Banna procurou associar-se a importantes atores, como o rei, primeiros-ministros, demais membros de diferentes gabinetes, do Parlamento e da esfera política em geral. A cada ascensão de um primeiro-ministro, a SIM logo buscava estabelecer laços com o novo governo. A moeda utilizada para a atração de aliados foi o apoio popular da SIM. Os vários gabinetes que ascenderam por meio da intervenção do rei Faruq, formados por coalizões de pequenos partidos que ainda assim não ultrapassavam a bancada do Wafd, careciam de meios de sustentação além do Palácio. Para fazer frente aos ataques da imprensa oposicionista e à pressão do popular partido, muitos chefes de governo apelaram para o apoio da SIM. Em troca, eram oferecidos auxílio financeiro e garantias de que a organização islâmica poderia atuar sem ser incomodada.

Essa troca de apoio pode ser observada em especial nos governos dos primeiros-ministros Ali Mahir Paxá, em 1939, e Isma'il Sidqi Paxá, em 1946. Foram obtidas evidências documentais de que as relações entre ambos e a SIM foram movidas pelo interesse dos primeiros de se contrapor à popularidade do Wafd, que registrava muito boas votações, o que lhe conferia invariavelmente maioria na Câmara Baixa do Parlamento. Em outras palavras, a organização islâmica dirigida por Hasan al-Banna não se mostrou uma ameaça ao status quo; ao contrário, se utilizou do sistema vigente para colher benefícios em prol de fortalecimento próprio.

Contudo, posicionou-se sempre que possível contra a ocupação britânica em solo egípcio –e demais agressões contra comunidades árabes e de fiéis muçulmanos em outros territórios. A ingerência europeia pode ser vista

como uma influência nefasta não apenas nos costumes pessoais e na fé de seus compatriotas, do ponto de vista público da SIM. Mas também era uma ameaça aos seus aliados e ao próprio sistema político vigente. Ou seja, pode-se interpretar que o movimento, no recorte cronológico analisado nesta tese, combateu a ocupação estrangeira vendo-a como um obstáculo para o pleno funcionamento da ordem política existente devido as suas interferências diretas e indiretas. O discurso nacionalista da SIM era, portanto, um instrumento para manter as coisas como estavam no cenário político, como a frequente interferência do rei na formação de gabinetes, o alijamento do Wafd do poder, a permanência de velhos conhecidos do círculo do rei e das elites no cargo de chefe de governo.

É necessário lembrar quem eram os homens com os quais al-Banna se associou, em especial Ali Mahir e Isma'il Sidqi Paxá, que ocuparam o principal posto de comando no país. Ambos eram advogados formados pela tradicional Escola de Direito Khedival, tinham sido membros do Wafd em seus primeiros anos, eram muito próximos do rei Faruq e não nutriam simpatias pelos britânicos. Como membros da elite do país, estavam ligados aos interesses não somente do monarca, mas também dos grandes proprietários de terras – o próprio Mahir era de uma família de latifundiários⁵⁹². A associação somente reverteu benefícios para ambos os lados, deixando de lado as principais demandas socioeconômicas da população egípcia.

A SIM não teve o mesmo tipo de relação com o Wafd, partido mais popular do país, e seu líder, Mustafa Nahas Paxá. O que a organização islâmica tinha a oferecer era algo que o partido já tinha: popularidade. Aqueles que vieram a se tornar seus aliados eram, apesar de serem personalidades poderosas, ligados a partidos pequenos – Sidqi era ligado ao Sha'b e Ali Mahir ao Itahadi. A SIM, portanto, ofereceu sua capilaridade, em termos de mobilização popular, e a força de seus jornais para contrabalancear a popularidade do Wafd.

Ao mesmo tempo, a relação entre a SIM e o Wafd demonstra como ambos os lados se viam como oponentes exatamente por disputarem o mesmo nicho – os corações e mentes da população. É verdade que nas eleições de

⁵⁹² GOLDSCHMIDT, 2000, p. 117, 118, 198 e 199.

1945 o Wafd apoiou brevemente os candidatos da SIM, para fazer frente aos seus arqu inimigos do Partido Saadista e num momento de pouca atuação por parte da organização islâmica. Porém, na maior parte do recorte cronológico desta tese, e especialmente no período em que esteve no poder, Nahas Paxá agiu com extremo rigor contra as atividades da SIM, atendendo inclusive o pedido de encarceramento de al-Banna feito pelos britânicos⁵⁹³. A SIM era o único movimento que poderia abalar a popularidade do Wafd, mesmo não sendo um partido político, e por isso jogou em favor dos inimigos do partido.

O silenciamento da SIM promovido pelo Wafd, principalmente através de ameaças, mostrou-se um instrumento eficiente para manter a organização distante do círculo de poder –mas não de atividades clandestinas, em especial as que tinham os britânicos como alvo. Esse silenciamento tinha não apenas o objetivo de evitar as atividades da SIM, mas também a intenção de manter o grupo palaciano e demais inimigos do Wafd imobilizados –interesse compartilhado com os britânicos naqueles anos em que os aliados estavam em franca desvantagem na II Guerra Mundial. A ação, portanto, enfraqueceu não apenas o movimento islâmico, mas também o monarca e atores políticos que contavam com o apoio da SIM.

A SIM atendeu as necessidades de seus aliados poderosos, mas isso não significa que fosse “muito suscetível à manipulação de reis, primeiros-ministros ou quem quer que estivesse no comando”, como definiu recentemente um sociólogo egípcio⁵⁹⁴. Na verdade, a organização atuou como extensão de seus aliados a fim de se favorecer –e vice-versa. Se por um lado a organização atendeu as necessidades de seus associados políticos, de outro obteve colaboração essencial para se estabelecer como uma atuante força no cenário político egípcio. É, portanto, possível afirmar que as dinâmicas externas à organização islâmica desempenharam papel relevante, se não principal, em sua expansão entre a última metade da década de 1930 e a primeira da década de 1940.

⁵⁹³ FO 141/838, 305/37/42. Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered. Cairo, 14 de dezembro de 1942. Ver documento 1, no Anexo C.

⁵⁹⁴ KANDIL, 2012, p. 40. Tradução livre para: ““highly susceptible to manipulation by kings, prime ministers, or whoever was in charge””.

O senso comum deixa de lado outras ricas nuances que a SIM trouxe à esfera pública. Corolário disso é a defesa de seu líder de questões como a necessidade de dar mais foco à educação e as reflexões sobre a sociedade egípcia, especialmente a sua crítica ao materialismo. Além, certamente, de seus programas sociais, que incluem o oferecimento de atendimento médico, alfabetização de adultos e até as campanhas em favor dos palestinos. Contudo, a ideia de que a SIM poderia ter sido uma alternativa eficiente para amenizar as mazelas do Egito da primeira metade do século XX é questionável, na medida em que a organização colocou seus interesses de autopreservação e de ascensão acima da luta pela melhoria de vida de seus compatriotas.

Por fim, acredito que esta análise da atuação da SIM e suas relações com demais atores políticos do Egito nas primeiras décadas após a sua fundação demonstra alguns padrões que ajudam a entender sua sobrevivência. As explicações vão além do campo ideológico e organizacional. Ao não se colocar totalmente contra o status quo e manter-se sempre aberta ao diálogo, a SIM mantém suas portas abertas para aderir a governos que lhe favoreçam de alguma forma. Tal fato ocorreu anos depois da morte de al-Banna, quando a organização colaborou com Sadat para diminuir a influência de grupos de esquerda na década de 1970, e ao não aderir à luta armada contra o governo de Husni Mubarak na década de 1990⁵⁹⁵, quando quadros mais radicais promoveram ondas de atentados especialmente contra turistas. As relações com os dois governantes sofreu inflexões, mas nunca teve um rompimento total como durante o período de al-Nassir, em que a SIM teve sua atividade bastante diminuída.

Da mesma forma, a participação no cenário político sempre esteve no escopo da organização islâmica. Durante o período em que esteve à frente da SIM, al-Banna tentou se candidatar ao Parlamento, não obtendo êxito por motivos diversos. Sua atuação política se deu nos batidores, com grande efetividade. Nas últimas décadas, a SIM abriu-se tanto para a participação em eleições, seja em associações e sindicatos ou como independentes ao Parlamento, quando houve oportunidade. Ao mesmo tempo, sua atuação nos

⁵⁹⁵ WICKHAM, 2002.

batidores se manteve, como visto no anteriormente mencionado acordo com Sadat e, mais recentemente, com o governo interino de Ahmad Shafik, que se seguiu à queda de Mubarak, em 2011. Ou seja, sua exposição tem se mostrado estratégica, evitando confrontos diretos e abertos, dando maior valor à discreta negociação. A história da SIM, em especial no recorte cronológico desta tese, tem mostrado que o embate direto provoca o uma inflexão, enquanto os silenciamentos estratégicos e a acessibilidade para conversações mantêm o grupo, ironicamente, mais sólido e sólido e coeso, mesmo diante de governos que se opõe, pelo menos nominalmente.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo:

The National Archives (Kew Gardens, Londres)

FO 141

FO 333

FO 371

FO 403/466

Further correspondence respecting Africa (now includes Abyssinia, Egypt, Sudan and Morocco)

Parte 10

De janeiro a março de 1942, liberado ao público em 1993.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16237

Parte 11

De abril a junho de 1942, liberado ao público em 1993.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16260

Parte 12

De julho a setembro de 1942, liberado ao público em 1993.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16296

Parte 13

De outubro a dezembro de 1942, liberado ao público em 1993.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16372

FO 403/467

Parte 14

De janeiro a março de 1943, liberado ao público em 1994.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16400

Parte 15

De abril a junho de 1943, liberado ao público em 1994.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16446

Parte 16

De julho a setembro de 1943, liberado ao público em 1994.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16526

Parte 17

De outubro a dezembro de 1943, liberado ao público em 1994.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16574

FO 403/468

Part 18

De janeiro a março de 1944 (possui documentos de dezembro de 1946), liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16609

Part 19

De abril a junho de 1944, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16748

Part 20

De julho a setembro de 1944, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16814

Parte 21

De outubro a dezembro de 1944, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16909

Parte 22

De janeiro a março de 1945, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17002

Parte 23

De abril a junho de 1945, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17086

Parte 24

De julho a setembro de 1945, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17102

Parte 25

De outubro a dezembro de 1945, liberado ao público em 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17122

FO 403/469

Further correspondence respecting Africa

Parte 26

De janeiro a março de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17174

Parte 27

De abril a Junho de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17255

Further Correspondence respecting African Affairs

Anglo-Egyptian Negotiations (Treaty of Alliance)

Supplement to part 27

De abril a Junho de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17257

Further Correspondence respecting Africa

Parte 28

De julho a Setembro de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17334

Further Correspondence respecting Africa

Anglo-Egyptian Negotiations (Treaty of Alliance)

Supplement to part 28

De julho a setembro de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17335

Further Correspondence respecting Africa

Parte 28

De julho a setembro de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17334

Parte 29

De outubro a dezembro de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17411

Further Correspondence respecting África

Anglo-Egyptian Negotiations (Treaty of Alliance)

Supplement to Part 29

De outubro a dezembro de 1946, liberado ao público a partir de 1995.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17413

FO 407/219

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte CXIX

De janeiro a junho de 1936, liberado ao público em 1987

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15535

Parte CXX

De julho a dezembro de 1936, liberado ao público em 1987

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15536

FO 407/221

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte CXXI

De janeiro a junho de 1937, liberado ao público em 1988

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15537

Parte CXXII

De julho a dezembro de 1937, liberado ao público em 1988

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15538

FO 407/222

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte CXXIII

De janeiro a junho de 1938, liberado ao público em 1989.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15644

Parte CXXIV

De julho a dezembro de 1938, liberado ao público em 1989.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15779

FO 407/223

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte CXXV

De janeiro a junho de 1939, liberado ao público em 1970.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15844

Parte CXXVI

De julho a dezembro de 1939, liberado ao público em 1970.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 15871

FO 407/224

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Part CXXVII

De janeiro a dezembro de 1940, liberado ao público em 1991.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16079

FO 407/225

Egypt and the Sudan

Parte CXXVIII

De janeiro a dezembro de 1941, liberado ao público em 1992.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 16218

FO 407/226

Correspondence respecting Egypt and the Sudan –Part 1

(Continued from “Further Correspondence respecting Africa, Part 29)

De janeiro a dezembro de 1947, liberado ao público em 1997.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17548

Correspondence respecting Egypt and the Sudan – Supplement to Part 1

(Continued from “Further Correspondence respecting Africa, supplement to Part 29)

De janeiro a dezembro de 1947, liberado ao público em 1997.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 17640

FO 407/227

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte 2

De janeiro a dezembro de 1948, liberado ao público em 1999.

Foreign Office Confidential Print Number: Secret 17804

FO 407/228

Further correspondence respecting Egypt and Sudan

Parte 3

De janeiro a dezembro de 1949, liberado ao público em 2000.

Foreign Office Confidential Print Number: Secret 16419

FO 407/229

Further correspondence respecting Egypt

Parte 4

De janeiro a dezembro de 1950, liberado ao público em 2001.

Foreign Office Confidential Print Number: Confidential 18415

FO 800/457

Private Papers of Mr. Ernest Bevin (1945-50)

FO 930/278

Brotherhood of Freedom: general (1943-45)

WO 208/1560

Appendix to Middle East Intelligence Centre Summaries: 405-671. Security Summaries

WO 382/1

Court of Inquiry into murder of two members of Corps of Military Police: evidence statements and photographs. Mar. 1946

WO 382/2

Court of Inquiry into murder of two members of Corps of Military Police: evidence statements and photographs. Mar. 1946

Bibliotecas

Biblioteca Florestan Fernandes, FFLCH-USP (São Paulo)

Bodleian Library, University of Oxford (Oxford, Reino Unido)

Cambridge University Library (Cambridge, Reino Unido)

Faculty of Asian and Middle Eastern Studies Library, University of Cambridge (Cambridge, Reino Unido)

Middle East Center Library, St. Anthony's College, University of Oxford (Oxford, Reino Unido)

The University of Edinburgh Main Library (Edimburgo, Reino Unido)

Diários, Autobiografias e Tratados

AL-BANNA, Hasan. Between yesterday and today. In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the '*Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*'. Berkeley: University of California Press, 1978a, p. 25-53.

AL-BANNA, Hasan. To what do we summon mankind? In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the '*Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*'. Berkeley: University of California Press, 1978b, p. 69-102.

AL-BANNA, Hasan. Toward the light. In: WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the '*Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*'. Berkeley: University of California Press, 1978c, p. 103-132.

EL-SAADAWI, Nawal. **A Daughter of Isis**. London: Zed Books, 1999.

EL-SADAT, Anwar. **Autobiografia**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

_____. **In Search of Identity**. London: Collins, 1978.

_____. **Revolt on the Nile**. London: Allan Wingate Ltd., 1957.

HEYWORTH-DUNNE, James. **Religious and Political Trends in Modern Egypt**. Washington (monografia publicada pelo autor), 1950.

KILLEARN, Lord. **The Killearn Diaries (1934-1946)**. The Diplomatic and Personnal Record of Lord Killearn (Sir Miles Lampson) High Comissioner and Ambassador. London: Sidgwick and Jackson, 1972.

SHARAAWI, Huda. **Harem Years**. The memoirs of an Egyptian Feminist (1879-1924). London: Virago Press, 1986.

Websites

Al Ahram: <http://english.ahram.org.eg>

Al Ahram Weekly: <http://weekly.ahram.org.eg>

Egyptian Streets: <http://www.egyptianstreets.com>

Library of Congress: <http://www.loc.gov>

Michigan University State Library: <http://img.lib.msu.edu>

The National Archives: <http://www.nationalarchives.gov.uk>

The National Library of Israel: <http://historic-cities.huji.ac.il>

United Nations: <http://www.un.org>

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL MALEK, Anouar. **Egipto Sociedad Militar**. Sociedad y Ejército 1952-1967. Madrid: Editorial Tecnos, 1967.

ABU-RABI', Ibrahim. **Intellectual Origins of Islamic Resurgence in the Modern Arab World**. Albany: State University of New York Press, 1996.

_____ (edit). **The Blackwell Companion to Contemporary Islamic Thought**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

ALSAYAD, Nezar. **Cairo: Histories of a City**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2011.

APTER, David. **Ideology and Discontent**. New York, Free Press of Glencoe, 1964.

AYUB, Nazih. **Political Islam: religion and politics in the Arab world**. London: Routledge, 1994.

AZAB, Khaled; EZZAT, Mamoud; TAHER, Ahmed (comp. e edit.) **Egyptian People's Assembly**. Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2009.

BAAKLINI, Abdo; DENOEU, Guilain; SPRINGBORG, Robert. **Legislative politics in the Arab World**. The resurgence of democratic institutions. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1999.

BADRAWI, Malak. Financial Cerberus? The Egyptian Parliament, 1924-52. In: GOLDSHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) **Re-Envisioning Egypt 1919-1952**. Cairo: The American University of Cairo, 2005, p. 94-122.

BAER, Gabriel. **Population and Society in the Arab East**. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.

____. **Studies in the Social History of Modern Egypt.** Chicago: The University of Chicago Press, 1969.

BARAKA, Magda. **The Egyptian Upper Class between Revolutions 1919-1952.** Reading, Ithaca Press, 1998.

BEININ, Joel. **Egypt: Society and Economy 1924-1952.** In: Daly, M. W. The Cambridge History of Egypt. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 309-333.

____. e LOCKMAN, Zachary. **Workers on the Nile: Nationalism, Communism, Islam and the Egyptian Working Class, 1882-1952.** Cairo: The American University in Cairo Press, 1998.

BIER, Laura. From birth control to family planning: population, gender and the politics of reproduction in Egypt. In: YOUNT, K. e RASHAD, H. **Family in the Middle East: Ideational Change in Egypt, Iran and Tunisia.** Abingdon: Routledge, 2008, p. 55-79.

BOTMAN, Selma. The Liberal Age, 1923-1952. In: DALY, M. W. (edited) **The Cambridge History of Egypt.** Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Vol. 2, Cambridge University Press , 1998, p. 285-308.

BROWN, L. Carl. **Religion and State: The Muslim Approach to Politics.** New York: Columbia University Press, 2000.

BURKE, Jason. **Al Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Editora Unesp, 2012, segunda edição revisada [2005].

CASTRO, Isabelle C. Somma de. O discurso orientalista britânico: um estudo sobre 'Swan Song' de Lord Killearn. In CLEMESHA, Arlene E. e SILVA, Thais Rocha da. **Ensaio de Crítica ao Orientalismo**. Rio de Janeiro: Multifoco (no prelo).

_____. **Orientalismo na Imprensa Brasileira**. A representação de árabes e muçulmanos nos jornais *Folha de S Paulo* e *O Estado de S Paulo* antes e depois de 11 de setembro de 2001. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CLEVELAND, W. e BUNTON, M. **A History of the Modern Middle East**. 5ª edição, Boulder, Colorado: Westview Press, 2013.

DALY, M. W., Egypt. In FAGE, J. D. E OLIVIER, R. **The Cambridge History of Africa**. From 1905 to 1940, v. 7. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1986], p. 742-755.

_____. The British Occupation, 1882-1922. In: DALY, M. W. (edited) **The Cambridge History of Egypt**. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Cambridge: Cambridge University Press, Vol. 2, 1998, p. 239-251.

DAVIS, Eric. Ideology, Social Class and Islamic Radicalism in Modern Egypt. In ARJOMAND, Said Amr. **From Nationalism to Revolutionary Islam**. Albany, NY: State University of New York Press, 1985, p. 134-157.

DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003.

EL-GHOBASHY, Mona. The Metamorphosis of the Egyptian Muslim Brothers. In: **International Journal of Middle East Studies**, Cambridge, n. 37, 2005, p. 373–395.

EL-MENSHAWY, Mohammed. Makram Ebeid Pacha & Hasan El-Banna: Egypt's golden age of national unity. In: **Ahram Online**, Cairo, 17 de abril de 2013. Disponível em: <<http://english.ahram.org.eg/NewsContent/4/0/69312/Opinion/Makram-Ebeid-Pacha--Hasan-ElBanna-Egypt's-golden-a.aspx>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

ERNST, Carl W. **Following Muhammad: rethinking Islam in the Contemporary World**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

ESPOSITO, John L. **Islam and Politics**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1998 [1984].

_____. **What everyone needs to know about Islam**. New York: Oxford University Press, 2002.

EVANS, Trefor E. Introduction. In: KILLEARN, Lord. **The Killearn Diaries (1934-1946)**. The Diplomatic and Personal Record of Lord Killearn (Sir Miles Lampson) High Commissioner and Ambassador. London: Sidgwick and Jackson, 1972.

FILIU, Jean-Pierre **The Arab Revolution: Ten Lessons from the Democratic Uprisings**. London: C. Hust and Co., 2011.

GALLINO, Luciano. **Dicionário de Sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005.

GERSHONI, Israel. The Muslim Brothers and the Arab Revolt in Palestine, 1936-39. In: **Middle Eastern Studies**, Londres, v. 22, no. 3, July, 1986, p. 367-397. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/4283128>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

_____. e JANKOWSKI, James P. **Redifining the Egyptian Nation, 1930-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GIDDENS, Anthony. **Política, Sociologia e Teoria Social**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GILSENAN, Michael. **Recognizing Islam**. Religion and Society in the Modern Middle East. London: I.B.Tauris, 2005.

GINAT, Rami. **The Soviet Union and Egypt, 1945-1955**. London: Frank Cass Co. Ltda, 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [1997].

GOLDSCHMIDT, Arthur. **Biographical Dictionary of Modern Egypt**. Boulder, Colorado: Lynne Rynner Publishers, 2000.

GRAY, John N. **Al-Qaeda e o que significa ser moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HARRIS, Christina Phelps. **Nationalism and Revoltution in Egypt**. The role of the Muslim Brotherhood. Stanford, California: The Hoover Institution on War, Revolution and Peace, 1964.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX 1919-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal 1798-1939**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUSAINI, Ishak Musa. **The Moslem Brethren.** The Greatest of Modern Islamic Movements. Westport, Connecticut: Hyperion Press, Inc, 1986 [1956].

ISSAWI, Charles. **Egypt at Mid-Century. An Economic Survey.** London: Oxford University Press, 1954.

JANSEN, Johannes J. G. Hasan Al-Banna's Earliest Pamphlet. In: **Die Welt des Islams.** International Journal for the Study of Modern Islam, Heidelberg. New Series, bd. 32, n. 2, 1992, p. 254-258. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1570836>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

KANDIL, Hazem. **Soldiers, spies and statesmen.** Egypt's road to revolt. Londres: Verso, 2012.

KAPLINSKY, Zvi. The Muslim Brotherhood. In: **Middle Eastern Affairs.** Nova York, v. 5, n. 12, december, 1954, p. 377-385

KEPEL, Gilles **The Revenge of God: the Resurgence of Islam, Christianity and Judaism in the Modern World.** Cambridge: Polity Press, 1994.

KHOLOUSSI, Samia. Fallahin: The 'Mud Bearers' of Egypt's 'Liberal Age' In: GOLDSHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) **Re-Envisioning Egypt 1919-1952.** Cairo: The American University of Cairo, 2005, p. 277-314.

KIRK, George E. **The Middle East in the War.** Survey of International Affairs, 1939-1946. Oxford: Oxford University Press, 1952.

_____. **A short history of the Middle East.** From the rise of Islam to Modern Times. Northampton: John Dickens & Co, 1963.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro-Passado: Contribuição da Semântica dos Tempos Históricos.** Rio de Janeiro: Editoria da PUC-Rio, 2006.

KRÄMER, Gudrun. **Hasan Al-Banna.** Oxford: Oneworld, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LIA, Brynjar. **The Society of Muslim Brothers in Egypt**. The Rise of an Islamic Mass Movement 1928-1942. Reading, Ithaca Press, 2006 [1998].

LITTLE, Tom. **Modern Egypt**. London: Ernst Denn Ltd, 1967.

LOUIS, W. Roger. **The British Empire in the Middle East 1945-1951**. Arab Nationalism, the United States and postwar imperialism. Oxford: Clarendon Press, 1988.

MACMILLAN, Margaret. **Paz em Paris, 1919**. A Conferência de Paris e seu Mister de Encerrar a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MARSOT, Afaf Lufti Al Sayyid. **Egypt's Liberal Experiment: 1922-1936**. Berkeley: University of California Press, 1977.

_____. Religion or opposition? Urban protest movements in Egypt. In: **International Journal of Middle East Studies**. Cambridge, n. 16, 1984, p. 541-552.

_____. **A History of Egypt**. From the Arab Conquest to the Present. Cambridge, Cambridge University Press, 2007 [1985].

MCADAM, Doug. Conceptual origins, current problems, future directions. In: _____, MCCARTHY, John D. e ZALD, Mayer N. (edit.) **Comparative Perspectives on Social Movements**. Political Opportunities, Mobilizing Structures, and Cultural Framings. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 [1996], p. 23-40.

_____., MCCARTHY, John D. e ZALD, Mayer N. Preface. In: _____, Doug, MCCARTHY, John D. e ZALD, Mayer N. (edit) **Comparative Perspectives on Social Movements**. Political Opportunities, Mobilizing Structures, and Cultural Framings. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 [1996], p. 1-20.

MITCHELL, Richard P. **The Society of the Muslim Brothers**. Oxford: Oxford University Press, 1993 [1969].

MITCHELL, Timothy. **Rule of Experts**. Egypt: Techno-Politics, Modernity. Berkeley: University of California Press, 2002.

MUNSON, Ziad. Islamic Mobilization: Social Movement Theory and the Egyptian Muslim Brotherhood. In: **The Sociological Quarterly**. Iowa City, v. 42, n. 4, Autumn, 2001, p. 487-510. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4121130>>. Acesso em: 28 set. 2008.

NAGUIB, Sameh. Islamism(s) old and new. In: EL MAHDI, Rabab e MARFLEET, Philip. **Egypt: the moment of change**. London: Zed Books, 2009, p. 103-119.

OSMAN, Ghada. **A Journey in Islamic Thought: the Life of Fathi Osman**. London: I.B. Tauris, 2011.

PACE, Enzo. **Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

PRESTON, Paul e PARTRIDGE, Michael. General Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul and PARTRIDGE, Michael. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print**. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Vol. 1. Bethesda: University Publications of America, 1998, p. vii-x.

RAHMAN, Fazlur. Revival and reform in Islam. In HOLT, P.M., LAMBTON, Ann e LEWIS, Bernard (edit.). **The Cambridge History of Islam**. Islamic Society and Civilization, v. 2B. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 [1970], p. 632-656.

REID, Richard J. **A history of modern Africa: 1800 to the present**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

RODINSON, Maxime. **Islam and Capitalism**. Austin: University of Texas Press, 1978.

ROGAN, Eugene. **The Arabs**. A History. London: Penguin Books, 2012.

ROY, Olivier. **The failure of political Islam**. London: I. B. Tauris, 1999.

SAFRAN, Nadav. **Egypt in search of Political Community**. An Analysis of the Intellectual and Political Evolution of Egypt, 1804-1952. London: Oxford University Press, 1961.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1990].

TARROW, Sidney. **Power in Movement**. Social Movements and Contentious Politics. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1998].

THE ENCYCLOPAEDIA of Islam, Leiden: E. J. Brill, 1991.

TILLY, Charles. **As sociology meets history**. New York, Academic Press, 1981.

_____. **Social Movements, 1768-2004**. Boulder, Colorado: Paradigm Publishers, 2004.

TURNER, Bryan S. Islam, Capitalism and the Weber Theses. In: **The British Journal of Sociology**. Londres, v. 25, n. 2, June, 1974, p. 230-243. Disponível

em: <<http://www.jstor.org/stable/589314>>. Acesso em: 10 jul 2010.

UTVIK, Bjorn Olav. The Modernizing Force of Islam. In: ESPOSITO, John e BURGAT, François. **Modernizing Islam: Religion in the Public Sphere in the Middle East and Europe**. New Jersey: Rutgers University Press, 2003, p. 43-68.

VATIKIOTIS, P.J. **The History of Egypt**. From Muhammad Ali to Mubarak. Third Edition. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1985.

VERTIGANS, Stephen. Militant Islam. A sociology of characteristics, causes and consequences. New York: Routledge, 2009.

VOLL, John O. Foreword. In: MITCHELL, Richard P. **The Society of the Muslim Brothers**. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. vii-xxii.

WARRINER, Doreen Land Reform in Egypt and Its Repercussions. In: **International Affairs**. London: Chatham House, v. 29, no. 1, jan., 1953, p. 1-10. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2606553>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

WEBER, Marx. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

_____. **Economy and Society**. Berkeley, University of California Press, 1978.

WENDELL, Charles. Introduction. In WENDELL, Charles. **Five tracts of Hasan Al-Banna (1906-1949)**. A Selection from the '*Majmu'at Rasa'il al-Imam al-Shahid Hasan Al-Banna*'. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 1-10.

WHIDDEN, James. The Generation of 1919. In: GOLDSHMIDT, A.; JOHNSONS, A.; SALMONI, B. (edit) **Re-Envisioning Egypt 1919-1952**. Cairo: The American University of Cairo, 2005, p. 19-45.

WICKHAM, Carrie Rosefsky. **Mobilizing Islam: religion, activism and political change in Egypt**. New York: Columbia University Press, 2002.

WOODWARD, Peter. Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul e PARTRIDGE, Michael. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print**. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Volume 5. Africa, 1945. University Publications of America, 1998.

_____. Introduction. In PRESTON, P e PARTRIDGE, M. (general editors) **British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print**. Part IV, from 1946 through 1950. Series G. Africa, 1948-1949. Volume 4. Africa, January 1948-December 1949. University Publications of America, 2002.

YAPP, M.E. **The Near East since the First World War**. London: Longman, 1991.

ZAIDAN, Assaad. **Letras e História**. Mil Palavras árabes na língua portuguesa. São Paulo: Escrituras Editora/Edusp, 2010.

ZOLLNER, Barbara. **The Muslim Brotherhood: Hasan al-Hudaybi and Ideology**. Routledge Series in Political Islam. Abingdon: Routledge, 2009.

ANEXO A

MAPAS

Mapa 1 – África

As fronteiras africanas sob a perspectiva do colonialismo, em 1922

Fonte: BARTHOLOMEW, J. G., The comparative Atlas of physical and political geography, Londres: Edinburgh Geographical Institute e Meiklejohn & Son., 1922. 1 mapa, colorido. Escala 1: 38 500 000. Disponível em: <<http://img.lib.msu.edu/branches/map/AfJPEGs/af1922l.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Mapa 2 – Egito, Sudão e Líbia

As fronteiras do Egito e do Sudão, o chamado Vale do Nilo, sob o Condomínio Anglo-Egípcio. Destaque para a fronteira oeste do Egito com a Cirenaica (Líbia) e a fronteira sul do condomínio com a Abissínia (Etiópia).

Fonte: SHEPHERD, William Robert. The Partition of Africa. In Historical Atlas for Schools. Leipzig: Velhagen & Klafing, 1928, p. 174. 1 mapa, colorido. Escala 1: 40.000.000. Disponível em: <<http://analepsis.files.wordpress.com/2010/09/africa1922map.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Mapa 3 – Egito

Parte central do território egípcio. No destaque: a capital El Qahira (Cairo), no centro; as cidades do Delta a partir da esquerda: El Iskandariya (Alexandria), Damanhur, El Mahalla El Kubra, Tanta; e, na região do Canal de Suez, Isma'iliya. No mapa maior, a oeste, El Alamein, próxima à fronteira com a Líbia e Qena, ao sul, no Alto Egito.

Fonte: OXFORD Atlas of the World. New York: Oxford University Press, 2007, 14ª edição, p. 256, 1 mapa, colorido. Escalas 1:6 400 000 e 1:3 200 000.

Mapa 4 – Cairo

Parte central do Cairo. Destaque para a sede da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos ao sul, na rua Hilmiyya al Jadida; o palácio real Abdin, no centro; a noroeste, Al Azhar; a embaixada britânica (antiga British Residency) e as casernas do Exército britânico em Qasr Al Nil (Qasr al Nil Barracks), a oeste. A data estimada de confecção do mapa é de 1940.

Fonte: NICOHOSOFF, Alexander. Map of Cairo. Jerusalém: The Hebrew University of Jerusalem and The Jewish National & University Library, s/d. 1 mapa, colorido. Escala 1: 15 000. Disponível em: <http://historic-cities.huji.ac.il/egypt/cairo/maps/nichosoff_after1933_cairo.html>. Acesso em: 21 fev. 2014.

ANEXO B

DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

Imagem 1 – Vista aérea do Cairo, a partir de um voo da Imperial Airways, 1936.

MATSON, G. Eric and Edith. **Cairo showing Citadel Hill in foreground.** 1936. 1 negativo, glass, dry plate, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2004000125/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

No primeiro plano, a Cidadela, com a mesquita Muhammad Ali no centro. Ao fundo, o rio Nilo.

Imagem 2 – Vista aérea do Cairo, a partir de um voo da Imperial Airways, com destaque ao rio Nilo, 1936.

MATSON, G. Eric and Edith. **Egypt. Cairo. Along the river, south of Kasr el- Nil.** 1936. 1 negativo, glass, dry plate, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2004000123/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

A ponte Qasr El Nil e as casernas britânicas, do lado direito da ponte. Acima delas, em frente a uma grande praça, está o Museu Egípcio. Abaixo das casernas encontram-se o hotel Semiramis e, abaixo dele, a embaixada britânica conhecida até 1936 como The Residency.

Imagem 3 - Pedestres em rua do Cairo, ao sul da mesquita Al-Azhar, 1936.

MATSON, G. Eric and Edith. **Cairo and district, Egypt. Street scene, Old Cairo. Little shops and varied types, south of el-Azhar.** 1936. 1 negativo, nitrato, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2010001823/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

Homens vestidos com a indumentária tradicional do campo, a *ghallabiyya*.

Imagem 4 – Pedestres em rua do Cairo, 1942.

LIFE Magazine, Outubro, 1942. Disponível em: <www.egyptianstreets.com>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Pessoas vestindo a tradicional *ghallabiyya* se misturam com outras trajando ternos; o tarbuche acompanha as duas vestimentas.

Imagem 5 – Engraxates no Cairo (entre 1934-1939).

MATSON, G. Eric and Edith. **Egypt. Cairo. Types & characters. Shoe black.** 1934-9. 1 negativo, nitrato, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: < <http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2010003432/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 6 – Barbeiro trabalhando em rua do Cairo (entre 1934-1939).

MATSON, G. Eric and Edith. **Egypt. Cairo. Types & characters. Street barber.** 1934-9. 1 negativo, nitrato, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2010003431/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 7 – Charge “Conhecimento é luz”, 1933.

العلم نور

(وزير المعارف) : ميسوط منى دلوقت ؟ ... زى ما انت شايف كل يوم بازور مدرسة أو دار للتعليم ...

(المصري افندى) : طيب اياك على الله تتعلم لك حاجة ...

AL ALM NUR. *Ruz al-Yusuf*, 27 de novembro de 1933. In GERSHONI, Israel e JANKOWSKI, James P. *Redifining the Egyptian Nation, 1930-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 8.

O personagem Misri Effendi está à direita.

“Conhecimento é Luz”

(Ministro da Educação): Você está satisfeito comigo agora? Como você vê, todos os dias eu visito uma escola ou uma faculdade de professores...

(Misri Effendi): Bem, eu espero que você aprenderá alguma coisa...”

Imagem 8 – Principal salão de refeições do Shepherd's Hotel, entre 1920-1933.

MATSON, G. Eric and Edith. **Egyptian hotels Ltd., Cairo. Shepherd's Hotel. Interior. Main dining hall.** 1920-33. 1 negativo, glass, dry plate, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <
<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2004002249/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

O hotel, localizado no Cairo, era o predileto entre os britânicos e chegou a ser quartel-general dos Aliados durante a I Guerra Mundial. Foi destruído durante os incêndios provocados pela revolta popular que ocorreu em 26 de janeiro de 1952.

Imagem 9 – Principal entrada da mesquita al-Azhar, 1934.

MATSON, G. Eric and Edith. **Cairo and district, Egypt. Mosque of el-Azhar. Main entrance to the greatest Moslem seminary.** 1934. 1 negativo, nitrato, p/b, 4 x 5 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <
<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2010001822/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 10 – Entrada sul da mesquita al-Azhar, 1934.

MATSON, G. Eric and Edith. **Cairo and district, Egypt. Mosque of el-Azhar. South entrance showing elaborate arabesque patterns.** 1934. 1 negativo, glass, dry plate, p/b, 5 x 7 polegadas. Washington, DC: Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <
<http://www.loc.gov/pictures/item/mpc2004005091/PP/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 11 – Hasan al Banna (s.d.).

SHAIKH HASSAN AHMAD ABDUL RAHMAN AL BANNA (s/d). Arquivo de The Gulf News, 1 de abril de 2012. Disponível em: <<http://gulfnews.com/news/region/egypt/beginnings-youth-movement-1.1002272>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 12 – Lorde Killearn (Sir Miles Lampson), 1944.

LORD KILLEARN (BY BARON), 1944. The Killearn Diaries (1934-1946). London: Sidgwick and Jackson, 1972, p. 256.

Imagem 13 – Rei Faruq I do Egito, 1938.

KING FAROUK I OF EGYPT (1920-65), IN A PENSIVE MOMENT, PHOTOGRAPHED IN 1938. Keystone/Getty em *The Guardian*, 10 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/10/egypt-royal-resurgence>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

Imagem 14 – Ali Mahir Paxá (s.d.).

ALI MAHER PASHA. Al-Ahram Weekly Online, 16 - 22 Agosto de 2001, edição 547. Disponível em: <<http://weekly.ahram.org.eg/2001/547/chrncls.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Imagem 15 – Muhammad al Nahas Paxá (s.d.).

MOHAMMAD AL NAHAS PASHA. Al-Ahram Weekly Online, 2 - 8 Março de 2000, edição 471. Disponível em: <
<http://weekly.ahram.org.eg/2000/471/chrncls.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

À direita de Nahas Paxá, Makram Ubayd.

Imagem 16 – Ataque a posto do Exército britânico em Alexandria, 4 de março de 1946.

15TH PHOTOGRAPH. WO 382/1, *Court of Inquiry into murder of two members of Corps of Military Police: evidence statements and photographs*. Mar. 1946

“Horário em torno de 13h30, no dia 4 de março de 1946. Multidão concentrada ao redor do posto. Vários nativos tentando entrar no posto através da janela do escritório do centro de informação. Nenhum sinal do Exército egípcio ou da Polícia”⁵⁹⁶.

⁵⁹⁶ Tradução livre para: “Time about 13:30 hrs. on 4th Mar '46. Crowd closely concentrated around OUTPOST. Several natives endeavouring to enter OUTPOST through report centre office window. No sign of Egyptian Army or Police”.

Imagem 17 – Protesto em fábrica de Mahalla al Kubra, 1947.

MAHALLA AL KUBRA, SEPTEMBER 1947. Socialist Worker Archive.
Disponível em:
<<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1946/probme/intro.html>> Acesso
em: 12 fev. 2014.

“Três trabalhadores morreram e 17 ficaram feridos, enquanto 20 policiais também se feriram, durante protestos na fábrica Ghazl el-Mahalla, depois que a polícia reprimiu milhares de trabalhadores que estavam em greve devido à demissão de alguns de seus companheiros que demandavam melhores condições de trabalho. O episódio foi seguido de mais conflitos depois que os trabalhadores de Shubra al-Khaima pararam em solidariedade”⁵⁹⁷.

⁵⁹⁷ Tradução livre para: “Three workers were killed and 17 injured, while 20 police were injured during the riots which broke out at the Ghazl el-Mahalla factory, as police cracked down on thousands of workers who went on strike following the dismissal of some of their comrades demanding improved work conditions. This was followed by more clashes as textile workers in Shobra el-Kheima struck in solidarity”.

ANEXO C

FONTES DOCUMENTAIS

Documento 1 - The Ikhwan al Muslimin reconsidered.

FO 141/838, 305/37/42. *Islamic Societies: reports on by British Intelligence and Egyptian police. The Ikhwan al Muslimin reconsidered.* Cairo, 14 de dezembro de 1942, 7 págs.

Fonte: The National Archives

SECRET.

APPENDIX "A".

The Ikhwan al Muslimin Reconsidered.

It has been thought desirable to review the accumulated material concerning the extremist organisation Al Ikhwan al Muslimin, and to attempt an appreciation of its present and future significance.

A. Organisation.

1. The Ikhwan al Muslimin or Moslem Brotherhood was apparently founded about 1930. Its founder and present leader is Hassan al-Banna, a respectable schoolmaster, against whose private life nothing is known. It is evidently his nature to go quietly and unobtrusively along the course he has chosen. He is a good speaker. Where his own behaviour is concerned he is circumspect, even cowardly, though naturally he cannot impose this circumspection on all his tens of thousands of supporters. Those who have met him form an impression of cunning and ambition behind his simplicity. The Ikhwan seek to re-establish the government and institutions of Egypt on pure Koranic principles, to restore the Shari' law in place of the present code which is strongly influenced by the Code Napoleon, and to exclude all the elements of Western culture, which they regard as intrusive and deleterious. Some analogies to the Wahhabi movement occur to the mind, but it is probable that Gandhi's peasant-India policy presents an even closer parallel; in Apr. 1942 it was reported that the Ikhwan were contemplating a campaign of non-cooperation with the British or the Wafd government, inspired by the Indian non-cooperation movement. The Ikhwan are organised for social, educational, and charitable work among Moslems throughout Egypt, and can thereby draw funds from the most respectable Moslem circles; they also have postal contacts in other Moslem countries as far away as Iraq and the Hadhramaut.

2. The Ikhwan seem to draw their members largely from the more educated of the lower-middle class, especially from school-teachers, to whom their genuine, if fanatical and impractical, ideals as well as their more solid achievements in social and educational work make an appeal. (The more turbulent Young Egypt Movement, on the other hand, appeals rather to young men of wealthier families, who are more interested perhaps in their own political advancement than in social reform after the Ikhwan pattern).

3. It is known that in the past the Ikhwan made a careful study of the Nazi and Fascist organisations and modelled a part of their own organisation upon them. The Gawala or Rovers, picked members who are subjected to special discipline and training, may be compared with the Sturmabteilungen, and the Kata'ib, specially trusted men, with the Schutzstaffel. There are also stated to be "suicide squads", though these have not yet had an opportunity to put their training into practice. Members are allotted the tasks of supervising some branch of cultural activity in their local areas - public health, education, physical culture, or evening classes for workers. Hassan al-Banna is believed to have chosen a series of substitute leaders, in case the present leaders of the movement in Cairo and the provinces were simultaneously arrested. The movement is controlled by a Central Executive Committee in Cairo which is responsible for all decisions;

.....

al-Banna is believed to be now trying, perhaps under pressure from Nahas Pasha, to bring about some measure of decentralisation, by appointing "prefects" to the provinces with local responsibility. There seems no doubt that the Ikhwan have sought to buy arms, and that they could bring out shock-troops in a time of disturbance. In Sept. 41 Hassan al-Banna is reported to have said that he had 2000 picked armed men ready to obey his orders; the reference is probably to the Kata'ib.

B. Historical Narrative.

4. For about the first eight years the Ikhwan do not seem to have come to the notice of the British security authorities. During the Palestine Rebellion, however, they were reported to be sending funds and arms to the rebels, making propaganda on their behalf, and trying to organise the making of explosives for them. Already it was stated that the Ikhwan had many thousands of members, and that most of the pamphlets in Egypt dealing with the Palestine Rebellion were published by them.

5. It was evidently this that brought them to the notice of the German and Italian intelligence and propaganda organisations in Egypt, and there is evidence from documents seized from a former German agent that they were receiving money from the Germans before the war.

6. An observer who was studying the movement shortly after the outbreak of war commented on the comparative efficiency of its organisation and emphasised the militant character of its Moslem outlook. In his opinion it was definitely anti-foreign and as such inevitably regarded Britain, because of her exceptional position in Egypt, as the principal enemy; he considered it was likely to become exceedingly dangerous. Early in 1940 Hassan al-Banna, largely influenced by Ahmad as-Sukkari and Abdul Hakim Abdin, who are still his two principal lieutenants, passed on from purely social activities to the political arena and entered into contact with Ali Maher, "the would-be Laval of Egypt", who was then Prime Minister; it is thought however that this contact has never been very close.

7. Early in 1941 al-Banna had the temerity to criticise in writing the conservative government of Hussein Sirri Pasha for its departure from Koranic principles. This was more than the Prime Minister, a westernized engineer of considerable force of character, could tolerate. Al-Banna was relegated from Cairo to a school at Qena, 300 miles away in Upper Egypt, a town where refractory government-officials are commonly transferred to expiate their offences. Shortly afterwards Ahmed as-Sukkari, the Ikhwan's Vice-President, was arrested for making subversive propaganda. However, in June 1941 al-Banna was transferred back to Cairo, as-Sukkari was released, and shortly afterwards police reports about the Ikhwan dried up in a significant manner. It was inferred that the Palace had begun to find the Ikhwan useful, and had thrown its aegis over them; in Oct. 1941 a report was received that the King himself had issued orders to the mudirs of provinces that they should not interfere with the Ikhwan, "who were working without any personal ambition whatsoever for the welfare of the country". There is little doubt that the movement benefitted considerably from this Palace favour, and no doubt that it was drawing moral and material support

.....

from the powerful anti-British clique whose leader was Ali Maher. Hassan al-Banna appears to have received funds from the Afghan Minister and members of the Persian Legation; it is also alleged that he had received money from members of the Japanese Legation and was in touch with unnamed Axis agents.

8. It had become evident that the Ikhwan were now a highly-organised association with branches and contacts throughout the land, capable of taking a significant part in the future political development of Egypt. While Hassan al-Banna remained cautious in his public speeches, his followers were less guarded in their anti-British pronouncements. There were reports that the Ikhwan were collecting information on British troop movements, and making contacts with employees on the railways and in British military workshops and depots; it was suspected that they were making plans for eventual sabotage of our vital communications and installations. The rising tide of consistent reports of Ikhwan propaganda against us and the less well-confirmed, but far more disquieting suggestions of their sabotage plans led the British authorities to request the Prime Minister to intern al-Banna and as-Sukkari. Their arrest on 16 Oct. 41 provoked violent denunciations of the British by the Ikhwan in the provinces and something of a panic in Ikhwan circles in Cairo. Petitions showered upon the King and the Prime Minister. On 12 Nov. the police made sixteen arrests among students who were trying to hold a protest meeting, which the police had banned. The Prime Minister took fright and released the two Ikhwan leaders on the following day - explaining that he could not otherwise guarantee public order at the opening of parliament two days later. The Ikhwan had become so strong that they could dictate, by direct threats, to Hussein Sirri's government, which had no support in parliament, had lost the favour of the King, and was thoroughly conscious of its weakness. Acting evidently on Palace instructions the Prime Minister and the Police then sought to whitewash the Ikhwan in the eyes of the British authorities.

9. His internment apparently intensified al-Banna's instinct for caution, and he avoided hostile references to Britain, though this naturally did not completely repress the ebullience of his followers. He apparently made capital out of his internment by declaring that it was due to Christian prejudice against the success of his work for Islam. During Dec. and Jan. the Ikhwan were moderately quiet, though reports of their anti-British speeches, especially in the provinces, and of plans for sabotage did not cease. Some energy was spent in conflicts with rival societies, the Young Egypt Party and the Shabab Mohammed.

10. The end of Jan. 1942 was marked by a shortage of bread in Cairo, and by the enemy's big advance from Al Agheila to beyond Derna. This resulted in student strikes and demonstrations which hastened the fall of the Sirri government; the Ikhwan appear to have had orders not to play too conspicuous a part in these disorders. Naturally, however, they reacted in a hostile manner to our compelling the King on 4 Feb. to accept a Wafd government, and apparently passed resolutions against the Wafd and in favour of Ali Maher. They decided to put forward the modest number of 17 candidates in the forthcoming elections. Hassan al-Banna himself was to stand for Ismailia "under the protection of Islam and the flag of the Koran, and complying with the principles of the Wafd." A newspaper article went so far as to suggest

al-Banna as a possible leader of the opposition. In the absence of an Ikhwan candidate members were to vote for good Moslems, for candidates of the Nabil Abbas Halim's palace-sponsored "Workers' Party" wherever possible, and on no account for Copts. However, some of the more sincerely religious members of the movement deprecated their leader's formal entry into politics. His election speeches and those of his followers were based chiefly on the necessity for Shari' law and avoided attacks on Britain, but reports of anti-British propaganda below the surface continued.

11. In the middle of March, however, Nahas Pasha ordered al-Banna to withdraw his candidature, under pain of internment for himself and his leading supporters. A meeting of the Ikhwan resolved to support their leaders in defying this order, but shortly afterwards al-Banna yielded and published in "Al-Ahram" an open letter to Nahas, in which he declared his loyalty to the government and the Anglo-Egyptian Treaty. This was interpreted as an ignominious surrender, and brought on him the widespread criticism of his followers. His personal courage was called into question; it was suggested that Nahas had threatened to publish allegations concerning his handling of the Ikhwan's funds, or to try him for espionage before a military court. The movement was temporarily split and its activities seriously affected, in spite of al-Banna's efforts to justify his action or to blame the British for influencing Nahas against him. The arrest of Ali Maher at the beginning of April angered the Ikhwan, and was inevitably a blow to them, although in the two years since they had come under his patronage it is likely that they had achieved some measure of self-sufficiency. Palace subsidies, which had apparently stopped after al-Banna's surrender to Nahas, were stated to have begun again about this time, and there were reports of an agreement between al-Banna and Nuqrashi, the extremist second-in-command of the Sa'dist Party, disgruntled in its opposition to the Wafd. Evidently the opposition was seeking to close its ranks and repair the breach made by Ali Maher's arrest. The discontent of the Ikhwan at al-Banna's surrender to Nahas was gradually healed, and he recovered his ascendancy over the movement. A truce was then made with the Wafd, probably in an atmosphere of mutual respect, for al-Banna realised that Nahas could crush him and his movement, while the Prime Minister appreciated that the Ikhwan could present him with a very unpleasant problem if they defied him. Al-Banna could by this time rely on the sympathy of a considerable proportion of the police and government officials, especially in the provinces, and is alleged to have boasted in Aug. 1942 of the large influence which the Ikhwan now enjoyed among all ranks of the Egyptian Army.

12. The Ikhwan were naturally excited by the advance of the enemy to Al-'Alamein, and some pro-German speeches were made. A report of a violently pro-German speech by al-Banna himself was never confirmed, and his other speeches about this period were concerned with his religious policy. In some private conversations he gave the impression that he wished to avoid conflict with the government or ourselves. Nevertheless, he was reported to have told his more intimate associates that an Axis victory would not be long delayed; he was waiting on instructions from the Germans to put his sabotage plans into effect; the attitude of the Ikhwan to the Germans depended on German reciprocity, for unless the movement were given a

.....

dominant place in Egyptian politics the Germans would learn its real strength, to their cost. It was suspected that his expressed desire to cooperate with the Waft and concentrate the activities of his association on religious reforms were insincere, and reports of sabotage plans continued to be received. At the same time, however, there was no mistaking the genuineness of the movement's social programme. An Ikhwan speaker declared that the present poverty of the masses was due to the tyranny of the rich and the illicit export of food; he attacked the toleration of western vices such as drinking and gambling and called for the complete adoption of Shari' law. Hassan al-Banna himself was stated to have ascribed the present depravity of morals entirely to European influence. In Sept. the first number of the weekly magazine "Al-Ikhwan al-Muslimin" appeared with government approval. It contained nothing but the most laudable and uncontroversial articles. At the same time, however, a secret meeting of Ikhwan leaders is alleged to have declared that "If the British lose the war, we shall have the complete support of the Axis; but if the British win, they will deal with the Egyptians as they dealt with the Arabs of Palestine". An Ikhwan speaker at Damanhur is said to have urged all good Moslems to give up the imitating of European habits, and to have inveighed against Christian missions.

13. At the end of Sept. the government placed a ban on public meetings of the Ikhwan and threatened them with further repressive measures. Al-Banna met the Prime Minister, and an accommodation between them was arranged; it is probable that al-Banna once again received a strong warning against anti-British or anti-government activities, on pain of internment of the Ikhwan leaders. The police raided his house and searched for pamphlets on 24 Oct. and two provincial leaders were arrested for complicity in the printing and distribution of pro-Axis leaflets. Al-Banna thereupon made every effort to impose discipline on his followers, and apparently succeeded in obtaining the re-opening of certain Ikhwan premises which the police had closed. Political discussions were avoided and energies were concentrated on the expansion and improvement of the scout groups and the organisation of evening classes for workers. Nahas Pasha's threats of sharp retribution have been effective, and up to the present time the Ikhwan have been cautious; though there were reports from two sources that a recent strike at the Suez Refinery was fomented by members of the Ikhwan not employed by the Company. It is reported that new sections of the Ikhwan are being formed throughout the country, and that their power and influence is constantly increasing.

C. Appreciation.

14. The most obvious comment on the mass of reports, accumulated over a period of nearly three years, of alleged Ikhwan plans for sabotage and insurrection, is that there have in fact been no anti-British disorders or sabotage on a serious scale. The Ikhwan may be more serious-minded than the average Egyptian but there is no indication that they are more prepared to risk their lives. Through the ages the Egyptian has had a reputation for outbreaks of turbulence when his patience is tried too far; as any resident in Egypt knows, he is not slow to resort to blows; but at the same time he is not one to take a physical risk against odds; he will sullenly submit and continue endlessly to plan vengeance and bloodshed while waiting for outside circumstances to shift the odds in his favour.

.....

13. The Ikhwan, being fervently Moslem, are implicitly anti-European, and in particular anti-British, on account of our exceptional position in Egypt. They have therefore throughout the war hoped for an Axis victory, which they imagined would make them the dominant political influence in Egypt. There is however very little evidence of their contact with Axis agents since the outbreak of war. The Germans and Italians, as Europeans, are as obnoxious to their ideals as we are. The only difference is that they might be the instruments of ridding Egypt of the British and the Jews. Though the Ikhwan have perhaps imitated the Nazi-Fascist organisation, they have no particular ideology, as far as is known; in their general outlook the Ikhwan are social-democrats, and might conceivably some day take the place in Egypt of a labour-party in opposition to the petit-fonctionnaire Wafd and the minute plutocratic parties of the present opposition.

/sympathy with their

15. The present absolute size of the Ikhwan is uncertain. While our sources have estimated it at 100,000 - 200,000 members, a senior Egyptian police official has recently put it as high as 500,000. He thought that the Ikhwan were intent on avoiding a clash either with us or with the government, while they continued to gather strength. A prominent Egyptian politician has admitted that the nationwide organisation of the Ikhwan far surpasses that of the official opposition parties and is comparable only with that of the Wafd itself. Nevertheless he doubts whether the Ikhwan can ever win more than a dozen seats in an election. He concedes that their basic foundations are honest, but observes that some of their members are certainly undesirable; al-Banna himself has admitted as much; nevertheless "it is one thing to agree at a meeting that the world is evil, and another to pull the trigger of a pistol". According to this Egyptian's view the Ikhwan could become really dangerous only if they were exploited by some powerful outside figure, such as the King, Ali Maher, or even Nahas himself. Politically, nevertheless, time is probably on the side of the Ikhwan. They stand for wider public education, social and moral reform, whereas the Wafd is slowly but surely losing ground and its leader's reputation has suffered from the presence of corrupt influences round him. The day may arrive when the Ikhwan will seriously compete with the Wafd for office and power in its own name and on its own programme.

16. From that longer point of view the Ikhwan are potentially dangerous to the European minority in Egypt; especially if, when their day comes, Britain has made further concessions to Egyptian nationalism by withdrawing her troops. From the shorter view of the period of the war, however, it would seem questionable whether we should at the present time regard the Ikhwan as presenting an immediate danger. Since the beginning of the war the prestige of the Allied Nations has never been higher than at the present time, that of the Axis never lower. We have generally been studious to avoid offending Egyptian public opinion and our relations with the government and the administration are quite harmonious. The Prime Minister is determined and strong enough not to tolerate civil disturbance. As a movement the Ikhwan are not likely to jeopardize their future by precipitate and rash action when their prospects of attaining power by Fabian methods are considerable. People have implied that Hassan al-Banna

.....

is a hypocrite; but it has never been suggested, rather it has been categorically denied, that he is a headstrong would-be demagogue like Ahmed Hussein. His temperament and his religious background favour a policy of peaceful development, not of violence which might involve the movement's ruin.

17. There are however certain contingencies in which the Ikhwan may again become dangerous:-

i) If the military situation were to deteriorate seriously (though the experience of June-July 1942 suggests that the enemy threat would have to be very near, or our predicament very grave, before the Ikhwan would give us serious trouble).

ii) If, on the other hand, Allied successes take the war further away from Egypt and leave a clear field for a resumption of local political rivalries, we may be faced before the end of the war by demands from the Ikhwan for the diminishing of British influence in Egypt, or the withdrawal of troops.

iii) An isolated incident, such as the recent accidental death of a student caused by the disorderly behaviour of soldiers, may at any time arouse passions and provoke anti-British demonstrations in which the Ikhwan may join; though in this particular incident the Ikhwan have behaved remarkably well.

In all these cases we have to allow for the likelihood that, while the movement as a whole might refrain from taking part in disturbances, extremist individual members, amounting to a considerable proportion of the whole, would embark unofficially on dangerously subversive activities.

18. To conclude, in considering the future security significance of the Ikhwan, it would be unwise to forget entirely the rebellion of 1919; it would also be unwise to insist too much on it. Then, the Egyptian people as a whole were exacerbated by four years of military occupation in which too little consideration had been given to their national aspirations and, more important, to their personal liberty, property and susceptibilities. A period of high cotton prices, in which the fellahin had had leisure to listen to anti-British agitators in the towns, had been followed by a disastrous slump. Now, on the other hand, the country has the government more or less of its choice, and in spite of the difficulties of supply the standard of the people's life has suffered comparatively little. The irritations inevitable from the presence of hundreds of thousands of troops, rough-mannered and heedless of Egyptian susceptibilities, have not been excessive. The factors which produced 1919 do not exist to the same degree; and we are now far better equipped to diagnose the development of an ugly situation in its earlier phases, to take steps to prevent it, and to remove some of the causes which have produced it.

10.12.42.

Documento 2 – Activities of the Moslem Brotherhood. Outrages in Cairo.

FO 407/227, J 7886/68/16. De Sir Ronald Campbell para senhor McNeil. Activities of the Moslem Brotherhood. Outrages in Cairo. Cairo, 3 de dezembro de 1948, 2 págs.

Fonte: The National Archives

Documento 3 – Supression of the Moslem Brotherhood.

FO 407/227, J 7874/68/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin. Supression of the Moslem Brotherhood. Cairo, 9 de dezembro de 1948, 1 pág.

Fonte: The National Archives

ACTIVITIES OF THE MUSLEM BROTHERHOOD Outrages in Cairo

Sir R. Campbell to Mr. McNethi. (Received 9th December)

(No. 338)
 Cairo,
 3rd December, 1948

I have the honour to refer to my telegram No. 1536 of 12th November and earlier communication on the subject of attempts made during recent months to blow up a number of Jewish-owned properties in Cairo and to report that it has now been established beyond all reasonable doubt that members of the Ikhwan el Muslimin were responsible for these outrages.

2. The first of a series of explosions occurred on 20th June in the Jewish quarter of Cairo. This was followed by attempts during July and August to blow up the department stores of Gourel, Ades, Gattegno and Benzon, and the offices of the Delta Land Company in Maadi, near Cairo. In September the Jewish quarter again suffered heavily as the result of an explosion, and on 12th November very extensive damage was done to the offices and printing presses of the Société Orientale de Publicité and nearby buildings.

3. The Egyptian police, according to S.S.R., from the first suspected the Ikhwan el Muslimin, for from the moment it had become clear that Egypt would take up arms against the newly-constituted State of Israel, members of the Ikhwan lost no opportunity of vehemently denouncing the Jews, and made every attempt to incite the local population against them. This was particularly noticeable after the air raid of 15th July when bombs dropped from a hostile aircraft caused a number of casualties, some fatal, amongst the Egyptian populace of Cairo. It is in fact safe to assume that the Ikhwan were largely responsible for inciting the attacks on foreigners during the weeks that followed. It was shortly after this air raid that, according to the S.S.R., the Chief Rabbi received a telephone call from a person believed to be a member of the Ikhwan, warning him that the Ikhwan had decided to take revenge against all Jews and Jewish establishments in Egypt.

4. It had long been suspected that the Ikhwan possessed a stock of explosive material, and this suspicion was confirmed

when on 20th February, 1945, an accidental explosion, which caused some considerable damage, occurred in a branch office belonging to the Ikhwan in Cairo. Hassan el Banna, leader of the Ikhwan, found some difficulty in providing an explanation for the presence of this stock of explosives on Ikhwan premises, but a vague reference to Palestine apparently satisfied the authorities—see also paragraph 8 below.

5. The methods by which the explosion were caused varied but slightly. A load of dynamite or other explosive material was brought to the chosen spot either in a taxi, a private car, or other means of transport such as a tricycle, and left with a time-fuse attached, the culprits in each case having ample time to make their escape.

6. Although a similar method was employed in the attempt to blow up Nahas Pasha's house on 25th April, there is some doubt as to whether the Ikhwan were involved in this particular incident. It was, however, probably the Ikhwan who attempted to blow up the Sudan agency on 6th July, when a stock of gelignite was discovered under the staircase with a time-fuse attached.

7. The police also suspected the Ikhwan of throwing two hand grenades at the house of Amr Pasha on 2nd November.

8. On 28th October the Port Said and Ismailia branches of the Ikhwan were closed down by military proclamation following the discovery of a large quantity of arms and ammunition stored on the premises. The Egyptian authorities expected retaliatory action on the part of the Ikhwan, and then the Société Orientale de Publicité buildings were blown up on 12th November, they paid even closer attention than before to the activities of its members.

9. Three days later the police were at last able to confirm their suspicions of Ikhwan responsibility both for the Société Orientale de Publicité and other explosions. During the afternoon of that day four youths were seen busily engaged in loading a jeep in a road in the ensikris of Cairo. It was noticed by passers-by that the jeep had no number-plates and

plates were raised that the youths were

Jews. When the crowd increased the youths attempted to run away, but three of them were apprehended and handed over to the police. The jeep was then examined by the police and was found to contain twenty-eight revolvers, one brass-gun, 2,700 rounds of ammunition, forty-eight hand grenades, two boxes of gelignite (attached to one of which was a clockwork time-fuse device), and a quantity of daggers.

10. The interrogation of these youths and of the fourth, who was apprehended shortly afterwards led to the discovery of a number of documents which included plans of different buildings, the British, American and French Embassies, the houses of Nahas Pasha, Amr Pasha and Sherif Sabry Pasha. A plan of the Société Orientale de Publicité buildings was also found, and according to the S.S.R. the youths did in fact admit to having carried out the attacks on these premises. A list of prominent personalities, presumably singled out for attention, included the names of Makram Eftaat Pasha, Sidky Pasha and Hassan Eftaat Pasha. This embassy was apparently due to be blown up within a few days of the discovery of the documents.

11. On 18th November it was reported by the S.S.R. that the Prime Minister, in his capacity as Military Governor-General,

I have, Sir,

RONALD CAMPBELL.

J 7574/65/16

No. 32

SUPPRESSION OF THE MUSLEM BROTHERHOOD

Sir R. Campbell to Mr. Beein. (Received 9th December)

(No. 1095)

Cairo,

9th December, 1948.

My despatch No. 985: Ikhwan el Muslimin.

A military proclamation was issued last night dissolving the Ikhwan el Muslimin and all its branches throughout Egypt. The proclamation orders that all the documents, records, publications, funds and property are to be confiscated, councils of the organisation and individual members are forbidden to continue their activities. The establishment of any society or organisation on similar lines is prohibited. Penalties for infringement of the proclamation include terms of imprisonment of from six months to two years, and for

fines of between £E.200 and £E.1,000. Any Government official who contravenes the proclamation will be dismissed.

2. An explanatory note accompanying the proclamation reviews the records of the association and accused a group of members of being responsible for the bomb outrages committed in Cairo during the past six months. Riots and disturbances amongst students are alleged to be due to the influence of the Brotherhood, which is accused of seeking to change the established social order in Egypt by means of violence and terror.

3. A full text of the proclamation follows by bag.

Documento 4 - Supression of the Moslem Brotherhood in Egypt

FO 407/227, J 58/1015/16. De Sir Ronald Campbell para Ernest Bevin.
Supression of the Moslem Brotherhood in Egypt. Cairo, 26 de janeiro de 1949,
3 págs.

Fonte: The National Archives

FURTHER CORRESPONDENCE RESPECTING
EGYPT AND THE SUDAN—PART 3

J 58/1015/16

No. 1

SUPPRESSION OF THE MOSLEM BROTHERHOOD IN EGYPT

Sir R. Campbell to Mr. Bevin. (Received 3rd January)

(No. 618)

Cairo,

Sir,

26th January, 1948.

I have the honour to refer to my telegram No. 1695 of 9th December, and to transmit herewith a translation⁽¹⁾ of the Military Proclamation ordering the dissolution of the *Ikhwan el Muslimin*.

2. The delay in issuing the Proclamation, which, according to S.S.R. was originally to be published some three weeks earlier, was apparently due to Nokrashy Pasha's reluctance to take so drastic a step. Not only could the *Ikhwan*, if need be, prove a useful ally to the Government in combating the power of the Wafd, but there was also the consideration that neither Hassan el Banna nor his followers could be expected to resign themselves without protest to a summary termination of their power and ambitions, and the very real risk of a continuation of *Ikhwan* activities organised from carefully concealed hide-outs had to be faced. With the Egyptian army engaged in Palestine, the Government would have to depend on the already overstrained police alone to destroy so powerful and widespread an organisation; nor could Nokrashy Pasha dismiss the possibility of some form of reprisal against himself. It was probably the express determination of King Farouk to put an end to the activities of the *Ikhwan* that finally induced him to take the plunge.

3. Once the Proclamation was issued, however, it became clear that Nokrashy Pasha was not going to be content with half-measures in his attempt to destroy the *Ikhwan*. Shortly before midnight on 9th December, a large force of police raided the headquarters of the association in Cairo, where they found Hassan el Banna and several of his collaborators busily destroying papers, although a search of the house revealed a quantity of documents relating to the activity of the association in all parts of Egypt. At the same time the police raided the branch office at Alexan-

dria, and the next day closed down all branches of the association throughout Egypt. Commercial establishments and societies belonging to the *Ikhwan*, such as the Society of Islamic Works, the Society of Mines and Quarries, and various factories were placed under sequestration. Banks were instructed to stop payment of money to the *Ikhwan* and to hand over any credit balances to the Sequestrator.

4. So far some thirty of the more prominent members of the *Ikhwan el Muslimin* have been arrested, including Hassan el Banna's brother-in-law, Abdel Hakim Abdine, general secretary of the association. Hassan el Banna, although he has almost implored to be arrested, has so far been left at liberty. This may be because so long as he is free there is a chance that he may unwittingly help the police by acting as a decoy to any members of the society still at large who may be plotting mischief, and it was feared that the arrest of one who would be no doubt regarded as a martyr by his sympathisers would probably lead to widespread trouble. On the other hand it is commonly said that the Palace and Government dare not arrest him for fear of what he would divulge at his trial on the subject of past official connexions.

5. Hassan el Banna himself, on the other hand, has made a statement to the weekly *Rose el Yousef* that he does not recognise the dissolution, but that he considers that the Government has given him an interval of rest from toil and care. Islam, he contended, was both a religion and a social order. In so far as it was a religion it was one not of worship and devotion, but of struggle and strife. S.S.R. reports that, in a telegram which he addressed both to the Palace and to Nokrashy Pasha, Hassan el Banna explained that according to Islamic law religion and politics should be identified as being the same, and that he held the

Government (the Prime Minister and the Under-Secretary of State in particular) as responsible for the closing down of his association and for any future demonstrations.

6. A report drawn up by Abdel Rahman Ammar Bey (the Under-Secretary of State referred to by Hassan el Banna) giving the reasons for the decision taken to dissolve the *Ikhwan*, was published at the same time as the proclamation. According to this report, a summary⁽¹⁾ of which is enclosed, the *Ikhwan* was dissolved as a result of the crimes committed by its members in the past. It has recently been alleged, however, in the press, that the real reason for the dissolution was fear of the brotherhood's intention to create a general state of unrest and terrorism throughout the country with a view to an eventual *coup d'Etat*. Documents discovered by the police are stated to include plans for the occupation of provincial police stations, for the disruption of road and rail communications, for attacks on foreign banks, and on certain prominent politicians. Police headquarters have confidentially confirmed to the S.S.R. that they had reason to believe that an internal revolution might have taken place had the activities of the *Ikhwan* been allowed to continue. Although this may have been an exaggerated fear, the police point out that the *Ikhwan* had almost formed a government of their own, with schools, first aid posts, benevolent institutions, insurance and business concerns in all parts of Egypt, as well as having manufacturing and shipping interests. Moreover, according to the press, amongst their members were Government officials in key administrative posts, and that other members are well experienced in the use of explosives has been only too well proved.

7. Indeed, one of the most alarming features of *Ikhwan* potentially for endangering the country's security is the amount of explosive material they undoubtedly had, and possibly still have, at their disposal. The first large store of arms and explosives discovered by the police was on an estate near Ismailia belonging to a prominent member of the *Ikhwan*. It was this discovery that led to the closing down of the *Ikhwan* branches at Ismailia and Port Said on 28th October. The police see no reason why similar stocks should not have been hidden in other parts of the country and there is a distinct possibility that a minority of terrorists, if not rounded up, will con-

tinue to have access to such caches of arms, the location of which is unknown to the security authorities. It will certainly be no easy task for the authorities to eliminate this danger which, however, the S.S.R. has been confidentially informed, had been foreseen by the police, and a large number of private detectives is being employed to look out for any sign of such underground activity. These detectives are at present scouring the country, and it may be as a result of information gathered by them that another *Ikhwan* cache was discovered in the Cairo area on 15th December. A translation⁽¹⁾ is enclosed of an article which was recently published in the *Journal d'Egypte*, giving a complete list of arms and explosives discovered by the police in various secret depots of the *Ikhwan* since 22nd October.

8. It is difficult to trace the extent of Communist influence over *Ikhwan* activities. It is significant that the Egyptian Government, who are only too anxious to expose any indication of Communist activity, have not publicly attributed the crimes of the *Ikhwan* to Communist elements. There is no doubt that the arrest of a number of leading Communists in May of this year disorganised the movement in Egypt to an appreciable degree, but the police, according to S.S.R., nevertheless consider that Communists may have had a share in the responsibility for recent outrages as certain lists and copies of receipts for payment made, showing only the signatures of the recipients, revealed that outside influences may have been at work. One such receipt, for £E.1,000, was found in the possession of those arrested in connexion with the Société Orientale de Publicité explosion. On the other hand the *Ikhwan* professed that they did not in principle admit Communists as members of their association; nor is it clear what advantage the Communists would have expected to gain by financing an association whose income from voluntary subscriptions alone amounted, according to police estimates, to not less than £E.60,000 a month. In addition to this, *Ikhwan* funds must have benefited considerably from contributions demanded from all and sundry, Egyptians or foreigners, and often extorted under threats of violence.

9. From our point of view the dissolution of the *Ikhwan* can only be regarded as advantageous in all respects. Throughout and since the war the *Ikhwan* have never

⁽¹⁾ Not printed.

ceased to encourage hatred of the British. The aim of their propaganda has constantly been to attribute to us all the evils from which their country suffers. Their readiness to publish in their newspaper blatant falsehoods, and so-called copies of letters which have been glaring examples of forgery, have clearly revealed their determination to pursue unscrupulously this campaign of hate.

10. It remains to be seen how effective the Egyptian authorities will be in rotting out this evil, but the measures they have

taken encourage the hope that a good beginning has been made.

11. I am sending copies of this despatch to British Middle East Office and to His Majesty's Representatives at Damascus, Beirut, Jerusalem, Amman, Bagdad, Jedda, to the Governor-General of the Sudan and to the Governor of Aden, since this organisation has been active in most Arab countries.

I have, &c.

RONALD CAMPBELL.